

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**  
Centro de Relações Internacionais em Saúde - CRIS

**Cadernos CRIS/Fiocruz**  
**Informes sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde**

**Consolidado Ásia Pacífico e Oriente Médio**  
**Período de 03 de dezembro de 2020 a 30 de novembro de 2021**



Fonte da Imagem: Gettyimages in: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/especial-publicitario/bem-viver-em-minas/imunizacao/noticia/2021/10/29/voce-consegue-imaginar-como-seria-o-mundo-hoje-sem-as-vacinas.ghtml>

Publicação Digital

**Lúcia Marques**  
**Analista de Gestão em Saúde Pública - CRIS**



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**

Presidência  
Centro de Relações Internacionais em Saúde - CRIS



## Sumário

<b>CRISES HUMANITÁRIAS: DA EMERGÊNCIA SANITÁRIA AO EFEITO BORBOLETA DAS DISPUTAS GEOPOLÍTICAS.....</b>	<b>4</b>
Contextos recentes.....	4
<i>Oriente Médio: tradição de conflito, não de paz.....</i>	<i>5</i>
<i>Ásia Pacífico: onde o futuro tecnológico está.....</i>	<i>9</i>
Desafios e oportunidades para um pós-Covid inclusivo e verde.....	11
Ações dos organismos multilaterais e blocos econômicos.....	12
<b>DA GESTÃO SANITÁRIA À ADMINISTRAÇÃO NO NOVO CENÁRIO GEOPOLÍTICO - 4 dezembro de 2020 a 3 de fevereiro.....</b>	<b>18</b>
<b>FUTURO DAS RELAÇÕES CHINA E ESTADOS UNIDOS E OS REFLEXOS NA ÁSIA PACÍFICO E ORIENTE MÉDIO - 4 a 23 de fevereiro.....</b>	<b>27</b>
<b>PEREGRINO DA PAZ NO IRAQUE EM UMA VISITA CARREGADA DE SIMBOLISMO – 24 de fevereiro a 9 de março.....</b>	<b>34</b>
<b>RELAÇÕES EUA E CHINA - TENSÕES SENDO TESTADAS E REALINHAMENTO DE ALIADOS - 10 a 23 de março.....</b>	<b>46</b>
<b>VACINAÇÃO PARA POPULAÇÃO INVISÍVEL: MIGRANTES ILEGAIS, REFUGIADOS, APÁTRIDAS, DESLOCADOS - 25 de março a 7 de abril.....</b>	<b>57</b>
<b>CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS – HINDUÍSTA E ISLÂMICA – SÃO RISCO PARA O CONTROLE DA COVID-19 NA ÍNDIA E NOS PAÍSES ÁRABES - 9 a 19 de abril.....</b>	<b>67</b>
<b>COLAPSO NA ÍNDIA E 1,5° URGENTE! - 21 de abril a 4 de maio.....</b>	<b>78</b>
<b>DOIS TSUNAMIS: NA ÍNDIA, A CALAMIDADE DA VARIANTE DELTA; NOS TERRITÓRIOS PALESTINOS, ONDAS DE ÓDIO E RESENTIMENTOS - 5 a 18 de maio.....</b>	<b>87</b>
<b>DISCUTINDO OS CAMINHOS PARA O FUTURO NA ÁSIA E A SITUAÇÃO NOS TERRITÓRIOS PALESTINOS - 20 de maio a 1º de junho.....</b>	<b>94</b>

<b>UM ANO E MEIO DEPOIS, NADA MUDOU NO QUARTEL DE ABRANTES E TUDO SEGUE COMO DANTES. OU PIOR, EM MUITOS CASOS - 02 a 30 de junho.....</b>	<b>104</b>
<b>O EFEITO BORBOLETA DA SAÍDA DOS EUA DO AFGANISTÃO – ENTRAM EM CENA NOVOS ATORES NA GEOPOLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO - de 01 a 14 de julho.....</b>	<b>109</b>
<b>QUANDO A INCERTEZA E A TURBULÊNCIA CHEGAM, NÓS NOS JUNTAMOS, TRABALHAMOS E CRESCEMOS JUNTOS - de 15 a 28 de julho.....</b>	<b>118</b>
<b>EM MEIO À LUTA CONTRA VARIANTE DELTA, A HUMANIDADE É COBRADA POR ANOS DE DESTRUIÇÃO, DESCASO E NEGLIGÊNCIA CONTRA O PLANETA - de 29 de julho a 11 de agosto.....</b>	<b>127</b>
<b>O QUE ESTÁ EM JOGO NÃO É O USO DA BURCA - 13 a 24 de agosto.....</b>	<b>137</b>
<b>TALIBÃ E EUA: GANHADOR E PERDEDOR DA GUERRA ACENAM COM PROMESSAS PARA (RE)CONQUISTAR ALIADOS E ALIANÇAS - 26 de agosto a 7 de setembro.....</b>	<b>144</b>
<b>DAS DISCUSSÕES PARA AÇÃO: O TEMPO É AGORA PARA VERDEJAR UM CAMINHO SUSTENTÁVEL E INCLUSIVO - 8 de setembro a 19 de outubro.....</b>	<b>151</b>
<b>O FUTURO DA ÁSIA MARÍTIMA, DO ÁRTICO, ORIENTE MÉDIO, DO SAHEL SENDO TRAÇADO EM GLASGOW – 20 de outubro a 02 de novembro.....</b>	<b>162</b>
<b>NOVA CEPA, NOVO APARTHEID E A VELHA HUMANIDADE – OU A FALTA DELA - EM UM MUNDO FRAGMENTADO - 03 a 30 de novembro.....</b>	<b>168</b>

## CRISES HUMANITÁRIAS: DA EMERGÊNCIA SANITÁRIA AO EFEITO BORBOLETA DAS DISPUTAS GEOPOLÍTICAS

Dois anos de pandemia. O vírus segue ceifando vidas globalmente, mas há muito tempo deixou de ser só um problema de saúde. Além das novas variantes, lidamos com movimentos de rejeição às vacinas; falta de solidariedade gerando desigualdades na distribuição de vacinas; e uso da vacina como estratégia diplomática. As crises econômicas e o retrocesso na implementação da Agenda 2030 se somaram ao crescimento da insegurança alimentar por conta do aumento da pobreza, dos conflitos – antigos e novos – e dos eventos extremos climáticos que, conseqüentemente, contribuíram para o aumento do número de refugiados e deslocados e para o colapso dos sistemas de saúde, já precários em muitos países, principalmente no Oriente Médio.

Mas também houve muitos avanços. À medida que a pandemia segue, ambas as regiões, Ásia-Pacífico e Oriente Médio, olharam para as fragilidades e deficiências que vieram à tona pela Covid-19 ([Marques, 2020a](#)) – sejam tecnológicas ou por diversificação da cadeia de suprimentos, sejam ambientais e energéticas, sejam de infraestrutura, sejam de trabalhadores e direitos humanos e das mulheres – e viram o momento como uma oportunidade estratégica para promover mudanças estruturais e uma recuperação inclusiva e verde.

No meio do caminho, assume um novo presidente americano. Sai Trump e entra Biden. Diferentes em estilo, mas iguais no foco de oposição à China e no típico pensamento americano de que a América sabe o que é melhor para o mundo. E o *efeito borboleta* das ações americanas nas duas regiões: como uma potência global, o que os Estados Unidos da América (EUA) fazem em uma região pode facilmente impactar outra, a exemplo do Afeganistão, que se revelou uma catástrofe humanitária e um desastre geopolítico.

Os informes produzidos ao longo de 2021, aqui consolidados, mostram esses diferentes cenários de avanços em vários aspectos e preocupantes em outros. Pode se observar a evolução da emergência sanitária para uma geopolítica sanitária; e o crescente acirramento das disputas geopolíticas cujo *efeito borboleta* se fez sentir na falta de consenso nos fóruns multilaterais, com conseqüências preocupantes para as duas regiões.

Para maior compreensão dos cenários, apresenta-se um breve contexto histórico/geopolítico, com as situações que contribuíram para tensões nas duas regiões e culminaram nas crises humanitárias recentes.

### Contextos Recentes

Nas duas regiões, não há como pensar em saúde sem olhar para os determinantes sociais da saúde e para as desigualdades sociais e sanitárias. Mas não são só esses fatores; também é necessário olhar para os contextos culturais, históricos, geográficos, geopolíticos, de segurança e paz e econômicos que estressam governos, atraem interesses, geram conflitos, influenciam políticas públicas e desembocam em crises humanitárias. A crise no Afeganistão levantou a importância de se entenderem as culturas e os contextos.

Ásia-Pacífico (AP) e Oriente Médio (OM) têm muitas similaridades, uma vez que abrigam culturas milenares e muitas etnias e, em algum momento de suas histórias, ambas as regiões sofreram influências do colonialismo europeu, principalmente britânico – cujo legado foi o conceito de Estado-nação, com o estabelecimento de fronteiras, principalmente entre os árabes. E nos últimos anos vivem a pressão do poderio americano, que se move de acordo com seus interesses. Atualmente, o foco é o Indo-Pacífico e a disputa contra a China.

## **Oriente Médio: tradição de conflito, não de paz**

Região estratégica onde o Leste encontra o Oeste, o OM é rico em petróleo, gás, pedras preciosas, terras raras; é centro de peregrinação – berço das três maiores religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo; tem acesso ao mar Mediterrâneo, ao mar do Golfo, à África e ao oceano Índico; despertou e ainda desperta muitos interesses.

No OM, o conceito de Estado-nação governado por um líder esbarrou nas divisões ou versões diferentes do islã, a religião dominante na região. A divisão mais importante é tão antiga quanto a própria religião e teve origem após a morte de Maomé (632 d.C.), com a disputa em torno da sua sucessão: sunitas e xiitas (Marshal, 2018), rivais até hoje.<sup>1</sup>

A Primeira Guerra Mundial selou o fim dos grandes impérios e redesenhou o mapa do Oriente Médio, dominado pelos turcos. Os ingleses receberam mandato da Liga das Nações para ocupar por trinta anos os atuais Iraque, Jordânia e Palestina. Após a Segunda Guerra, em 1948, o Estado de Israel foi estabelecido na região; não foi bem recebido pelos árabes e, ao mesmo tempo, não se conformou com a área recebida e desde então vem ocupando as terras férteis da Cisjordânia, onde fica Jerusalém.<sup>2</sup> Na metade do século XX, saiu de cena o império britânico e a Rússia assumiu papel proeminente, apoiando ou rivalizando com os diferentes grupos e líderes. A presença russa atraiu seu grande rival da Guerra Fria, os EUA, com presença ou apoio a aliados, sempre militarmente. Situações que favoreceram, mais cedo ou mais tarde, conflitos entre árabes e judeus e o surgimento de grupos fundamentalistas e jihadistas como Al Qaeda, Estado Islâmico, ISIS-K,<sup>3</sup> Talibã; e de resistência, como Hezbollah, Hamas, Houthis.

Não podemos deixar de trazer para o contexto a Primavera Árabe ([Simões, 2021](#)), período de transformações que começou na primavera de 2010, com a morte de um vendedor de frutas na Tunísia, e deflagrou onda de protestos e revoluções no Oriente Médio e no norte africano, quando a população foi às ruas para derrubar ditadores ou reivindicar melhores condições de vida, com consequências importantes até hoje. Alguns protestos terminaram pacificamente, outros se transformaram em longas guerras civis, como na Líbia, na Síria e no Iêmen. Infelizmente, os ganhos no campo dos direitos individuais e de qualidade de vida foram poucos ou se reverteram em crises humanitárias. Já são milhões de refugiados e deslocados.

Afganistão, Líbano, Palestina, Gaza e Iraque se somam a esses exemplos de conflitos e caos, envolvendo ditadores se perpetuando, movimentos antissionistas, sunitas *versus* xiitas, presença ou retirada de militares americanos. No entanto, após a retirada caótica dos EUA do Afeganistão ([Marques, 2021a, 2021b](#)), países do OM e da AP fizeram questionamentos sobre intervenções de potências ocidentais e imposição de seus valores, sem entender as culturas milenares ([Amorim, 2021 apud Xavier, 2021](#)), e ainda sobre a capacidade de atuação das Nações Unidas ([Amorim, 2021](#)). A recente afirmação do presidente Biden ([2021](#)) de que as intervenções militares não são a solução para crises humanitárias é um bom ponto de partida para mudanças.

---

<sup>1</sup> Os sunitas, povo da tradição, acreditavam que o sucessor deveria ser escolhido usando as tradições tribais árabes. No mundo, a maioria muçumana é sunita e seu maior representante é a Arábia Saudita. Os xiitas, partido de Ali, consideravam o direito hereditário, portanto, Ali, genro de Maomé, chefiaria a comunidade islâmica. Minoria no mundo islâmico e é representada pelo Irã.

<sup>2</sup> É na Jerusalém Velha que estão os locais sagrados das três grandes religiões monoteístas: a Cúpula da Rocha e a Mesquita do Domo Dourado, para muçumanos; o Monte do Templo e o Muro das Lamentações, para os hebreus; e o Santo Sepulcro, dos cristãos. A vizinha Jordânia é a guardiã do local. As regras para visitação e oração foram estabelecidas em 1967 por Israel, Jordânia e autoridades religiosas muçulmanas.

<sup>3</sup> Estado Islâmico Khorosan – afiliado regional letal do ISIS e maior rival do Talibã.

Mas outras rivalidades contribuem para a atual instabilidade. Israel (apoiado pelos EUA) e Irã (rival dos EUA) protagonizam uma guerra indireta com sérios desdobramentos para a instabilidade regional. O novo presidente iraniano, Ibrahim Raisi, declarou que seguirá apoiando o eixo de resistência contra o inimigo sionista (Saki, 2021). São grupos de resistência: o Hezbollah, grupo militar e político islâmico xiita do Líbano, que nasceu da guerra civil libanesa entre cristãos e muçumanos – é considerado um movimento de resistência legítimo por grande parte do mundo islâmico; os Houthis, que são um movimento político religioso xiita, insurgentes contra o governo oficial do Iêmen e protagoniza um dos lados na guerra civil;<sup>4</sup> o Hamas, especialmente ativo em Gaza, que se define como um movimento de resistência palestino, com braço político e militar e, apesar de sunita, tem apoio do Irã por não reconhecer o Estado de Israel (Resistance..., 2021).

Em plena pandemia, não houve trégua nos conflitos; pelo contrário, aumentaram. As guerras recentes devastaram ainda mais países com vários serviços já colapsados pelos longos conflitos e que já eram dependentes de ajuda humanitária e financiamento internacional. Gaza (Relatório A74/22 WHO, 2021a), Líbano,<sup>5</sup> Afeganistão (Ghebreyesus, 2021) e Iêmen sofrem com escassez de insumos e medicamentos, falta de energia e de combustível, infraestruturas destruídas, desemprego, moradias precárias, serviços inadequados de água e saneamento, pobreza, escassez de alimentos, desnutrição, volta de doenças como sarampo e poliomielite, falta de profissionais de saúde, famílias deslocadas ou divididas. O relatório recente (FAO et al., 2021) confirma o impacto da violência armada nas vidas e nos meios de subsistência de pessoas envolvidas em conflitos e que ainda precisam lidar com os efeitos das mudanças climáticas: estresse hídrico, secas persistentes, temperaturas impróprias para a vida. Efeitos que podem levar a mais conflitos e ao aumento do deslocamento forçado.

### ***Novos atores em cena e foco na cooperação***

Vivenciando os últimos acontecimentos na região, mais a necessidade urgente de recuperar a economia, melhorar as estruturas sociais – maior fragilidade da pandemia – e, simultaneamente, trabalhar os agravos dos eventos climáticos – claro, com a *ajudinha* da retirada dos EUA do Afeganistão e do Iraque, distensionando as relações –, os países começam a conversar entre si para buscar estabilidade regional, melhorar a governança, avançar nas relações comerciais, garantir acesso à água e à energia e investir em infraestruturas, principalmente verdes.

Nesse cenário geopolítico que vai se configurando com novos atores, várias reuniões e conversas foram estabelecidas. Irã e Turquia<sup>6</sup> protagonizaram diversas articulações e reuniões com aliados e não aliados na região, buscando um caminho de paz, segurança e cooperação econômica para o Afeganistão. O acordo de paz não veio – os Talibãs venceram –, mas os dois países seguem conversando com o grupo em busca de estabilidade regional.<sup>7</sup>

A Cimeira de Bagdá reuniu Egito, Jordânia e Iraque e foi assim chamada para receber outros países árabes para estabelecer laços econômicos e coordenar posições políticas. Mas o importante é que os três países compartilham pontos de vista: a causa palestina; a crise na Líbia, na Síria e no Iêmen; a luta contra o terrorismo. E os três gozam de vantagens em círculos

---

<sup>4</sup> O outro lado, que defende o governo deposto, é financiado pela Arábia Saudita, sunita, rival do Irã.

<sup>5</sup> Desde 2009, colapso financeiro, má gestão econômica e corrupção governamental levaram o país a uma crise profunda e grande pobreza.

<sup>6</sup> A Turquia vinha apostando suas fichas para integrar a Comunidade Europeia, mas as exigências a serem cumpridas vinham aumentando. O país resolveu olhar melhor para seus vizinhos da Ásia Central e do OM.

<sup>7</sup> Em outros tempos, o Irã não negociaria com o Talibã, um grupo sunita e terrorista. Nem com a Turquia, pois ambos apoiam lados opostos na Síria.

diferentes, dentro e fora da região. Jordânia e Egito têm papéis importantes na intrincada e complexa estabilidade entre Israel e Palestina ([Marques, 2021c](#)), embora esse capítulo envolva uma busca mais ampla de paz.

A normalização de relações entre Emirados Árabes e Israel, em 2020, ainda divide vizinhos, mas avança. O acordo envolve cooperação em P&D, inteligência e comércio.

Na esteira do superacordo entre China e Irã, assinado no final de 2020 ([Marques, 2020b: 68](#)), Jordânia, Qatar, Turquia e China conversam para avançar nos caminhos da Nova Rota da Seda envolvendo transporte, energia, infraestrutura.

Ainda é cedo para saber se esses novos arranjos trarão um pouco mais de paz, segurança e retomada econômica para as populações da região. Tarefa hercúlea para uma região que vive em constante insegurança, que tem tradição de conflito e não de paz. Aos grupos fundamentalistas, interessa perpetuar as tensões. As rivalidades entre Arábia Saudita e Irã e entre Israel e Irã podem fragilizar a evolução do novo cenário.

### ***Terrorismo em expansão***

A pandemia exacerbou problemas estruturais de desigualdades e de pobreza, abrindo espaço para grupos terroristas extremistas e fundamentalistas, como Al Qaeda e ISIS,<sup>8</sup> ampliarem seu poder e influência e lucrarem com dificuldades e crises, explorando ódio e queixas sociais para inspirar atores solitários e cooptar outros grupos. E a perda de território no Oriente Médio levou-os para a África e alguns países do sul asiático, onde a dura realidade ajuda a fomentar os movimentos jihadistas.<sup>9</sup> Instabilidade política e econômica, falta de opção e de oportunidades, pobreza, inexistência de identidade e de pertencimento são fragilidades que facilitam a cooptação de indivíduos ou grupos. Atos recentes revelam uma parcela da população jovem indignada com a desigualdade. Com um agravante: o ISIS entende bem o poder da comunicação e usa bem as redes sociais com mensagens curtas e trilhas sonoras dramáticas.

Se o cenário já era preocupante, acabou de subir o nível de alerta: a vitória do Talibã sobre os EUA, no Afeganistão. A maneira caótica da retirada americana do país foi um convite à provocação em outros lugares. Nada atrai mais novos seguidores como o sucesso. Grupos como Talibã, Al Qaeda e ISIS atrairão adeptos em massa. Outros grupos insurgentes serão mais agressivos em busca de vitória. Indonésia, Cingapura, Filipinas e Malásia já registraram atividades ligadas aos grupos extremistas.

### ***Afeganistão urgente!***

A situação precária da população no Afeganistão antecede a violência recente do Talibã e a Covid-19, embora tenha sido agravada por ambos. O país já dependia de ajuda humanitária, financeira e de recursos humanos muito antes da pandemia; e o retorno ao país, por conta do *lockdown*, de um milhão de afegãos que estavam em países vizinhos como trabalhadores migrantes contribuiu para o aumento da fome e da pobreza.

Durante o Fórum sobre Desenvolvimento Sustentável ([ONU, 2021b](#)) para o acompanhamento da Agenda 2030, o Afeganistão apresentou seu relatório com revisões e progressos – elaborado pelo ainda governo afegão. O relatório ([Afeganistão, 2021](#)) indica

---

<sup>8</sup> Nascido da Al-Qaeda, inicialmente Estado Islâmico no Iraque e no Levante (EI), também conhecido como Isis ou Daesh.

<sup>9</sup> Jihad, em árabe, significa *esforço* ou *luta*. No islã, pode significar a luta interna de um indivíduo contra instintos básicos, o esforço para construir uma boa sociedade muçulmana ou uma luta armada contra os infiéis. Os jihadistas acreditam que a luta violenta é necessária para erradicar os adversários do islão e impor a Lei Islâmica, a Sharia.

pequena melhora no padrão da saúde nas duas últimas décadas – durante a ocupação americana –, mas destaca que a corrupção no governo, o desvio de dinheiro e a prática de comércio ilícito foram grandes alçozes do progresso ou causadores de retrocessos. Não foram só eles, entretanto. A pandemia e os impactos climáticos não só interromperam o progresso como reverteram o avanço de muitos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), afetando os mais pobres e vulneráveis (em cada dois afegãos, um é pobre). Cerca de 39,9% da população sofre insegurança alimentar em áreas urbanas e rurais, mas principalmente em regiões onde vivem mais mulheres e famílias chefiadas por elas. Isso é bem significativo quando levamos em conta que quase metade (48,5%) da população afegã tem menos de 15 anos:

Situação agravada: imediatamente após a tomada de Cabul pelo Talibã, o patrimônio financeiro do ex-governo afegão, depositado em instituições financeiras no exterior, foi bloqueado. Grupos internacionais alertaram que isso poderia agravar o colapso econômico e dificultar a atuação de grupos que permaneceram para apoiar a população. E já houve o primeiro reflexo. Uma pausa no financiamento do projeto Sehatmandi –<sup>10</sup> espinha dorsal do sistema de saúde do Afeganistão – provocou o fechamento de 2 mil unidades de saúde e deixou milhões de afegãos vulneráveis, sem acesso a cuidados essenciais de saúde. O relato vem da OMS Mediterrâneo Oriental ([WHO, 2021b](#)).

O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, visitou o país buscando o engajamento dos líderes do Talibã para apoiar o povo do Afeganistão. Ele chamou a atenção ([Ghebreyesus, 2021](#)) para a situação crítica que pode ser agravada pela *fuga de cérebros* e de *mãos* que poderiam ajudar. Sem condições de trabalho e com medo, vários profissionais da saúde, da educação, principalmente mulheres, estão fugindo. Organizações não governamentais (ONGs) e imprensa internacional ([Jung & Marrof, 2021](#); [Proctor, 2021](#)) diariamente trazem relatos de falta de energia, combustível, alimento e dinheiro para comprar alimento.

Há impactos negativos nos esforços para combater a pólio<sup>11</sup> ou tratar de pacientes com Covid-19. A OMS e parceiros trabalham para uma campanha de vacinação porta a porta contra a pólio, contra sarampo e Covid-19. O Escritório de Assistência Humanitária da Organização das Nações Unidas (ONU) anunciou ([ONU, 2021c](#)) a liberação de financiamento para a compra de medicamentos, equipamentos médicos e combustível, que estão em falta no país.

*Think Tanks* como o Center for Global Development têm discutido ([Lowcock, 2021](#)) como levar assistência para que os serviços de saúde sejam mantidos para apoiar o povo afegão sem apoiar o Talibã. A Organização de Cooperação Islâmica (OIC) discutiu formas de apoio por meio de projetos específicos. Os países islâmicos e o Banco Islâmico de Desenvolvimento têm tradição em financiamento social usando o Zakat – fundo das caridades do Ramadã.<sup>12</sup>

### **Questão Palestina: Covid-19 e Apartheid**

Israel segue seu plano de anexar as terras férteis da Cisjordânia, que tem Jerusalém como capital e abriga assentamentos palestinos e judeus, construindo novas residências, criando novas colônias e invadindo terras, casas, e expulsando famílias palestinas. As colônias

---

<sup>10</sup> Projeto financiado por vários doadores que fornece acesso a serviços de saúde primária e secundária, nutrição e planejamento familiar em todas as 34 províncias do Afeganistão. O projeto é implantado por ONGs que gerenciam 2.309 unidades de saúde.

<sup>11</sup> O Afeganistão é uma das duas nações do mundo onde a pólio continua endêmica, por isso é importante continuar o trabalho para se erradicar a doença

<sup>12</sup> Durante o Ramadã, mês do jejum sagrado, o islão deve orar, compartilhar alimento e doar para caridade – Zakat.



instaladas nos territórios ocupados por Israel são consideradas ilegais pela ONU, que reconhece o direito de dois Estados, palestino e israelense.

A situação vem de longa data e é complexa. Ambos judeus e palestinos acreditam possuir direitos históricos na região. Para se garantir como Estado étnico, Israel precisa garantir maioria étnica na região e para isso pratica políticas de migração de judeus para as novas colônias. Agora, usa a política de vacinação como um marcador de segregação étnica. Israel recusa-se a vacinar contra Covid-19 a população palestina, embora o tratado sobre direitos humanitários, determine que as forças ocupantes devem garantir acesso à saúde à população local.

Além das restrições de circulação e de acesso a tratamentos médicos, o recente conflito entre israelenses e palestinos, principalmente em Gaza agravou uma situação que já era crítica ([WHO EMRO, 2021a](#)). Para piorar o cenário, Israel designou seis entidades da sociedade civil palestinas como “organizações terroristas”. Para a alta comissária da ONU para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, a decisão é um ataque aos direitos humanos e às liberdades de associação. As ONGs trabalham em parceria com a ONU. Defender os direitos humanos e das mulheres e fornecer assistência jurídica a palestinos presos não é ato de terrorismo ([WHO, 2021a](#), [2021c](#)).

### ***Ásia Pacífico: onde o futuro tecnológico está***

A região tem 58 países, abriga mais da metade da população mundial e concentra algumas das maiores potências econômicas. É berço das três mais antigas civilizações: chinesa, do vale do Indo e aborígenes australianos. São gigantes como a China ou pequenas nações insulares, como Niue.<sup>13</sup> Apesar da heterogeneidade das economias, diferentes religiões e culturas, pode-se dizer que a região se desenvolveu em harmonia e tolerância – embora a atual onda de ódios e de intolerância étnica e religiosa já esteja chegando à região, fazendo reviver lutas separatistas, como mulçumanos *versus* hindus.

No século XX, Índia e Paquistão protagonizaram guerras desde a saída dos britânicos, em 1947, principalmente por separatismo religioso. Possuidores de armas nucleares, o antagonismo se mantém até hoje. O investimento da China em infraestruturas no Paquistão, no âmbito da Rota da Seda, irrita a vizinha Índia.

O conflito entre as duas Coreias teve início no fim da Segunda Guerra, quando a península foi dividida entre a antiga União Soviética e os EUA. Uma saiu da economia rural e virou um dos Tigres Asiáticos; a outra se fechou para o mundo e volta e meia ameaça os *inimigos* EUA e Coreia do Sul com seu poderio nuclear, que requer atenção diante do aumento da presença militar americana no Mar Meridional da China.

### ***Myanmar: limpeza étnica e violação de direitos humanos***

Com 135 grupos étnicos, o país, majoritariamente budista,<sup>14</sup> está à beira de uma guerra civil. O relatório do Escritório de Direitos Humanos da ONU ([2021a](#)) detalhou violações generalizadas por parte dos militares contra o povo. Desde fevereiro de 2021, quando os militares tomaram o poder, com a prisão dos membros do governo legalmente eleito, a situação

---

<sup>13</sup> Localizada próxima à Nova Zelândia, é uma das maiores ilhas de coral do mundo. É um dos vulneráveis ao aumento do nível dos oceanos. É membro da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e da OMS Pacífico Ocidental.

<sup>14</sup> Nação do sudeste asiático, faz fronteira com Índia, Bangladesh, China, Laos e Tailândia.

tem se agravado: as manifestações populares foram reprimidas com violência e já são centenas de mortos e presos e uma profunda crise econômica.

No poder há décadas, os militares são acusados de perseguição brutal e violações dos direitos humanos, com consequências para países vizinhos, que recebem milhares de migrantes, entre eles os quase 3 milhões de Rohingya, minoria islâmica. Em 2017, a etnia fugiu da perseguição militar e de milícias budistas – milhares foram mortos, mulheres e crianças violadas e casas e aldeias queimadas. Foram considerados não cidadãos de Myanmar e perderam todos os direitos civis.<sup>15</sup> A campanha de foi descrita pela ONU como limpeza étnica.

Os Rohingya fugiram para Malásia, Indonésia, Arábia Saudita e Paquistão. Mas é em Bangladesh<sup>16</sup> que está o maior campo de refugiados Rohingya, com 1 milhão de pessoas, e continua a aumentar. A Covid-19 acrescentou novos desafios e necessidades a uma situação que já era complexa. Apesar das dificuldades, com ajuda das agências da ONU e da OMS, Bangladesh tem fornecido serviços básicos, inclusive para vacinar essa população contra Covid-19. O Banco Mundial preparou um documento-quadro ([World Bank, 2021a](#)) para política de refugiados – são mais de 80 milhões no mundo – com propostas para criar dispositivos para que os deslocados comprem ou aluguem terras e possam cuidar da sua subsistência. Proposta rejeitada por Bangladesh, que ainda espera que eles sejam repatriados. Como? Se não são cidadãos em seu próprio país. Sem nacionalidade, não podem viajar ou casar, não têm acesso ao mercado de trabalho, nem aos serviços públicos básicos. Apátridas, são um povo que ninguém quer.

#### ***Mar Meridional da China: tensões sino-americanas em outro patamar***

O Mar Meridional da China, no sudeste da Ásia, tem minúsculas ilhas, atóis e bancos de areia. É rico em petróleo, gás natural e estratégico como rota de navegação e para a indústria pesqueira, imprescindíveis para a China – e também para Filipinas, Vietnã, Malásia, Brunei, Indonésia, Cingapura, Camboja e Taiwan. Todos reivindicam áreas que se sobrepõem; os reclamantes se movem para ocupar ou neutralizar uns aos outros há mais de 70 anos ([Marques, 2020b](#): 79, 97; Marshal, 2018: 67-69).

No entanto, as disputas se intensificaram em 2020, quando o governo Trump aumentou movimentos para cooptar aliados para combater uma China mais assertiva e promover segurança na região do Indo-Pacífico, em especial no Mar Meridional da China. Ao negociar a saída do Afeganistão com os Talibã e reviver o Quad, Diálogo de Segurança Quadrilateral, formado por Austrália, Índia, Japão e EUA, com características militares, Trump mostrou para onde pretendia seguir. Os EUA aumentaram a presença militar na área *para garantir a liberdade de navegação na região* e em *defesa* dos países asiáticos contra a China. Em resposta, a China transformou atóis desabitados e formações rochosas meio submersas em bases militares avançadas.

O novo presidente Joe Biden, empossado em 2021, mantém os objetivos de seu antecessor quando o assunto é China e o Indo-Pacífico: retirou as tropas do Afeganistão e reconvoceu ([White House, 2021](#)) o Quad, agora com características mais atrativas: recuperação econômica, combate à Covid-19, cadeias de suprimentos, produção e distribuição de vacinas para a região, tecnologias para mudanças climáticas, ciberespaço. O discurso valoriza as relações multilaterais, mas em paralelo, Biden fecha acordos bilaterais com cada um dos parceiros. E elevou a tensão a outro patamar ao firmar acordo com a Austrália para construção de submarinos de propulsão nuclear, com tecnologia americana. O acordo Aukus (sigla em inglês

---

<sup>15</sup> Lei de 1980 determina que apenas grupos étnicos que podem confirmar presença em Myanmar antes de 1823 podem obter a nacionalidade (Marques, 2020b: 119).

<sup>16</sup> Bangladesh tem a maior população islâmica fora do OM.

para Austrália, Reino Unido e EUA) é claramente uma forma de aumentar a pressão sobre a China na Ásia-Pacífico.

Por trás da pressão militar, articulação com aliados, acusações sobre direitos humanos e sanções econômicas,<sup>17</sup> está o futuro da tecnologia: os semicondutores e *microchips* (os mais avançados, com 7 nanômetros,<sup>18</sup> são produzidos na Coreia do Sul e em Taiwan); computação quântica<sup>19</sup> e o 5G – quinta geração de tecnologia de rede de rádio (Internet das Coisas), capaz de acelerar automação das indústrias, cidades inteligentes, assistência médica remota, cirurgias robóticas ([Marques, 2021d:73](#)).

Portanto, o futuro da tecnologia para adaptação energética, modelagem para vigilância de novas pandemias ou medicina de precisão está em jogo. E para as nações do Indo-Pacífico e do Oriente Médio, escolher o lado errado dessa bipolaridade pode ser crítico, uma vez que há risco de essa disputa tecnológica virar armamentista.

### **Desafios e oportunidades para um pós-Covid inclusivo e verde**

Trabalhar em cooperação para recuperar a economia, olhando para o futuro: investir em tecnologia verde; preservar a biodiversidade; focar no desenvolvimento sustentável; evitar a crise alimentar; ampliar e diversificar as redes de suprimentos; investir em tecnologias da 4RI,<sup>20</sup> capacitação e requalificação de recursos humanos; amparar trabalhadores migrantes e ampliar os direitos das mulheres. Metas que são ao mesmo tempo desafios e oportunidades. As duas regiões conciliam a recuperação dos efeitos sociais e econômicos da pandemia, com a urgência para minimizar os efeitos das mudanças climáticas para um futuro resiliente. Também vivem oportunidades para trazer soluções para enfrentar essas mudanças.

As nações da Ásia-Pacífico (Asean),<sup>21</sup> com apoio do Banco Asiático de Desenvolvimento, vêm discutindo caminhos para alcançar a recuperação da economia e, ao mesmo tempo, proteger a biodiversidade e os direitos humanos, das mulheres e crianças. Também produzem estudos com recomendações para a gestão dos trabalhadores migrantes – uma das maiores fragilidades que a pandemia trouxe à tona. Saiba mais nos *Cadernos Cris, Informes* 11, 13, 14 e 15 ([Marques, 2021a](#), [2021d](#), [2021e](#), [2021f](#)).

É uma região em expansão econômica e de crescimento em infraestruturas, portanto, está bem-posicionada para capturar oportunidades para o crescimento verde. Países como China e Japão estão investindo em tecnologia para substituir energias poluentes. A China colocou em teste uma nova usina com reator de sal fundido de fluoreto combinado com tório – quatro vezes mais abundante que o urânio e mais seguro. O processo já era conhecido, mas não existia tecnologia para manejá-lo ([O reator..., 2021](#)). Outro avanço é a usina que transformará lixo nuclear em vidro para armazenamento seguro.<sup>22</sup>

---

<sup>17</sup> O Acordo de Wassenaar, de 1996, entre EUA e 41 aliados, restringiu a exportação de tecnologias de uso duplo para países comunistas.

<sup>18</sup> Quanto menores, maior o desempenho, maior a velocidade, maior volume de dados e menos consumo energético.

<sup>19</sup> Sistema computacional que não usa o cálculo binário; usa uma partícula de nível subatômico denominada qubit. Um computador quântico resolve com grande agilidade tarefas que seriam impossíveis mesmo para um supercomputador; é usado para pesquisas científicas em biologia, meteorologia, astronomia e ciência molecular.

<sup>20</sup> Quarta Revolução Industrial: Inteligência Artificial; Robótica; Nuvem; Internet das Coisas.

<sup>21</sup> Associação das Nações do Sudeste Asiático – bloco econômico com dez países.

<sup>22</sup> A vitrificação envolve o aquecimento de líquido radioativo misturado com elementos formadores de vidro.

No OM, os países produtores de petróleo e gás já vinham investindo em novas soluções para substituir os vilões do aquecimento global e em tecnologias de mitigação e adaptação. Profundos processos de reforma em andamento em várias potências árabes estão enfatizando o desenvolvimento social<sup>23</sup> e econômico e a cooperação regional. Emirados Árabes e Arábia Saudita lideram os avanços tecnológicos para combustível limpo proveniente da energia eólica, geotérmica e uso do hidrogênio, armazenamento de energia, captura de carbono, dessalinização limpa, cidades eficientes, replantio de árvores e recuperação dos ambientes marinhos costeiros. O Irã lidera discussões sobre preservação da região do Mar Cáspio – em risco de secar (Marques, [2021f](#)).

Reformas nas legislações vêm sendo discutidas buscando a inserção da mulher na recuperação econômica de países árabes. Segundo relatório do Banco Mundial Mulheres, Negócios e Leis ([World Bank, 2021b](#)), embora com menor pontuação, a região foi a que mais avançou nos esforços de reforma visando à igualdade de oportunidades ([Marques, 2021a](#): 65-68).

Nas duas regiões, muitos dos esforços vão além de mudanças na legislação; associam educação para promover mudança de mentalidade desde a infância para garantir mudanças profundas. Como sempre enfatiza o secretário-geral da ONU, António Guterres, são desafios que exigem solidariedade e multilateralismo, assim como defender a ciência e o direito à vida, atentar para as habilidades, olhar para os invisíveis – migrantes, refugiados e apátridas – e fazer mais pela redução do carbono para que haja um planeta para as próximas gerações ([UN, 2021](#)).

## **AÇÕES DOS ORGANISMOS MULTILATERAIS E BLOCOS ECONÔMICOS**

Na AP e no OM, os blocos econômicos, por suas capilaridades, se configuram excelentes fóruns de discussões e se articulam entre si e com fóruns de outras regiões. E já em 2020, em cooperação com as agências e escritórios da ONU e OMS começaram a promover debates, produzir conteúdo e orientações e discutir estratégias para enfrentar a Covid-19 e, ao mesmo tempo, planejar as ações para o pós-covid inclusivo e sustentável.

As duas regiões abrigam três escritórios regionais da OMS, mas isso não significa que todos os países sejam membros. E ainda há exceções como, por exemplo, Israel, que é membro da OMS Europa.

### **Escritórios Regionais da OMS**

#### ***OMS Ásia Sudeste***

Com mais de um quarto da população mundial, são apenas 11 Estados-Membros. A região é propensa a desastres naturais e surtos de doenças. Uma das prioridades da regional é fortalecer a gestão de riscos de emergência para o desenvolvimento sustentável e capacitar sistemas de saúde robustos e resilientes. Durante a pandemia, lançou um plano estratégico para preparação e respostas ao SARS-CoV-2 e trabalhou a capacitação de trabalhadores da saúde – mão de obra escassa na região. Manteve relatórios atualizados sobre a situação pandêmica na região. ([WHO South-East Asia, 2021](#))

#### ***OMS Pacífico Ocidental***

Com 37 países-membros, é uma região com Estados diferentes em geografia, densidade populacional, níveis de desenvolvimento econômico e social, alguns com sistemas de saúde fortes, outros, com sistemas de saúde fracos. Vai desde a Mongólia, na Ásia Central, até as Ilhas Pitcairn, distante no Oceano Pacífico. A regional já vinha trabalhando em parceria com o

---

<sup>23</sup> A ausência de políticas sociais e de inclusão tornou a luta contra a pandemia mais difícil em muitos países.

escritório da Ásia Sudeste pelas similaridades nas emergências climáticas e surtos emergentes. No âmbito da Covid-19, produziu orientações para preparação e mitigação da emergência, trabalhou para apoiar políticas e estratégias nacionais e vem realizando campanhas de conscientização sobre imunização. E, em paralelo, mantém o foco nas ações para mudanças climáticas, meio ambiente e saúde. ([WHO Western Pacific, 2021](#))

### ***OMS Mediterrâneo Oriental***

A regional engloba os países do Oriente Médio e do norte africano, de maioria árabe-muçulmana, e onde está o maior número de conflitos e grande número de refugiados e deslocados. Atua principalmente na ajuda humanitária, na saúde mental e para erradicação de doenças como pólio e sarampo. Durante a pandemia, como os conflitos não deram trégua, pelo contrário, o trabalho se intensificou para fazer chegar ajuda (kits diagnósticos, EPIs, vacinas e suprimentos) aos países atingidos. Vem realizando um trabalho intenso de tradução de publicações, relatórios, materiais educativos e de campanha, kits de medicamentos e termos médicos, além de capacitar tradutores. Além disso, busca centralizar informações, dados e estatísticas, uma vez que alguns sistemas de governos estão destruídos pelos conflitos. ([WHO EMRO](#))

### **Blocos Econômicos e Instituições Financeiras**

#### ***Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)***

Reúne 10 Estados-Membros - em diferentes estágios de desenvolvimento - e atua como porta-voz dessas nações, articulando cooperações bilaterais com países da região e fora dela. Em 2020, no início da pandemia, sob a presidência do Vietnã, o Setor Saúde da [ASEAN](#) (2021), reuniu os ministros de saúde, que discutiram mecanismos regionais de respostas à emergência e se comprometeram a atuar em rede, investir ainda mais nos sistemas de saúde - [Declaração conjunta](#) (ASEAN, 2020). Com o avanço da pandemia, que trouxe à tona várias fragilidades e deficiências, a ASEAN promoveu debates, convidou especialistas e estabeleceu planos estratégicos. Com apoio do Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB), vêm discutindo caminhos para alcançar a recuperação da economia e, ao mesmo tempo, proteger a biodiversidade e os direitos humanos, das mulheres e crianças, capacitar e fortalecer sistemas sociais da saúde. Também produzem estudos com recomendações para a gestão dos trabalhadores migrantes – uma das maiores fragilidades que a pandemia trouxe à tona. Saiba mais nos *Cadernos Cris*, Informes 11, 13, 14 e 15 (Marques, [2021a](#), [2021d](#), [2021e](#), [2021f](#)).

#### ***Cooperação Econômica da Ásia Pacífico (APEC)***

Reúne 21 países da Ásia, Oceania e Américas; engloba países com maior PIB e maior população e os atuais rivais EUA e CHINA. Em tempos de pandemia e eventos climáticos, o bloco está focado em sustentabilidade, inovação e digitalização, cadeias de suprimentos, recuperação inclusiva, empoderamento das mulheres, desafios das mudanças climáticas. E, para garantir ampla imunização na região, continua sendo meta expandir a fabricação e o fornecimento de vacinas: garantir que o Acordo TRIPS apoie os esforços para pesquisa, desenvolvimento, investimento na fabricação e distribuição de mais vacinas COVID-19; e compromisso de reduzir as tarifas de vacinas e outros suprimentos médicos relacionados à pandemia para agilizar a resposta internacional à crise de saúde ([Declaração de Líderes de 2021](#)).

#### ***Banco Mundial (BM)***

O BM integra o Sistema ONU e reúne conhecimento e expertise em vários setores para os desafios globais e locais, com foco no desenvolvimento. No âmbito da Covid-19, o BM preparou um documento-quadro ([World Bank, 2021a](#)) para política de refugiados. E tem uma estratégia específica para as Ilhas do Pacífico, por suas especificidades: população de cerca de 2,3 milhões de pessoas, espalhadas por centenas de ilhas, em uma área equivalente a 15% da

superfície da Terra. Os países das Ilhas do Pacífico são ricos em recursos naturais e em diversidade cultural, mas são fisicamente separados dos principais mercados ([World Bank, 2021c](#)).

#### **Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB)**

Organização estabelecida em 68 países, o ADB vai além do financiamento. Através de seu instituto (ADBI) atua como um *Think Tank*, analisa cenários, promove capacitação e estabelece programas de cooperação para saúde, mudanças climáticas e tecnologias verdes. Durante a pandemia, reuniu especialistas de várias áreas para discutir ações estratégicas, caminhos, soluções e alternativas para a Covid-19 e o pós-covid ([ADB, 2021](#): a)

#### **Cooperação Econômica Regional da Ásia Central (CAREC)**

O fórum reúne 11 países e é um programa sub-regional estabelecido pelo ADB para incentivar cooperação entre os países da Ásia Central, Sul da Ásia e parceiros, com foco na redução da pobreza, através de soluções de conhecimento e compartilhamento de experiências e melhores práticas. Neste período pandêmico, a CAREC lançou o estudo Estratégia 2030 para Saúde ([ADB, 2021:b](#)), que analisa os desafios, o potencial e as oportunidades para promover a cooperação regional em saúde. O estudo recomenda o fortalecimento da segurança sanitária regional; desenvolvimento de sistemas de saúde por meio da cooperação regional; e melhoria dos serviços de saúde para migrantes, populações móveis e comunidades fronteiriças. (Marques, [2021d](#): 71)

#### **Banco Islâmico de Desenvolvimento (IsDB)**

Atuando em 56 países de comunidades muçulmanas, além de financiamento, o ISDB presta análise e assistência técnica. Entre suas publicações, está o estudo sobre Políticas do Setor Saúde ([IsDB, 2021](#)). A instituição gerencia o fundo especial das caridades do Ramadã, o Zakat. Que nos tempos atuais Organizações multilaterais como a ACNUR, UNICEF, PNUD e Cruz Vermelha começaram a fazer uso do Zakat de forma organizada

## **REFERÊNCIAS**

AFEGANISTÃO. Afghanistan Voluntary National Review (Vnr), 2021. Disponível em: <[https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/280392021\\_VNR\\_Report\\_Afghanistan.pdf](https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/280392021_VNR_Report_Afghanistan.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2021.

AMIRAHMADIAN, B. Contexto tradicional é o problema perene do Afeganistão. *Islamic Republic News Agency*, 2021. Irã. Disponível em: <<https://en.irna.ir>>. Acesso em: 29 set. 2021.

AMORIM, C. Do Haiti ao Afeganistão: para que servem as Nações Unidas? *Carta Capital*, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <[www.cartacapital.com.br/mundo/do-haiti-ao-afeganistao-para-que-servem-as-nacoes-unidas/](http://www.cartacapital.com.br/mundo/do-haiti-ao-afeganistao-para-que-servem-as-nacoes-unidas/)>. Acesso em: 24 set 2021.

ASIAN DEVELOPMENT BANK (ADB). Análise. 2021a Disponível em <https://covid19policy.adb.org/analysis> . Acesso em: 14 nov 2021.

ASIAN DEVELOPMENT BANK (ADB). Aprimoramento da Cooperação Regional em Saúde sob a CAREC 2030: Um Estudo de Escopo. 2021b. Disponível em: <https://www.adb.org/sites/default/files/publication/711071/carec-2030-regional-health-cooperation-study.pdf> Acesso em: 14 nov. 2021.

ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES DO SUDESTE ASIÁTICO (ASEAN). Declaração Conjunta de Ministros da Saúde. 2020. Disponível em: [https://asean.org/wp-content/uploads/2021/09/Adopted\\_ASEAN-US-Joint-Statement-on-COVID-19.pdf](https://asean.org/wp-content/uploads/2021/09/Adopted_ASEAN-US-Joint-Statement-on-COVID-19.pdf) . Acesso em: 14 de 2021.

ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES DO SUDESTE ASIÁTICO (ASEAN). Esforços do setor de saúde da ASEAN na prevenção, detecção e resposta à doença coronavírus 2019 (COVID-19). 2021. Disponível em: <https://asean.org/asean-health-sector-efforts-in-the-prevention-detection-and-response-to-coronavirus-disease-2019-covid-19-1/> . Acesso em 14 nov 2021.

BIDEN, J. Discurso no Dia Mundial Humanitário. *The White House*, Washington, 19 Aug. 2021. Disponível em: [www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/08/19/statement-by-president-joseph-r-biden-jr-on-world-humanitarian-day/](http://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/08/19/statement-by-president-joseph-r-biden-jr-on-world-humanitarian-day/)>. Acesso em: 1 out. 2021.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO) *et al.* The State of Food Security and Nutrition in the World 2021. Transforming food systems for food security, improved nutrition and affordable healthy diets for all. Roma: FAO, 2021. Disponível em: [www.fao.org/3/cb4474en/online/cb4474en.html](http://www.fao.org/3/cb4474en/online/cb4474en.html)>. Acesso em: 29 set. 2021.

GHEBREYESUS, T. Observações do diretor-geral da OMS sobre o Líbano e o Afeganistão. WHO, 23 set. 2021. Disponível em: [www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-remarks-at-the-press-conference-on-lebanon-and-afghanistan](http://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-remarks-at-the-press-conference-on-lebanon-and-afghanistan)>. Acesso em: 1 out. 2021.

ISLAMIC DEVELOPMENT BANK (IsDB). Health Sector Policy. 2021. Disponível em: <https://www.isdb.org/publications/health-sector-policy> . Acesso em: 14 nov. 2021.

JUNG, E. & MAROOF, H. Lanterna do celular e 43°C: como é dar à luz sob Talibã. *BBC News*, São Paulo, 22 set 2021. Disponível em: [www.bbc.com/portuguese/internacional-58633455](http://www.bbc.com/portuguese/internacional-58633455)>. Acesso em: 24 set. 2021.

LOWCOCK, M. As coisas no Afeganistão estão prestes a piorar. Quem deve se preocupar e o que pode ser feito?, 9 set. 2021. Disponível em: [www.cgdev.org/blog/things-afghanistan-are-about-get-worse-who-should-care-and-what-can-be-done](http://www.cgdev.org/blog/things-afghanistan-are-about-get-worse-who-should-care-and-what-can-be-done)>. Acesso em: 29 set. 2021.

MARQUES, L. A Covid-19 na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio: fragilidades reveladas, tensões exacerbadas e reposicionamento de aliados estratégicos. In: BUSS, P. M. & FONSECA, L. E. (Eds.). *Diplomacia da Saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho*. Rio de Janeiro: Observatório Covid-19 Fiocruz, Editora Fiocruz, 2020a. (Informação para ação na Covid-19 series). Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557080290.0018>>. Acesso em: 29 set. 2021.

MARQUES, L. Ásia Pacífico e Oriente Médio na saúde global e diplomacia da saúde. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 9, Rio de Janeiro, 9, 2021c, p. 81-91. Disponível em: [www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/47585/2/Informe%20CRIS%209-21%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/47585/2/Informe%20CRIS%209-21%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2021.

MARQUES, L. Ásia Pacífico e Oriente Médio na Saúde Global. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 11, Rio de Janeiro, 2021e, p. 72-77. Disponível em: [www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48210/2/Informe%20CRIS%2011-21%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48210/2/Informe%20CRIS%2011-21%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade.pdf)>.

MARQUES, L. Coletânea dos Informes Semanais Respostas da Ásia Pacífico e Oriente Médio à Covid-19. Rio de Janeiro, 2020b. Disponível em: [www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/46346/2/Consolidado%20de%20todos%20os%20informes%20semanais%20Asia%20Pac%a3%adfico%20e%20Oriente%20M%c3%a9dio.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/46346/2/Consolidado%20de%20todos%20os%20informes%20semanais%20Asia%20Pac%a3%adfico%20e%20Oriente%20M%c3%a9dio.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2021.

MARQUES, L. Em meio à luta contra variante Delta, a humanidade é cobrada por anos de destruição, descaso e negligência contra o planeta. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 14, Rio de Janeiro, 2021d, p. 68-79. Disponível em: [www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48648/2/CRIS%2014-21%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48648/2/CRIS%2014-21%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2021.

MARQUES, L. O que está em jogo não é o uso da burca. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 15, Rio de Janeiro, 2021a, p. 63-69. Disponível em: <[www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48826/2/Informe%20CRIS%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade%2015-21%20vf.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48826/2/Informe%20CRIS%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade%2015-21%20vf.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2021.

MARQUES, L. Quando a incerteza e a turbulência chegam, nós nos juntamos, trabalhamos e crescemos juntos: Ásia Pacífico e Oriente Médio na Saúde Global e Diplomacia da Saúde – Informe 13 – Julho - 2021f. pp. 71-82. [CRIS 13-21 Saúde Global e Diplomacia da Saúde.pdf \(fiocruz.br\)](#) Acesso em 02 out 2021.

MARQUES, L. Talibã e EUA: ganhador e perdedor da guerra acenam com promessas para (re)conquistar aliados e alianças. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 16, Rio de Janeiro, 2021b, p. 49-56. Disponível em: <[www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/49105/2/Informe%20CRIS-Fiocruz%20sobre%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade%2016-21.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/49105/2/Informe%20CRIS-Fiocruz%20sobre%20Sa%c3%bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%c3%bade%2016-21.pdf)>. Acesso em: 2 out. 2021.

MARSHAL, T. *Prisioneiros da Geografia: 10 mapas que explicam tudo que você precisa saber sobre política global*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. People's Republic of China. Joint Ministerial Statement of the Second Meeting of Foreign Ministers of Afghanistan's Neighboring Countries. 2021. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/mfa\\_eng/wjb\\_663304/zjzg\\_663340/yzs\\_663350/xwlb\\_663352/t1917355.shtml](https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjb_663304/zjzg_663340/yzs_663350/xwlb_663352/t1917355.shtml) Acesso em: 2 nov. 2021.

O REATOR nuclear que pode ser 'santo graal' da energia para China. *BBC News Mundo*, São Paulo, 1 out. 2021. Disponível em: <[www.bbc.com/portuguese/internacional-58747832](http://www.bbc.com/portuguese/internacional-58747832)>. Acesso em: 2 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Conselho de Direitos Humanos. Relatório sobre Situação dos Direitos Humanos em Myanmar, 13 set. 2021a. Disponível em: <[www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/RegularSessions/Session48/Documents/A\\_HRC\\_48\\_67.docx](http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/RegularSessions/Session48/Documents/A_HRC_48_67.docx)>. Acesso em: 2 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Fórum de Alto Nível para Desenvolvimento Sustentável. Revisões nacionais voluntárias, 2021b. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/vnrs/#VNRDatabase>>. Acesso em: 30 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Sistema de saúde do Afeganistão à beira do colapso. *ONU News*, 22 set. 2021c. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/09/1764022>>. Acesso em: 27 set. 2021.

PROCTOR, R. A. The perfect storm of crises behind Afghanistan's humanitarian disaster. *Arab News*, Dubai, 5 set. 2021. Disponível em: <[www.arabnews.com/node/1922866/world](http://www.arabnews.com/node/1922866/world)>. Acesso em: 27 set. 2021.

RESISTANCE Axis and Iran: a new chapter. *Tehran Times*, Tehran, 7 Aug. 2021. Disponível em: <[www.tehrantimes.com/news/463813/Resistance-Axis-and-Iran-A-new-chapter](http://www.tehrantimes.com/news/463813/Resistance-Axis-and-Iran-A-new-chapter)>. Acesso em: 28 set. 2021.

SAKI, M. A. Iran's new government will play prominent role in the region. *Tehran Times*, Tehran, 23 June 2021. Disponível em: <[www.tehrantimes.com/news/462311/iran-s-new-government-will-play-prominent-role-in-the-region](http://www.tehrantimes.com/news/462311/iran-s-new-government-will-play-prominent-role-in-the-region)>. Acesso em: 28 set. 2021.

SIMÕES, R. O que foi e como terminou a Primavera Árabe? *BBC News Brasil*, London, 20 fev. 2021. Disponível em: <[www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502](http://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502)>. Acesso em: 1 out. 2021.

UNITED NATIONS (UN). Our Common Agenda – Report of the Secretary-General. Geneva: United Nations, 2021. Disponível em: <[www.un.org/en/content/common-agenda-report/assets/pdf/Common\\_Agenda\\_Report\\_English.pdf](http://www.un.org/en/content/common-agenda-report/assets/pdf/Common_Agenda_Report_English.pdf)>. Acesso em: 1 out. 2021.



WHITE HOUSE. Remarks by President Biden, Prime Minister Morrison, Prime Minister Modi, and Prime Minister Suga at Quad Leaders' Summit, 24 set. 2021. Disponível em: <[www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/09/24/remarks-by-president-biden-prime-minister-morrison-prime-minister-modi-and-prime-minister-suga-at-quad-leaders-summit/](https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/09/24/remarks-by-president-biden-prime-minister-morrison-prime-minister-modi-and-prime-minister-suga-at-quad-leaders-summit/)>. Acesso 29 set 2021.

WORLD BANK. Refugee-Policy-Review-Framework-Technical-Note – 2021. Disponível em: <<https://documents1.worldbank.org/curated/en/159851621920940734/pdf/Refugee-Policy-Review-Framework-Technical-Note.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2021a.

WORLD BANK. The World Bank In Pacific Islands. 2021c. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/country/pacificislands/overview#1> Acesso em 14 nov. 2021.

WORLD BANK. *Women, Business and the Law 2021*. Washington: World Bank, 2021. Disponível em: <[doi:10.1596/978-1-4648-1652-9](https://doi.org/10.1596/978-1-4648-1652-9)>. Acesso em: 2 out. 2021b.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). A74/22. Health conditions in the occupied Palestinian territory, including east Jerusalem, and in the occupied Syrian Golan, 20 May 2021a. Disponível em: <[https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf\\_files/WHA74/A74\\_22-en.pdf](https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA74/A74_22-en.pdf)>. Acesso em: 29 set 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional Office for the Eastern Mediterranean. Disponível em: <http://www.emro.who.int/index.html> Acesso em 14 nov 2021c.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional Office for the Eastern Mediterranean. A pausa de financiamento resulta no fechamento de 2.000 unidades de saúde no Afeganistão. Cairo, Cabul, 6 set. 2021b. Disponível em: <[www.emro.who.int/afg/afghanistan-news/funding-pause-results-in-shut-down-of-more-than-2000-health-facilities-in-afghanistan.html](http://www.emro.who.int/afg/afghanistan-news/funding-pause-results-in-shut-down-of-more-than-2000-health-facilities-in-afghanistan.html)>. Acesso em: 1 out. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional Office for the South-East Asia. Disponível em: <https://www.who.int/southeastasia>. Acesso em: 14 nov 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional Office for the Western Pacific. Disponível em: <https://www.who.int/westernpacific/> . Acesso em: 14 nov 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). The Question of Palestine. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/> Acesso em: 15 nov. 2021c.

XAVIER, C. Afeganistão representa fim da imposição de valores ocidentais. Comentário sobre entrevista de Celso Amorim. *Jornal Tornado*, 27 ago 2021. Disponível em: <[www.jornaltornado.pt/amorim-afeganistao-representa-fim-da-imposicao-de-valores-ocidentais/](http://www.jornaltornado.pt/amorim-afeganistao-representa-fim-da-imposicao-de-valores-ocidentais/)>. Acesso em: 23 set. 2021.

## DA GESTÃO SANITÁRIA À ADMINISTRAÇÃO NO NOVO CENÁRIO GEOPOLÍTICO

**Informe 1 de 2021 – 4 dezembro de 2020 a 3 de fevereiro**

Nos dois últimos meses, vivemos momentos decisivos e importantes para o mundo, tanto no que diz respeito à pandemia, quanto para a governança global. Fechamos 2020 com duas boas notícias que trouxeram esperança de dias mais auspiciosos: aprovação de vacinas contra Covid-19 pelas agências regulatórias, com início da vacinação em vários países, e a eleição do novo presidente americano, Joe Biden, com perfil mais conciliador e com propostas políticas que atendem às ansiedades dos principais líderes mundiais - mais cooperação, mais multilateralismo, mais equilíbrio. E mais segurança – assim esperamos, mas sempre tendo em mente que Estados Unidos da América sempre serão Estados Unidos da América e como tal, assim agirão.

Mas infelizmente entramos em 2021 com a pandemia Covid-19 sem ter dado trégua. Pelo contrário. Novas cepas mais virulentas foram identificadas no Reino Unido, no Amazonas/Brasil e na África do Sul, e que já começam a chegar a outros países. Fechamentos de fronteiras são uma das medidas dos governos para evitar a entrada da nova variante em seus territórios. E acontece ao mesmo tempo que a Covid-19 volta com toda força em todo o mundo, mesmo em lugares que já haviam controlado a pandemia, como Nova Zelândia, Tailândia, Hong Kong, Coreia do Sul, Japão e Turquia, por exemplo. **Já são 101.253.267 casos confirmados e 2.184.718 óbitos**<sup>24</sup>.

A Covid-19 continua levando vidas e o impacto econômico continua devastador. E toda esperança do mundo de voltar às atividades normais e retomar a economia repousa no sucesso das vacinas. E começamos a viver uma nova diplomacia da COVID: a disputa pelos imunizantes - no início da pandemia, a moeda de negociação foram os Equipamentos de Proteção Individual e respiradores. Só que dessa vez o cenário é mais agressivo.

Embora a região da **Ásia Pacífico** tenha se saído comparativamente melhor na gestão da propagação da pandemia e nos números baixos de óbitos, o impacto econômico tem sido, no entanto, severo, cujas economias são fortemente dependentes das exportações e do turismo<sup>25</sup>. No **Oriente Médio**, o impacto da Covid-19 foi agravado por dois outros sérios problemas: os conflitos que não deram trégua e a queda dos preços do Petróleo. Ambas as regiões começam a investir nas tecnologias digitais e capacitação dos trabalhadores.

Assim, à medida que a luta para conter a COVID-19 continua, muitos governos buscam soluções para recuperar a economia, minimizar as consequências dos erros para conter o vírus, das lacunas na saúde pública, da falta de coordenação entre órgãos, da má comunicação de crise e fraca aplicação de medidas de saúde pública, como distanciamento social e uso de máscaras. E ainda precisam lidar com ingredientes que não faziam parte da receita: a fadiga pandêmica e a infodemia e fake News – que, aliás, foram temas no **41º Fórum Econômico Mundial**<sup>26</sup> de Davos e no **fórum**<sup>27</sup> **organizado pelo Secretariado da ASEAN**<sup>28</sup> e o Instituto de Pesquisa Econômica para a ASEAN e o Leste Asiático, realizados na segunda quinzena de janeiro.

<sup>24</sup> <https://coronavirus.jhu.edu/map.html> em 28/01/2021

<sup>25</sup> [COVID-19 in Southeast Asia: Regional pandemic preparedness matters \(brookings.edu\)](https://www.brookings.edu/research/covid-19-in-southeast-asia-regional-pandemic-preparedness-matters/)

<sup>26</sup> [The Davos Agenda 2021 | World Economic Forum \(weforum.org\)](https://www.weforum.org/agenda/2021/01/the-davos-agenda-2021/)

<sup>27</sup> <https://www.straitstimes.com/world/education-laws-and-private-public-partnerships-necessary-to-counter-fake-news-in-asean-experts>

<sup>28</sup> Associação das Nações do Sudeste Asiático

Outro encontro importante que aconteceu no início desse ano foi o da **41ª Cúpula do Conselho de Cooperação do Golfo**<sup>29</sup> (GCC, em inglês), que anunciou o fim do bloqueio diplomático e econômico ao Qatar<sup>30</sup>, após três anos e meio, formalizado com a assinatura da Declaração de Al-Ula. Não houve um acordo específico para essa normalização, que não será tão simples – existem interesses conflitantes, rivalidades crescentes, aliados e tensões históricas –, mas esse avanço chega num momento oportuno para a região, frente à incerteza geopolítica e geoeconômica, consequência do modelo econômico e da pandemia de saúde pública. Também representa um movimento de unidade do Golfo contra o Irã – como o movimento de normalização dos países árabes com Israel. E acontece quando todos os países do Oriente Médio e Norte da África se preparam para a presidência de Biden<sup>31</sup>. Segundo o secretário-geral do GCC, Dr. Nayef al-Hajraf, “as declarações que ouvimos do governo Biden nos garantem que ele está ciente da ameaça do Irã. É essencial que a voz árabe seja ouvida.”<sup>32</sup>

No âmbito da Covid-19, a colaboração transfronteiriça pode incluir vigilância conjunta e compartilhamento em tempo real de dados sobre mortalidade e morbidade, compartilhamento de informações sobre políticas e respostas ao vírus, maior eficiência na aquisição de insumos. E ainda economia de custos na aquisição e distribuição de vacinas, que podem chegar aos países vizinhos.

Na frente econômica, os estados esperam diversificar a economia e restaurar o crescimento focado nos jovens e na economia digital (essa tecla também foi tocada no Fórum Econômico de Davos duas semanas depois da Cúpula de Al-Ula); promover o livre comércio e as parcerias estratégicas e aumentar a competitividade no cenário global.

#### **41º Fórum Econômico Mundial de Davos<sup>33</sup> (WEF),**

Os impactos da pandemia e a recuperação econômica pós-covid de modo sustentável, mais justo, mais inclusivo e resiliente foi o mote do **41º Fórum Econômico Mundial de Davos (WEF)**, Suíça, que reuniu, de 25 a 29 deste janeiro de 2021, chefes de Estado, o Secretário Geral da ONU, Antonio Guterres, líderes mundiais, economistas, formuladores de pensamentos, CEOs de empresas, entre outros, para discutir como enfrentar as fragilidades reveladas pela Covid-19, como evitar a catástrofe climática e como construir um futuro diferente, com economia limpa, mais equitativo e mais capacitado, com parcerias público privadas e empresas focadas no capitalismo consciente de *Stakeholders*<sup>34</sup>. Sistemas de saúde e sistemas de alimentos, pandemia cibernética, cadeias de suprimentos, desglobalização, diversidades e inclusão, colaboração multilateral e capacitação para as novas tecnologias também estavam na pauta. Com

---

<sup>29</sup> O Conselho de Cooperação do Golfo é a organização de integração econômica que reúne seis estados do Golfo Pérsico: Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait. Está de fora Irã e Iraque. Criado em 1981.

<sup>30</sup> <https://www.brookings.edu/opinions/what-brookings-experts-are-saying-about-the-breakthrough-in-the-gulf-crisis/>

<sup>31</sup> <https://www.aljazeera.com/opinions/2021/1/20/mending-the-gulf-rift-calls-for-reconciliation>

<sup>32</sup> <https://english.aawsat.com/home/article/2723516/alula-declaration-ends-qatar-rift-looks-preserve-gulf-security-stability>

<sup>33</sup> [The Davos Agenda 2021 | World Economic Forum \(weforum.org\)](https://www.weforum.org/agenda/2021/01/davos-agenda-2021/)

<sup>34</sup> Capitalismo Consciente é uma prática na condução de negócios – aplicada por grandes corporações, empresas, entidades sem fins lucrativos e outras organizações – que cria, simultaneamente, diferentes valores para todas as partes interessadas (ou *stakeholders*) como financeiro, intelectual, físico, ecológico, social, cultural, emocional, ético. É praticado por empresas que entendam o lucro como consequência de práticas mais responsáveis, em um processo em que se investe no crescimento social e inclusivo da sociedade, visando a atingir metas mais amplas de maneira mais justa e equilibrada. <https://diariodocomercio.com.br/gestao/capitalismo-consciente-propoe-nova-era-economica>

participação de 60 países, **Ásia Pacífico e Oriente Médio dominaram as discussões**. Na abertura, o presidente do WEF, Borge Brende, disse que a Ásia terá um papel importante a desempenhar na recuperação da economia global - a região responde por 50 % do PIB e da população mundial.

De acordo com o 16º Relatório de Riscos Globais<sup>35</sup> – um dos principais documentos para o Fórum Econômico de Davos, a pandemia Covid-19 não apenas deixou milhões de mortos e infectados, mas também ampliou as disparidades digitais, econômicas e de saúde de longa data. O relatório aponta a interdependência entre os impactos sociais, econômicos e ambientais, mantendo os riscos deste último no topo da lista e incluindo, obviamente, as doenças infecciosas.



Fonte: [Relatório de Riscos Globais 2021 mantém riscos ambientais como agenda prioritária mundial para a próxima década - Ekos Brasil](#)

O documento também mostra que as disparidades cada vez maiores e a consequente fragmentação social podem ameaçar as economias nos próximos três a cinco anos e enfraquecer a estabilidade geopolítica nos próximos cinco a dez anos. Principais pontos<sup>36</sup>:

- Um mundo com COVID-19 – desigualdade entre nações e regiões, com e sem vacina;
- Relações EUA e China – estabilização sem normalização; seguirão rivais em várias questões (direitos humanos e democracia) mas cooperando em outras como mudanças climáticas;
- Negócios x economia sustentável – ações sobre mudanças climáticas e regras ambientais serão exigência para o mercado externo - Brasil já na mira<sup>37</sup>;
- Tecnologia digital – falta de regras regulatórias, desafios de segurança e desigualdade tecnológica;

<sup>35</sup> [Riscos Globais 2021 \(marsh.com\)](#)

<sup>36</sup> [Os cinco principais riscos globais que ameaçam os negócios em 2021 \(cnnbrasil.com.br\)](#)

<sup>37</sup> <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/02/02/europeus-querem-regras-ambientais-para-importar-do-brasil-e-de-emergentes.htm>

- Perder o *time* da retomada da economia - para acompanhar a retomada, será preciso ser sustentável e capacitar jovens e trabalhadores para as novas tecnologias.

### **Agenda de Davos<sup>38</sup>**

A pandemia COVID-19 demonstrou que nenhuma instituição ou indivíduo sozinho pode enfrentar os desafios econômicos, ambientais, sociais e tecnológicos do nosso mundo complexo e interdependente. A pandemia em si não transformará o mundo, mas acelerou mudanças sistêmicas que eram aparentes antes de sua criação. As falhas que surgiram em 2020 agora aparecem como encruzilhadas críticas em 2021. O tempo para reconstruir a confiança e fazer escolhas cruciais está se aproximando rapidamente à medida que a necessidade de redefinir prioridades e a urgência de reformar sistemas se fortalecem em todo o mundo. Esse mote, guiou a agenda de Davos. E sete temas-chave guiaram as discussões: Como salvar o Planeta?<sup>39</sup>; Melhores Negócios (capitalismo de Stakeholders<sup>40</sup>; Economias mais justas<sup>41</sup>; Tecnologia para o bem<sup>42</sup>; Além da Geopolítica<sup>43</sup>; Futuros Saudáveis<sup>44</sup>; Sociedade e Futuro do Trabalho<sup>45</sup>.

### **Destaques no fórum**

Na abertura do Fórum, dois discursos importantes: do **Presidente da China, Xi Jinping, e do Secretário Geral da ONU, António Guterres.**

O discurso do presidente da China estava carregado de alertas sobre a nova postura internacional de Pequim. Frases de destaque: acordo e entendimento entre governos para “incrementar a colaboração para fabricar e distribuir vacinas para todos os países”; a humanidade vai sair mais fortalecida da pandemia se trabalhar unida, respeitando diferenças entre países sem preconceitos ideológicos e promovendo o multilateralismo em oposição ao “isolamento arrogante” que leva a uma nova Guerra Fria.

Guterres<sup>46</sup> conclamou governos, povos, sociedade civil e empresas para um novo contrato social: emprego, desenvolvimento sustentável, proteção social e direitos e oportunidades iguais para todos. Fragilidades mostradas pela pandemia Covid-19. Pediu que as empresas liderem o caminho para uma recuperação mais justa e sustentável e cobrem de seus governos para colocar o mundo nos trilhos. Chamou a atenção da importância da vacina para todos e para uma coalizão global para neutralidade de Carbono. E destacou que “devemos evitar a divisão EUA e China”.

### **20º Fórum Social Mundial<sup>47</sup>**

Na mesma semana, simultaneamente e em oposição ao Fórum de Davos, aconteceu o 20º Fórum Social Mundial, com temas semelhantes, mas apresentados sob outros olhares: emergência climática, racismo, gênero e feminismo, crise alimentar, direitos humanos, democracia, guerra e paz. “Qual mundo queremos? Não é o de Davos!” foi tema de painel global com participação de lideranças mundiais que lutam contra a desigualdade e em defesa dos

---

<sup>38</sup> [Programme > The Davos Agenda | World Economic Forum \(weforum.org\)](#)

<sup>39</sup> [How to Save the Planet > The Davos Agenda | World Economic Forum \(weforum.org\)](#)

<sup>40</sup> <https://www.weforum.org/events/the-davos-agenda-2021/themes/better-business>

<sup>41</sup> <https://www.weforum.org/events/the-davos-agenda-2021/themes/fairer-economies>

<sup>42</sup> [Tech for Good > The Davos Agenda | World Economic Forum \(weforum.org\)](#)

<sup>43</sup> [Beyond Geopolitics > The Davos Agenda | World Economic Forum \(weforum.org\)](#)

<sup>44</sup> [Healthy Futures > The Davos Agenda | World Economic Forum \(weforum.org\)](#)

<sup>45</sup> [Society & Future of Work > The Davos Agenda | World Economic Forum \(weforum.org\)](#)

<sup>46</sup> [U.N. chief urges business to take the lead on COVID-19, climate and global recovery | Reuters](#)

<sup>47</sup> <https://wsf2021.net/programa-evento/>

direitos humanos. Mínima a participação de organizações e representantes de governos da Ásia Pacífico e Oriente Médio.

O idealizador do FSM, Oded Grajew<sup>48</sup>, destacou que para mostrar que outro mundo é possível, é preciso mostrar que existem alternativas. Para ambientalista indiano, Ashish Kothari, a pandemia expôs questões profundas entre a humanidade e a natureza. Uma resposta é a construção de alternativas nas áreas de agroecologia, soberania sobre a água, uma democracia radical e a governança local.

### **Reflexos da eleição e posse de Joe Biden na Ásia Pacífico e no Oriente Médio**

No jogo da geopolítica global, as primeiras ações e decisões do novo presidente americano já provocaram mudanças. Tópicos como retorno à Organização Mundial da Saúde (OMS) e ao Acordo de Paris; valorização da Democracia, defesa dos Direitos Humanos e do Meio Ambiente; distanciamento de aliança criadas por líderes populistas e suas agendas religiosas e políticas ultraconservadoras e de ataques às instituições multilaterais; decisão de adesão à COVAX provocaram marolas em todo o mundo, principalmente na Ásia Pacífico e Oriente Médio.

As duas regiões vivem cada vez mais os reflexos das políticas estadunidenses para China, para segurança militar no Indo-Pacífico; e para Irã, combate ao terrorismo e programas nucleares. A situação mais delicada é a questão do Mar Meridional da China<sup>49</sup>, que nos últimos dois anos se agravou e esteve às vias de uma guerra quente, e ainda está.

Segundo analistas, Biden vai manter uma postura menos confrontadora e com tons mais moderados. Os líderes asiáticos vêm com otimismo cauteloso esse novo começo nas relações com a potência americana e esperam não ter que tomar partido na rivalidade sino-americana. Um equilíbrio nas relações China-EUA é importante para todos, pois dependem de ambos. Todos esperam um clima propício para colaboração e recuperação pós-covid e, principalmente respeito à manutenção da centralidade regional, através da ASEAN.

Ajustes na política da China de Biden podem trazer novas tensões para a Índia e a Rússia. Uma abordagem mais coletiva dos EUA para lidar com a China forçará a Índia e a Rússia a reequilibrar as relações de poder, especialmente em um mundo pós-pandemia que exige maior cooperação.

No Oriente Médio, a normalização dos Estados árabes com Israel e a restauração de laços com Qatar são passos importantes para estabilidade regional e uma forma de aliança contra o Irã, uma vez que Biden deve diminuir as pressões sobre o país persa. A política do presidente americano deve misturar cooperação de inteligência, diplomacia, ferramentas financeiras e militares que possam deter ou interromper a atividade subversiva do Irã, ao mesmo tempo que incentivam o retorno de Teerã à mesa de negociações nucleares. Restaurar a confiança dos países do golfo na América será fundamental.

### **Valorização da democracia e do multilateralismo**

“A democracia é preciosa, a democracia é frágil” foram palavras do presidente americano em seu discurso de posse, em 20 de janeiro. Ele se referia ao momento de violência dias antes, da invasão da Casa Branca, mas também deixava claro que a valorização da

---

<sup>48</sup> Empresário israelense, naturalizado brasileiro

<sup>49</sup> Entenda o que é a questão do Mar Meridional da China e as disputas no Informe Cris Fiocruz 18, página 94 em <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43140/2/Consolidado%20de%20todos%20os%20informes%20semanais%20Asia%20Pac%20e%20Oriente%20M%20a%209dio.pdf>

democracia e o multilateralismo democrático serão o foco da atuação internacional do governo Biden.

A pandemia foi usada por líderes autoritários para reforçar discursos populistas, nacionalistas, protecionistas e antimultilateralistas, para consolidar seu poder político, principalmente na Ásia Pacífico, independente dessas ações contribuírem de fato para as respostas reais à COVID-19. Um estudo recente da Freedom House<sup>50</sup> mostrou que a condição da democracia e dos direitos humanos se deteriorou em 80 países desde o início da pandemia. Já havia uma tendência à polarização política, ao populismo e influência dos militares na política. Mas a COVID-19 acelerou essa regressão, o que aumenta risco de conflitos. Especialistas acreditam que é possível reverter esse tendência. Na medida em que as repostas à COVID-19 ficaram aquém - sanitária e economicamente – os movimentos e as manifestações populares devem crescer.

Problemas transnacionais como mudança climática, volatilidade econômica e saúde global podem ser enfrentados de maneira mais eficaz por meio de cooperação profunda e estruturada por meio de instituições, regras e redes intergovernamentais formais. E o presidente americano promete agir nesse sentido. Há a intensão de organizar um grande encontro no segundo semestre desse ano com foco no multilateralismo democrático. China estaria de fora? Mas não pode haver debate sobre questões como bens públicos globais, mudanças climáticas, regulação das novas tecnologias digitais, e estabilidade financeira sem ampla participação da China.

### **EUA X China – energia limpa<sup>51</sup>**

O anúncio do retorno ao Acordo de Paris e uma plataforma política climática ambiciosa, gerou reações positivas da China e Japão, que anunciaram ações para reduzir as emissões de gases de efeito estufa.

China é um dos grandes investidores em energia no exterior, concentrados em combustíveis fósseis: carvão, gás e petróleo. Segundo analistas, ao investir em desenvolvimento global para energia limpa, Estados Unidos estaria tornando a energia mais barata para países em desenvolvimento e poderia fazer com que desenvolvedores chineses investissem mais em energia limpa.

A energia limpa pode vir a ser uma competição positiva e, ao mesmo tempo, um dos tópicos da colaboração entre EUA e China - que poderia ser considerada uma nova geopolítica climática. O caminho já está aberto. Países da ASEAN discutem necessidade de incorporar soluções baseadas na natureza como parte da abordagem no enfrentamento das mudanças climáticas<sup>52</sup>.

### **Fake News**

Dentro os inúmeros efeitos colaterais da pandemia Covid-19, as fake News causaram estragos, atrasos e muita confusão. O tema foi discutido em Davos, no Fórum Econômico

---

<sup>50</sup> [Freedom in the World 2020: A Leaderless Struggle for Democracy \(freedomhouse.org\)](https://freedomhouse.org)

<sup>51</sup> [https://www.brookings.edu/research/why-the-united-states-should-compete-with-china-on-global-clean-energy-finance/?utm\\_campaign=Brookings%20Brief&utm\\_medium=email&utm\\_content=105953363&utm\\_source=hs\\_email](https://www.brookings.edu/research/why-the-united-states-should-compete-with-china-on-global-clean-energy-finance/?utm_campaign=Brookings%20Brief&utm_medium=email&utm_content=105953363&utm_source=hs_email)

<sup>52</sup> <https://asean.org/experts-encourage-nature-based-solutions-build-climate-resilience/>

Mundial, mas já tinha sido discutido no Fórum Global The Straits Times<sup>53</sup>, em parceria com ASEAN.

Em Davos, o Primeiro-Ministro da Bélgica, Alexander de Croo, disse que a infodemia atual, só aumenta a desinformação sobre a crise do COVID-19 e que é necessário elevar “as vozes dos especialistas”, eles precisam ser mais ouvidos.

Para especialistas da ASEAN, três frentes são necessárias para conter notícias falsas e tornar as pessoas capazes de discernir fatos a partir da ficção: Educação, leis e parcerias público-privadas.

### **Cenário epidemiológico**

Os países da Ásia Pacífico enfrentam novos surtos e alguns com bloqueio de duas semanas a um mês, como Israel, Hong Kong e Coreia do Sul. No Japão, a falta de trabalhadores da saúde (poucos e mal pagos: deficiência identificada no início da pandemia, em março de 2020), provocou colapso no sistema de saúde e pessoas chegam a morrer em casa por falta de atendimento.

Um estudo - Índice de Desempenho Covid -, realizado pelo *Lowy Institute de Sydney*<sup>54</sup>, analisou quase 100 países de acordo com seis critérios, como casos confirmados, mortes e capacidade de detecção da doença. Na época da divulgação do estudo, o Brasil tinha 8.996.876 de infecções confirmadas e 220.161 mortes ontem, para uma população de 209,5 milhões de habitantes, segundo dados do ministério da Saúde. A Nova Zelândia registrou 2.299 casos do novo coronavírus e 25 mortes desde o início da pandemia, em uma população de cerca de 5 milhões de pessoas. "Coletivamente, esses indicadores indicam quão bem ou mal os países administraram a pandemia", diz o relatório desta instituição independente. Além da Nova Zelândia — que praticamente erradicou o vírus com fechamentos de fronteira "precoces e drásticos", bloqueios e testes de diagnóstico —, Vietnã, Taiwan, Tailândia, Chipre, Ruanda, Islândia, Austrália, Letônia e Sri Lanka estão entre os dez principais países que melhor responderam à pandemia. No final da lista estão Brasil (98), México, Colômbia, Irã e Estados Unidos<sup>55</sup>.

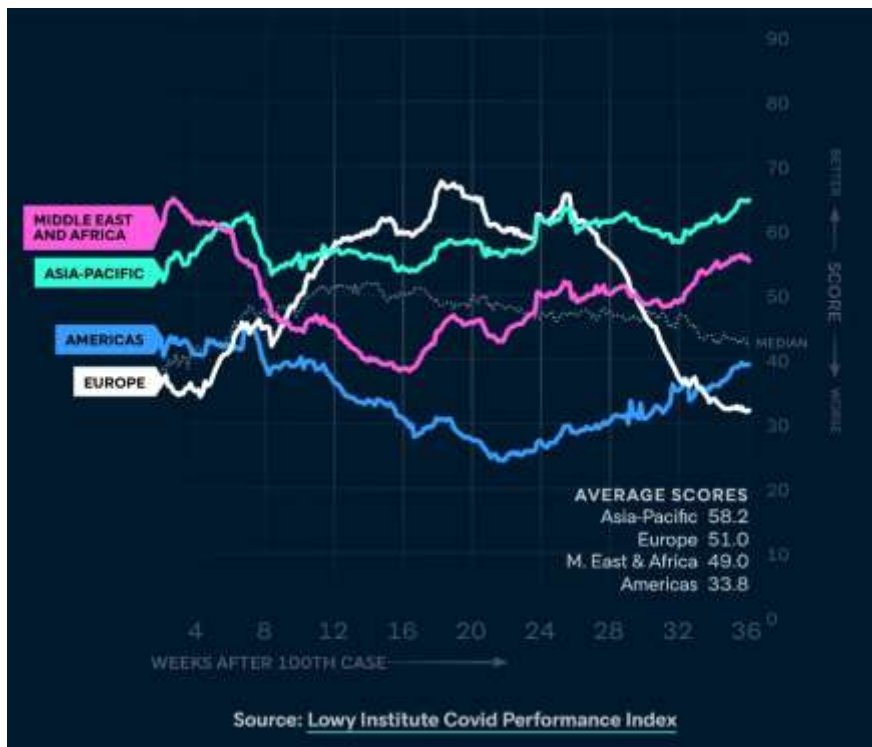
---

<sup>53</sup> <https://www.straitstimes.com/world/education-laws-and-private-public-partnerships-necessary-to-counter-fake-news-in-asean-experts>

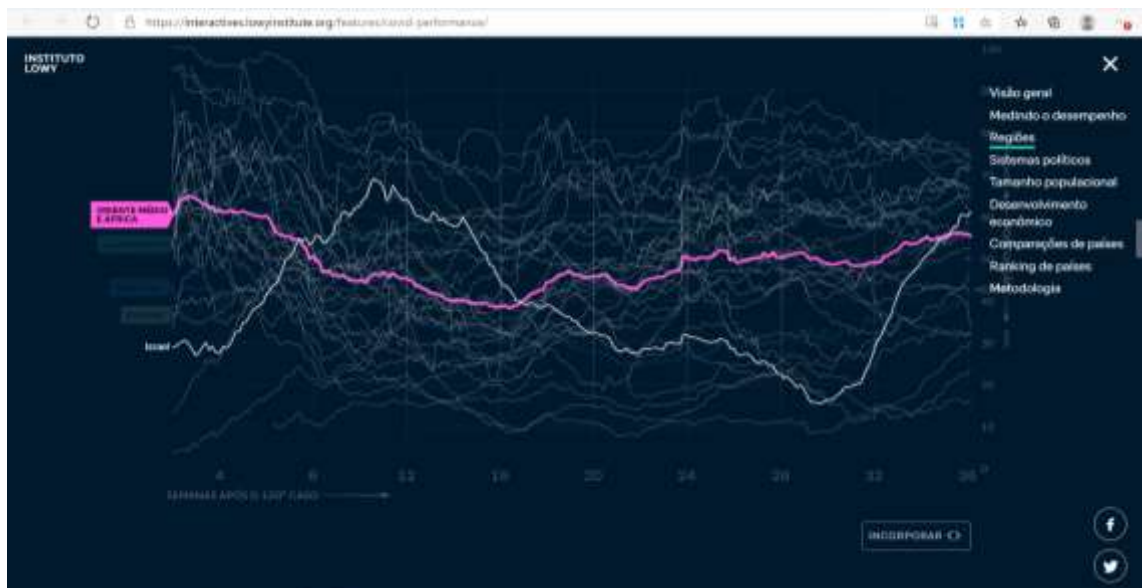
<sup>54</sup> <https://interactives.lowyinstitute.org/features/covid-performance/>

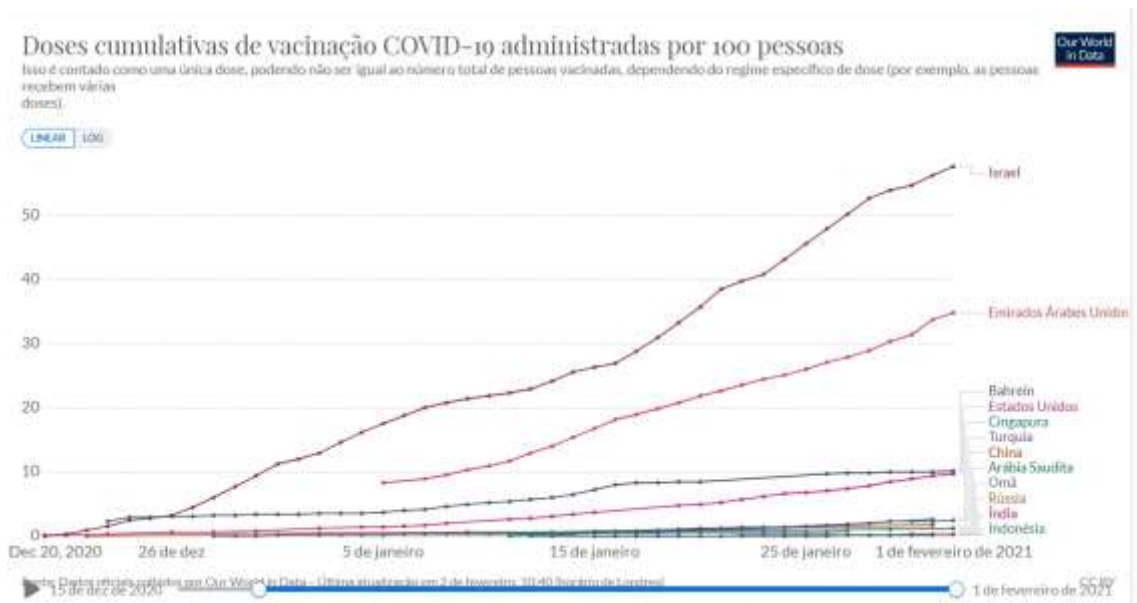
<sup>55</sup> [https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/01/28/brasil-e-pior-pais-do-mundo-na-gestao-da-epidemia-de-covid-19-aponta-estudo-australiano.htm?utm\\_source=chrome&utm\\_medium=webalert&utm\\_campaign=noticias&cmpid=copia\\_ecola](https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/01/28/brasil-e-pior-pais-do-mundo-na-gestao-da-epidemia-de-covid-19-aponta-estudo-australiano.htm?utm_source=chrome&utm_medium=webalert&utm_campaign=noticias&cmpid=copia_ecola)





O quadro acima, apresentado de forma geral por região, pode ser desdobrado para acompanhar o desempenho de cada país, como mostrado abaixo.





Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/covid-vaccinations), dados de 1º de fevereiro

**Israel** tem se destacado por já ter vacinado mais da metade da população. A vacinação começou em 14 de dezembro com a vacina da Pfizer e ampliou o público ao adquirir as vacinas da Moderna. O sistema de saúde digitalizado, o uso do aparato militar na logística de distribuição das doses e uma campanha pró-vacina, com ampla divulgação de autoridades recebendo aplicações, incluindo o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, tem garantido boa resposta da população. A pedido de ONGs, a vacinação foi ampliada para vacinar prisioneiros. O país também disponibilizou 5.000 doses de vacinas à Autoridade Palestina, para serem administradas a pelo menos 2.500 profissionais médicos palestinos.

No **Afganistão**, o governo trabalha a vacinação divulgando que a vacina é segura, que foi aprovada pelos cientistas do país e pelo Ulamá – sábio versado na Xaria e religião mulçumana. Paralelamente, segue vacinando mais de nove milhões de crianças com menos de 5 anos contra a poliomielite.

Com ajuda da OMS (50 milhões de dólares), **Irã** consegue equipamentos médicos para tratamento e diagnóstico que foram distribuídos a hospitais e laboratórios, ampliando a capacidade da saúde pública. Infelizmente,

**Hong Kong** decreta novo lockdown para conter a piora do surto, detectado em áreas com prédios antigos e apartamentos subdivididos, como cortiços, que servem de moradia de famílias de baixa renda.

### **Passou batido**

Enquanto o mundo discutia proteção da biodiversidade e da Amazonia, o Brasil assinou quatro acordos com o Japão, entre eles, um sobre uso sustentável da Biodiversidade da Amazônia – O acordo, que não passou pelo Comitê Nacional de Biodiversidade, foi assinado pelo ministro de Negócios Estrangeiros do Japão, Toshimitsu Motegi, e o pelo Ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araujo.<sup>56</sup>

<sup>56</sup> [Visita Oficial do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão, Toshimitsu Motegi, ao Brasil — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/pt-br/assuntos/relacoes-externas/2021/02/visita-oficial-do-ministro-dos-negocios-estrangeiros-do-japao-toshimitsu-motegi-ao-brasil)

## FUTURO DAS RELAÇÕES CHINA E ESTADOS UNIDOS E OS REFLEXOS NA ÁSIA PACÍFICO E ORIENTE MÉDIO

Informe 2 de 2021 – 4 a 23 de fevereiro

As novas cepas do SARS CoV-2 e a questão se as vacinas são eficazes contra as mutações; a desigualdade na distribuição das vacinas; a Quarta Revolução Industrial (4IR)<sup>57</sup> e seu potencial para a recuperação pós pandemia e para estabelecimento do comércio digital global<sup>58</sup> de um lado e, de outro, a ética e regulação para os usos das novas tecnologias digitais e para Inteligência Artificial; a preocupação de como frear a infodemia e as fake News e o apoio de líderes políticos e celebridades a grupos de ódio e a movimentos radicais ocuparam as discussões em reuniões multilaterais, fóruns, blogs e estamparam as principais mídias das duas regiões.

Outros quatro assuntos disputam as atenções: o golpe militar em Myanmar, que põem em risco a prática da democracia; o futuro do Irã e do acordo Nuclear e o posicionamento dos EUA; o futuro das relações China e Estados Unidos e a volta oficial da América ao Acordo de Paris.

### Mudanças Climáticas e Biodiversidade

À medida que países, instituições e empresas intensificam seus compromissos para combater as mudanças climáticas e deter a perda da natureza, uma abordagem integrada à economia será necessária, particularmente na recuperação pós-COVID-19. Que políticas, práticas e parcerias serão necessárias para acelerar o caminho e desencadear uma década de ação sustentável e equitativa para todos?

O tema “Como Salvar o Planeta?” foi amplamente discutido em Davos, no Fórum Econômico Mundial<sup>59</sup>, em 20 sessões que cobriram os vários aspectos e preocupações futuras: sistemas alimentares, oceanos, energia limpa, consumo sustentável, bioeconomia, cidades e mais. O tema também é preocupação dos países da Ásia Pacífico, que vivem tempestades e enchentes cada vez mais violentas ou pragas, como a de gafanhotos. E dos países do Oriente Médio, que vivem do Petróleo, sofrem com a desertificação de áreas antes produtivas, e são compradores de alimentos.

Uma mudança na administração dos EUA e as promessas históricas da China, Japão e Coreia do Sul são um bom começo. Eles devem estimular uma ação mais forte por parte de todas as nações na 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2021 (COP26), que acontecerá em Glasgow, Escócia, de 1 a 12 de novembro, sob a presidência do Reino Unido. Antes disso, em 22 de abril, Dia da Terra, o presidente americano vai realizar a Cúpula dos Líderes sobre o Clima, uma espécie de prévia (e teste) para a COP26.

E neste 19 de fevereiro, o porta-voz da Casa Branca anunciou a volta oficial dos EUA ao Acordo de Paris.<sup>60</sup> O anúncio destacou que as mudanças climáticas serão incorporadas nas conversas bilaterais e multilaterais mais importantes. Que o clima e a diplomacia científica não serão tópicos adicionais da política interna e externa americana. A questão climática estará no

---

<sup>57</sup> <https://blogs.adb.org/blog/southeast-asian-employers-fourth-industrial-revolution-chance-create-jobs>

<sup>58</sup> <https://blogs.adb.org/blog/can-pandemic-help-end-paper-chase-hobbling-international-trade>

<sup>59</sup> [How to Save the Planet > The Davos Agenda | World Economic Forum \(weforum.org\)](https://www.weforum.org/agenda/2021/02/how-to-save-the-planet-the-davos-agenda/)

<sup>60</sup> [https://www.state.gov/the-united-states-officially-rejoins-the-paris-agreement/?utm\\_medium=email&utm\\_source=govdelivery](https://www.state.gov/the-united-states-officially-rejoins-the-paris-agreement/?utm_medium=email&utm_source=govdelivery)

cerne das discussões sobre segurança nacional, migração, esforços internacionais de saúde e diplomacia econômica e negociações comerciais.

Esse movimento do Biden não vai ser só benéfico para o planeta, mas também para a geopolítica e para a governança global. Essa semana ele convocou um Grupo de Trabalho Interagências (IWC) para rever o Custo Social do Carbono (CCS)<sup>61</sup> e vai incluir vários aspectos amplos e com reflexos globais; probabilidades e impactos; os riscos climáticos atuais e suas consequências, como descongelamento do permafrost, mudanças na circulação oceânica, conflitos civis e migrações; impactos nas diferentes populações. E envolve mais estudos e pesquisas sobre os efeitos nos ecossistemas e biodiversidade. **E, muito importante, poderá ser seguido por outros países que não têm CCS ou trabalham com outros valores. Política baseada na Ciência.**

Claramente, não é só reverter as mudanças de Donald Trump. Outras etapas requerem muito mais deliberação, inclusive negociação política interna. Muitos julgamentos científicos e econômicos precisam ser feitos. Estes incluem como lidar com incertezas endêmicas, incluindo "pontos de inflexão" repentinos e irreversíveis, como colapsos de mantos de gelo. Questões éticas também devem ser consideradas, incluindo as consequências para as comunidades vulneráveis e as gerações futuras.

### **China X Estados Unidos**

No quesito complexo da competição China X EUA, **mudanças climáticas serão uma veia positiva.** Também nessa semana, China divulgou a nova lista de espécies ameaçadas, que estarão sobre proteção do estado. Desatualizada há 32 anos, foram adicionadas 517 espécies, totalizando 980 espécies. O documento prevê muitas altíssimas e financiamento para pesquisas e estudos. Vai ter reflexos em mudanças de hábitos culturais e alimentares. E deve ser revisado a cada 5 anos.

Confirmando essa veia positiva, já sinalizada nos dois últimos informes do CRIS-Fiocruz, hoje (22 de fevereiro) o conselheiro do governo chinês e diplomata, Wang Yi, pediu um *reset* nas relações com os Estados Unidos - dias depois que o presidente dos EUA buscou uma frente comum com a Europa e com o FOIP (Free Open Indo-Pacific<sup>62</sup>) para combater os desafios econômicos e de segurança da China e da Rússia, e desafios comuns como a pandemia. O diplomata chinês afirmou que China estava pronta para reabrir o diálogo com Washington e disse que os **dois países poderiam trabalhar juntos em questões como mudanças climáticas e lidar com a pandemia do coronavírus.**<sup>63</sup>

O caminho será longo: incluindo comércio, taxações e sanções, acusações de crimes de direitos humanos contra as minorias muçulmanas uigures na região de Xinjiang e as reivindicações territoriais de Pequim no Mar do Meridional da China, rico em recursos.

### **Crise em Myanmar deixa de ser assunto doméstico**

---

<sup>61</sup> Custo Social do Carbono – métrica que coloca um valor monetário sobre os malefícios das mudanças climáticas, contabilizando as perdas crescentes por tempestades, incêndios florestais e outros impactos.

<sup>62</sup> Aliança conhecida como QUAD, o quadrilátero formado por Japão, Austrália, Índia e Estados Unidos

<sup>63</sup> [China calls for reset in Sino-US relations with Biden administration, East Asia News & Top Stories - The Straits Times](#)

O golpe militar de 1º de fevereiro, em Myanmar<sup>64</sup> deixou de ser um assunto doméstico e se tornou um grande problema e risco na região da Ásia Pacífico. A tomada militar do poder é um ataque direto à transição do país para a democracia e o Estado de Direito.

Alegando fraude nas eleições, os militares tomaram os poderes legislativo, executivo e judiciário, com a detenção da líder e conselheira do estado, Aung San Suu Kyi<sup>65</sup>, vencedora do Nobel da Paz em 1991, do presidente do país, Win Myint, e de líderes políticos de Myanmar. Não é a primeira vez que um golpe acontece. O regime é acusado de perseguição brutal dos opositores, estudantes e minorias étnicas e violações dos direitos humanos.

Diante da repercussão internacional<sup>66</sup>, os militares declararam estado de emergência de um ano e prometem novas eleições após esse período. Mas fechou o acesso à internet e suspendeu os voos ao país. Os protestos populares anti golpe vêm crescendo e o exército tem reagido com força letal.

A reação inicial dos países da **ASEAN** foi dividida: **Indonésia, Malásia e Singapura** expressaram preocupações sobre a tomada de poder; **Vietnã** pediu que a situação seja estabilizada; **Filipinas** inicialmente disseram que era um assunto interno, depois pediu restauração completa do status quo em Mianmar; para **Camboja e Tailândia** o golpe é uma questão interna; **Brunei**, atual presidente da ASEAN, pede diálogo, reconciliação e o retorno à normalidade. Embora um dos princípios da ASEAN seja não interferir nas questões internas dos Estados-membros, Indonésia e Malásia iniciaram movimento para reunir parceiros da ASEAN como Índia, Austrália, Japão e Grã-Bretanha, além de Estados Unidos e China para formular uma melhor resposta à turbulência política em Mianmar, considerando que o agrupamento poderia desempenhar um papel construtivo na facilitação do retorno à normalidade e à estabilidade em Myanmar. Os EUA pressionam a China por uma clara condenação ao golpe militar e para desempenhar um papel construtivo em seu vizinho. Pode ser uma oportunidade para China melhorar sua imagem no quesito Direitos Humanos.

Por que essa preocupação com o golpe militar em Myanmar? A democracia está em jogo. A pandemia trouxe à tona muitas fragilidades e problemas que estavam ocultos de baixo do tapete. E, simultaneamente, também foi usada por líderes autoritários para reforçar discursos populistas, protecionistas e antimultilateralistas, para consolidar seu poder político, principalmente na Ásia Pacífico, independente dessas ações contribuírem de fato para as respostas reais à COVID-19. Um estudo recente da Freedom House<sup>67</sup> mostra que a condição da democracia e dos direitos humanos se deteriorou em 80 países desde o início da pandemia. Já havia uma tendência à polarização política, ao populismo e influência dos militares na política. Mas a COVID-19 acelerou essa regressão, o que aumenta risco de conflitos. Especialistas acreditam que é possível reverter esse tendência. Na medida em que as repostas à COVID-19

---

<sup>64</sup> Nação do sudeste asiático com uma população de 53,71 milhões de pessoas, majoritariamente budista, mas tem mais de 100 grupos étnicos; faz fronteira com Índia, Bangladesh, China, Laos e Tailândia e é um dos dez estados membros da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático: Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura e Tailândia, desde 1967; Brunei, a partir de 1984; Vietnã desde 1985; Mianmar e Laos a partir de 1997 e Camboja desde 1999).

<sup>65</sup> Em 2017, Aung San Suu Kyi se tornou uma pessoa controversa ao se aliar com os militares e não impedir a perseguição cruel aos Rohingya que, além das crueldades sofridas, não têm acesso à cidadania: são proibidos de se casar ou de viajar sem a permissão das autoridades e não têm o direito de possuir terra ou propriedade, o que impede o progresso social e econômico dessa etnia. Por essa, Suu Kyi perdeu alguns prêmios: Prêmio Sakharov para a Liberdade de Pensamento(1990) - retirado em 2020; Prémio Liberdade de Edimburgo (2005) - prêmio retirado em 2018;

<sup>66</sup> [ONU preocupada com relatos de uso de força contra manifestantes em Mianmar | ONU News](#)

<sup>67</sup> [Freedom in the World 2020: A Leaderless Struggle for Democracy \(freedomhouse.org\)](#)

ficaram aquém - sanitária e economicamente – os movimentos e as manifestações populares devem crescer.

A crise também desperta novamente o alerta para a situação dos refugiados das etnias perseguidas, principalmente para a minorias como os shan e os kokang (origem chinesa) e os mulçumanos Rohingya. Estes últimos, quase 3 milhões, são vítimas de múltiplas discriminações; expatriados<sup>68</sup>, fugiram da perseguição para países, como Bangladesh, Malásia, Indonésia, Arábia Saudita e Paquistão.

### **Entraves para segurança e paz no Oriente Médio**

#### **Irã**

Momento decisivo para a Diplomacia quando o assunto é Irã e seu programa nuclear – ou melhor, e seu descumprimento do acordo nuclear assinado em 2015, entre o país persa e o chamado Grupo 5 + 1 (Estados Unidos, França, Alemanha, Reino Unido, Rússia e China). O Plano de Ação Conjunto Global (JCPOA), assinado em Viena, visa impedir o Irã de se equipar com armas nucleares, em troca de um alívio gradual das sanções internacionais. Acordo esse que o ex-presidente americano, Donald Trump, abandonou em 2018, impondo sanções econômicas impostas, reimpostas ou renomeadas à República Islâmica. Desde então, o Irã tem descumprido os compromissos assumidos em 2015.

Sobre o desafio colocado pelo programa nuclear iraniano, Estados Unidos esteve reunido com França, Alemanha e Reino Unido na Conferência (virtual) de Segurança de Munique para conversar sobre o reengajamento diplomático da América para reviver o acordo com Irã. Especialistas recomendam que as políticas regionais dos EUA para o Irã estejam em alinhamento com aliados como Israel, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos.<sup>69</sup>

O Líder Supremo, aiatolá Ali Khamenei, espera mais do que palavras do líder americano e está prestes a proibir as inspeções pela Agência Internacional de Energia Atômica, da ONU – inspeções que fazem parte do acordo<sup>70</sup>.

Quem dará o primeiro passo? Momento decisivo: Estados Unidos podem abrir caminho para uma transformação sustentada da República Islâmica e sua relação turbulenta com o mundo? Para Suzanne Maloney<sup>71</sup>, “a teocracia revolucionária do Irã evoluiu, mas os aspectos mais problemáticos de sua ideologia e instituições perduram desde 1979” ; para ela o sucesso depende da possibilidade de um Irã que opte pela moderação

#### **Síria**

A Comissão Internacional de Inquérito sobre a Síria, da ONU, divulgou o relatório sobre os 10 anos de crimes de guerra, praticados pelas facções e com ajuda da negligência

---

<sup>68</sup> Uma lei nacional de Myanmar, da década de 1980, especifica que apenas grupos étnicos que podem demonstrar sua presença no território antes de 1823 podem obter a nacionalidade.

<sup>69</sup> <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2021/02/19/biden-says-he-will-listen-to-experts-here-is-what-scholars-of-the-middle-east-think/>

<sup>70</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2021/02/17/lider-supremo-do-ira-exige-acao-de-biden-para-retomar-acordo-nuclear.htm>

<sup>71</sup> Vice-presidente e diretora do programa de Política Externa do *Brookings Institution* e especialista na política dos EUA em relação ao Irã e ao Oriente Médio. Autora do livro *Irã reconsiderado: o acordo nuclear e a busca por uma nova moderação*, que examina se o Irã pode de fato estar no caminho da moderação (<https://www.brookings.edu/book/iran-reconsidered/>).

internacional. O relatório aponta que vários atos podem ser considerados crimes contra a humanidade e de guerra, incluindo genocídio (ataques contra civis, assassinatos sistemáticos, tortura, estupro e desaparecimento forçado).

O documento relata ações do governo sírio e do Estado Islâmico (EI ou ISIS). Falando à Rádio ONU, em Genebra<sup>72</sup>, o presidente do painel, o brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro, falou sobre as ações do grupo extremista Estado Islâmico, na Síria, as quais considerou exemplos das consequências do extremismo de grupos armados.

O ISIS opera no Iraque e na Síria com enormes recursos financeiros, com imenso potencial bélico e com requinte de terror (decapitações, crucificação, amputações de membros), negação total dos direitos de mulheres e de meninas que são proibidas de irem à escola.

Para Pinheiro, o conflito na Síria atingiu uma etapa extremamente preocupante. O fracasso em pôr um fim à crise na Síria deu força ao crescimento do grupo Estado Islâmico, cuja brutalidade ameaça tomar conta do Oriente Médio. O ISIS é uma força em expansão com adeptos em todo o mundo – os grupos de ódio são alvo fácil dos aliciadores. Para a Comissão de Inquérito, a guerra na Síria ameaça a paz e a segurança em todo o mundo.

Segundo o relatório, a pior catástrofe humanitária do mundo já fez cerca de 11,5 milhões de deslocados. Cerca de 5 milhões de sírios estão refugiados (distribuídos principalmente na Turquia, Jordânia, Líbano, Egito e Irã) e 10,8 milhões de pessoas precisam de assistência humanitária urgente no país. Ainda segundo a ONU, o número de mortos passou de 191 mil.

#### **Cenário da Covid-19:**

Apesar das novas cepas serem mais contagiosas, a pandemia vem reduzindo o ritmo em todo o mundo, embora alguns países da Ásia Pacífico ainda apresentem índice de mortalidade alto, segundo relatório semanal da OMS<sup>73</sup>.

No entanto a redução de casos e mortes não é homogêneo. Das seis regiões examinadas pela OMS, uma apresentou alto índice de novos casos: o Mediterrâneo Oriental, que engloba países do Oriente Médio e Norte da África.

O mundo registrou (22/02) 111.633.620 milhões de casos registrados e 2.471.494 óbitos.<sup>74</sup>

---

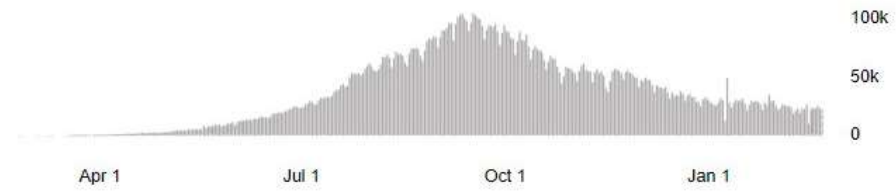
<sup>72</sup> [ONU alerta que guerra na Síria ameaça paz e segurança mundiais | ONU News](#)

<sup>73</sup> <https://covid19.who.int/>

<sup>74</sup> [COVID-19 Map - Johns Hopkins Coronavirus Resource Center \(jhu.edu\)](#)

## Sudeste da Ásia

**13.368.276**  
casos confirmados



Fonte: Organização Mundial de Saúde 22/02

## Mediterrâneo oriental

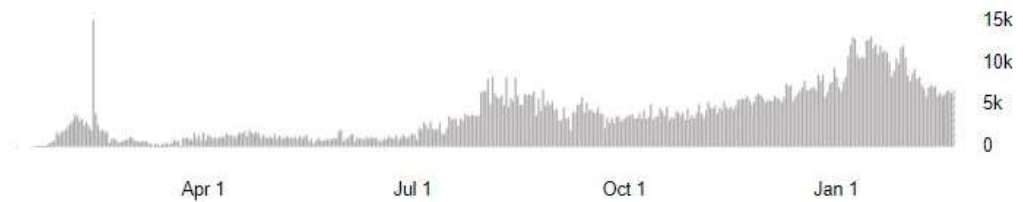
**6.208.063**  
casos confirmados



Fonte: Organização Mundial de Saúde 22/02

## Pacífico Ocidental

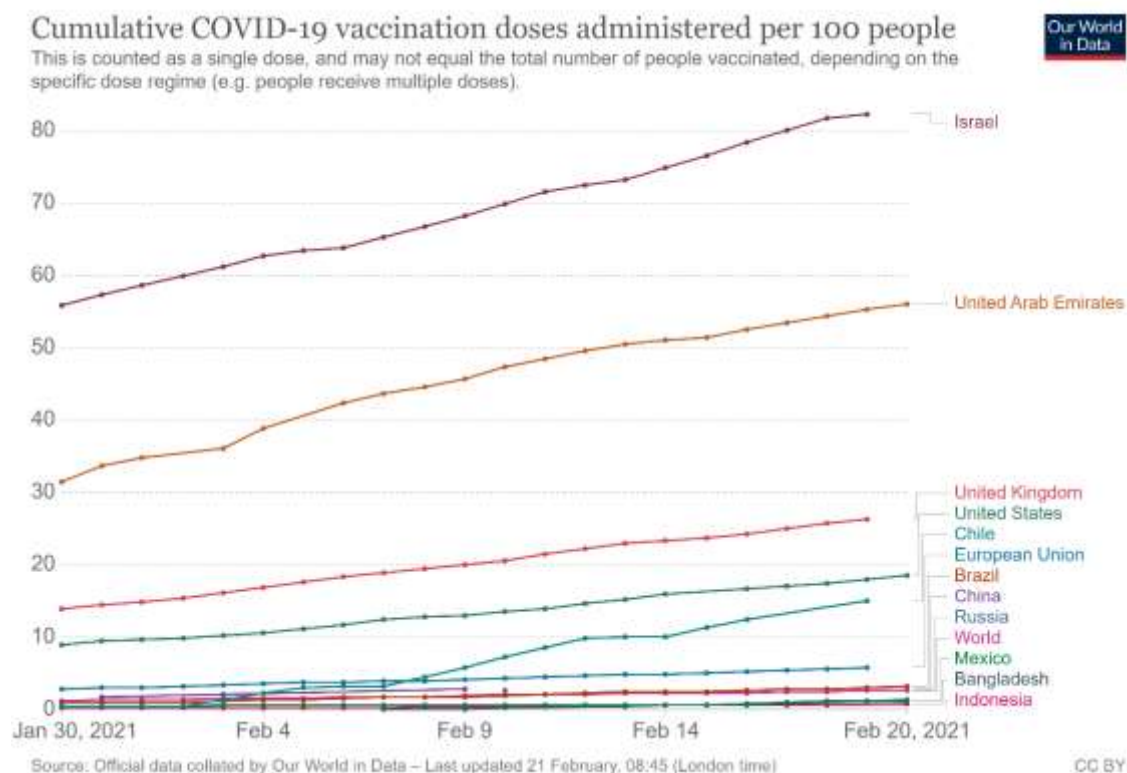
**1.583.091**  
casos confirmados



Fonte: Organização Mundial de Saúde 22/02



## Vacinação



Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/covid-vaccinations), dados de 20 de fevereiro – os dados são atualizados diariamente

Laboratório produtor	Plataforma tecnológica	Países- vacina registrada e sendo aplicada
1- Pfizer/BioNTech	mRNA	EUA, RU, Canada, Arabia Saudita, Bahrain, México, Argentina
2- Moderna	mRNA	EUA, Canada, Israel, Suíça, Reino Unido, Comunidade Europeia
3- Aztrazeneca/Oxford	Adenovirus – chimpaze Não replicativo	RU, Brasil, Paquistão, Argentina, Rep. Dominicana, El Salvador, Índia, México, Marroco
4- Gamaleya - Sputnik	Adenovirus humanos 2 vírus tipos 5 e 26	Rússia, Algeria, Argentina, Bolívia, Hungria, Palestina, Paraguai, Sérvia, Turcomenistão, EAU, Venezuela, Belarus
5- CanSino Biologicals	Adenovirus não replicat	Autorizado uso militar na em Junho 2020
6- Res Inst Biol Safety Problems – Kazaquistão	Virus inativados	Uso emergencial em Kazaquistão– Set 2020
7- Wuhan Inst Biol Prod	Virus inativados	Uso emergencial China Agosto 2020; UEA Set 2020
8- SinoVac/IB/BioFarma	Virus inativados	Uso emergencial China Agosto 2020; no Brasil Jan 2021
9- Beijing Inst Biol Prod	Virus Inativados	China, Bahrain, Paquistão, EAU
10- Bharat Biotec	Virus inativados	Uso emergencial na Índia

## Vacinas no mundo.

Fonte: slide do Dr. Akira Homma, Conselheiro Sênior de Biomanguinhos, Fiocruz, apresentado no seminário “Vacina e Vacinados: Desafios da Equidade – da Série Seminários Avançados CRIS em Saúde Global e Diplomacia da Saúde, em 18 de fevereiro (<https://www.youtube.com/watch?v=R8rhybaRyS0&feature=youtu.be>)

## Em destaque: Índia e Israel

Por meio da iniciativa *Vaccine Maitri* (que significa amizade por vacina), a **Índia** doou mais de 6,27 milhões de doses de vacinas COVID-19 a mais de 13 países, incluindo os vizinhos Bangladesh, Afeganistão, Butão, Mianmar e países como Omã, Barbados e El Salvador<sup>75</sup>. Também exportou comercialmente 10,5 milhões de doses de vacinas para 8 países.

O Primeiro-Ministro, Narendra Modi, sugeriu a criação de uma plataforma regional para preparação e emergências médicas com seus 10 países vizinhos para compilar e estudar dados sobre a eficácia de vacinas Covid-19 e uma rede para promover epidemiologia assistida por tecnologia para prevenir futuras pandemias. propôs ainda a criação de um de visto especial para médicos e enfermeiras para permitir viagens rápidas durante emergências de saúde, ambulâncias aéreas coordenadas, uma plataforma regional

**Israel** se tornou exemplo mundial no combate à pandemia, seja pela rapidez em adquirir vacinas, seja pelo desempenho e na distribuição das vacinas usando a logística do exército e o sistema digitalizado de saúde. Além de uma forte campanha publicitária sobre as vacinas e seus benefícios e uso da TV e rádios com médicos e especialistas para responder às dúvidas da população. Os bons resultados já são vistos na redução dos novos casos e na redução da hospitalização. Quase 95% dos idosos já foram imunizados com a 2ª dose da vacina. O governo enviou doses de vacina para a Faixa de Gaza e região de Jerusalém (Cisjordânia), locais de assentamentos de palestinos, através da Autoridade Nacional Palestina (ANP)<sup>76</sup>, após apelos da ONU e organizações de ajuda humanitária.

Independentemente dos resultados, o país segue com as fronteiras fechadas, restrições rigorosas e recomendação do uso de máscaras. Os bairros ortodoxos seguem sendo os mais afetados, pois não respeitam o distanciamento e ignoram o uso de máscaras.

O Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu agiu rápido, mas claro que seu forte empenho em ter toda a população vacinada rapidamente visa as eleições em 23 de março – a quarta em dois anos.

**Rússia** registrou sua 3ª vacina a CoviVac, que se somam às Sputnik V e EpiVac Corona.

---

<sup>75</sup> <https://healthpolicy-watch.news/india-pandemic-platform/>

<sup>76</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2021/02/17/israel-autoriza-envio-das-primeiras-vacinas-contr-a-covid-19-a-gaza.htm?cmpid=copiaecola>

## PEREGRINO DA PAZ NO IRAQUE EM UMA VISITA CARREGADA DE SIMBOLISMO

Informe 3 de 2021 – 24 de fevereiro a 9 de março

Simbólico. Histórico. Esperançoso. Em meio ao caos político, diplomático, climático e sanitário que o mundo vive, o Peregrino da Paz chegou ao **Iraque** em uma visita carregada de simbolismo<sup>77</sup>. Viajando pela primeira vez ao país mais afetado pelo terrorismo do Estado Islâmico (EI ou ISIS), o **Papa Francisco** foi recebido pelo PM Mustafah Al Kadhemi. Foram quatro dias e várias cidades, incluindo um encontro inter-religioso na planície de Ur (antiga Mesopotâmia), terra de Abraão, patriarca das três grandes religiões monoteístas: judeus, cristão e muçulmanos.

Na agenda, encontros com comunidades religiosas, líderes políticos e com o **Ayatolá Ali Sistani**, umas das figuras mais importantes do islamismo xiita, dentro e fora do Iraque<sup>78</sup> e um grande defensor das minorias. Em seu primeiro discurso clamou pela coexistência pacífica dos vários grupos étnicos e religiosos. “Calem-se as armas!(...) A diversidade religiosa, cultural e étnica, que caracterizou a sociedade iraquiana por milênios<sup>79</sup> é um recurso precioso, não um obstáculo.”<sup>80</sup>



Encontro único na cidade sagrada de Najaf, meta de peregrinação dos xiitas, no sul do Iraque, de dois homens sábios e experientes: Ayatolá Ali al-Sistani (90 anos) e Papa Francisco (84 anos) Fonte: Vaticano News/AFP/Estadão<sup>81</sup>

<sup>77</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56309301.amp?s=08>

<sup>78</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2021/03/05/o-grande-aiatola-ali-sistani-a-bussola-do-iraque-em-todos-os-sentidos.htm>

<sup>79</sup> O território do atual Iraque foi o berço da civilização suméria (a civilização mais antiga do mundo) por volta de 4 000 a.C. Foi ali que a humanidade começou a ler, escrever, criar leis e viver em cidades sob um governo organizado nomeadamente *Uruque*, a partir do qual o Iraque foi derivado. A área tem sido o lar de sucessivas civilizações contínuas há milênios. Em diferentes períodos da sua história, o Iraque era o centro dos impérios Acádio, Sumério, Assírio e Babilônico. Mais sobre a história antiga e atual do Iraque em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iraque>

<sup>80</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2021/03/05/papa-critica-interesses-externos-em-1-discurso-no-iraque.htm>

<sup>81</sup> <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,papa-francisco-tem-encontro-historico-com-aiatola-ali-al-sistani-no-iraque,70003638409>

O encontro entre os dois líderes religiosos confirmou a mensagem para coexistência pacífica entre islâmicos e cristãos. Ponderado e moderador, o Ayatolá conquistou o respeito dos xiitas, curdos e, principalmente, dos sunitas e sempre pediu que respeitassem os cristãos e suas igrejas. Sistani se opõe à teoria *Wilayat Faqih* do Ayatolá iraniano Ruhollah Khomeini, segundo a qual a religião prevalece sobre a política.

O Papa Francisco é o primeiro pontífice a visitar o país – a violência e insegurança sempre foi um impedimento. E por pouco que a viagem não foi cancelada, não só por conta da piora da pandemia. Às vésperas da missão, EUA bombardearam, sem aprovação do Congresso, milícias pró-Irã, na Síria, próximo à fronteira com Iraque, em resposta aos recentes ataques de foguetes contra tropas norte-americanas no Iraque. Para o Primeiro-Ministro iraquiano, a manutenção da agenda deve ser vista com admiração e respeito.

Não é a primeira vez que Francisco visita países predominantemente muçumanos. Ele já esteve na Turquia, Azerbaijão, Jordânia, Emirados Árabes, Bangladesh, Egito e territórios palestinos para pedir diálogo inter-religioso. Também tem priorizado viagens a países onde os cristãos são minorias, como Tailândia, Japão, Coreia do Sul.

**Situação do Iraque** - Desde a guerra Iraque-Irã (1990) – que contou com apoio dos EUA – e Guerra do Golfo Iraque-Kuwait (1991) - quando foi derrotado pela coalizão de países liderada pelos EUA - o país não conseguiu se recuperar economicamente e politicamente. A retirada das tropas americanas antes de um acordo de paz mais definitivo em 2011 – ainda havia muita corrupção e muita tensão sectária -, e o início da guerra civil na Síria, também em 2011, favoreceu o fortalecimento do Estado Islâmico do Iraque e do Levante – hoje só Estado Islâmico (ou ISIS) – um dos grupos terroristas mais violentos, surgidos em 2003, logo após a invasão do Iraque pelos EUA, para acabar com o regime Saddam Hussein. Uma parte das tropas americanas, ainda permanece no país, numa tentativa de frear o ISIS.

## MUDANÇAS CLIMÁTICAS X ECONOMIA BASEADA EM CARVÃO

As promessas dos governos em reduzir a intensidade de carbono serão as mais difíceis de cumprir. Para redução do carbono é preciso mais investimento em novas tecnologias e/ou inovações. Mas, mais que isso, alguns países têm a economia baseada na produção e exportação de peças e equipamentos para a indústria do carvão e que utilizam a tecnologia baseada em carvão.

No final de outubro de 2020, o presidente **Coreia do Sul**, Moon Jae-In, anunciou que seu país se tornaria "neutro em carbono" em 2050. Sua promessa veio dois dias após uma promessa semelhante do Japão, um mês após uma da China e um ano depois um da União Europeia. Isso não será fácil. Coreia do Sul é o terceiro maior exportador mundial de tecnologia para construir usinas termelétricas a carvão em economias emergentes. “A alma de Seul está no carvão.”

O mesmo acontece com grande parte do mundo. Por exemplo, a estratégia chinesa “Belt and Road” – Nova Rota da Seda – está voltada para investimentos em infraestruturas de transportes e de produção de energia, nos países em desenvolvimento, baseadas no carvão.

A questão é como as nações totalmente e rapidamente industrializadas deveriam recuar do carvão e buscar tecnologias mais limpas, incluindo fontes renováveis, como energia solar e eólica - não apenas em casa, mas a nível global.

As nações em desenvolvimento são aquelas onde a demanda de energia e, portanto, as emissões de carbono estão crescendo mais rapidamente. Portanto, será preciso pensar cooperativamente para tentar mudar/viabilizar o desenvolvimento das economias emergentes

para baixo carbono, com repercussões econômicas, ambientais e geopolíticas tanto para elas quanto para os países cujas indústrias os abastecem.

Um recuo do financiamento da tecnologia do carvão nas economias emergentes, se feito de forma inteligente, não precisa alterar o equilíbrio de poder global nem desencadear o desemprego em massa.

Quais potências industrializadas ganhariam e perderiam com o declínio do carvão e o aumento das energias renováveis? Hora de os governos agirem de forma mais estratégica, fazendo um balanço realista de seus pontos fortes nacionais na transição energética e, em seguida, estruturando suas políticas - de pesquisa e desenvolvimento à manufatura e implantação.

**China** anunciou seus primeiros passos concretos para cumprir suas promessas climáticas. Menos ambiciosas que os especialistas esperavam: prometeu reduzir a intensidade de carbono em 18% em relação aos níveis de 2020 até 2025, e o consumo de energia em 13,5%. As metas fazem parte do novo Plano Quinquenal da China - plano de desenvolvimento de 2021 a 2025 – Visão para 2035 - durante a reunião anual do legislativo, o Congresso Nacional Popular (NPC).<sup>82</sup> Pequim também estabeleceu uma meta para aumentar a participação de combustíveis não fósseis em seu mix de energia para 20%, acima de cerca de 15% atualmente. Apesar de ser menos arrojado, o plano apresenta ênfase na criação de empregos e na transição para indústrias mais verdes por exemplo: como encontrar e criar empregos para os trabalhadores que se deslocam de indústrias antigas para energia renovável

A China é o maior emissor mundial de gases de efeito estufa e o principal consumidor de carvão. Deve eliminar gradualmente todas as usinas convencionais a carvão sem tecnologia de captura de carbono até 2040-2045 se quiser alcançar sua ambição de se tornar neutra em carbono até 2060.<sup>83</sup> Os passos centrais no curto prazo, a partir do próximo ano, incluem desativação de fornos industriais e caldeiras a carvão em pequena escala e o fim do uso de carvão no aquecimento e na culinária rural. O último passo no caminho para a neutralidade de carbono seria a eliminação do carvão em setores industriais como o aço, onde a descarbonização é a mais desafiadora, segundo pesquisadores.

#### **China – 14º Congresso Nacional Popular**

##### Números para o período 2021 a 2025:

1. Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB): - Mais de 6%
2. Empregos: - 11 milhões de novos empregos urbanos; Taxa de desemprego urbano pesquisada em torno de 5,5%
3. Crescimento do Índice de Preços ao Consumidor (IPC): - Cerca de 3%
4. Meta de déficit orçamentário: - 3,2% do PIB
5. Gastos com defesa: - 1,36 trilhão de yuans (US\$ 280 bilhões), um aumento de 6,8%

---

<sup>82</sup> [Beijing's five-year climate targets underwhelming, say experts, East Asia News & Top Stories - The Straits Times](#)

<sup>83</sup> [China should shut coal plants by 2040-2045 to meet CO2 neutrality goal: Researchers, East Asia News & Top Stories - The Straits Times](#)

6. Gastos com pesquisa e desenvolvimento: - Aumento de mais de 7% ao ano, nos próximos cinco anos

7. Clima: - Reduzir a intensidade de energia (proporção que mede a quantidade de energia usada para impulsionar o crescimento econômico) em cerca de 3%, em 2021 ; - Reduzir a intensidade de energia em 13,5% e a intensidade de carbono (razão que mede o quanto de carbono é emitido no crescimento da economia - em 18% no período 2021-2025

#### Acordos comerciais:

1. Acelerar as negociações sobre um acordo de livre comércio com o Japão e a Coreia do Sul;

2. Promover a assinatura de um tratado de investimento entre a China e a União Europeia;

3. Pressionar pela rápida implementação da Parceria Econômica Abrangente Regional (RCEP – maior acordo comercial do mundo assinado em novembro, envolvendo 15 países)<sup>84</sup>

4. Considerar positivamente a adesão ao Acordo Abrangente e Progressivo para a Parceria Trans-Pacífico (CPTPP)

#### **CHINA X ESTADOS UNIDOS**

Como ensinam os budistas: seguir pelo caminho do meio é o melhor caminho. Moderação, em vez de extremos. Esse deve ter sido o pensamento do porta porta-voz do NPC (Congresso Nacional Popular), Zhang Yesui, quando falou em coletiva de imprensa via videoconferência, antes da sessão de abertura do Congresso Nacional do Povo, em Pequim: China deve esperar pelo melhor, preparar-se para o pior de Joe Biden.<sup>85</sup>

China e Estados Unidos podem coexistir como grandes potências globais, mas devem aprender a respeitar um ao outro e não trilhar o caminho errado de confronto e rivalidade, disse o porta-voz do legislativo chinês. Reforçou ainda o que vem sendo dito por diplomatas chineses que os dois países poderiam trabalhar juntos em áreas como das Mudanças Climáticas e na luta contra a pandemia do coronavírus.

---

<sup>84</sup> Cadernos CRIS-Fiocruz: Panorama da Resposta Global à COVID-19 - Informe 22 - Dezembro – 2020, página 38. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/45665>

<sup>85</sup> [China should hope for the best, prepare for the worst from Joe Biden | South China Morning Post \(scmp.com\)](https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3122222/china-should-hope-for-the-best-prepare-for-the-worst-from-joe-biden)



Num mundo utópico<sup>86</sup> - Ilustração: Craig Stephens

Mais do que entender de budismo é preciso entender o pensamento chinês – construído ao longo de mais de 5 mil anos de história. Ao avaliar a melhor forma de trabalhar com a China, os países seriam mais bem servidos por analogias históricas da Ásia do que aquelas tiradas das tradições europeias. Em um artigo de opinião, Daryl Guppy<sup>87</sup>, apresenta “Por que a equipe de política chinesa de Joe Biden deve olhar para a dinastia Tang, não para a história europeia”<sup>88</sup>. Para ele, o presidente americano corre o risco de repetir os erros de seu antecessor, Donald Trump, porque o mal-entendido sobre a situação da China continua semelhante.

### **Agravamento da crise em Myanmar – um beco sem saída?**

A repressão pelos militares aos manifestantes em Myanmar<sup>89</sup> continua letal, com muitas mortes de civis e prisão de mais de 1.700 pessoas.

O Conselho de Segurança da ONU esteve reunido a portas fechadas para tentar encontrar uma solução, mas não divulgou declaração conjunta. China, que tem acento permanente no conselho ainda não se posicionou formalmente contra o golpe – o tema direitos humanos é ponto nevrálgico para Pequim, por conta das críticas ideológicas sobre sua atuação contra a minoria étnica Uigur.

O Relator da ONU recomenda embargo global sobre armas e sanções econômicas. O G7 (Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e EUA) pediu aos militares que acabem

---

<sup>86</sup> <https://www.scmp.com/comment/opinion/article/3124109/real-us-china-coronavirus-vaccine-race-against-time-not-each-other>

<sup>87</sup> Daryl Guppy, colunista financeiro australiano, analista técnico independente, autor de livros sobre técnicas de negócios; publica na rede CNBC, canal de Negócios (jornal e TV) do sudeste asiático.

<sup>88</sup> [Why Joe Biden’s China policy team should look to the Tang dynasty, not European history | South China Morning Post \(scmp.com\)](#)

<sup>89</sup> Nação do sudeste asiático com uma população de 53,71 milhões de pessoas, majoritariamente budista, mas tem mais de 100 grupos étnicos; faz fronteira com Índia, Bangladesh, China, Laos e Tailândia e é um dos dez estados membros da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático: Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura e Tailândia, desde 1967; Brunei, a partir de 1984; Vietnã desde 1985; Mianmar e Laos a partir de 1997 e Camboja desde 1999).

com o estado de emergência, restaurem o governo democraticamente eleito (novembro de 2020), soltem os detidos e respeitem os direitos humanos. Em paralelo, EUA iniciou processo de revisão das suas relações com país, nas sanções contra militares e empresas associadas a eles. Empresas ligadas aos militares - por exemplo, Myanmar Economic Holdings Limited e Myanmar Economic Corp, com interesses em bancos, gemas, cobre, roupas e telecomunicações - são mais propensas a serem alvos.

No entanto, é consenso que pressão diplomática, condenação política, coalizão internacional e sanções econômicas não reverterão o golpe de estado aplicado pelos militares do Tatmadaw – como são conhecidos – no dia 1º de fevereiro. As sanções punirão o povo, não os militares. Assim como também é consenso que as nações ocidentais têm pouca influência.

Sanções nunca conseguiram persuadir os militares. A alta liderança enriqueceu com a pilhagem de recursos naturais, especialmente de jade e extração de madeira; os lucros das minas de carvão e usinas de urânio, borracha e concreto são canalizados por meio de holdings controladas pelo Tatmadaw. Mas a fonte de riqueza maior vem do norte do país, zona de produção de cristais de metanfetaminas que valem bilhões de dólares no mercado de narcóticos.

Austrália e Índia mantêm laços estreitos com os militares. O país de Gandhi enviou 1,5 milhões de doses de vacina para aprofundar os laços. Austrália mantém até agora cooperação com o Tatmadaw para treinamento de oficiais em gestão de desastres e direitos humanos. Direitos humanos? Houve uma falha aí. Vários generais de Myanmar, incluindo o comandante chefe Min Aung Hlaing e duas divisões inteiras do exército, já estão sob sanções desde 2016 sobre abusos de direitos humanos, no estado de Rakhine, contra os minoria étnica Rohingya.

Para entender um pouco mais sobre o porquê do golpe ou o que está por trás, sugiro leituras de alguns artigos de opinião do analista independente com mais de 20 anos de experiência trabalhando em Mianmar, David Scott Mathieson.

<https://www.nytimes.com/2021/02/02/opinion/myanmar-coup.html>

<https://www.thenation.com/article/world/myanmar-burma-coup-rohingya/>

E porque tantos manifestantes estão indo às ruas:

<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2021/02/11/the-genie-will-not-return-to-the-bottle-understanding-the-pro-democracy-protests-in-myanmar/>

A Geração Z indo às ruas:

[https://static.straitstimes.com.sg/s3fs-public/attachments/2021/02/28/asian\\_insider\\_mar\\_2021\\_lowres.pdf](https://static.straitstimes.com.sg/s3fs-public/attachments/2021/02/28/asian_insider_mar_2021_lowres.pdf)

Muitos policiais militares e seus familiares chegam à fronteira da Índia pedindo asilo – motivo? Não querem atirar nos cidadãos.

## **CENÁRIO DA COVID-19:**

Novas infecções em todo o mundo. O vírus continua vencendo essa batalha – com ajuda da população, diga-se de passagem – com grande contribuição das fake News e dos negociacionistas. Neste 5 de março, o mundo atingiu 115.904.109 milhões de casos registrados e 2.575.798 óbitos.<sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> [COVID-19 Map - Johns Hopkins Coronavirus Resource Center \(jhu.edu\)](https://www.jhu.edu/COVID-19-Map)

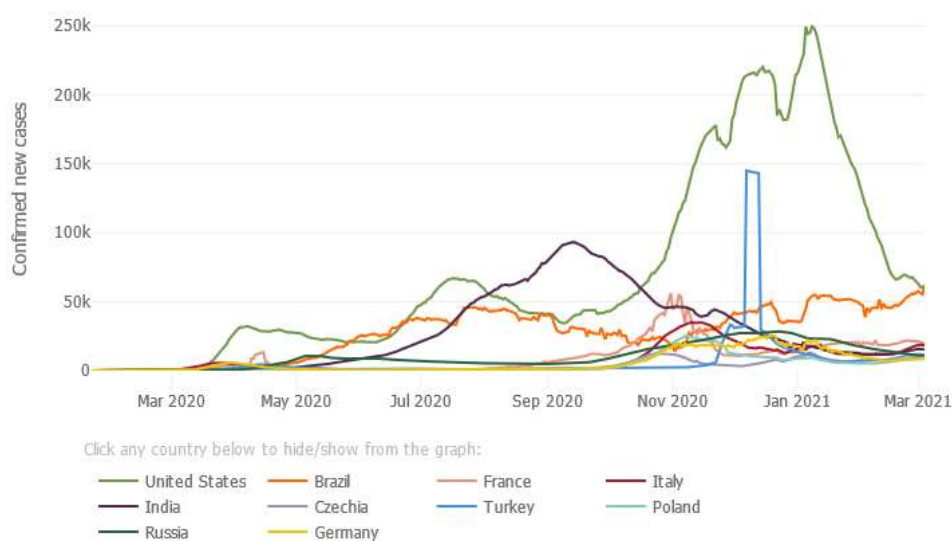


A OMS alertou que esse aumento se deu em todas as regiões. E que as novas cepas já se espalharam por vários países: A variante do coronavírus inicialmente identificada no Reino Unido foi relatada em 43 dos 53 países da região europeia, enquanto a variante da África do Sul foi encontrada em 26. A variante identificada no Brasil e no Japão foi descoberta em 15 países europeus<sup>91</sup>. São necessários mais testagem, rastreamento e quarentena. E sequenciamento genômico.

E alguns países voltam a decretar fechamento e prorrogar estado de emergência para evitar sobrecarga nos sistemas de saúde. Japão é um exemplo: Tóquio e mais três cidades vizinhas seguem em emergência até 21 de março, para desafogar os hospitais.<sup>92</sup>

Após mais de um ano de pandemia, o que se vê é que não houve investimentos em melhorias/ampliação nos sistemas de saúde na maioria dos países. O número de fevereiro da Revista *Nature Immunology* [Coping with COVID \(nature.com\)](https://www.nature.com/articles/s41590-021-00888-1) dá início a uma série com relatos de especialistas que descrevem como a COVID-19 impactou seus países. Neste primeiro número, relatos de Índia, Turquia, Nova Zelândia e Vietnã

Mesmo países que já avançaram em seu programa de vacinação – que segue lento em todo o mundo – estão mantendo as medidas básicas de saúde, como distanciamento social e exigência de uso de máscaras, como Israel e Emirados Árabes, por exemplo.

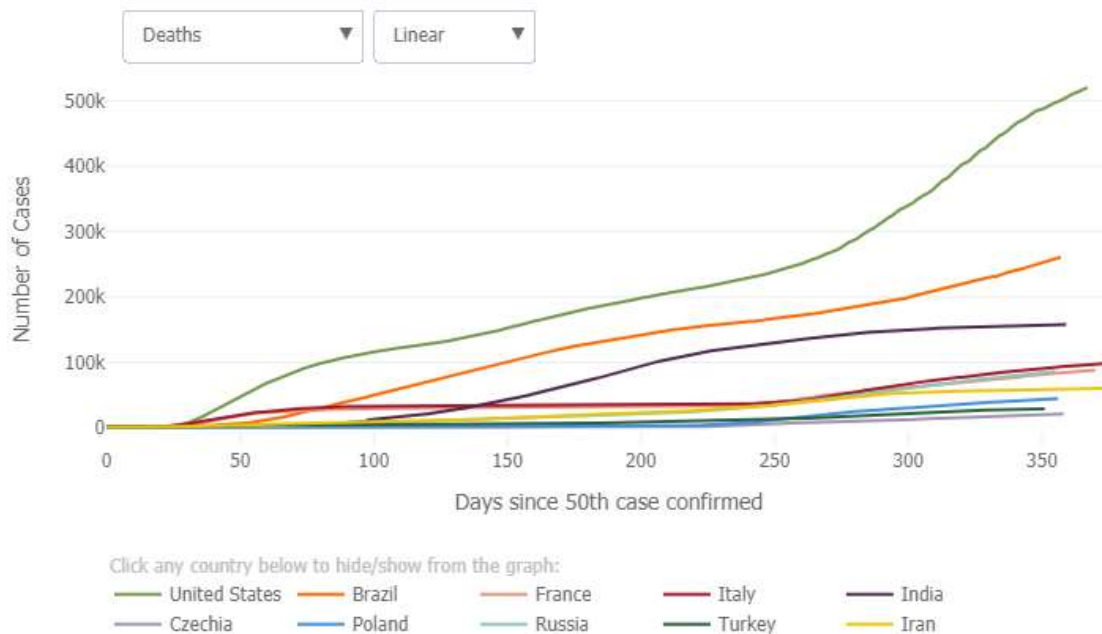


Evolução dos casos confirmados – Índia, Rússia e Turquia entre os 10

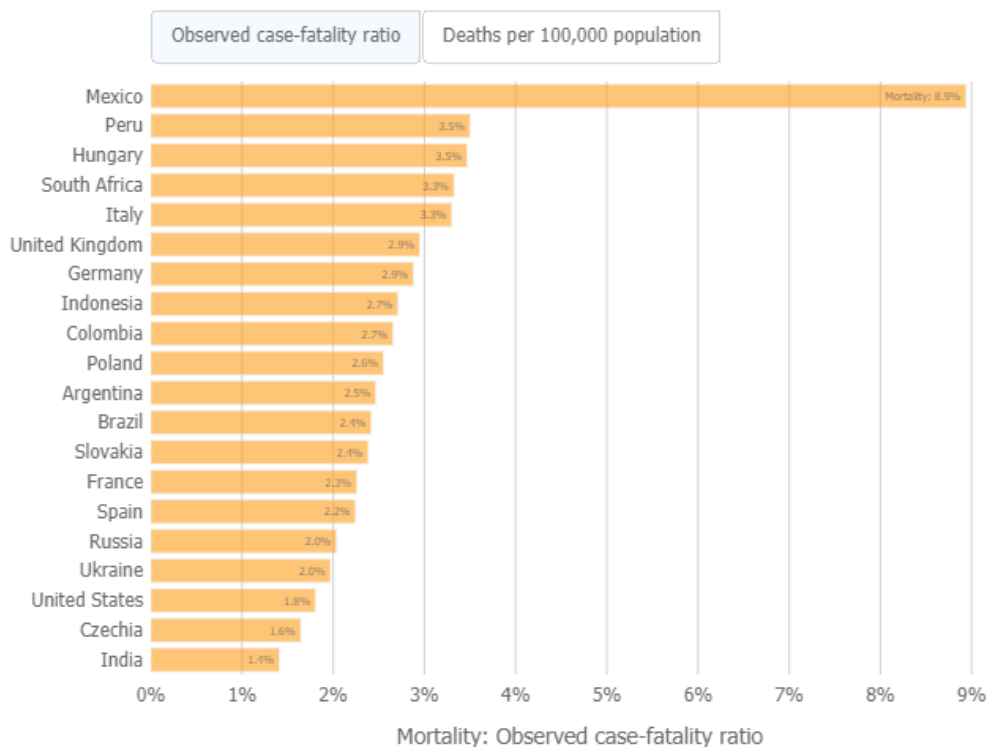
Fonte: [COVID-19 Map - Johns Hopkins Coronavirus Resource Center \(jhu.edu\)](https://www.jhu.edu/covid19/map/)

<sup>91</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/03/05/europa-enfrenta-aumento-de-casos-de-covid-em-meio-a-vacinacao-lenta.htm?cmpid=copiaecola>

<sup>92</sup> No Japão, há falta de profissionais de saúde desde o início da pandemia.



Países com mais óbitos em números absolutos – Índia, Rússia, Turquia e Irã  
 Fonte: [COVID-19 Map - Johns Hopkins Coronavirus Resource Center \(jhu.edu\)](https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality)



Taxa de mortalidade<sup>93</sup> - Indonésia, Rússia e Índia entre os 20  
 Fonte: <https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality>

<sup>93</sup> A taxa de mortalidade reflete um conjunto de fatores daquela comunidade: idade da população, comorbidades e cargas de doenças, capacidades dos sistemas de saúde, entre outros.

## Novo alerta para aumento de casamento de infantil

Mais uma consequência da pandemia COVID-19, a UNICEF emite um novo alerta para o aumento de **casamentos de meninas** em todo o mundo, principalmente no sul da Ásia e países da África<sup>94</sup> <sup>95</sup>. O fechamento de escolas, deterioração econômica, interrupção dos serviços públicos, morte dos pais e trabalho interrompido dos agentes de organizações que atuavam para mudar essa realidade podem significar um retrocesso nos avanços conquistados na última década.

Segundo a UNICEF e a ong *Girls Not Brides*, cerca de 650 milhões de meninas e meninos se casaram com menos de 18 anos em todo o mundo: Índia, Bangladesh, Paquistão, Nepal, Hong Kong, Yemen, Congo, Níger, Nigéria, Etiópia e Brasil. Cultura, tradição, minorias étnicas, religião, desigualdade de gênero, pobreza, insegurança são fatores que contribuem para essa prática e diferem entre as regiões e comunidades, mas em geral, as meninas são vistas como um fardo financeiro (Marques, L. 2020, pág. 275)<sup>96</sup>.

## Diplomacia da vacina e escassez do bem mais precioso

As grandes farmacêuticas AstraZeneca, Pfizer/BioNTech e Moderna não estão dando conta de entregar as vacinas prometidas. E os países que sediam as fábricas, começam a segurar a exportação das doses, como já foi o caso da Índia e agora da Itália, que reteve 250 mil doses de vacina que seriam enviadas para Austrália.

O cenário pode ficar mais preocupante porque começam a faltar suprimentos e matéria prima para as fábricas – frascos, vidros, plásticos, rolhas, lacres, etc que são usados no processo de produção das vacinas. O alerta veio da Índia e isso afeta diretamente o Brasil e as aquisições extras de doses de vacinas feitas pela Fiocruz.

O CEO do Instituto Serum da Índia, Adar Poonawalla, demonstrou preocupação com a possibilidade de uma escassez de materiais essenciais para o processo de produção das vacinas no painel do Banco Mundial. O diretor do instituto indiano falou que o mundo precisa "discutir melhor" este tema. O alerta se deu após o governo Biden anunciar planos de aplicar a Lei de Produção de Defesa para garantir os suprimentos necessários na produção da vacina da Pfizer para distribuição local. Esta ação faria com que os Estados Unidos parassem de exportar matérias-primas necessárias para a fabricação de imunizantes em outros lugares do mundo<sup>97</sup>

China e Índia, os dois países mais populosos do mundo, são fabricantes de vacinas próprias e das vacinas da Oxford/AstraZeneca, no entanto, só vacinaram uma pequena parte de sua população até agora pois priorizaram a diplomacia da vacina.

---

<sup>94</sup> [In South Asia, coronavirus and poverty are forcing girls as young as 8 into marriage | South China Morning Post \(scmp.com\)](https://www.scmp.com/news/asia/south-asia/article-2021-03-07-pandemic-forcing-girls-into-marriage)

<sup>95</sup> <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/07/pandemia-pode-levar-10-milhoes-de-meninas-a-se-casar-alerta-unicef.ghtml>  
[Resources to help during COVID-19: Impact on girls in South Asia - Girls Not Brides](#)

<sup>96</sup> MARQUES, L. A Covid-19 na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio: fragilidades reveladas, tensões exacerbadas e reposicionamento de aliados estratégicos. In: BUSS, P.M., and FONSECA, L.E. eds. Diplomacia da saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19 Fiocruz; Editora FIOCRUZ, 2020, pp. 263-280. Informação para ação na Covid-19 series. <https://doi.org/10.7476/9786557080290.0018>.

<sup>97</sup> <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/03/04/instituto-serum-mostra-preocupacao-com-escassez-de-materiais-para-vacinas.htm?cmpid=copiaecola>

Ambos os países estão exportando vacinas, na forma de doações e acordos comerciais. Cada qual tem seus motivos: China tenta ganhar pontos diplomáticos e abrir portas para futuros negócios tanto na Ásia, quanto na África, na América Latina e Europa Central (Bolívia, Zimbábue, Guiné-Equatorial, Iraque, Paquistão, Camboja, Laos, Brunei, Polônia). Índia também quer aprofundar laços e ganhar boa vontade com os vizinhos contra o domínio político e econômico da China na região (Bangladesh, Nepal, Sri Lanka, Butão, Myanmar). Já foram distribuídas 90 milhões de doses da vacina da AstraZeneca para 51 países<sup>98</sup>, segundo CEO do instituto indiano. Mas agora, diante da mudança de cenário de falta de insumos e doses insuficientes de vacinas, os dois países vão focar em acelerar a vacinação de sua população.

### **Emirados Árabes planeja fabricar localmente a vacina chinesa Sinopharm<sup>99</sup>**

Longe de ser um receptor passivo, os Emirados Árabes Unidos planejam fabricar e distribuir vacinas como um hub regional, ampliando sua própria diplomacia vacinal e fortalecendo sua influência geopolítica regional. O impulso da vacina também beneficia seus planos econômicos – aumento da capacidade produtiva local- e turísticos.

Desde 2016, os esforços dos Emirados Árabes Unidos para diversificar sua economia além do comércio de petróleo têm se concentrado na manufatura local, o que resolveria o desemprego entre a parcela mais jovem e bem-educada de sua população também. A manufatura também é uma oportunidade para facilitar as transferências de tecnologia da China que se alinharão com as estratégias industriais e visão econômica de cada emirado.

### **Vacinação**

Com uma população de cerca de 7.7 bilhões de pessoas, segundo OMS<sup>100</sup>, até agora foram aplicadas 249.160.873 milhões de doses de vacinas em todo o mundo – esses números estão incompletos, pois nem todos os países disponibilizaram para OMS dados sobre doses aplicadas.

---

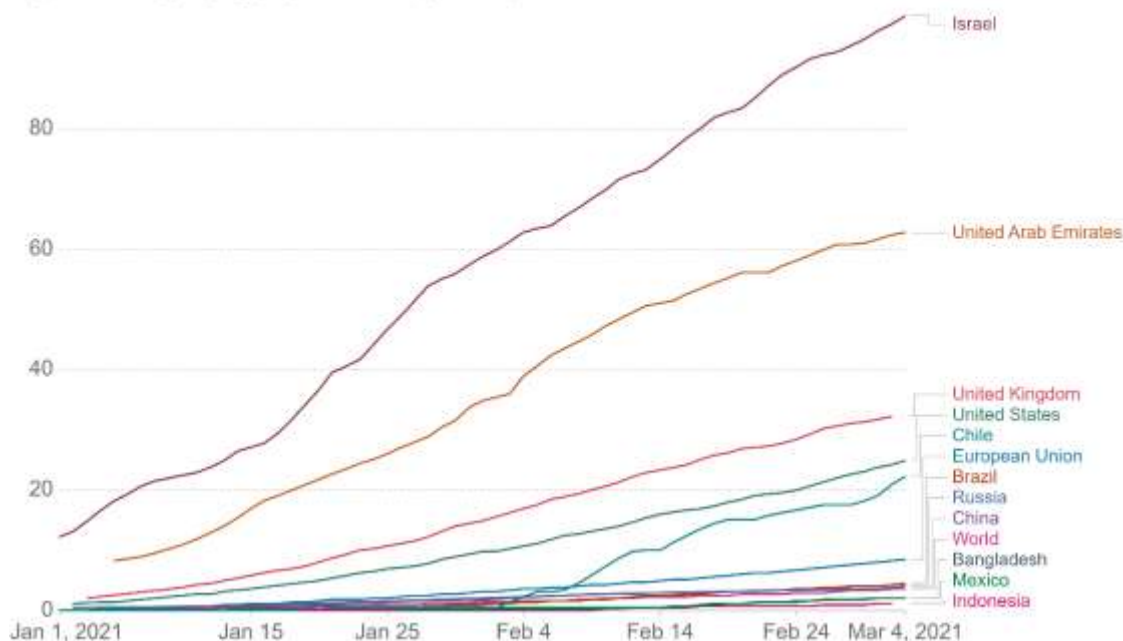
<sup>98</sup> <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/03/04/instituto-serum-mostra-preocupacao-com-escassez-de-materiais-para-vacinas.htm>

<sup>99</sup> <https://www.scmp.com/comment/opinion/article/3123969/uae-chinas-vaccine-diplomacy-stepping-stone-its-own-geopolitical>

<sup>100</sup> <https://covid19.who.int/>

### Cumulative COVID-19 vaccination doses administered per 100 people

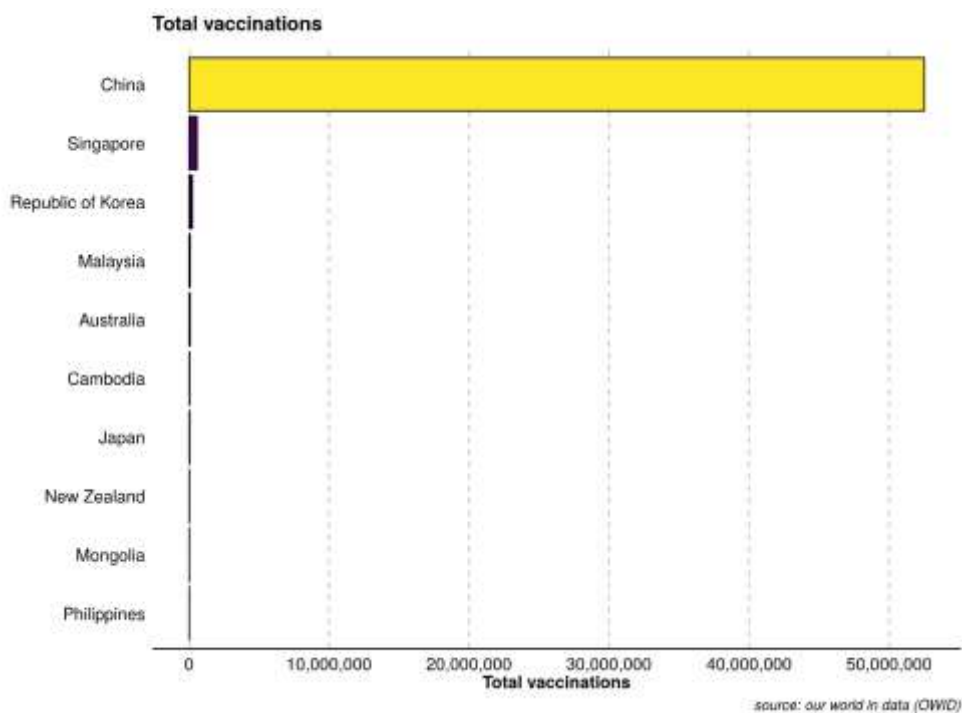
This is counted as a single dose, and may not equal the total number of people vaccinated, depending on the specific dose regime (e.g. people receive multiple doses).



Source: Official data collated by Our World in Data – Last updated 5 March, 09:41 (London time)

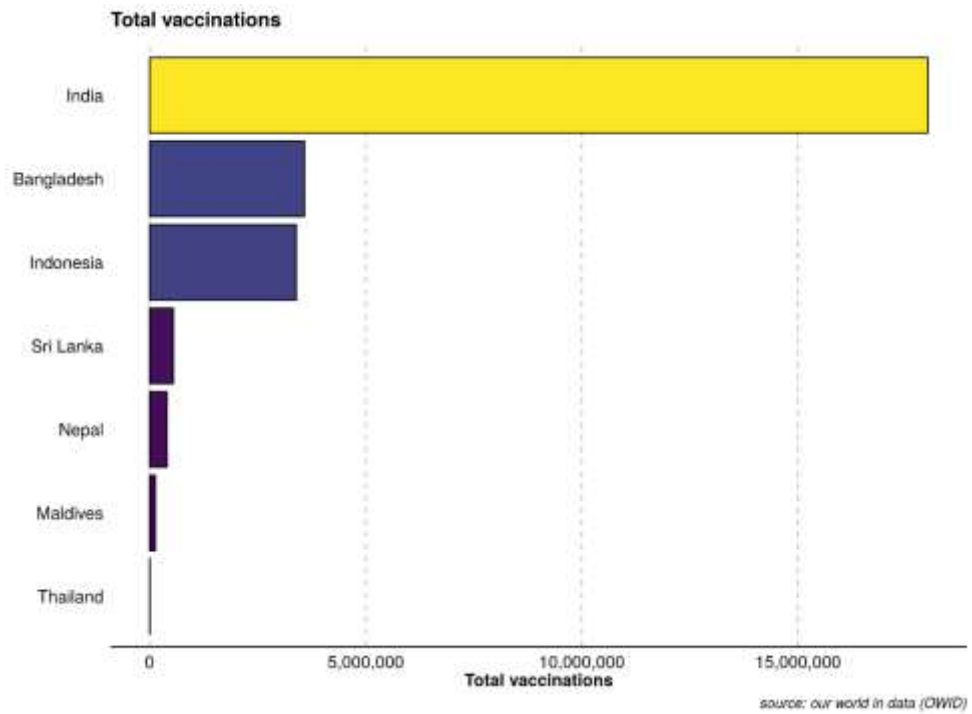
CC BY

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/covid-vaccinations), dados de 4 de março – os dados são atualizados diariamente

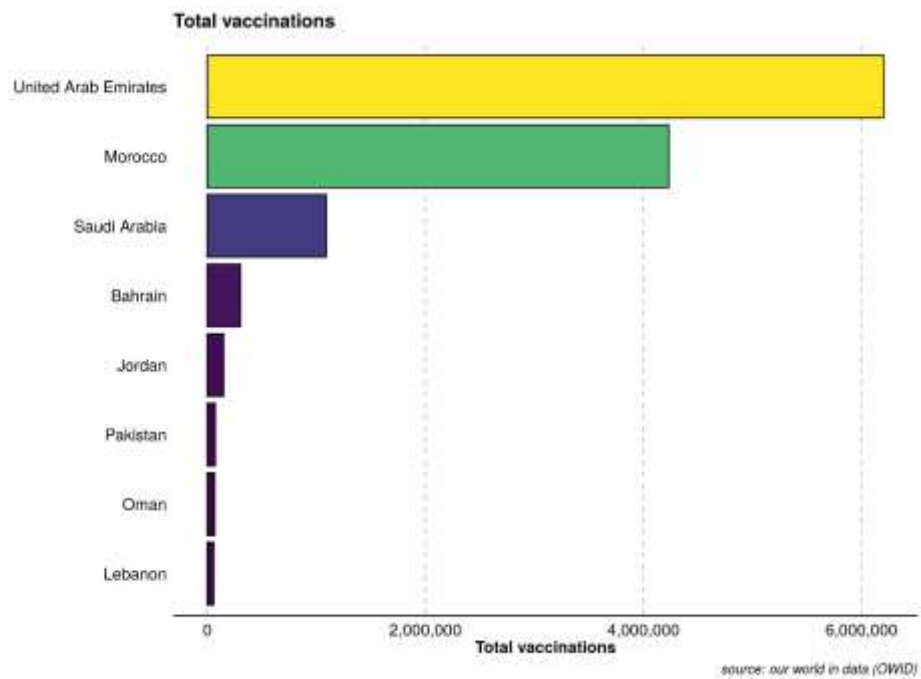


source: our world in data (OWID)

Fonte: Organização Mundial de Saúde <https://covid19.who.int/>



Fonte: Organização Mundial de Saúde <https://covid19.who.int/>



Fonte: Organização Mundial de Saúde <https://covid19.who.int/>

## RELAÇÕES EUA E CHINA - TENSÕES SENDO TESTADAS E REALINHAMENTO DE ALIADOS

Informe 4 de 2021 – 10 a 23 de março

Se havia alguma dúvida que a Ásia e o Indo-Pacífico eram a principal prioridade de política externa do governo Joe Biden, ela deixou de existir a partir da agitada agenda diplomática das últimas duas semanas. Os movimentos do presidente americano, Joe Biden, para demonstrar força, poder e capacidade de liderança contra a China, única rival geopolítica realmente capaz de ameaçar a posição dos EUA no topo da ordem global, já apresenta consequências como o realinhamento de aliados. Mas, também, irritam antigos rivais, como Rússia e Coreia do Norte; provocam um eterno rival, o Irã; e põem em situação delicada países da região Indo-Pacífico que, mais uma vez, se veem pressionados a optar qual lado escolher.

O Primeiro-Ministro de Singapura, Lee Hsien Loong, em entrevista à BBC<sup>101</sup>, disse: “Não será possível para Singapura escolher entre os Estados Unidos e a China, dado os extensos laços que a República tem com ambas as superpotências”. Falou que muitos países estão em situação semelhante se forem pressionados a escolher. Para o PM, os EUA e a China precisarão coexistir na Ásia ou então eles – e a região – estarão em um momento difícil. “Os EUA ainda são o número 1, mas o número 2 não está tão atrás. Isso é o que é difícil para os EUA aceitar”, acrescentou.

Nos últimos dois anos e, principalmente, nos meses finais de seu governo, o ex-presidente, Donald Trump, pressionou fortemente os países da Ásia Pacífico, retomando a estratégia FOIP – Free Open Indo Pacific<sup>102</sup> - (Indo Pacífico Livre e Aberto) e revitalizando o QUAD – Diálogo de Segurança Quadrilateral, formado por EUA, Austrália, Índia e Japão, a fim de confrontar a China militar e diplomaticamente no Mar do Sul da China. Criado em 2007, essa espécie de OTAN Asiática estava abandonada e foi revitalizada por Trump para “garantir paz, estabilidade e prosperidade” no nordeste da Ásia e no Indo-Pacífico. Na ocasião, ambos os movimentos foram vistos pelos países da Ásia Pacífico e pela ASEAN como confrontação à China, o que poderia levar a uma instabilidade regional.

Sob a gestão Biden, o QUAD<sup>103</sup> ganha novas características, menos militares (embora bilateralmente a oferta do apoio militar americano se mantém forte) e mais diplomática, econômica e tecnologicamente estratégicas. Mas ainda assim, vista com cautela. Os vizinhos da China não são cegos às desvantagens de ficar do lado de um ou do outro, especialmente quando o comércio e os investimentos chineses são tão importantes. Eles conhecem os perigos e as consequências negativas do agravamento dos laços e dos conflitos entre as duas maiores economias do mundo

Em paralelo, a administração Biden está procurando fortalecer ainda mais sua parceria estratégica com a ASEAN – Associação das Nações Sul-Asiáticas<sup>104</sup> - por meio da expansão da cooperação em uma série de áreas mutuamente benéficas, incluindo a abordagem dos desafios colocados pela pandemia COVID-19. Os Estados Unidos confirmaram esse compromisso na 12ª Reunião do Comitê de Cooperação Misto do ASEAN-EU (JCC)<sup>105</sup>, realizada virtualmente em 17 de março, enquanto seus secretários de Estado e Defesa visitavam Japão, Coreia e Índia. Ao discutir as áreas prioritárias de cooperação, a ASEAN e os EUA concordaram em aprofundar ainda mais a colaboração nas áreas de comércio e investimento; desenvolvimento do capital

<sup>101</sup> [Not possible for S'pore, many nations, to choose between US and China: PM, Politics News & Top Stories - The Straits Times](#)

<sup>102</sup> [A Free and Open Indo-Pacific: Advancing a Shared Vision - United States Department of State](#)

<sup>103</sup> Entendendo o Quad, por Tanvi Madan <https://warontherocks.com/2017/11/rise-fall-rebirth-quad/>

<sup>104</sup> Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar; Singapura; Tailândia; Vietnam.

<sup>105</sup> <https://asean.org/asean-united-states-advance-strategic-partnership/>

humano; saúde pública; meio ambiente e mudanças climáticas; inovação e economia digital; desenvolvimento sustentável, entre outros. Os EUA também expressaram sua disposição de participar ativamente e contribuir para a paz, estabilidade e prosperidade regionais por meio de mecanismos regionais liderados pela ASEAN.

### **Relações EUA e China - tensões sendo testadas e realinhamento de aliados**

Testando uma política de “morde e assopra”, os EUA de Biden adotam dois possíveis caminhos para lidar com a China. Um caminho mais de confronto e sanções em áreas nevrálgicas, como os direitos humanos, e um outro caminho para trabalharem juntos em áreas de interesse comum, como mudanças climáticas, Irã e Coreia do Norte<sup>106</sup>. O caminho de meio continua sendo a melhor abordagem, segundo conselheiros e analistas de ambos os lados. As diferenças são profundas e algumas dessas divergências podem ser permanentes e inegociáveis, como as questões em Xinjiang, Tibete, Hong Kong e Taiwan, além das questões do Mar Meridional da China. Wang Huiyao<sup>107</sup>, fundador do Centro para a China e Globalização, um think tank não governamental com sede em Pequim, escreveu que a cooperação poderia ser em governança global da Saúde e no alívio da dívida dos países mais pobres; as duas potências também poderiam cooperar para estabelecer um fundo global para apoiar a recuperação pós-pandemia nos países em desenvolvimento.

Se o tom é menos agressivo que seu antecessor (Donald Trump), a rivalidade se mantém no mesmo nível. Às vésperas do tão esperado encontro entre chanceleres americanos e chineses, no Alaska, os Estados Unidos aplicaram sanções a 24 autoridades chinesas pela repressão aos movimentos democráticos de Hong Kong.

Na semana seguinte, a União Europeia impôs sanções a autoridades chinesas na segunda-feira (22 de março) por abusos de direitos humanos em Xinjiang. O movimento foi seguido pelos EUA, Grã-Bretanha e Canadá. Os governos ocidentais tentam responsabilizar Pequim pelas detenções em massa de uigures muçulmanos no noroeste da China, onde os EUA dizem que a China está cometendo genocídio. Pequim nega todas as acusações de abuso. O movimento coordenado já é fruto de um esforço diplomático do governo Biden para confrontar a China, em aliança com aliados. As sanções foram saudadas pela Austrália e Nova Zelândia. Os Estados Unidos estão procurando fortalecer os laços com os principais aliados à medida que a China adota uma abordagem de política externa cada vez mais assertiva na região do Indo-Pacífico e em outros lugares do mundo.

Pequim respondeu imediatamente com medidas punitivas contra a UE que pareciam ser mais amplas, incluindo legisladores europeus, diplomatas, institutos e famílias, que ficam proibidos de negociar com a China.

China fez mais. Se uniu à Rússia em uma resposta conjunta à ofensiva promovida pelo governo americano. Em um encontro presencial na China, os chanceleres dos dois países pediram uma reunião dos membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas —além de chineses e russos, fazem parte do conselho como membros permanentes EUA, Reino Unido e França. "Em um momento de crescente turbulência de política global, a reunião é particularmente necessária para estabelecer diálogo direto sobre como resolver os problemas comuns da humanidade", afirmaram Wang Yi e Serguei Lavrov, em comunicado. "Nós notamos a natureza destrutiva das intenções dos EUA, baseadas nas alianças político-militares da Guerra

---

<sup>106</sup> <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3126224/china-and-us-urged-work-together-fight-against-climate-change>

<sup>107</sup> <http://wanghuiyao.com/en/archives/785>



Fria e em novas alianças fechadas no mesmo espírito, para minar a arquitetura legal internacional centrada na ONU", afirmou Lavrov.<sup>108</sup>

## **Movimentos dos EUA para enfrentamento à China**

### **QUAD - cúpula de líderes e visita dos secretários americanos à Ásia Sudeste**

A programação do enfrentamento à China começou com uma cúpula (virtual) de 90 minutos de líderes do QUAD (12/03) - Joe Biden (**EUA**), Narendra Modi (**Índia**), Yoshihide Suga (**Japão**) e Scott Morrison (**Austrália**).

Eles assumiram compromisso de aumentar o fornecimento da vacinas Covid-19 para a Ásia Pacífico. Também concordaram em criar uma cadeia de compras para reduzir o monopólio da China sobre minérios raros, que são essenciais para as indústrias de alta tecnologia, desde telefones, celulares, a radares, etc. A China atualmente controla mais de 60 por cento do mercado de minérios raros. O grupo também assegurou maior cooperação em tecnologia, notadamente o 5G, que opõe a chinesa Huawei a fabricantes ocidentais, e de criação de alternativas às cadeias produtivas dependentes da China. Mudanças climáticas também entrou na pauta, uma vez que os EUA estão organizando uma cúpula (virtual) sobre o tema para o próximo dia 22 de abril.

A cúpula foi seguida de visita dos Secretários de Estado, Antony Blinken, e de Defesa, Lloyd Austin, americanos aos aliados **Japão, Índia e Coreia do Sul** – que não faz parte do Quad, mas é um dos entrepostos militares mais importantes dos Estados Unidos no exterior. As questões em pauta foram desde a liberdade de navegação nos mares do Sul e Leste da China e segurança da cadeia de suprimentos de semicondutores até a questão nuclear da Coreia do Norte e um golpe militar em Mianmar<sup>109</sup>. Com o Japão, aliado mais antigo dos EUA, houve uma declaração conjunta 2 + 2 -<sup>110</sup>. Na Coreia do Sul<sup>111</sup>, foram discutidas questões de importância bilateral e global, uma aliança para promover a paz e a prosperidade no Indo-pacífico e, principalmente uma cooperação trilateral EUA-Japão-Coreia em áreas como: segurança sanitária, mudanças climáticas, energia renovável, segurança cibernética, cooperação na sub-região do Mekong<sup>112</sup> e, claro, ASEAN.

### **Encontro China e Estados Unidos**

Depois da visita à Coreia do Sul, os secretários americanos cumpriram agendas separadas. Austin viajou para Índia para encontrar seu homólogo; depois, em uma visita surpresa, viajou para o Afeganistão<sup>113</sup>.

---

<sup>108</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/china-e-russia-reagem-a-pressao-de-biden-e-reforcam-alianca-contr-a-os-eua.shtml>

<sup>109</sup> <https://www.straitstimes.com/asia/east-asia/united-states-and-japan-single-out-china-as-threat-vowing-to-push-back-if-necessary>

<sup>110</sup> <https://www.mofa.go.jp/mofaj/files/100161035.pdf>

<sup>111</sup> [Strengthening the Ironclad U.S.-ROK Alliance - United States Department of State](#)

<sup>112</sup> Região da bacia do rio Lancang e do rio Mekong que envolve seis países: China, Mianmar, Laos, Tailândia, Camboja e Vietnã – com exceção da China, todos são membros da ASEAN.

<sup>113</sup> A viagem aconteceu semanas antes da retirada das últimas tropas americanas do país, com base no acordo alcançado com o [Talibã](#) no ano passado. Austin conversou com o presidente afegão, Ashraf Ghani, menos de uma semana depois que seu chefe de Estado, Joe Biden, considerou difícil retirar todas as tropas dentro do prazo combinado, em 1º de maio. O Pentágono ordenou que a visita fosse informada apenas após a partida de Austin do Afeganistão. O governo afegão, por sua vez, deseja que as forças americanas permaneçam no país, pois fornecem cobertura aérea essencial na luta contra os insurgentes.

Antony Blinken seguiu para a cidade de Anchorage, no Alaska, onde encontrou os dois principais diplomatas da China: Yang Jiech, diretor de Relações Internacionais do Gabinete do Partido Comunista Chinês (PCC) e Wang Yi, Ministro Sênior de Relações Internacionais da China, e seu colega o Conselheiro de Segurança Nacional americano, Jake Sullivan.

Sutileza diplomática não fez parte do início das conversações. Houve críticas e acusações de ambos os lados. Já era esperado. Serviu para deixar claro os pontos nevrálgicos, não negociáveis (Xinjing, Hong Kong, Tibet, Taiwan e ciberespaço), com acusações mútuas de coerção econômica (e militar também, no caso dos EUA). Para ambos, as diferenças são profundas e algumas dessas questões podem nunca ser resolvidas de forma adequada.<sup>114</sup>

Acalmados os ânimos, as partes encontraram questões de interesse comum para explorar a possibilidade de trabalhar juntos<sup>115</sup>. A mudança climática foi considerada uma dessas áreas, enquanto o Irã, a Coreia do Norte e o Afeganistão também foram mencionados. Segue aqui o link com a transcrição da reunião <https://asia.nikkei.com/Politics/International-relations/US-China-tensions/How-it-happened-Transcript-of-the-US-China-opening-remarks-in-Alaska>. Também podemos acessar nos links a seguir, as visões [americana](#) e [chinesa](#) do encontro. Ambos saíram com o mesmo entendimento.

Analistas recomendam o abandono da mentalidade da Guerra Fria e também olhar para a necessidade de colocar as relações entre as pessoas de volta aos trilhos. Estudantes, acadêmicos, pesquisadores, cientistas e jornalistas foram afetados pelas políticas de Trump. Essas interações são o alicerce das relações e devem ser retomadas normalmente para buscar combater o sentimento anti-China.<sup>116</sup>

### **Realinhamento de aliados**

Esse movimento americano contribuiu para tradicionais rivais encontrarem uma agenda comum: Japão e Coreia do Sul podem trabalhar em conjunto contra a Coreia do Norte, cada vez mais ameaçadora; China e Rússia que buscam interesses comuns contra Estados Unidos.

### **MUDANÇAS CLIMÁTICAS – Resiliência e mudanças necessárias**

Mudanças são necessárias para lidar com a crise climática e a recuperação do COVID-19, inclusive por meio de mudanças no pensamento sistêmico, sistemas de entrega, intervenções direcionadas e envolvimento com o setor privado.

Promovido pelo Ministério do Meio Ambiente do Japão, em conjunto com a Secretaria da Rede de Adaptação da Ásia-Pacífico (APAN), fornecida pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), o 7º Fórum de Adaptação às Mudanças Climáticas da Ásia-Pacífico<sup>117</sup> se reuniu virtualmente, 8 a 12 de março, sob o tema “Habilitando Resiliência para Todos: A Década Crítica para a Ampliação da Ação”, com participantes compartilhando aprendizados de ações voltadas ao desenvolvimento resiliente ao clima.

---

<sup>114</sup> <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/19/em-primeiro-encontro-diplomatico-entre-eua-e-china-da-era-biden-paises-fazem-acusacoes-e-repreensoes.ghtml>

<sup>115</sup> <https://www.straitstimes.com/world/united-states/us-says-it-has-had-serious-discussions-with-china-despite-theatrics>

<sup>116</sup> <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2021/03/19/around-the-halls-experts-react-to-high-level-meetings-between-american-and-asian-officials/>

<sup>117</sup> <https://enb.iisd.org/events/7th-asia-pacific-climate-change-adaptation-forum>

O encontro envolveu quatro correntes temáticas de resiliência em sessões técnicas paralelas: (i) resiliência inclusiva; (ii) resiliência baseada na natureza; (iii) resiliência do setor econômico; e (iv) comunidades e resiliência local.

As principais mensagens foram: resiliência é uma jornada, requer pensamento sistêmico, e pessoas e orçamento devem estar no centro; os processos de planejamento precisam ser verticais e horizontais e levar à integração, e também são uma oportunidade para trabalhar juntos em todos os setores; as mudanças climáticas devem ser integradas no planejamento e orçamento do desenvolvimento, e é necessário mudar de uma abordagem baseada em projetos para uma abordagem programática; o planejamento da adaptação requer ir além dos horizontes de curto prazo, coordenação transversal e empregos verdes; a construção da resiliência das cidades requer abordagens inclusivas e multissetoriais; compreender as raízes da vulnerabilidade é necessário para a resiliência baseada nos direitos humanos, incluindo por que certos grupos são marginalizados; o planejamento de adaptação inclusivo requer dados desagregados por sexo, idade e deficiência; a Adaptação baseada em Ecossistemas (AbE) facilita a coordenação e integração transversais.

Além das recomendações, o Fórum também irá atender às necessidades de capacitação e questões prioritárias na região da Ásia-Pacífico, incluindo ferramentas para resistir e moderar impactos adversos decorrentes da mudança climática; atuar como uma plataforma para discussões para acelerar a ação sobre o conhecimento e programas de adaptação; fazer recomendações de ampliar os esforços atuais de adaptação na região da Ásia-Pacífico e fornecer a base para as contribuições da região para a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática de 2021 (COP 26) em Glasgow, Reino Unido, e a Conferência das Nações Unidas para a Biodiversidade de 2021 (COP 15) em Kunming, China.

#### **AGRAVAMENTO DA CRISE EM MYANMAR – mais refugiados**

A junta militar de Mianmar empilhou mais acusações contra a líder deposta Aung San Suu Kyi, para justificar um golpe de Estado em 1º de fevereiro e garantir que ela fique atrás das grades. Agora a acusação é de violar uma lei anticorrupção, que prevê até 15 anos de prisão. Isso se soma a outras quatro acusações anteriormente apresentadas contra ela.

Enquanto isso, Myanmar está enfrentando um isolamento crescente com serviços de Internet cada vez mais limitados e, agora, seu último jornal privado deixou de publicar. A restrição dos serviços de Internet tem, principalmente o objetivo de evitar que os manifestantes se organizem. A agência de alimentos da ONU alertou esta semana que o aumento dos preços de alimentos e combustíveis poderia minar a capacidade das famílias pobres de se alimentarem.

A repressão pelos militares aos manifestantes em Myanmar continua letal, com muitas mortes de civis e prisões. Esta semana a ditadura militar impôs lei marcial em seis bairros de Yangon, a maior cidade do país. Isso significa que quem for detido nessas áreas receberá julgamento em tribunal militar e poderá pegar até três anos de trabalhos forçados. A violência está levando famílias, inclusive de militares - que desertaram por não concordar com a violência - a fugirem do país. Em meio à crise de refugiados, Índia fecha fronteira com Myanmar<sup>118</sup>. O país já produziu mais de 1 milhão de refugiados, principalmente da etnia Rohingya, considerados pela ONU vítimas de limpeza étnica.

---

<sup>118</sup> <https://www.thehindu.com/news/national/other-states/india-seals-myanmar-border-amid-strains-over-refugee-crisis/article34123590.ece?homepage=true>

**Rohingyas** - Desde agosto de 2017, centenas de milhares dessa minoria islâmica deixaram Myanmar e se refugiaram no país vizinho Bangladesh, fugindo da perseguição de militares e de milícias budistas. Milhares de pessoas foram mortas e milhares de casas queimadas. Há relatos de estupros e outras atrocidades contra os civis. Foram considerados não cidadãos de Myanmar e perderam todos os direitos civis.

Nesta segunda-feira, 22/03, o campo de Balukhali, em Bangladesh, que abriga quase 1 milhão de Rohingya sofreu o terceiro incêndio em quatro dias. As causas ainda não foram determinadas e até o momento do fechamento desse informe havia sido, confirmamos 15 mortos, 560 feridos, 400 pessoas desaparecidas e pelo menos 10.000 abrigos destruídos. São quase 45 mil pessoas que precisaram ser remanejadas pelo governo de Bangladesh.

A porta-voz da Organização Internacional para as Migrações (OIM), Angela Well, prometeu US\$ 1 milhão em ajuda imediata. Outros US\$ 20 milhões serão necessários para suprir as necessidades mais urgentes.

Fonte: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/03/23/interna\\_internacional,1249532/incendio-em-campo-de-refugiados-rohingyas-em-bangladesh-deixa-15-mortos-e-4.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/03/23/interna_internacional,1249532/incendio-em-campo-de-refugiados-rohingyas-em-bangladesh-deixa-15-mortos-e-4.shtml) e <https://www.istoedinheiro.com.br/incendio-em-campo-de-refugiados-rohingyas-em-bangladesh-deixa-15-mortos-e-400-desaparecidos/>

### **Aeronomia<sup>119</sup>, Geofísica, Astronomia, Astrofísica, Engenharia Espacial - cooperação internacional entre agências espaciais russa e brasileira**

Uma cooperação entre as agências Espacial Brasileira (AEB) e Espacial Federal Russa (Roscosmos) possibilitou o lançamento do segundo **nanossatélite brasileiro NanoSatC-Br2**, na madrugada do dia 22 de março, a partir do Cosmódromo de Baikonur, no Kazaquistão, por um foguete russo, o Soyuz, que transportava 38 satélites, entre eles o brasileiro.<sup>120</sup> O primeiro Nanossatélite brasileiro está em órbita desde 2014.

O nanossatélite pesa 1,72 quilos, tem 22 cm de comprimento, 10 cm de largura e 10 cm de profundidade, menor que uma caixa de sapatos. Foi desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na Região Central do Rio Grande do Sul, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

O NanoSatC- Br2 se encontra em órbita baixa terrestre (600 km). Sua principal missão é monitorar a anomalia magnética do Atlântico Sul – fenômeno natural causado pelo desalinhamento do centro magnético da Terra em relação ao centro geográfico, característica que atrapalha a captação de imagens e transmissão de sinais eletromagnéticos numa determinada faixa do céu -, estudar e monitorar em tempo real os distúrbios observados na magnetosfera terrestre, a intensidade do campo geomagnético e a precipitação de partículas energéticas sobre o território brasileiro<sup>121</sup>. Também irá auxiliar no mapeamento de problemas em redes de distribuição de energia, sinais de GPS, falhas de comunicação e em equipamentos eletrônicos, bem como eventuais problemas em outros satélites, além disso servirá de ferramenta de pesquisa para estudantes de engenharia, aeronomia, geofísica e áreas afins.<sup>122</sup>

<sup>119</sup> Ciência que estuda os fenômenos físicos que se produzem na alta atmosfera.

<sup>120</sup> <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/214172-nanossatelite-gaucho-lancado-foguete-russo-cazaquistao.htm>

<sup>121</sup> <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2021/03/apos-adiamento-satelite-brasileiro-nanosatc-br2-e-colocado-em-orbita>

<sup>122</sup> <https://www.oantonista.com/brasil/apos-atraso-nanossatelite-brasileiro-e-lancado-do-cazaquistao/>

A ciência espacial tem sido foco de desenvolvimento tecnológico em várias áreas de engenharias, tecnologias espaciais, ciências da computação e espaciais. **Emirados Árabes** está investido na tecnologia para a indústria espacial – ano passado lançou sua sonda Hope para estudar o planeta Marte – como alternativa para o futuro da economia, como alternativa ao petróleo (Marques, 2020, pág. 270).<sup>123</sup>

### **Eleições em Israel – Impasse**

As eleições parlamentares israelenses resultaram em um impasse virtual pela quarta vez nos últimos dois anos. Até o fechamento deste informe (24/03, 17h) as pesquisas não apontavam um vencedor.

As pesquisas nas três principais estações de TV de Israel indicaram que Netanyahu, atual primeiro-ministro, e seus aliados religiosos e nacionalistas, junto com um grupo de partidos anti Netanyahu, ficaram aquém da maioria parlamentar necessária para formar um novo governo. Isso levantou a possibilidade de uma quinta eleição consecutiva sem precedentes.

A eleição foi vista como um referendo sobre a liderança polarizadora de Netanyahu, e os resultados iniciais mostraram que o país continua profundamente dividido como sempre, com uma série de pequenos partidos sectários dominando o parlamento. Os resultados também sinalizaram uma mudança contínua do eleitorado israelense em direção à direita, que apoia os assentamentos na Cisjordânia e se opõe a concessões nas negociações de paz com os palestinos. Essa tendência foi destacada pela forte exibição de um partido religioso antiárabe ultranacionalista.

Depois de três eleições anteriores inconclusivas, Bibi (Netanyahu) esperava por uma vitória decisiva que lhe permitiria formar um governo com seus aliados nacionalistas de linha dura e ultra ortodoxos tradicionais e buscar imunidade contra acusações de corrupção.

Há que se reconhecer o trabalho realizado por Bibi no combate à COVID-19. Israel é considerado exemplo na vacinação.

### **CENÁRIO DA COVID-19**

Em 22 de março, o mundo atingiu 123.527.951 milhões de casos registrados e 2.719.828 óbitos<sup>124</sup>. O Brasil ultrapassou a Índia em número de casos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. E é o único com curva ascendente de mortes (linha verde). Segundo OMS<sup>125</sup>, até 20 de março de 2021, foram administradas 397.950.709 doses de vacina.

---

<sup>123</sup> MARQUES, L. A Covid-19 na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio: fragilidades reveladas, tensões exacerbadas e reposicionamento de aliados estratégicos. In: BUSS, P.M., and FONSECA, L.E. eds. *Diplomacia da saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19 Fiocruz; Editora FIOCRUZ, 2020, pp. 263-280. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-029-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080290.0018>.

<sup>124</sup> [COVID-19 Map - Johns Hopkins Coronavirus Resource Center \(jhu.edu\)](https://www.jhu.edu/covid19/map)

<sup>125</sup> [WHO Coronavirus \(COVID-19\) Dashboard | WHO Coronavirus Disease \(COVID-19\) Dashboard](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports)



Fonte: <https://coronavirus.jhu.edu/data/cumulative-cases> , em 23/03

#### INFECTIONS WORLDWIDE

**123.7 million** total  
448,787 last day reported

#### LEADING COUNTRIES

▲ **BRAZIL** 75,417\*  
**UNITED STATES** 56,681  
 ▲ **INDIA** 39,566



#### DEATHS WORLDWIDE

**2,849,973** total  
5,975 last day reported

#### LEADING COUNTRIES

▲ **BRAZIL** 2,306\*  
 ▼ **UNITED STATES** 1,096  
 ▼ **MEXICO** 471



\*Average daily number reported

Fonte: <https://www.reuters.com/>

"Na pandemia, o Brasil optou por outro caminho". Esse comentário veio do chefe do Departamento de Relações Internacionais do Ministério da Saúde de **Israel**, Asher Salmon, após o retorno da missão brasileira a Israel, no início do mês. Salmon defende um envolvimento da máxima liderança de um país para garantir que uma campanha de vacinação contra a covid-19 funcione.<sup>126</sup>

O governo israelense, após um início de hesitação, adotou regras duras de confinamento, exigiu máscaras e fechou as fronteiras do país para turistas. Houve um esforço importante para testar e isolar as pessoas contaminadas, na esperança de quebrar a cadeia de

<sup>126</sup> <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/16/brasil-optou-por-outro-caminho-na-pandemia-diz-representante-de-israel.htm?cmpid=copiaecola>

transmissão. E somente agora, com uma grande parte da população que já tomou a segunda doses de vacina, o governo começa a avaliar se vai liberar o uso de máscaras em lugares públicos abertos.

"A vacinação é um esforço nacional e deve ser planejado e operacionalizado de forma centralizada. E os sistemas de compras devem ser um assunto do governo e mesmo da alta liderança do país", defendeu Salmon, que complementa que as negociações com as empresas farmacêuticas começaram ainda em abril de 2020 e que, no caso da Pfizer, foi necessário o envolvimento do próprio Primeiro Ministro, Netanyahu. Para ele, está claro que uma estratégia de vacinação deve envolver até mesmo a liderança do país na obtenção de vacinas.<sup>127</sup>

### **Nova variante do SARS CoV-2 – Índia**

O Ministério da Índia anunciou que detectou uma nova variante do coronavírus, que ainda não foi catalogado. O país vive um agravamento da pandemia. As autoridades ainda não sabem se há relação com o aumento de casos e a nova descoberta. "Embora uma nova variante tenha sido encontrada na Índia, ela não foi detectada em número suficiente para estabelecer uma relação direta ou explicar o rápido aumento de casos em alguns estados", informou o ministério, de acordo com a agência Reuters<sup>128</sup>.

### **Diplomacia da vacina e estratégia geopolítica**

Diplomacia da vacina será usada como estratégia geopolítica pelo QUAD (EUA, Índia, Japão e Austrália) como tática para confrontação com China. O encontro virtual dos líderes das quatro potências - Joe Biden (EUA), Narendra Modi (Índia), Yoshihide Suga (Japão) e Scott Morrison (Austrália) - resultou, entre muitas decisões conjuntas, na proposta de financiamento para produção de vacinas com tecnologia americana (Janssen e da Novavax) em território indiano, que poderia contar com financiamento do Japão e a logística de distribuição da Austrália.

A proposta veio da Índia e a ideia é fabricar e distribuir mais de 1 bilhão de doses de Vacina para o COVID-19 para os países da região Indo-Pacífico - com um foco particular nos membros da ASEAN. Para Biden, é uma "nova e ambiciosa associação conjunta que vai impulsionar a fabricação de vacinas em benefício do mundo e reforçar a vacinação em todo o Indo-Pacífico"<sup>129</sup>.

A **China** prometeu às nações caribenhas mais ajuda e vacinas para combater o Covid-19, à medida que busca expandir sua influência na região.<sup>130</sup> O presidente Xi Jinping falou com seu homólogo da Guiana, Irfaan Ali, para oferecer apoio – um mês depois que o país sul-americano rescindiu abruptamente um acordo que permitia a Taiwan abrir um escritório comercial após um aviso da China.

---

<sup>127</sup> <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/16/brasil-optou-por-outro-caminho-na-pandemia-diz-representante-de-israel.htm?cmpid=copiaecola>

<sup>128</sup> [https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/24/india-detecta-nova-variante-de-coronavirus-e-tem-alta-no-numero-de-casos.htm?utm\\_source=chrome&utm\\_medium=webalert&utm\\_campaign=internacional&cmpid=copiaecola](https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/24/india-detecta-nova-variante-de-coronavirus-e-tem-alta-no-numero-de-casos.htm?utm_source=chrome&utm_medium=webalert&utm_campaign=internacional&cmpid=copiaecola)

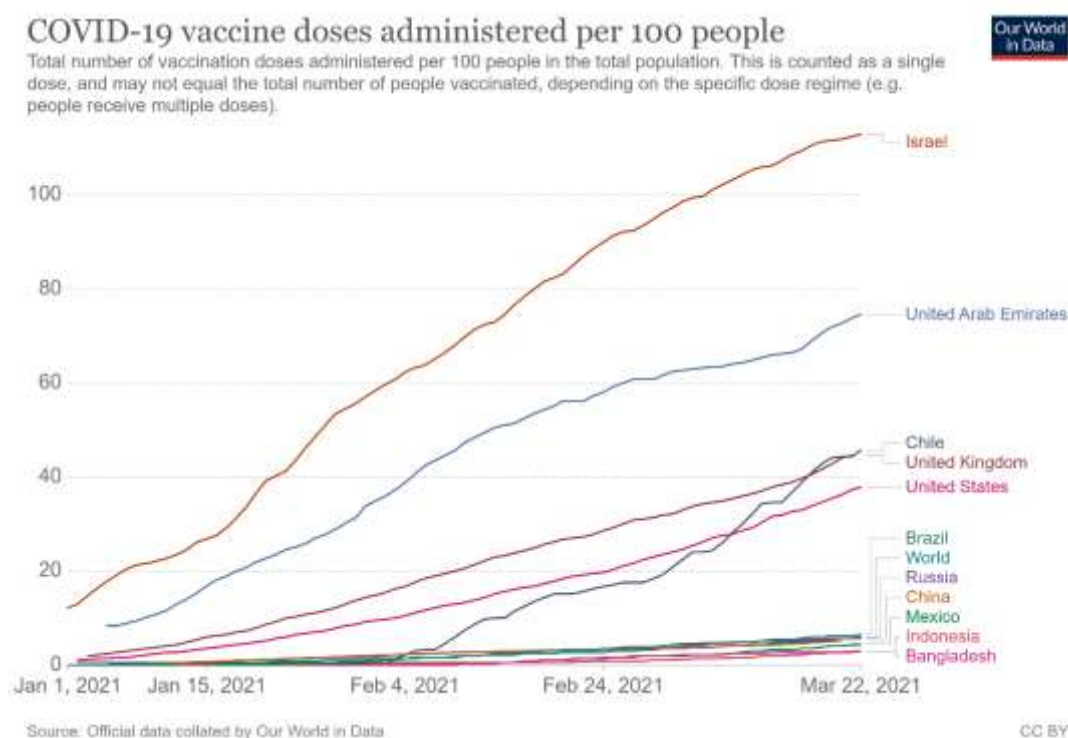
<sup>129</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/diplomacia-da-vacina-e-economia-viram-arma-de-eua-e-aliados-contra-china.shtml>

<sup>130</sup> [Chinese President Xi Jinping offers more vaccine support to Caribbean countries | South China Morning Post \(scmp.com\)](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/diplomacia-da-vacina-e-economia-viram-arma-de-eua-e-aliados-contra-china.shtml)

O Instituto Serum da Índia já comunicou os governos do Brasil, Arábia Saudita e Marrocos sobre possíveis atrasos que novos abastecimentos de vacinas poderão sofrer nas próximas semanas. A informação foi revelada pelo jornal Times of India, que indica que o motivo seria a pressão local para acelerar a vacinação no país.<sup>131</sup>

## Vacinação

A população da Terra é de cerca de 7.7 bilhões de pessoas e a vacinação contra o COVID-19 já acontece em 145 localidades, abrangendo 89% da população mundial, segundo o *Our World in Data*, em 23 de março ([Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](#))



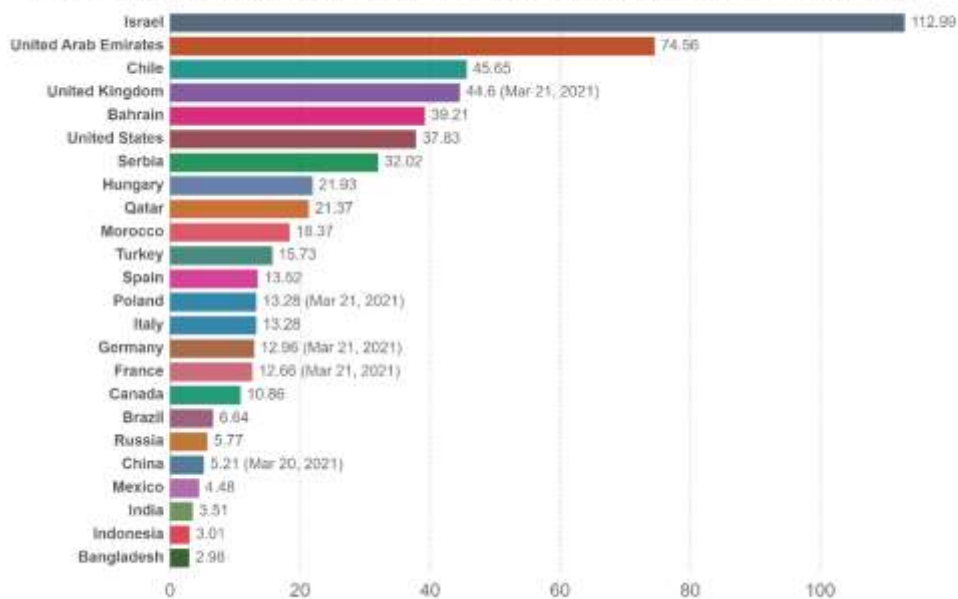
Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](#), dados de 23 de março – os dados são atualizados diariamente

<sup>131</sup> [https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/21/india-sinaliza-que-pode-atrasar-novas-entregas-de-vacina-ao-brasil.htm?utm\\_source=chrome&utm\\_medium=webalert&utm\\_campaign=coluna-jamil-chade&cmpid=copiaecola](https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/21/india-sinaliza-que-pode-atrasar-novas-entregas-de-vacina-ao-brasil.htm?utm_source=chrome&utm_medium=webalert&utm_campaign=coluna-jamil-chade&cmpid=copiaecola)



## COVID-19 vaccine doses administered per 100 people, Mar 22, 2021

Total number of vaccination doses administered per 100 people in the total population. This is counted as a single dose, and may not equal the total number of people vaccinated, depending on the specific dose regime (e.g. people receive multiple doses).



Source: Official data collected by Our World in Data - Last updated 23 March, 08:38 (London time)

OurWorldInData.org/coronavirus • CC BY

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/coronavirus), dados de 23 de março – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

## VACINAÇÃO PARA POPULAÇÃO INVISÍVEL: MIGRANTES ILEGAIS, REFUGIADOS, APÁTRIDAS, DESLOCADOS

Informe 5 de 2021 – 25 de março a 7 de abril

O mundo contabilizou 132.104.106 casos e 2.865.478 mortes, em 06/04. O vírus segue ceifando as vidas humanas. A realidade deixou no chinelo todos os futuros possíveis imaginados sobre uma pandemia. Até porque, mais do que identificar o vírus e uma cura para ele, o mundo precisa lidar e encontrar saídas para os desdobramentos não infecciosos do vírus: fragilidades, desigualdades, aumento da pobreza, extremismos, disputas, egoísmos, retorno à estaca zero em vários setores sociais, etc.

E enquanto buscam por mais vacinas, os países voltam a fechar as atividades não essenciais. No último fim de semana, a Índia viveu um recorde mundial em número de casos em um só dia: 103.558 novas infecções. Os dados alarmantes levaram ao primeiro-ministro, Narendra Modi, a impor novas regras de restrição, com lockdown e toques de recolher nos finais de semana e fechamento de shoppings, bares, restaurantes de templos. Com eleições acontecendo em vários estados indianos, o risco aumenta com pessoas aglomerando em comícios eleitorais.

O estado de Maharashtra, que abriga o centro financeiro Mumbai e contribui com cerca de 15% da produção nacional, suspendeu todos os serviços não essenciais a partir das 20h de segunda-feira (5/4). O estado, que já foi exemplo de controle da pandemia, é o epicentro deste novo surto. A maioria dos especialistas atribui o ressurgimento de infecções a moradores que desrespeitaram as regras de saúde e segurança após a reabertura; autoridades da Saúde não tem números suficientes para dizer se há ligação entre a nova cepa infecciosa do coronavírus e o aumento do número de casos. Mas já se sabe que há alta incidência da variante do Reino Unido no país.

O que se sabe sobre a nova cepa que recebeu o apelido de “duplo mutante”? O sequenciamento genômico dessa variante identificou duas mutações importantes – daí o nome – na proteína que o vírus usa para fazer contato com as células humanas. Ambas facilitam o contato e aumentam a capacidade do vírus de se ligar às células hospedeiras. É preciso sequenciar mais.

Além da nova cepa e da nova onda, as autoridades estão sendo pressionadas para acelerar a vacinação dos muitos trabalhadores das regiões mais densamente povoadas. Essa intensificação de vacinação doméstica terá reflexos na imunização em todo o mundo, que depende das vacinas fabricadas no país de Gandhi. A Índia é um elo crucial na cadeia de fornecimento de vacinas.

### 4ª REVOLUÇÃO INDUSTRIAL – 1ª CÚPULA DE GOVERNANÇA GLOBAL DE TECNOLOGIA<sup>132</sup> - COMO EVITAR DESIGUALDADES?

A pandemia da Covid-19 mostrou a capacidade de uso das novas tecnologias para rastreamento e controle de casos, nos serviços médicos, de pagamentos, no comércio on-line, entre outros. Os esforços para se recuperar da COVID-19 desencadearam um influxo de inovações no trabalho, colaboração, distribuição e prestação de serviços - e mudaram muitos comportamentos. A Inteligência Artificial (IA) e a análise de dados ajudaram Taiwan e China, a prever o risco de infecção. A China usou drones e robôs para minimizar o contato humano. Os

---

<sup>132</sup> [http://www3.weforum.org/docs/WEF %20Global%20Technology Governance Summit Overview 2021.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF%20Global%20Technology%20Governance%20Summit%20Overview%202021.pdf)

**Emirados Árabes Unidos** estão usando *blockchain*<sup>133</sup> para fornecer serviços digitais contínuos aos seus cidadãos, e os Estados Unidos estão usando veículos autônomos para entregar amostras de teste aos laboratórios de processamento.

Ficou claro que, embora essas tecnologias possam ajudar a gerar enormes avanços sociais e valor econômico, também podem ser mal utilizadas. “Nossa capacidade de aproveitar e disseminar as novas tecnologias da Quarta Revolução Industrial (4IR) desempenhará um papel fundamental para garantir nossa recuperação da pandemia e evitar crises futuras. No entanto, se não for direcionado com um propósito, o 4IR tem o potencial de exacerbar a desigualdade.”<sup>134</sup>

O Fórum Econômico Mundial de Davos, que aconteceu em final de janeiro, trouxe esse tema para o debate e foi além: convocou para este início de abril (6 e 7/04) a primeira Cúpula de Governança Global de Tecnologia<sup>135</sup>. Acontecendo virtualmente, com hospedagem pelo Japão, a reunião discutiu a maneira como os governos e outras partes interessadas abordam a governança de tecnologias, que terão papel importante na forma como reconfiguraremos a sociedade, a economia e o ambiente de negócios. Para os debatedores, devemos tomar medidas proativas para garantir que a adoção da tecnologia não aumente o abuso de poder, preconceito, disparidades de riqueza, exclusão e perda de meios de subsistência. A cúpula foi precedida pelo [Relatório de Governança Global de Tecnologia 2021](#).

### **Economia digital na Ásia Pacífico**

O Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB)<sup>136</sup>, com sede em Manila, Filipinas, tem sido muito atuante desde o início da pandemia, não apenas com financiamentos para socorrer países, mas para ações contra a Covid-19. O surto pandêmico interrompeu os dois lados da oferta e da demanda de uma economia mundial interconectada. A Ásia e o Pacífico não ficaram imunes, pois os bloqueios e as restrições de viagens e comércio afetaram quase todos os aspectos da atividade econômica internacional da região. Através do seu Instituto (ABDI)<sup>137</sup> e do blog<sup>138</sup> do banco, vem discutindo ideias para a recuperação da economia, com participação de especialistas de várias áreas de empresas, *Think Tank* e universidades. Tecnologias digitais, tecnologias verdes e [desenvolvimento sustentável](#) estão no topo das discussões, publicações e fóruns organizados pelo ADB.

O [Asian Economic Integration Report 2021](#) examina como as economias regionais, individual ou coletivamente, respondem à crise, por exemplo, alavancando o rápido progresso tecnológico e a digitalização, bem como aumentando o comércio de serviços para se reconectar

---

<sup>133</sup> O termo Blockchain surgiu do encontro do universo da tecnologia com o das finanças e ganhou a atenção do mundo há poucos anos. De forma resumida, blockchain é um sistema que permite rastrear o envio e recebimento de alguns tipos de informação pela internet. São pedaços de código gerados online que carregam informações conectadas – como blocos de dados que formam uma corrente – daí o nome. É esse sistema que permite o funcionamento e transação das chamadas criptomoedas, ou moedas digitais.

<sup>134</sup> <https://www.weforum.org/events/global-technology-governance-summit-2021/about>

<sup>135</sup> <https://www.weforum.org/events/global-technology-governance-summit-2021/programme>

<sup>136</sup> Com 68 membros — dos quais 49 são da Ásia (Sudeste, Central, Pacífico) e do Oriente Médio, é uma instituição financeira que visa uma Ásia próspera, inclusiva, resiliente e sustentável e o Pacífico, enquanto sustenta seus esforços para erradicar a pobreza extrema. Auxilia seus membros e parceiros fornecendo empréstimos, assistência técnica, subvenções e investimentos em ações para promover o desenvolvimento social e econômico [Who We Are | Asian Development Bank \(adb.org\)](#)

<sup>137</sup> [ADB Institute \(ABDI\) | Asian Development Bank](#)

<sup>138</sup> [Homepage | Asian Development Blog \(adb.org\)](#) - O *Asian Development Blog* é um fórum para comentários e insights de alta qualidade da equipe da ADB e outros especialistas em desenvolvimento sobre questões e desafios enfrentados pela Ásia e pelo Pacífico

e se recuperar. O capítulo temático enfoca as **plataformas digitais** e como elas podem acelerar a transformação digital em toda a região.

### **MUDANÇAS CLIMÁTICAS – *Tipping point***

A década 2020 – 2030 está sendo considerada a década da ação para reverter as mudanças climáticas. É chegado o momento crítico do “ponto sem retorno” ou “*tipping point*”.

É também a “Década dos Oceanos”. O oceano tem um grande impacto no clima global e ancora a economia e a segurança alimentar em todo o mundo. O Dia Mundial da Meteorologia, celebrado em 23 de março, foi dedicado ao tema “**O oceano, nosso clima e tempo**” para destacar o início da **Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável**, que visa garantir que a ciência dos oceanos apoie ações nacionais e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

Em mensagem sobre a data, o secretário-geral da ONU, António Guterres<sup>139</sup>, destacou a relação entre o ar e o mar que teve o equilíbrio perturbado pela mudança climática. As mudanças prejudicam os ecossistemas marinhos, reduzindo a capacidade do oceano de sustentar as centenas de milhões de pessoas que dependem dele. Assim como colocam em risco cidades costeiras e nações insulares, ameaçadas pelo aumento do nível do mar, por conta do acelerado derretimento das geleiras e calotas polares.

A pandemia da Covid-19 e o aumento dos desastres climáticos dispararam o alerta da urgência. O tema tem sido discutido em múltiplos fóruns e aparece em programas de recuperação e financiamento para pós-pandemia. Foi tema no Fórum Econômico Mundial<sup>140</sup>.

E vários encontros estão sendo organizados como preparação para cúpula do clima da Organização das Nações Unidas (ONU), COP 26 ,em Glasgow, Reino Unido, prevista para novembro. A mais importante – ou pelo menos a mais esperada - acontecerá este mês, em 22 de abril, Dia da Terra, organizada pelos Estados Unidos: a Cúpula Global do Clima. O evento reunirá 40 convidados – entre eles estão os 17 países responsáveis por 80% das emissões globais e do PIB global - num encontro virtual de dois dias, com transmissão ao vivo, e deve marcar o retorno dos Estados Unidos à linha de frente da luta contra a crise climática. O governo americano deve anunciar sua meta ambiciosa para reduzir as emissões durante a Cúpula. A China prometeu se tornar neutra em carbono até 2060.

Em preparação para a cúpula, o Encarregado Especial para Clima dos EUA, John Kerry, viajou para os Emirados Árabes, Índia e Bangladesh para fortalecer o diálogo para redução da dependência do carvão e retardamento do aquecimento global. Os líderes dos três países estão entre os convidados da Cúpula da Terra que, além de China e Rússia, também inclui Canadá e México, aliados na Europa e na Ásia, além de Israel, Arábia Saudita, Nigéria e África do Sul.

Em Abu Dhabi a conversa envolveu projetos para o Oriente Médio e o norte da África. Os dois países divulgaram a declaração conjunta, na qual falam em cooperar “estritamente para fazer novos investimentos no financiamento da descarbonização na região do Oriente Médio e do Norte da África (MENA) e na comunidade internacional em geral e ajudar os mais

---

<sup>139</sup> <https://news.un.org/pt/story/2021/03/1745262>

<sup>140</sup> [How to Save the Planet > The Davos Agenda | World Economic Forum \(weforum.org\)](#)

vulneráveis a se adaptarem aos efeitos inevitáveis das mudanças climáticas<sup>141</sup>. Movimento que se soma a outras iniciativas regionais, como a iniciativa *Green Middle East*<sup>142</sup> da Arábia Saudita.

A COP 26 será precedida pela COP 15 - A 15ª Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica – que será realizada na China, prevista para segunda quinzena de maio, e tem como objetivo estabelecer novas metas globais para a conservação da biodiversidade. O novo acordo de metas deve substituir as 20 Metas de Aichi<sup>143</sup>, estabelecidas em 2010, por quase 200 países, durante a COP 10, em Aichi, província de Nagoya, no Japão, cujo prazo de validade expirou em 2020. Organizadas em cinco objetivos estratégicos, nenhuma meta foi cumprida – apenas 6 foram cumpridas parcialmente, segundo relatório da ONU<sup>144</sup>.

### Ásia Pacífico e economia verde

A pandemia COVID-19 foi um alerta para reforçar que estamos todos interligados: humanos, animais e natureza. A preservação da natureza e da biodiversidade emergiu como um caminho crítico na transição para o crescimento da economia de forma mais resiliente e sustentável. A Ásia-Pacífico está no centro dessa batalha pelas mudanças climáticas, não apenas em termos de impactos, mas também por trazer soluções para preservar a biodiversidade e enfrentar as mudanças climáticas.

Os países da Ásia Pacífico são altamente dependentes de recursos naturais, como água, pesca, florestas, terras cultiváveis e solos saudáveis, para sustentar seu desenvolvimento socioeconômico. O emprego e a geração de receita do capital natural também são significativos, apoiando milhões de empregos e meios de subsistência. A região corre um risco extremo de anular seus ganhos de desenvolvimento econômico e social devido a desastres naturais e mudanças climáticas ininterruptas e já vinha discutindo o assunto já há alguns anos.<sup>145</sup>

As lideranças sabem que para lidar com as mudanças climáticas é preciso ampla ação política, de finanças, de conhecimento, de tecnologia e, principalmente, de colaboração. A **ASEAN** e o **Banco Asiático de Desenvolvimento** vêm promovendo discussões e articulando iniciativas e parcerias, por exemplo, como o Fundo Nórdico para o Desenvolvimento e o Fundo Verde para o Clima. O acesso às finanças climáticas é fundamental para colocar ações ambiciosas no centro de desenvolvimento e recuperação verde e resiliente

### Especial Singapura – Plano Verde 2030

Com metas ambiciosas, mas concretas, Singapura<sup>146</sup> divulgou o Plano Verde 2030 para avançar na para avançar na agenda nacional sobre o desenvolvimento sustentável. O plano, liderado pelo Ministério da Educação (MOE), Ministério do Desenvolvimento Nacional (MND), Ministério da Sustentabilidade e Meio Ambiente (MSE), Ministério do Comércio e Indústria (MTI) e Ministério dos Transportes (MOT), traça as metas verdes de Singapura para os próximos

---

<sup>141</sup> <https://www.state.gov/joint-statement-the-united-states-and-the-united-arab-emirates-working-together-on-climate-challenge/>

<sup>142</sup> <https://www.arabnews.com/node/1832861/saudi-arabia>

<sup>143</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Metas\\_de\\_Aichi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Metas_de_Aichi)

<sup>144</sup> <https://www.cbd.int/gbo5>

<sup>145</sup> <https://www.adb.org/documents/climate-change-operational-framework-2017-2030>

<sup>146</sup> Singapura é um dos Quatro Tigres Asiáticos (Hong Kong, Coreia do Sul e Taiwan); é membro fundador da ASEAN – Associação das Nações do Sudeste Asiático; abriga a secretaria da APEC (Cooperação Econômica Ásia Pacífico); é membro da [Cúpula do Leste Asiático](#) e do [Movimento dos Países Não Alinhados](#).

10 anos. Envolve incentivos fiscais, investimentos em soluções sustentáveis e tecnologias verdes e mudança de mentalidade através da educação.

Desde o início da pandemia, esse país insular – na verdade uma cidade-estado – optou por encarar as fragilidades e a ausência (gaps) de políticas públicas reveladas pela COVID-19, principalmente no que se refere às centenas trabalhadores migrantes que, abrigados em grandes dormitórios coletivos, foram a parte da população mais atingida pelo SARS-Cov-2. Singapura optou pela mão de obra barata dos trabalhadores migrantes ( a maioria informal) para o seu crescimento econômico e deixou à cargo dos empregadores os cuidados (que se revelou ausência) de bem-estar social desses trabalhadores. O país se deparou também com a falta de capacitação de seus cidadãos singapurenses para substituir a mão-de-obra estrangeira; com a interdependência econômica; com as consequências do agravamento das mudanças climáticas e a necessidade de uma Singapura mais sustentável.

O Primeiro Ministro, Lee Hsien Loong, foi reeleito mais uma vez no ano passado, em plena pandemia. Loong é PM desde 2004 e tem valorizado as ações Inter gerenciais e interministeriais.

O Plano Verde 2030<sup>147</sup> mapeia as metas verdes de Cingapura na próxima década e é fruto desse conjunto de reflexões que o país fez no último ano.



<sup>147</sup> [Climate Change - CNA \(channelnewsasia.com\)](https://www.channelnewsasia.com)



## 54ª Reunião Anual do ADB com foco na colaboração para uma recuperação resiliente e verde

O Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB) realizará sua [54ª Reunião Anual](#) da Assembleia de Governadores em formato virtual de 3 a 5 de maio de 2021, com foco no aprofundamento da colaboração para uma recuperação resiliente e verde da pandemia da doença coronavírus (COVID-19).

“A pandemia teve um impacto significativo na vida das pessoas em todo o mundo e em nossa região. Trabalhamos em estreita colaboração com nossos membros em desenvolvimento para apoiar sua resposta ao COVID-19. À medida que o foco muda para a complexa tarefa de moldar a recuperação da região, a Reunião Anual vai oferecer diferentes abordagens para equilibrar os esforços de resposta, incluindo o acesso à vacina e o apoio para uma recuperação ecológica, resiliente e inclusiva”, disse o secretário do ADB, Muhammad Ehsan Khan.

A programação conta com a participação de líderes do governo, indústria, acadêmicos e outros especialistas que irão explorar uma variedade de tópicos, incluindo moldar a reinicialização econômica da Ásia; cooperação regional para um futuro resiliente; o caminho para a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 26); capital de risco e recuperação; uma recuperação focada na mulher para um futuro mais inclusivo. A agenda também inclui um conjunto de sessões com organizações da sociedade civil.

## MYANMAR – Mortes de crianças

ONGs internacionais como *Save the Children* e *Human Rights Watch (HRW)* denunciaram a morte de 47 crianças e os "desaparecimentos forçados" de centenas de pessoas, principalmente de jovens, na repressão às manifestações contra o golpe de Estado. O Tatmadaw, como é conhecido localmente, invade as casas em busca de opositores e levam presos quem não quer dar informações sobre os manifestantes – muitos deles são levados sem

direitos a informações. Já são mais de 3.500 pessoas presas ou desaparecidas. Os números aumentam diariamente.



O jornal Asean Today transmitido em 31 de março mostrou imagens dos protestos contra o golpe militar que aconteceu em 1º de fevereiro.

O ASEAN Today é uma produção conjunta do Secretariado da ASEAN e o *The Indonesia Channel* e vai ao ar uma vez por mês. Alguns materiais são fornecidos por emissoras dos países membros

Algumas imagens dos protestos podem ser vistas no canal do Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=9YP2shNGxwo>

O Conselho de Segurança da ONU manifestou em uma declaração unânime na qual condenou veementemente a morte de mais de 570 civis, incluindo mulheres e crianças, em Mianmar, nos últimos dois meses.<sup>148</sup> O Reino Unido impôs novas sanções contra os interesses financeiros da Junta, especificamente contra o conglomerado Myanmar Economic Corporation (MEC). Mas, até o momento, nem as sanções nem as condenações afetaram a determinação da junta militar, que continua sua repressão brutal contra os manifestantes anti-golpe, que inclui ataques aéreos.



Índia e Tailândia evitaram criticar os generais e tiveram que se opor às manifestações com acusações de que estão ignorando a situação do povo de Myanmar. Em paralelo, esses dois vizinhos se preparam para impedir um grande fluxo de refugiados ao longo das fronteiras que compartilham com

o país birmanês, por conta dessa violência e pelo temor de mais uma guerra civil.

Myanmar é um país com mais de 100 etnias diferentes e já houve muita disputa violenta - como a expulsão da etnia minoritária islâmica Rohingya, já amplamente descrita nesses informes - no entanto, agora, todos parecem ter um único inimigo em comum: os militares Tatmadaw que tomaram o poder. Algumas etnias formaram grupos armados contra o golpe.

<sup>148</sup> <https://www.rfi.fr/br/mundo/20210402-ongs-internacionais-condenam-viol%C3%A2ncia-contra-ciran%C3%A7as-em-mianmar>



Tais ações têm contribuído para os apelos por um "exército federal" que reuniria grupos étnicos armados de todo o país. Mas analistas dizem que tal visão seria difícil de alcançar devido a desafios logísticos – dificilmente agiriam longe de suas próprias regiões - e desacordos políticos entre os grupos. Mas, apesar da incerteza do que está por vir, alguns ativistas minoritários se dizem animados com essa perspectiva - e se pode haver algo de bom na situação é isso: o aumento do foco no papel que os grupos étnicos podem assumir no futuro de Mianmar. Parece haver uma maior compreensão - pelo menos entre os manifestantes anti-golpe - da luta que as minorias enfrentam há tanto tempo.

Em sua maioria, o movimento de oposição incluiu marchas de rua, uma campanha de desobediência civil de greves e atos peculiares de rebelião organizados nas redes sociais

### **Cúpula da ASEAN para discutir crise em Myanmar**

O presidente da ASEAN, Brunei, apoiou a realização de uma reunião de líderes regionais para discutir os desenvolvimentos em Myanmar. A Indonésia tem liderado esforços de membros da ASEAN, da qual Myanmar é membro, para encorajar uma solução negociada, apesar de uma política de longa data de não comentar os problemas internos uns dos outros a organização opera por consenso.

As opiniões divergentes de seus 10 membros sobre como responder ao uso da força letal pelo exército contra civis e a política de não interferência do grupo limitou sua capacidade de agir. Malásia, Indonésia, Filipinas e Singapura expressaram alarme sobre a violência e apoiam uma reunião urgente de alto nível. A Asean e a ONU certamente tentarão ajudar de forma construtiva e não-interferência, mas de uma forma que permita que o diálogo ocorra.

### **CENÁRIO DA COVID-19 e os efeitos diretos e indiretos da pandemia no Sul da Ásia**

Cortes drásticos na disponibilidade e uso de serviços essenciais de saúde pública em todo o Sul da Ásia devido ao COVID-19 podem ter contribuído para cerca de 228.000 mortes infantis adicionais em 2020, de acordo com o recente [Relatório](#)<sup>149</sup> da Organização das Nações Unidas/UNICEF. Cerca de 11.000 mortes maternas adicionais também são esperadas<sup>150</sup>. Clínicas e outras unidades de saúde foram fechadas e muitos programas vitais de saúde e nutrição interrompidos enquanto a região lutava para conter os casos de COVID-19, que chegavam a 11 milhões no final de 2020.

O relatório, encomendado pela UNICEF e apoiado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA), cita exemplos de interrupções de serviço mais graves. Eles incluem uma queda de 80 por cento no número de crianças tratadas para desnutrição aguda grave (SAM) no Nepal e em Bangladesh, e uma queda acentuada nas imunizações infantis no Paquistão e na Índia. "A queda desses serviços essenciais teve um impacto devastador na saúde e nutrição das famílias mais pobres", disse o Diretor Regional do UNICEF para o Sul da Ásia, George Laryea-Adjei.

O relatório apela para que os serviços de saúde essenciais para mulheres grávidas, adolescentes e crianças sejam a prioridade máxima. O fortalecimento das cadeias de

---

<sup>149</sup> <https://www.unicef.org/rosa/reports/direct-and-indirect-effects-covid-19-pandemic-and-response-south-asia>

<sup>150</sup> <https://www.who.int/southeastasia/news/detail/17-03-2021-disruptions-in-health-services-due-to-covid-19-may-have-contributed-to-an-additional-239-000-child-and-maternal-deaths-in-south-asia---un-report>

abastecimento para a entrega de vacinas e outros medicamentos infantis essenciais também é vital.

Cerca de 420 milhões de crianças no sul da Ásia permanecem fora da escola devido às medidas de controle da pandemia. O relatório alerta que 4,5 milhões de meninas provavelmente nunca mais voltarão à escola e correm um risco especial devido à deterioração do acesso à saúde sexual e reprodutiva e aos serviços de informação. E aumenta o risco do retorno do casamento infantil e de gestações indesejadas.

Concentrando-se nos seis países mais populosos do Sul da Ásia (Afeganistão, Bangladesh, Nepal, Índia, Paquistão e Sri Lanka), o relatório observa que os níveis crescentes de desemprego, pobreza e insegurança alimentar causados pela pandemia prejudicaram ainda mais a saúde pública. O relatório pede programas de transferência de renda para as famílias mais pobres.

### **Desigualdade e desilusão: um passo para a radicalização**

A pandemia exacerbou problemas estruturais das desigualdades e da pobreza. Também exacerbou as manifestações dos grupos de ódio e abriu espaço para grupos extremistas capitalizarem a pandemia para ampliar seu poder, explorando o medo, o ódio e a divisão.

Os recentes ataques na Indonésia, Malásia e Moçambique por militantes ligados aos grupos extremistas do ISIS (Estado Islâmico) e Al Qaeda ultrapassam a dimensão religiosa e revelam uma parcela da população jovem indignada com a desigualdade<sup>151</sup>.

Esse assunto será mais aprofundado no próximo informe. Enquanto isso, na página 60 do [Informe 33 dos Cadernos CRIS-Fiocruz](#), Panorama da Resposta à COVID-19 pela Ásia Sudeste, Pacífico Ocidental e Oriente Médio - Abril/Dezembro- 2020, o leitor poderá adiantar algumas informações.

### **Diplomacia da vacina – certificado de vacinação**

Com as campanhas de vacinação COVID-19 acontecendo em todo o mundo, a ideia de passaportes ou certificados de vacinas tornou-se uma solução muito debatida para reabrir com segurança as fronteiras internacionais para viagens e impulsionar setores turísticos que sofreram imensamente sob bloqueios de coronavírus.

Os países da região do sul da Ásia e do Pacífico precisam da economia do turismo voltado para a natureza. No Oriente Médio, é o turismo religioso.

A ideia de um certificado de vacina tem causado polêmica em alguns países, mas para países tropicais como o Brasil, a Carteira de Vacinação Internacional já faz parte dos documentos de viagem: ninguém embarca para a Colômbia, por exemplo, sem o certificado internacional com a comprovação da vacina contra febre amarela.

No mês passado, a China lançou um programa de certificado de saúde para cidadãos chineses que viajam internacionalmente.

Arábia Saudita permitirá apenas peregrinos 'imunizados' para Meca. Autoridades sauditas disseram na segunda-feira que apenas as pessoas imunizadas contra o COVID-19

---

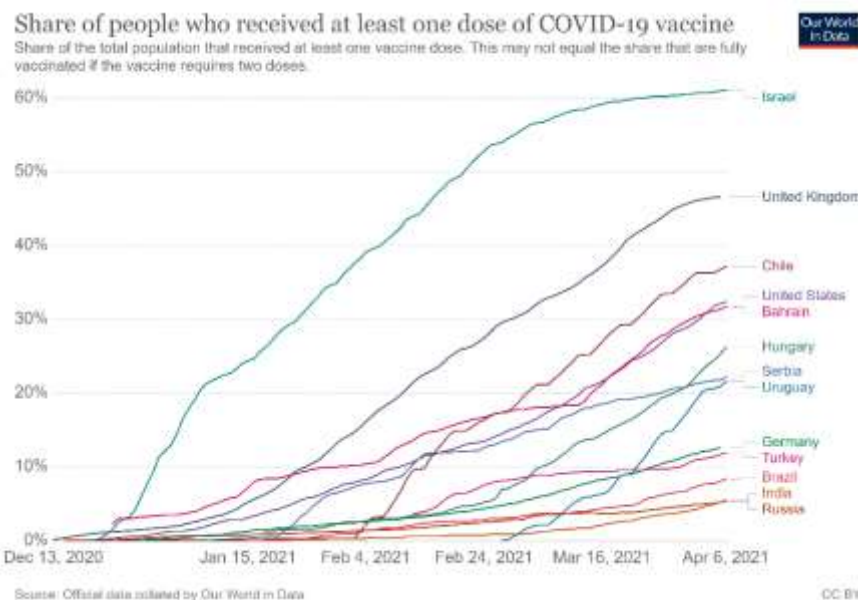
<sup>151</sup> <https://www.straitstimes.com/asia/my-isis-fighter-brothers-death-turned-me-into-an-advocate-against-terror>

poderão realizar a peregrinação de Umrah durante todo o ano, a partir do mês sagrado do Ramadã, bem como orações na Grande Mesquita na cidade sagrada de Meca.

### Vacinação para população invisível: migrantes ilegais, refugiados, apátridas, deslocados

“Ninguém disse que era fácil. Ninguém nunca disse que seria tão difícil”.<sup>152</sup> As campanhas de vacinação estão em andamento, mas o avanço segue em um ritmo desesperador. Como em outras regiões do mundo, a Ásia está enfrentando inúmeros desafios no caminho oneroso para a imunidade Covid-19.

E começamos a nos deparar com uma questão importante que deverá ser levada em conta: além de ser a região mais populosa da Terra, a Ásia é também a região onde vivem milhares de refugiados e de migrantes sem documentos. Essas pessoas também precisarão ser vacinadas. Os governos precisarão estar atentos e garantir que os migrantes irregulares tenham acesso à vacina e que não sejam presos ao se apresentarem para vacinação. Essa situação acontece também no Oriente Médio, com muitos trabalhadores migrantes e muitos refugiados e deslocados pelos conflitos.



Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/covid-vaccinations), dados de 06 de abril – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

<sup>152</sup> [Vaccinating Asia: Grappling with myriad challenges on path towards Covid-19 immunity, SE Asia News & Top Stories - The Straits Times](https://www.straitstimes.com/asia/asia-news-top-stories/vaccinating-asia-grappling-with-myriad-challenges-on-path-towards-covid-19-immunity)

## CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS – HINDUÍSTA E ISLÂMICA – SÃO RISCO PARA O CONTROLE DA COVID-19 NA ÍNDIA E NOS PAÍSES ÁRABES

Informe 6 de 2021 – 9 a 19 de abril

Em meio ao aumento de novos casos em todo o mundo, desde a segunda semana de abril, duas grandes celebrações religiosas – hinduísta e islâmica - puseram em risco o controle da Covid-19, na Índia e nos países árabes

**Festival hindu** - Na Índia, o festival mais importante da religião hindu, o Kumbha Mela<sup>153</sup>, levou mais de 2 milhões de pessoas a se aglomerarem -sem máscaras – em peregrinação para um mergulho de purificação no Rio Ganges, na cidade de Haridwar, no norte do país. Especialistas em saúde apelaram pelo cancelamento do evento, mas o governo ignorou a orientação. O argumento foi de que as regras de segurança seriam seguidas, o que não foi observado.<sup>154</sup>



Fonte: <https://epoca.globo.com/mundo/india-milhoes-se-aglomeram-para-festival-hindu-em-meio-recorde-de-casos-de-covid-19-24967043>

Sede do festival, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade desde 2017, o estado de Maharashtra é um dos mais afetados pelo surto, com média de 30% a 40% dos casos diários reportados no país. E ainda existe o risco de os peregrinos terem levado de volta para suas cidades e aldeias, o vírus.

Mas não foram só as aglomerações do festival que contribuíram para o aumento galopante dos casos. As recentes eleições locais e estaduais, com grandes comícios políticos, se tornaram eventos espalhadores da Covid-19. A nova onda começou em março na Índia, com as pessoas lotando restaurantes, mercados, encontros religiosos, festas e casamentos, culminou

---

<sup>153</sup> O Kumbha Mela se baseia numa lenda na qual deuses e demônios entraram em guerra por causa de um pote que continha o néctar da imortalidade. Algumas gotas do néctar caíram em quatro cidades na Índia: Prayagraj, Ujjain, Nasik e Haridwar, onde o Kumbha Mela acontece em forma de rodízio, a cada três anos.

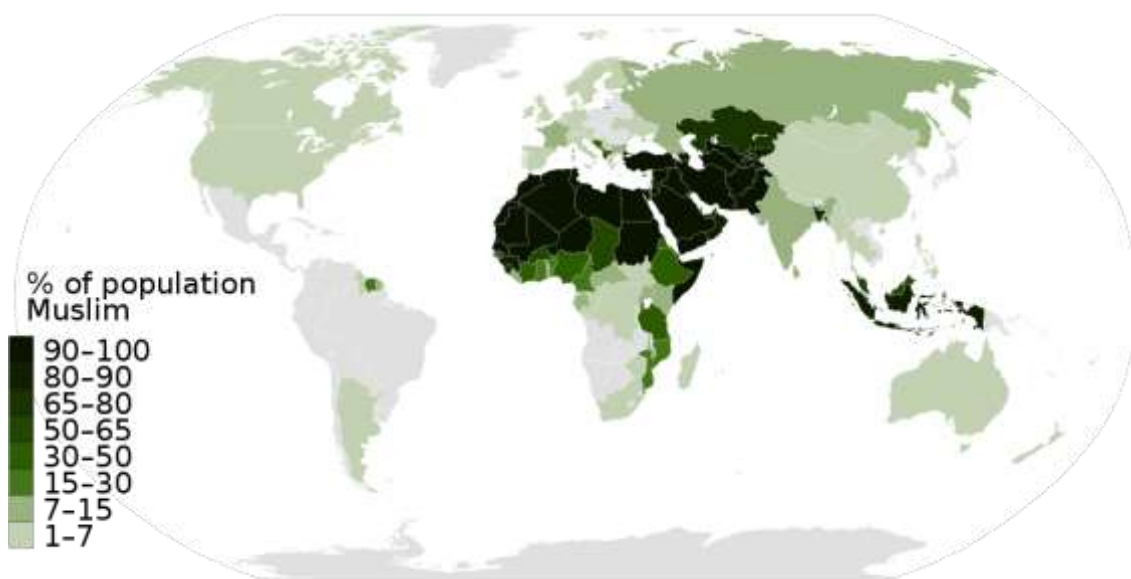
<sup>154</sup> <https://epoca.globo.com/mundo/india-milhoes-se-aglomeram-para-festival-hindu-em-meio-recorde-de-casos-de-covid-19-24967043>

na escassez de leitos hospitalares e medicamentos, e até oxigênio, para pacientes com coronavírus. E ainda teve as celebrações do Ano Novo dos zoroastristas, em março.

Com novo recorde diário de novas infecções (217.353 em 15/04<sup>155</sup>), as cidades voltam a impor restrições e toques de recolher por 15 dias. Mas como a economia na Índia foi construída com base na mão de obra de trabalhadores migrantes internos, a ideia de novo lockdown está provocando êxodo dos trabalhadores em pânico – para não viverem o que viveram no ano passado, dias de caminhada e fome, para retornar às suas aldeias – estão se aglomerando em trens hiper lotados. E novamente surgiu o risco das novas cepas se espalharem pelo interior do país.

O país de Gandhi voltou a ocupar o segundo lugar no ranking mundial, com 14.291.917 casos registrados e somou 174.308 óbitos. Com quase 1,4 bilhão de habitantes, especialistas dizem que esses números são provavelmente uma subcontagem. À medida que luta contra o crescimento de casos, a Índia está aumentando o ritmo da vacinação. Segundo o Ministério da Saúde, o número de vacinas aplicadas ultrapassou 114 milhões com mais de 3 milhões de doses aplicadas num único dia.

**Ramadã** - Nos países islâmicos é o mês do Ramadã, o mês mais sagrado para os muçulmanos, que corresponde ao nono mês do calendário lunar islâmico, no qual os fiéis praticam o jejum, da alvorada ao pôr-do-sol. A celebração é dedicada à renovação da fé, com cinco orações diárias, à prática de caridade, à vivência de fraternidade e de valores da família. É o momento que aumenta a frequência nas mesquitas, e, após o encerramento do jejum, famílias e amigos se reúnem e se visitam e se alimentam juntos. Pelo menos seria assim, se não fosse a pandemia.



Mundo islâmico por porcentagem da população  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mundo\\_isl%C3%A2mico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mundo_isl%C3%A2mico)

Neste Ramadã do ano lunar de 1.442, milhões de muçulmanos em todo o mundo farão o jejum do Ramadã diferente. Ao contrário das autoridades indianas, as autoridades árabes impuseram restrições sanitárias com apoio de líderes religiosos - que pediram aos fiéis para orarem em casa - e proibiram os tradicionais encontros festivos da quebra de jejum diário, após o pôr-do-sol. Em alguns países, as mesquitas terão restrição de 50% e os fiéis devem usar

<sup>155</sup> <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

máscaras e levar seu próprio tapete. Em outros, atividades noturnas estão proibidas, bem como a movimentação de pessoas – isso evita os encontros tradicionais. Atividades sociais, esportivas e culturais estão proibidas. Na Arábia Saudita, somente pessoas vacinadas terão permissão para realizar a peregrinação a Meca.

Alguns países foram mais rigorosos que outros, mas não será muito difícil para a maioria dos islâmicos cumprirem essas exigências, pois o Ramadã não se resume à abstenção de alimentos e prazeres; é um mês de recolhimento espiritual. O jejum obrigatório termina em 12 de maio.

### **Mudanças Climáticas - Cúpula da Terra**

A Cúpula virtual de Líderes é uma oportunidade para o presidente norte-americano, Joe Biden, reivindicar a liderança de seu país nos esforços climáticos globais depois de quatro anos de retrocesso. Além do compromisso na redução do carbono pela metade até 2030, o governo americano vem buscando obter adesão de aliados para reduções mais rápidas. John Kerry, o enviado climático de Biden, passou os últimos meses em articulações virtuais e em uma turnê mundial, passando pelos **Emirados Árabes, Índia e Bangladesh e terminando na China e na Coreia do Sul**, para persuadir os países a aproveitarem a cúpula para aumentar seus compromissos para proteger o planeta.

Dos 40 países participantes, 17 são responsáveis por aproximadamente 80% das emissões globais e do PIB global. Outros países vêm demonstrando forte liderança climática, ou estão vulneráveis aos impactos climáticos, ou traçando caminhos inovadores para uma economia **net-zero**<sup>156</sup>.

### **Especial Arábia Saudita Verde**– A iniciativa *Green Middle East*<sup>157</sup>

Nos últimos três meses, a Arábia Saudita lançou 11 programas e projetos com impacto local e regional e, porque prevê cooperações, global. Essas iniciativas visam trabalhar em conjunto com a Visão 2030, o compromisso da Arábia Saudita em diversificar sua economia longe do petróleo, capacitando sua cidadania e se abrindo para turismo e investidores globais. A pandemia da COVID-19 atrapalhou o avanço do projeto Visão 2030, pois o turismo foi suspenso e os investimentos foram redirecionados para o controle da pandemia. [Vale ver](#).

A Iniciativa Verde Saudita pede cooperação regional para enfrentar os desafios ambientais e inclui planos para gerar 50% da eletricidade do Reino usando renováveis até 2030 e eliminar mais de 130 milhões de toneladas de emissões de carbono. A Iniciativa Verde do Oriente Médio também se propõe a reduzir as emissões de carbono em 60% em toda a região.

Também há planos de plantar 10 bilhões de árvores no Reino e restaurar 40 milhões de hectares de terras degradadas, enquanto em toda a região há planos para 50 bilhões de árvores

---

<sup>156</sup> **Net Zero** é um conceito de auto sustentabilidade energética e hídrica que se derivou do Zero Carbono. Ao conceito original, a WGBC ([World Green Build Council](#)) acrescentou quatro pontos importantes para o meio ambiente, além da emissão de gases nocivos: 1) Medir e diminuir a emissão de gás carbono; 2) Reduzir a demanda de energia elétrica; 3) Gerenciamento sustentável de recursos; 4) Avaliação e monitoramento mais rigorosos. Ex.: Edifícios inteligentes; cidades inteligentes.

<https://intelligence.weforum.org/topics/a1Gb00000038oN6EAI?tab=publications> Futuro da Energia  
<https://www.weforum.org/agenda/2020/11/how-world-get-to-net-zero-carbon/>

<sup>157</sup> <https://www.arabnews.com/node/1832861/saudi-arabia>

e a restauração de 200 milhões de hectares de terras degradadas. A região sofre com a desertificação das terras e com o esgotamento – por excesso de uso – das águas subterrâneas.

O príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, que está à frente das duas iniciativas, afirmou que o Reino não evita as escolhas difíceis; considera escolha equivocada preservar economia em detrimento a proteger o meio ambiente. Afirmou ainda que "Como um dos principais produtores globais de petróleo, estamos plenamente cientes de nossa responsabilidade no avanço da luta contra a crise climática, e que assim como desempenhamos um papel de liderança na estabilização dos mercados de energia durante a era do petróleo e gás, trabalharemos para liderar a próxima era verde." Arábia Saudita é um dos 40 participantes da Cúpula da Terra.



Infográfico na Iniciativa.

Fonte [Saudi crown prince announces Green Saudi Initiative, Green Middle East Initiative \(arabnews.com\)](https://arabnews.com)

### Incongruência do país do sol nascente - Despejo de água radioativa no oceano

No final do ano passado, o Primeiro-Ministro do Japão, Yoshihide Suga, anunciou a Estratégia de Crescimento Verde para redução das emissões de carbono para Net-Zero até 2050, estabelecendo uma política industrial que casa o crescimento econômico com a proteção ambiental. O Japão é o quinto maior emissor mundial de dióxido de carbono, com projetos para o uso de energia renovável e cortes nas importações de combustíveis fósseis, imperativo para o país cumprir as metas do Acordo de Paris.<sup>158</sup>

Como parte de seu plano, o Japão vai fortalecer a pesquisa e o desenvolvimento em células solares e tecnologia de baterias, promover a reciclagem de carbono e expandir a digitalização da economia, além de projetos de infraestrutura, incluindo vastas fazendas eólicas offshore.

Até aí, tudo verde e um exemplo a ser seguido.

No entanto, na Década dos Oceanos e num ano decisivo para as medidas contra as mudanças climáticas e redução de carbono, o Japão aprova o lançamento no oceano de mais de

<sup>158</sup> [Climate change mitigation: What Saudi Arabia and Japan can learn from one another \(arabnews.com\)](https://arabnews.com)

um milhão de toneladas de água contaminada da usina nuclear de Fukushima, que foi destruída por um tsunami em 2011.<sup>159</sup>

A água será tratada e diluída por meio de um complexo processo de filtração para que os níveis de radiação fiquem abaixo do limite aceitável para a liberação. Mas o processo não consegue filtrar todos: o trítio, por exemplo, ainda fica presente e não se sabe o impacto de longo prazo na natureza. O material pode causar perigo de radiação quando ingerido através de alimentos ou água.

São mais de 1,3 milhão de toneladas de água radioativa, o suficiente para encher por volta de 500 piscinas olímpicas, que estão atualmente armazenadas nesses tanques. O problema é que a operadora da usina, Tokyo Electric Power Co (TepCo), está ficando sem espaço. Até 2022, esses tanques devem estar repletos

Mas o plano é rejeitado por diversas entidades e organizações japonesas, incluindo a forte indústria da pesca local, além dos governos da China e da Coreia do Sul, apesar de ser apoiado pela Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA), que afirma que o lançamento é semelhante ao descarte de esgoto em outras usinas ao redor do mundo. Os cientistas argumentam que os elementos deixados na água só são prejudiciais quando presentes em grandes doses. Com a diluição, a água tratada não apresenta nenhum risco cientificamente detectável. A Coreia do Sul já estuda uma forma de abrir um processo contra o Japão no Tribunal Internacional de Direito do Mar por conta dessa decisão.

### **Estados Unidos e a saída do Afeganistão – o que significa?**

O velho ditado “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come” poderia ser perfeito para definir a situação do governo americano no Afeganistão<sup>160</sup>: Mas, a despeito das informações de analistas e da inteligência americana de que pode não ser o momento certo, o presidente Joe Biden está decidido. A retirada não deve depender da situação local; essa foi a abordagem nas últimas décadas; se assim for, os EUA terão que ficar para sempre.

A retirada dos 2.500 soldados americanos - negociada em acordo assinado com o Talibã, por Donald Trump, em fevereiro de 2020 - começa em 1º de maio e está prevista para terminar em 11 de setembro, data simbólica, cujo atentado motivou a Operação Libertadora, atrás de Osama Bin Laden, líder do Al Qaeda, na época baseado no Afeganistão, responsável pelo atentado às Torres Gêmeas. A retirada dos soldados americanos será acompanhada da retirada das tropas da OTAN, do Reino Unido e da Alemanha.

“Com a ameaça terrorista agora em muitos lugares, manter milhares de soldados no solo e concentrados em apenas um país a um custo de bilhões a cada ano faz pouco sentido para mim e para nossos líderes. Não podemos continuar o ciclo de estender ou expandir nossa presença militar no Afeganistão, esperando criar as condições ideais para a retirada e esperando um resultado diferente. Agora sou o quarto presidente dos Estados Unidos a presidir a presença de tropas americana no Afeganistão: dois republicanos, dois democratas. Não vou passar essa responsabilidade para um quinto, disse Biden em pronunciamento<sup>161</sup> transmitido em rede.

---

<sup>159</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2021/04/14/japao-aprova-plano-polemico-para-despejar-agua-de-fukushima-no-oceano.htm>

<sup>160</sup> <https://www.dw.com/pt-br/o-impacto-da-retirada-militar-dos-eua-do-afeganist%C3%A3o/a-57217489>

<sup>161</sup> [Pronunciamento do presidente Biden sobre o Caminho a Seguir no Afeganistão | Embaixada e Consulados dos EUA no Brasil \(usembassy.gov\)](https://www.embassy.gov/pt-br/pronunciamento-do-presidente-biden-sobre-o-caminho-a-seguir-no-afeganistao)



O presidente americano destacou que o trabalho diplomático e humanitário vai prosseguir e que o país vai continuar a apoiar os direitos de mulheres e meninas afegãs, mantendo uma significativa assistência humanitária e de desenvolvimento. E que vai estimular outros países da região a fazer mais para apoiar o Afeganistão, especialmente o Paquistão, bem como a Rússia, a China, a Índia e a Turquia. Todos eles têm um interesse significativo em um futuro estável para o Afeganistão.

E finalizou que: “Em vez de retomar a guerra contra o Talibã, devemos nos concentrar nos desafios que temos pela frente. Precisamos fortalecer a competitividade americana com o objetivo de fazer frente à concorrência acirrada que enfrentamos com uma China cada vez mais assertiva. Precisamos fortalecer nossas alianças e trabalhar com parceiros que possuem ideais semelhantes, visando garantir que as regras das normas internacionais que regem as ameaças cibernéticas e as tecnologias emergentes que moldarão nosso futuro sejam baseadas em nossos valores democráticos — valores — não nos dos autocratas. **Temos de derrotar esta pandemia e fortalecer o sistema de saúde global a fim de nos prepararmos para a próxima, porque haverá outra pandemia.**”

Para confirmar essa firme decisão e, ao mesmo tempo confirmar o compromisso com a o governo afegão e com o grupo islâmico Talibã, o Secretário de Estado, Blinken<sup>162</sup>, viajou ao Afeganistão (viagem não prevista em agenda oficial). A decisão, apesar de prevista, pegou de surpresa o governo afegão, que ainda se sente à mercê dos militantes, não só do Talibã, como do Estado Islâmico e dos Mujahedines do El Ajam. O governo afegão teme que a retirada possa ser perigosa não só para o país, mas para a região. Além disso, ativistas dos direitos das mulheres temem que os pequenos avanços possam ser perdidos.

O acordo de fevereiro de 2020 definia o 1º de maio como a data limite para a retirada total das tropas. Enquanto EUA não cumpre sua parte, o Talibã não cumpre a sua, que é cortar laços com Al Qaeda, combater os terroristas do Estado Islâmico e sentar com o governo afegão para um governo conjunto. Está programada para setembro uma conferência na Turquia para a formação de um governo que inclua talibãs e afegãos. Há temor que os primeiros rejeitem a paz. Se der errado, o terrorismo pode explodir e se espalhar pela região. Agora, aumentam as responsabilidades do Paquistão, Rússia, China e Índia.

### **Estados Unidos e acordo nuclear do Irã – uma luz no fim do túnel**

As notícias podem mudar a qualquer instante em se tratando de Irã e este bloco do informe pode ser suplantado, mas a notícia de que as negociações para restaurar o acordo nuclear de 2015 foram retomadas neste sábado, 17 de abril, mesmo após a República Islâmica anunciar que iria enriquecer urânio a 60% de pureza dois dias antes, foram tranquilizadoras.<sup>163</sup>

A Comissão Mista do Plano de Ação Conjunto Abrangente (JCPOA, em inglês) reunida em Viena com os principais negociadores do Irã, China, Rússia, Alemanha, França, Reino Unido e União Europeia, divulgou que foram feitos progressos.

Não é uma negociação fácil. Irã se recusou a sentar com Estados Unidos – que rompeu (Donald Trump) unilateralmente o acordo em 2018, impondo sanções mais rigorosas ao Irã, que, em resposta, passou a descumprir o acordo de não enriquecer urânio acima de 3,67% nem

---

<sup>162</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2021/04/15/chefe-da-diplomacia-dos-eua-visita-o-afeganistao-para-discutir-retirada-de-tropas.htm>

<sup>163</sup> [Iran nuclear talks to continue amid signs of ‘progress’ | Middle East News | Al Jazeera](#)

produzir/possuir armas nucleares. Integrante do P5+1 do acordo original, Estados Unidos participa das negociações de forma indireta, reunido em outro hotel, em Viena.

Dois grupos de trabalho foram formados para determinar quais sanções os EUA precisam levantar e outro para determinar quais medidas nucleares o Irã precisará tomar. O resultado desse trabalho foi bem aceito. Os grupos especializados continuarão seus trabalhos até a próxima semana, após os quais a Comissão Mista poderá se reunir novamente, se necessário.

O ataque terrorista às instalações nucleares de Natanz, pelo qual irã culpou Israel, gerou a resposta iraniana de aumentar o enriquecimento de urânio para 60% de pureza, atraindo preocupação das potências europeias e dos EUA. O Chefe da Liga Árabe, Ahmed Aboul Gheit, também manifestou preocupação com essa decisão do Irã, pois é um passo para o desenvolvimento de arma nuclear uma vez que, para tal, o urânio precisa ser enriquecido a 90%. Tais níveis de enriquecimento são desnecessários para uso pacífico, como energia limpa, por exemplo. Os países árabes da região também torcem para o retorno do acordo, pois consideram o comportamento do Irã, desestabilizador.

O mundo segue torcendo e todos esperam que as negociações terminem antes das eleições para novo presidente no Irã. O acordo original foi fechado com o atual presidente, Hassan Rouhani, amplamente visto como um moderado, durante seu primeiro mandato. Os novos candidatos escolhidos pela IRGC – Guarda Revolucionária Islâmica - são linha dura e contrários ao acordo. De todo modo, não devemos esperar mudança na política externa iraniana, pois as políticas com o Ocidente, Israel, Síria, EUA, Estados do Golfo e o enriquecimento de urânio estão ligados ao Líder Supremo, Aiatolá Khomeini, herdeiro da teologia xiita do Aiatolá Khomeini.

### **MYANMAR – Pode estar surgindo uma nação, de verdade**

O golpe de 1º de fevereiro desencadeou uma revolta maciça, trazendo centenas de milhares de manifestantes às ruas para exigir um retorno à democracia, enquanto funcionários públicos boicotaram o trabalho em uma tentativa de fechar a administração do governo militar. A tomada de poder militar também desencadeou confrontos entre o exército e grupos armados de minorias étnicas no norte e leste do país.

E pode estar surgindo uma verdadeira nação. Os Tatmadaw, os militares de Mianmar, que dominaram a política do país quase desde a independência, finalmente alcançaram o que ninguém acreditava que ainda era possível: conseguiu unir todo o povo de Mianmar, através de divisões étnicas e religiosas, contra si mesmo.<sup>164</sup> Diante da violência militar, cresce a solidariedade entre grupos étnicos minoritários e forças políticas de maioria birmanesa.<sup>165</sup>

Há pouco menos de cinco anos, o Tatmadaw, com o apoio explícito do governo civil liderado por Aung San Suu Kyi, refutou qualquer crítica à sua brutalidade contra os muçulmanos Rohingya durante suas "operações de liberação".

Agora, a brutalidade que tem sido direcionada não só para a multidão de minorias étnicas, mas também contra qualquer civil, cidadãos birmaneses comuns, tem feito com que a maioria birmanesa no país se empatize com grupos como os Rohingya, agora que eles mesmos experimentaram a verdadeira natureza do Tatmadaw. Há movimentos de simpatia e divulgação

<sup>164</sup> [People of Myanmar, including Rohingya, unite against common enemy | Arab News](#)

<sup>165</sup> [Myanmar has never been a nation. Could it become one now? | Myanmar News | Al Jazeera](#)

de remorso por parte do birmanês comum nas redes sociais, pedindo desculpas aos Rohingya por não acreditarem neles quando estavam sendo atacados pelos Tatmadaw.

Uma nova consciência está emergindo entre o povo de Mianmar: A verdadeira ameaça a Mianmar não são os muçulmanos, nem uma conspiração islâmica internacional, nem mesmo superpotências como a China ou os EUA — a ameaça real e mais imediata são as pessoas que estão realmente matando-os nas ruas, homens, mulheres e até crianças. A ameaça real são as mesmas pessoas que derrotaram o povo de Mianmar em submissão por décadas em nome da segurança nacional. A ameaça é, e tem sido o tempo todo, o Tatmadaw. Neste reconhecimento está uma nova e brilhante esperança para o futuro.

Agora que a maioria birmanesa está finalmente percebendo o quanto seus interesses e destinos são compartilhados com todos os grupos étnicos com os quais o Tatmadaw vem travando guerra, o povo de Mianmar pode estar forjando o espírito democrático que precisará para derrubar os líderes militares.

### **Cúpula ASEAN-Myanmar**

A Tailândia anunciou que o chefe do governo militar de Mianmar, o general sênior Min Aung Hlaing, participará de uma cúpula da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) na Indonésia na próxima semana. Os líderes dos 10 países da ASEAN, incluindo Min Aung Hlaing, confirmaram participação na reunião de 24 de abril, em Jacarta.

Enquanto isso, o governo militar libertou 23.184 prisioneiros de prisões em todo o país como uma anistia de Ano Novo.<sup>166</sup> Esses detidos (libertados) são principalmente de antes de 1º de fevereiro, segundo Associação de Assistência para Presos Políticos (AAPP)<sup>167</sup>. Ainda segundo a AAPP, os militares continuaram a procurar 832 pessoas ligadas aos protestos. Entre eles estão mais de 200 pessoas, incluindo vários atores, cantores e celebridades da internet, que se manifestaram contra o golpe e são procurados sob a acusação de encorajar a dissidência nas forças armadas, que podem levar uma pena de três anos de prisão.

### **CENÁRIO DA COVID-19 E VACINAÇÃO**

O continente mais populoso do mundo está lutando para conter o ressurgimento das infecções por coronavírus. Mas o aumento de casos não foi só na Ásia e a subida dos números está diretamente ligada à redução de restrições e à abertura de atividades e festividades que proporcionam aglomerações.

Faltando menos de 100 dias para as Olimpíadas acontecerem, no **Japão**, os apelos para evitar grandes reuniões e passeios não essenciais foram ignorados por políticos e burocratas, e as ruas estão repletas de pessoas insensíveis ao coronavírus, se aglomerando nas ruas novamente, mesmo com o aumento das infecções, impulsionadas pela variante britânica A

---

<sup>166</sup> Myanmar tem três comemorações de Ano Novo: o Ano Novo Birmanês, que segue mais ou menos o calendário lunar e acontece em abril e dura de 4 a 5 dias; o Ano-Novo Karen (etnia do norte do país), no dia 28 de dezembro e o Ano-Novo internacional, no dia 31 de dezembro.

<sup>167</sup> [Myanmar military ruler to attend ASEAN summit in 1st foreign trip | Aung San Suu Kyi News | Al Jazeera](#)

vacinação pública, ocorrendo em ritmo lento, finalmente começou para os idosos na segunda-feira.

O governo da **Malásia** relaxou as regras de distanciamento social, apesar do alerta dos especialistas para o mês de jejum do Ramadã - os novos casos estão acima de 1.000 na maioria dos dias. O país iniciou seu programa de vacinação no final de fevereiro, mas tem havido uma baixa taxa de adesão, levando a um alerta das autoridades de que uma quarta onda de infecções pode estar chegando.

Enquanto a **Coreia do Sul** luta contra uma quarta onda de Covid-19, a fadiga pandêmica está crescendo, conforme os meses se arrastam e os números de infecção de Covid-19 se recuperam, apesar de mais restrições sendo impostas. O programa de vacinação do país está progredindo lentamente, alimentando temores de que o país não cumpra sua meta de imunidade coletiva até novembro. Especialistas atribuem o lento progresso à falta de vacinas, diante da escassez global, da demora do governo em garanti-las e da falta de postos de vacinação.

Na **Índia**, que está passando por uma nova onda massiva de infecções desde março, as pessoas ficaram confusas por mensagens contraditórias: enquanto as reuniões em massa aconteciam, as autoridades ameaçavam bloqueios. Além das eleições e do festival hindu, que provocaram aglomerações, os zoroastristas<sup>168</sup> também celebraram o Nowruz<sup>169</sup>, provocando mais aglomerações.

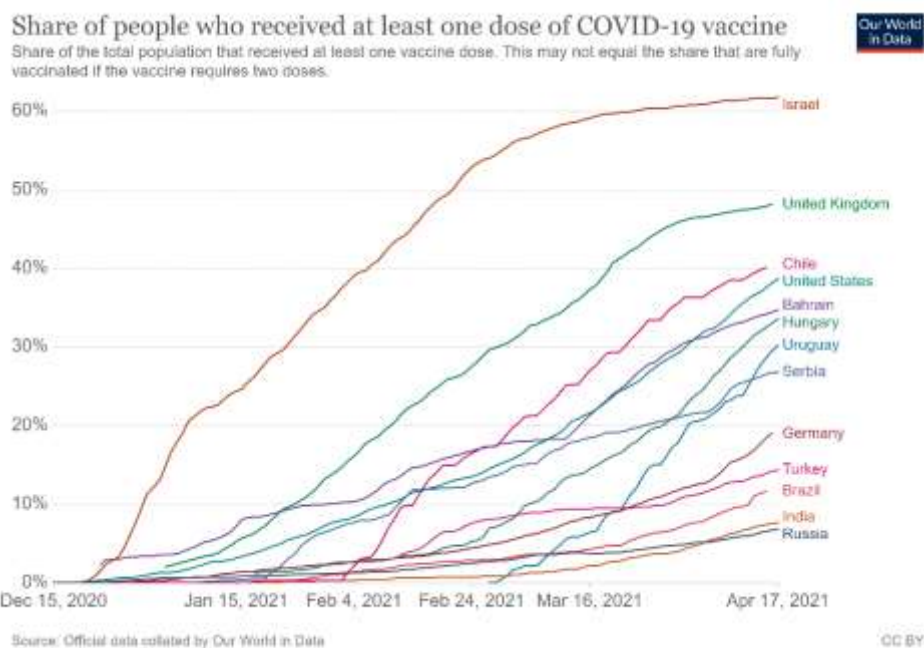
De olho na retomada da indústria de turismo – fonte da economia -, a **Tailândia** está correndo com a vacinação para atingir o mais rápido possível a imunidade de 70% a 80% da população. O país planeja abrir para viajantes vacinados a partir de 1º de julho, sem necessidade de quarentena. Os planos podem ser adiados se os novos casos continuarem aumentando – o país foi um dos que teve melhor controle da pandemia, na região.

O **Irã**, país que menos tem vacinado – houve um momento de não adquirir vacinas de origem americana – registrou o maior número de mortes diárias em meses devido ao aumento de casos, depois de um feriado de duas semanas, com restrições relaxadas. O Ano Novo Persa (ou Nowruz), celebrado com grandes reuniões e viagens, ajudaram no recorde da infecção, lotando os hospitais.

---

<sup>168</sup> Hoje a maior população de zoroastristas reside na Índia.

<sup>169</sup> É uma festa tradicional da Ásia Central que celebra o **Ano Novo** do calendário **persa** - marcando a renovação da natureza (primeiro dia da primavera), que geralmente acontece no dia 21 de março, quando ocorre o equinócio de primavera. Nowruz é celebrado com o uso de roupas novas, com o consumo de pratos especiais, com a troca de presentes e com a celebração de cerimônias religiosas. A celebração ocorre há pelo menos 3.000 anos e está profundamente enraizada nos rituais e nas tradições do Zoroastrismo. Atualmente, acontece em muitos países que foram parte dos antigos impérios iranianos ou sofreram sua influência. Fora do Irã, é comemorada no Curdistão, no Afeganistão, na Albânia, no Tadjiquistão, Uzbequistão, Azerbaijão, Cazaquistão, Quirguistão, na Macedônia do Norte, na Turquia e no Turcomenistão e na Índia.



Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/coronavirus-covid-19-vaccinations), dados de 17 de abril – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

Este informe procurou trazer os acontecimentos que, apesar de não terem ligação direta com a saúde, têm desdobramentos nas duas regiões e interferem nos caminhos tomados pelos chefes de Estados para manter a estabilidade, o desenvolvimento e a recuperação econômica em seus países, com reflexos regionais e globais.

## COLAPSO NA ÍNDIA E 1,5° URGENTE!

Informe 7 de 2021 – 21 de abril a 4 de maio

Horror e caos. A Índia vive seu pior momento em toda história da pandemia Covid-19 – semelhante ao que assistimos acontecer em Manaus, só que em proporções gigantescas. E lá não tem o SUS. Hospitais em colapso, falta de leitos, falta de oxigênio e medicamentos, cremação coletiva dos mortos e em instalações improvisadas, desorganização e desinformação por parte do governo, subnotificação. Com os crematórios funcionando com capacidade máxima (a cremação faz parte do ritual hinduísta), as pessoas são orientadas a cremar seus mortos em casa! Ou enterrar no quintal.

Já são mais de 19 milhões de casos e mais de 215 mil mortes, com recordes sendo batidos diariamente. Mas a enorme população do país e seus problemas logísticos tornam muito difícil fazer o teste de covid ou registrar com precisão as mortes, tornando muito mais desafiador saber a escala exata da crise na Índia. Sabe-se que nova variante indiana, mais virulenta, corresponde a 29% dos casos de Covid-19.

O que acontece na Índia certamente terá repercussões por outros países, especialmente porque o país tem conexões com todo o mundo. Além disso, o descontrole de infecções pode levar ao surgimento de variantes que, potencialmente, podem resistir a vacinas. "A alta população e densidade da Índia é uma incubadora perfeita para este vírus experimentar mutações", disse Ravi Gupta, professor de microbiologia clínica da Universidade de Cambridge.<sup>170</sup>

Esse cenário já vinha se desenhando desde o início de março quando foi identificada a nova cepa "duplo mutante" do SARS CoV-2, concomitante à presença da variante britânica. E a despeito das novas variantes, o governo relaxou as restrições, não exigiu o uso de máscaras e o respeito ao distanciamento social, permitindo aglomerações em comícios de campanhas eleitorais e festas religiosas que duram mais de um dia – e quando falamos de Índia, são milhões de pessoas celebrando aglomeradas. Além disso não houve uma coordenação centralizada das ações; estados podem estabelecer restrições ou suspendê-las contrariamente ao governo central.

A situação gravíssima mobilizou a comunidade internacional e cerca de 40 países (EUA, Reino Unido, Rússia, França, Alemanha, Canadá, Arábia Saudita, Paquistão, União Europeia, China, entre eles) já começaram a enviar ajudas de toda ordem: equipamentos de produzir oxigênio; para armazenar oxigênio; EPIs; respiradores e outros equipamentos médicos; insumos de vacinas e insumos dos medicamentos para COVID-19, como Remdesivir (necessidade diária de 300 mil doses por dia – a produção indiana é de 67 mil doses); ventiladores; doses de vacinas, medicamentos para internação, enfim, a necessidade é grande e urgente.

Além da ajuda de governos, os CEOs da Microsoft, Satya Nadella, e do Google, Sundar Pichai, nascidos na Índia, estão enviando suprimentos médicos e recursos financeiros, e vão disponibilizar ferramentas e recursos tecnológicos para centralizar as informações de saúde pública, para tentar dar ordem ao caos.

Diante desse cenário crítico, o Ministério dos Assuntos Internos (MHA) ordenou aos estados e territórios da União que sigam medidas locais intensivas de contenção em distritos com um alto número de casos de Covid-19. A diretiva, que permanecerá em vigor até 31 de maio, no entanto, não teve menção sobre a imposição de um bloqueio nacional. Toque de

---

<sup>170</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56900334>

recolher noturno, restringindo a circulação de pessoas, limitando a multidão em casamentos a 50 pessoas, proibindo encontros sociais/políticos/religiosos/esportivos, fechando cinemas estavam entre as medidas recomendadas pelo Ministério da Saúde em sua comunicação em 25 de abril. Só em 25 de abril. E somente em 2 de maio, o primeiro-ministro Narendra Modi encontrou-se com o ministro da Saúde para revisar as medidas tomadas diante da crise. Por conta dessa sequência de medidas atrapalhadas, de desorganização e de ações contrárias em várias regiões, a Corte Suprema da Índia determinou que o governo central tome medidas coordenadas e efetivas. Os grandes empresários indianos, entre eles os homens mais ricos do país, pediu ao governo um lockdown nacional para dar tempo aos sistemas de saúde de se recuperarem.

Os militares indianos começaram a transportar suprimentos médicos essenciais, como cilindros de oxigênio, por todo o país e abriram suas instalações de saúde aos civis. Hotéis e vagões de trem estão sendo convertidos em instalações de atendimento de urgência para compensar a carência de leitos hospitalares. Mas isso é para atender os doentes. É preciso interromper as infecções. É preciso vacinar massiva e urgentemente a população.

A Índia tem uma população de 1 bilhão e 380 milhões de habitantes, cerca de 15% da população do planeta, sendo superada só pela China. Mas, segundo as estimativas de crescimento demográfico, até 2053 a Índia deve ultrapassar seu vizinho. É um país de contrastes extremos: é a sétima economia do mundo em PIB, alto nível em tecnologia digital, mas com altíssimos índices de analfabetismo, pobreza e desnutrição; possui 20 usinas nucleares para geração de energia – mais quatro usinas em início de construção -, mas tem mais 50 milhões de pessoas em 15 cidades (área urbana) sem acesso a água potável.

#### **MUDANÇAS CLIMÁTICAS – O pós-covid-19: oportunidade para o desenvolvimento sustentável**

1,5° C é urgente! Esse é o grito de guerra das Ilhas Marshall! Também é o limite para o aquecimento do planeta até 2030 para as ilhas não submergirem. A nação está localizada na Micronésia, região da Oceania, compreende 29 atóis e cinco ilhas e 99% do país fica abaixo de 5 metros de altitude acima do nível do mar.



As Ilhas Marshall fazem parte do grupo de países vulneráveis que podem desaparecer ou perder a condição de habitável se o oceano subir o nível em 40 cm - como resultado do efeito estufa, que está derretendo os três polos: Ártico, Antártica e Himalaia<sup>171</sup> –, provocando a intrusão da água salgada no sistema de água doce das ilhas.

Desde 2015, o governo marshallês vem trabalhando para melhorar a meta de redução da emissão de carbono no globo. Durante as negociações da COP21, o país liderou a iniciativa Coalizão de Alta Ambição, formada por mais de 100 países (Brasil entre eles), para reduzir a meta de 2° para 1,5° C, seguindo a ciência. A Coalizão queria o Acordo de Paris com força de Lei; que houvesse revisão a cada cinco anos para atualização de metas e um sistema unificado para avaliação do progresso.

---

<sup>171</sup> Com 50 mil geleiras, seu destino é crucial para ¼ do planeta e abastece os 10 maiores rios da Ásia

De acordo com as últimas projeções do [Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas](#) (IPCC, na sigla em inglês), o aumento de 2 graus na temperatura até o final deste século resultaria em cerca de meio metro de elevação do nível do mar. Mesmo reduzindo drasticamente e imediatamente a quantidade de gases do efeito estufa que estamos emitindo, o nível do mar ainda continuará a subir como resultado do aquecimento que já produzimos, mas deve ser menor, provavelmente em torno de 40 cm. Se continuarmos a aumentar as emissões de gases de efeito estufa na taxa atual, o aumento no nível do mar pode chegar ao dobro desse valor, ou 80 cm até 2100.

Mudanças são urgentes. A velocidade da subida dos oceanos é o dobro do que era no século 20; em muitas regiões. Mas não se trata só do aumento do nível do mar. O efeito estufa aquece os mares e oceanos, provocando mais furacões, tufões e ciclones; inundações de marés altas; erosões de praias e manguezais (os manguezais absorvem 4x mais o carbono que as florestas); chuvas torrenciais, provocando inundações, e longos períodos de estio, provocando secas e desertificação de terras com impactos na agricultura; ondas de frio e de calor extremos; branqueamento de corais<sup>172</sup> e redução das espécies de peixes que dependem deles.

Assim como os vírus, as mudanças climáticas não respeitam fronteiras. É urgente conciliar o combate à pandemia à ambição climática. Na Ásia Leste, Pacífico e Sudeste estão países que mais contribuem para o efeito estufa (Índia, China, Rússia, Japão) e os mais vulneráveis aos impactos severos do degelo e do aumento do nível do mar e muitos deles com poucos recursos financeiros e tecnológicos (Bangladesh, Singapura, Ilhas Marshall e outras ilhas da Micronésia). Por outro lado, a Ásia está bem-posicionada para enfrentar esses desafios e capturar as oportunidades que vêm da gestão do risco climático de forma eficaz. Infraestruturas e áreas urbanas ainda estão sendo construídas em muitas partes da Ásia, o que dá à região a chance de garantir que haja mais resiliência e capacidade de suportar riscos elevados. Ao mesmo tempo, as principais economias da região, como China e Japão, estão liderando o mundo em tecnologias verdes, desde veículos elétricos até energia renovável, necessárias para se adaptar e mitigar as mudanças climáticas.<sup>173</sup>

No Oriente Médio estão os maiores produtores de combustíveis fósseis, cuja economia depende do petróleo, e os mais vulneráveis à desertificação do solo e redução de água no subsolo. Mas, como o boom do petróleo (2003 a 2013) ficou no passado, os países, principalmente Arábia Saudita – que assumiu a liderança para economia verde no Golfo -, já vinham buscando alternativas para mudanças no modelo econômico e conseqüentemente mais sustentável, impulsionando o comércio, o investimento, novos setores e empregos. Além disso, os países do Golfo começaram a se abrir mais para o mundo, estabelecer parcerias e cooperações. Os Emirados Árabes lançaram a [Missão de Inovação Agrícola para o Clima](#) em parceria com os Estados Unidos, Austrália, Brasil, Dinamarca, Reino Unido, Israel, Singapura e Uruguai, e visa fomentar a inovação, a pesquisa e o desenvolvimento (P&D) em agricultura no mundo. A Missão foi anunciada na Cúpula de Líderes. Os termos da iniciativa e o plano de trabalho serão definidos até a [Cúpula de Sistemas Alimentares](#), em setembro próximo, em Nova York, e deverá apresentar propostas concretas na 26ª Conferência das Partes da UNFCCC (COP 26), em novembro de 2021.

### **Ásia Pacífico e Oriente Médio na Cúpula de Líderes**

A [Cúpula de Líderes para o Clima](#), convocada pelos Estados Unidos, mostrou pela primeira vez que realmente os países ricos podem responder às metas indicadas pela ciência: o corte de pelo menos 45% das emissões de carbono até 2030, para reduzir o nível do

---

<sup>172</sup> Cientistas estão congelando sêmen de corais para futura reprodução.

<sup>173</sup> [Climate change risk and response in Asia | McKinsey](#)



aquecimento da Terra. E três fortes motivos ajudaram nesse movimento positivo – para além do retorno dos EUA ao Acordo de Paris – as mudanças climáticas e seus efeitos se agravaram nos últimos dois anos; a pandemia da COVID-19 mostrou a importância da preservação da biodiversidade e o mundo econômico e financeiro finalmente entendeu que a economia depende do capital natural<sup>174</sup>. Isso ficou claro no [Fórum Econômico Mundial](#), que aconteceu em janeiro desse ano, com a marcante participação de líderes dos países da Ásia Pacífico e Oriente Médio. Às vésperas da cúpula, um grupo de Prêmios Nobel divulgou uma [Declaração](#) aos líderes participantes: “os combustíveis fósseis são a principal causa das mudanças climáticas. Permitir a expansão contínua desse setor é inaceitável. O sistema de combustíveis fósseis é global e requer uma solução global.”

Ao apresentarem suas metas e ações na cúpula, os países das duas regiões destacaram que não há como alcançar o net-zero sem soluções climáticas naturais, como parar o desmatamento e a perda de áreas úmidas, restaurar os ecossistemas marinhos e terrestres e proteger a biodiversidade. Também enfatizaram a necessidade de investimentos para a transição de energia e em inovações de baixo carbono, especialmente os países em desenvolvimento que dependem da energia baseada em carvão, e vão precisar de suporte. O fenômeno é global e nenhum governo ou setor alcançará as transformações sem uma agenda compartilhada e cooperações estratégicas para que nenhum país menos rico ou pobre fique para trás. Estes foram destaques nas mensagens de muitos países, entre eles Turquia, Indonésia, Fiji, Filipinas, Iraque, Qatar, Butão, Bangladesh e Ilhas Marshall.

Os países da Ásia Leste e Sul abrigam grandes florestas tropicais e manguezais, importantes habitats, com fauna e flora únicos e riquíssimos em biodiversidade. Desde o início da pandemia COVID-19, vêm discutindo a necessidade da proteção à biodiversidade e mitigação dos efeitos do clima, com alternativas de soluções, carreados pela ASEAN – Associação das Nações do Sudeste Asiático - e pelo [Banco Asiático de Desenvolvimento](#) (ADB, em inglês). Por exemplo, a Indonésia suspendeu permanentemente novas licenças para exploração madeireira e de turfa, bem como avançou em seu programa de reabilitação de manguezais. Indonésia é um dos países que proibiu o uso de plásticos; esse material é um dos maiores destruidores dos ecossistemas marinhos e lacustres.

Bangladesh, um dos países mais vulneráveis às inundações, por todos os lados, pelo aumento do nível do mar e pelo derretimento das geleiras do Himalaia, destacou que a pandemia trouxe desafios e oportunidades e mostrou que trabalhar juntos é importante. O governo anunciou que em junho divulgará seu ambicioso plano verde e que vai hospedar um centro para promover *locally-led solutions*<sup>175</sup>, o *Global Center Adaptation*, e espera liderar seus vizinhos no processo de adaptação e mitigação. O país tem 158 milhões de habitantes e a maioria vive em áreas costeiras ou próxima aos rios – que são abastecidos pelas geleiras.

Austrália também está comprometida na redução das emissões de carbono, no investimento em novas soluções tecnológicas, principalmente para agricultura, e proteção dos mares e ecossistemas costeiros. Através do programa Blue Pacífico, o governo busca financiar seus vizinhos do Pacífico para soluções em tecnologia verde.

---

<sup>174</sup> Biodiversidade é importante para a economia <https://gulfbusiness.com/how-the-loss-of-biodiversity-requires-relevance-and-attention/>

<sup>175</sup> *Locally-led Development* – desenvolvimento que se estabelece localmente, engajando partes interessadas e atores locais (indivíduos, comunidades, redes, organizações e entidades públicas e privadas) que estabelecem suas próprias agendas, desenvolvendo soluções, capacidades e recursos.

O presidente das Ilhas Marshall<sup>176</sup>, David Kabua, disse que finalmente vê comprometimento na redução do aquecimento para 1,5° C, que é o limite para garantir a sobrevivência de seu país. As Ilhas têm sido muito atuantes na defesa dessa meta para o planeta e é porta voz de seus vizinhos insulares<sup>177</sup>, como Kiribati (33 ilhas e atóis), República da Micronésia (607 ilhas), Ilhas Marianas e Palau. Todos desaparecerão ou se tornarão inabitáveis se o aquecimento do planeta não for freado. Em seu discurso na cúpula (que pode ser acessado no tempo de 1:36:17, do [vídeo](#) de transmissão do evento), o presidente falou que as Ilhas já têm zero carbono desde 2015 e é um dos países que aboliram o plástico. Kabua recomendou que 50% do financiamento climático deve ser para adaptação; “novas tecnologias verdes ainda são caras”, disse. Investir em inovação para baixo carbono é questão crucial. Para ele, assim como foi lembrado por outros líderes, a recuperação da COVID-19 é uma rara chance de investir em mundo estável e mais saudável e atuar juntos em uma ação mais robusta para emissão neutra de carbono e, assim, garantir um planeta verde para as futuras gerações.

China é um dos países que mais investem em infraestruturas de usinas baseadas em carvão, em países em desenvolvimento, principalmente na África e Ásia Central, no âmbito da Rota da Seda. O presidente Xi Jinping anunciou a iniciativa Rota da Seda Verde para estimular desenvolvimento sustentável nestes países e lembrou que é preciso entregar igualdade e justiça social nesta transição para energia limpa. O líder chinês confirmou o [trabalho em parceria com os Estados Unidos](#) e outros países para enfrentar a crise climática com a seriedade e urgência que ela exige e destacou a importância do multilateralismo. Mas o que chamou atenção foi o anúncio da antecipação para 2025 do pico de carbono, que começará a reduzir a partir 2026, chegando à neutralidade em 2060.

Coreia do Sul, que também é um dos países que mais investem em energia à base de carvão dentro e fora de seu território, se comprometeu a parar os investimentos internacionais e parar de licenciar a construção de usinas domésticas. Além de antecipar o desligamento de 10 usinas antigas, vai investir em energia renováveis como solar e eólica. Seul lembrou que vai sediar a [Cúpula para Crescimento Verde e as Metas Globais 2030 – P4G](#), em 30 e 31 de maio, para discutir neutralidade de carbono e incentivar parcerias público privadas.

O Japão prometeu neutralidade de carbono até 2050 e para isso terá que revisar sua política de geração de energia, que usa combustíveis fósseis para produzir eletricidade. O país é o quinto maior emissor de carbono, mas, por pressão dos EUA e de ambientalistas, se comprometeu a aumentar a meta de 26% para 46% na redução das emissões até 2030. Uma promessa arriscada para um país que desacelerou o investimento em energia nuclear civil, desde o acidente da Usina Nuclear de Fukushima.

A Índia reiterou sua meta ambiciosa de instalar 450 GW<sup>178</sup> de energia renovável até 2030 e anunciou o lançamento da "[Parceria 2030 de Clima e Energia Limpa 2030 dos EUA-Índia](#)" para mobilizar finanças e acelerar a inovação e implantação de energia limpa, para descarbonizar setores como indústria, transporte, energia e edifícios. A parceria pretende mostrar que é possível alinhar ações climáticas rápidas com desenvolvimento econômico inclusivo e resiliente, levando em conta as circunstâncias nacionais e as prioridades de desenvolvimento sustentável.

---

<sup>176</sup> Pertence às Ilhas Marshall o Atol de Bikini, usado como área de testes nucleares dos Estados Unidos entre 1946 e 1958 (20 bombas). O atol se tornou inabitado. Apesar da radioatividade não estar mais na superfície, água e plantas têm alto nível de radioatividade. Bikini se tornou Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 2010 por conservar evidências tangíveis diretas e significantes do poder dos testes nucleares.

<sup>177</sup> <https://pt.wikipedia.org/wiki/Micron%C3%A9sia>

<sup>178</sup> A capacidade instalada de Itaipu, a maior geradora de energia limpa e renovável do planeta, é de 14GW. Ao longo de 2020, a usina de Itaipu produziu 76.382 GWh.

O Primeiro-Ministro, Narendra Modi enfatizou que a mudança de estilo de vida deve acompanhar as ações de combate às mudanças climáticas – estilos de vida sustentáveis e filosofia orientadora. Criar cultura é preciso!

A economia da Rússia é altamente dependente de combustíveis fósseis. O país destacou o papel da energia nuclear civil no futuro climático – atualmente 18% da eletricidade consumida na Rússia vem de reatores nucleares – a despeito da extração de urânio gerar algum impacto. O presidente, Vladimir Putin, anunciou parceria com o governo americano para o setor nuclear civil, proteção das florestas e proteção do Ártico – e pediu a colaboração internacional para enfrentar o poderoso gás metano<sup>179</sup>, um dos vilões do efeito estufa, cuja liberação aumenta cada vez mais com o degelo do permafrost do Ártico. No ano passado, no verão russo, a Sibéria registrou temperaturas de 41°C.

Os países produtores de petróleo e gás, como Arábia Saudita e Emirados Árabes, já estão investindo em novas soluções para os desafios climáticos e em tecnologias de mitigação e adaptação. Destaque para a Arábia Saudita que tem um plano verde ambicioso, no âmbito da iniciativa Visão 2030: [combustível limpo](#) proveniente da energia eólica, geotérmica e uso do hidrogênio e seu arco-íris<sup>180</sup>, armazenamento de energia, captura de carbono, dessalinização limpa, mobilidade avançada, cidades eficientes, designe urbano sustentável, tecnologia de monitoramento de emissões, replantio de árvores, recuperação dos ambientes marinhos costeiros.

No quesito eficiência, as cidades de [Dubai](#) e Abu Dhabi estão liderando o caminho em mobilidade, serviços públicos, segurança, saúde e desenvolvimento econômico<sup>181</sup>. Uma cidade eficiente pode reduzir o deslocamento diário em 15 a 30 minutos, reduzir o custo de vida em até 3%, cortar as emissões de gases de efeito estufa em até 15% e criar 3% mais empregos anualmente, de acordo com um relatório divulgado no ano passado pela [McKinsey Instituto Global](#).

---

<sup>179</sup> O gás metano é um componente da exalação natural, como regiões petrolíferas e vulcões, da digestão anaeróbica de matérias orgânicas e da atividade humana, como agricultura e pecuária. É um dos principais agentes causadores da aceleração do efeito estufa. Ano passado a Nasa localizou 2 milhões de pontos de concentração de metano no Ártico que, à medida que o permafrost (solo congelado) descongela, libera o metano na atmosfera. E, num círculo vicioso, aquece mais a Terra, que derrete mais o permafrost. E tem muito metano preso no Ártico.

<sup>180</sup> O Hidrogênio pode adquirir várias cores dependendo da sua fonte de origem. O hidrogênio verde, que é produzido por eletrolisadores movidos por fontes renováveis como energia solar ou eólica. O hidrogênio azul é feito do gás natural e pode ser usado na indústria; o dióxido de carbono emitido no processo pode ser capturado e ser usado na produção de fertilizantes agrícolas. O preto é produto da gaseificação de carvão mineral e o cinza é produto da reforma do gás natural. O rosa é produzido por eletrolisadores alimentados por energia nuclear. O hidrogênio turquesa vem da separação do metano do gás natural usando o próprio como fonte de energia. <https://climainfo.org.br/2021/02/22/o-arco-iris-do-hidrogenio/>

<sup>181</sup> <https://www.arabianbusiness.com/politics-economics/460283-new-master-plan-will-help-dubai-grow-into-global-city-for-the-future>

## CENÁRIO DA COVID-19 E VACINAÇÃO



Fonte: <https://www.covidvisualizer.com/>

A pandemia não dá trégua e prova que não se pode baixar a guarda para o vírus. Países que vinham mantendo a transmissão da Covid-19 sob controle viram o número de casos subir em poucos dias, como Tailândia, Camboja e Laos. Japão, que sediará em breve as olimpíadas, não consegue controlar a pandemia. E, no mundo, já são 152.413.962 casos e mais de 3 milhões de mortes (02/05). A Índia contribuiu muito para esse salto.

**Papua Nova Guiné** entrou na lista de alerta porque, com apenas 500 médicos, 4 mil enfermeiros, 3 mil agentes comunitários e com 5 mil vagas em leitos, está em risco de colapso. Em um único dia registrou 1.786 casos novos. Já são 11.206 casos registrados e 115 óbitos.

Além do sistema de saúde precário, a população apresenta altos níveis de comorbidades, como malária, e tuberculose multirresistente. Segundo OMS e Médicos Sem Fronteiras (MSF), existe escassez de testes para Covid-19, falta de EPI e dificuldades de logísticas, pois é um país com 9 milhões de pessoas espalhadas por áreas com densas florestas. Austrália enviou 8 mil doses de vacinas AstraZeneca e mais 588 mil doses devem chegar até junho da iniciativa Covax. MSF alertam que será preciso disseminar informações claras e corretas sobre as vacinas para facilitar a campanha de vacinação.

O **Líbano** tem uma população de 6 milhões de habitantes. São 525.577 casos confirmados e 7.249 óbitos. Com hospitais lotados, o país volta a impor lockdown. Mas não é só a pandemia que coloca o país em situação de calamidade. Desde 2009, o colapso financeiro, a má gestão econômica e a corrupção governamental levaram o país à uma crise profunda e a uma grande pobreza. Os alimentos subiram 402% no ano. O dinheiro do governo para subsídios de alimentos está no fim. A COVID-19 é só mais problema. O clérigo cristão mais antigo do Líbano convocou encontro com o Hezbollah para pedir neutralidade para salvar o país, que está sem governo – o último primeiro-ministro deixou o cargo depois da explosão que matou centenas e deslocou milhares de pessoas em Beirute, em agosto de 2020. O Hezbollah (mulçumanos xiitas) é acusado de levar violência ao país e, apesar de ter uma braço político poderoso, com cargos no governo, o grupo paramilitar é fiel a Teerã (Irã) e não à constituição libanesa.

**Síria** recebeu as primeiras doses de vacinas através do programa Covax – 200 doses da AstraZeneca -, que serão principalmente destinadas à população do noroeste do país, onde

estão milhões de pessoas em péssimas condições humanitárias, segundo a ACNUR/ONU. Outras 150 mil doses da vacina Sinopharm acabaram de chegar, doadas pela China, que vai enviar mais 150 mil doses.

### **Migrantes e refugiados – Ninguém está protegido a menos que todos estejam protegidos.**

O vírus chegou em um momento em que o mundo já enfrentava uma série de crises, como desigualdade, pobreza, emergência climática e crescente xenofobia.

Um dos primeiros grupos de pessoas a ficar para trás quando se trata de proteção e oportunidade são aqueles que foram forçados a fugir de suas casas devido à guerra, violência ou perseguição. Os mais vulneráveis — aqueles afetados por conflitos e inseguranças — correm um risco de serem deixados para trás na recuperação da COVID-19. Hoje, há quase 80 milhões de refugiados e deslocados em todo o mundo e 85% deles estão hospedados em países de baixa e média renda, incluindo estados frágeis, que muitas vezes têm sistemas e recursos públicos limitados de saúde

A Agência das Nações Unidas para os Refugiados e a Organização Internacional para as Migrações (OIM) estão trabalhando com governos e organizações parceiras para garantir que refugiados e migrantes não fiquem de fora dos programas de vacinação COVID-19.<sup>182</sup> O objetivo não é dar preferência aos refugiados, mas sim incluí-los em categorias de prioridade nacional seguindo as diretrizes de saúde pública. Até o momento, [153 países](#) disseram publicamente que incluirão refugiados como parte dos planos nacionais de vacinação.

Na Jordânia, qualquer pessoa - incluindo refugiados e solicitantes de asilo - é elegível para receber a vacina gratuitamente. O país começou a vacinar refugiados em 14 de janeiro como parte de seu plano nacional de vacinação COVID-19 e abriu um centro de vacinação inédito no campo de refugiados za'atari. O governo jordaniano comprou 3 milhões de doses das vacinas Pfizer e Sinopharm. A população jordaniana é de 10 milhões e o país abriga mais de 2,5 milhões de refugiados; até agora cerca de 300.000 pessoas se registraram para receber a vacina. Segundo a ACNUR, a maior dificuldade é combater os rumores que se espalham pelas redes sociais sobre efeitos colaterais das vacinas.

A OIM está particularmente preocupada com os migrantes que estão em situação irregular, porque eles podem não ter documentação necessária para o acesso aos serviços de saúde em alguns países. Barreiras linguísticas também podem ser obstáculos ao acesso à vacinação.<sup>183</sup>

Falando no Diálogo sobre Desafios de Proteção em outubro passado, o Alto Comissário do ACNUR Filippo Grandi disse que a pandemia deu ao mundo uma "lição acelerada" sobre os benefícios da inclusão. A maioria dos países, disse ele, imediatamente percebeu a importância de incluir refugiados e outras populações vulneráveis em sua resposta à pandemia.<sup>184</sup>

Vale sempre lembrar, que muitos desses refugiados são pessoas muito capacitadas que podem ajudar na reconstrução do pós-covid. "Dê-nos um espaço à mesa e mudaremos o mundo", disse Hindou Oumarou Ibrahim, um ativista do Chade que defende a justiça ambiental e os direitos dos povos indígenas.<sup>185</sup>

---

<sup>182</sup> ['A work in progress': Refugees, migrants must have vaccine access, UN says | Devex](#)

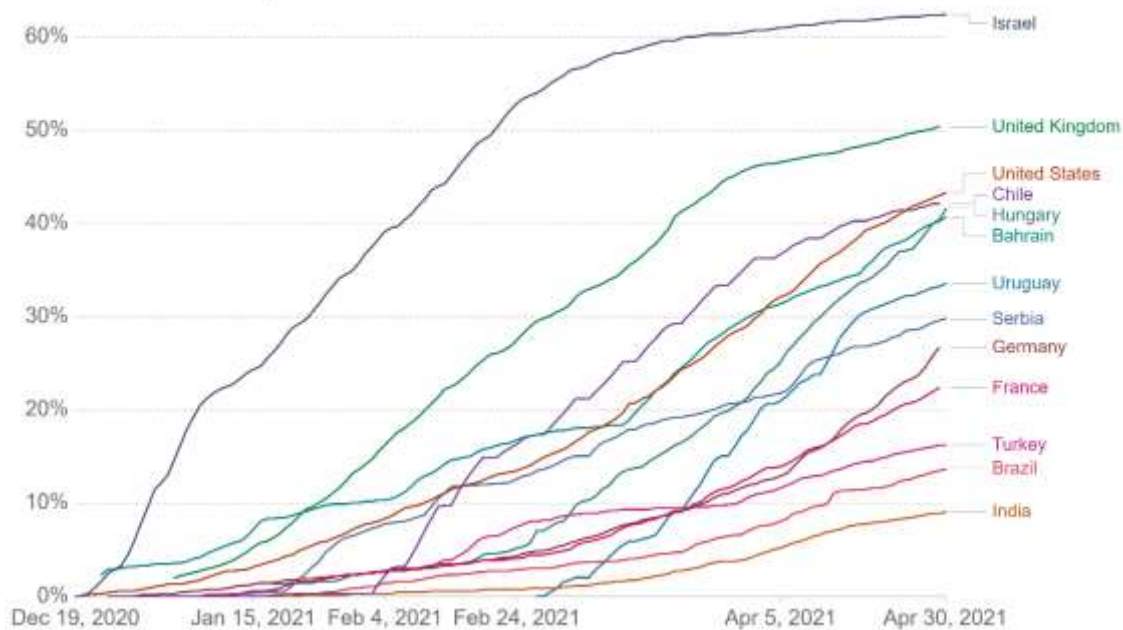
<sup>183</sup> [Opinion: 3 ways to ensure refugees get the COVID-19 vaccine | Devex](#)

<sup>184</sup> [UNHCR - 'Give us a seat at the table and we'll change the world'](#)

<sup>185</sup> [UNHCR - 'Give us a seat at the table and we'll change the world'](#)

## Share of people who received at least one dose of COVID-19 vaccine

Share of the total population that received at least one vaccine dose. This may not equal the share that are fully vaccinated if the vaccine requires two doses.



Source: Official data collated by Our World in Data

CC BY

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/coronavirus-covid-19-vaccinations), dados de 1º de maio – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

## DOIS TSUNAMIS: NA ÍNDIA, A CALAMIDADE DA VARIANTE DELTA; NOS TERRITÓRIOS PALESTINOS, ÓDIO E RESENTIMENTOS

Informe 8 de 2021 – 5 a 18 de maio

Segundo a OMS, a cepa indiana já se espalhou para 44 países. A variante da Índia tem sido considerada a mais preocupante pela sua transmissibilidade e pelo escape de anticorpos, superando as variantes do Reino Unido, da África do Sul e a brasileira. Na Ásia, os países sofrem com o agravamento da pandemia e vivem a segunda, terceira e quarta onda. Na verdade, já é um Tsunami. Nenhuma nação, especialmente aquelas com grandes populações e alta densidade populacional, pode relaxar sua guarda.

E como um Tsunami, a Covid-19 na Índia é uma calamidade levando a mortes em massa. Sem mitigação, as estimativas sugerem que a Índia poderia atingir mais de 1 milhão de casos de COVID-19 por dia, com mais de 1 milhão de mortes cumulativas de COVID-19 até 1º de agosto de 2021.<sup>186</sup> O aumento repentino de casos na Índia pode se tornar um desastre regional afetando todo o sul da Ásia. Dentre as recomendações de especialistas, publicadas em artigo no [The Lancet](#), o fortalecimento dos sistemas de vigilância, restrições de viagem e quarentena de viagem obrigatória para indivíduos que retornam da Índia devem ser implementadas para ajudar a controlar a disseminação do SARS-CoV-2 para os países vizinhos. Houve um aumento nos casos de COVID-19 no Nepal, e outros países vizinhos também registram o aumento das infecções.

A pandemia na Índia é um desastre de saúde, composto por complacência, mau governo e jogo de poder<sup>187</sup>. Houve arrogância do governo em acreditar, e divulgar aos quatro ventos, que o país havia vencido o vírus – no [Fórum Econômico Mundial](#), em janeiro. A população relaxou. Também houve negligência. O fórum de consultores científicos, o *Indian Sars-CoV-2 Genetics Consortium*, ou *Insacog*<sup>188</sup>, alertou as autoridades indianas no início de março sobre uma nova e mais contagiosa variante do coronavírus ocorrendo no país. Apesar do alerta, o governo federal não procurou impor grandes restrições para impedir a disseminação do vírus. Pelo contrário, permitiu que milhões de pessoas, em grande parte sem máscaras, participassem de festivais religiosos e de comícios políticos. Ao mesmo tempo, também permitiu que dezenas de milhares de agricultores continuassem a acampar nos arredores de Nova Delhi, protestando contra as mudanças na política agrícola de Modi.

A catástrofe reflete anos de negligência com o sistema de saúde. Um sentimento de angústia, desesperança e raiva se instalou na Índia, que está passando por esse Tsunami que devastou famílias e está sobrecarregando a infraestrutura de saúde em todo o país. A vida normal está completamente paralisada; as redes sociais lotadas com listas de pedidos desesperados de ajuda para conseguir camas hospitalares, oxigênio e remédios. A raiva também está borbulhando contra um sistema que decepcionou as pessoas. Em pelo menos dois incidentes, parentes enlutados atacaram médicos ou profissionais de saúde.

Em primeiro lugar, a necessidade mais urgente é salvar vidas, expandindo a capacidade de atendimento à saúde. A Índia precisa de doações de concentradores de oxigênio,

---

<sup>186</sup> [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)01121-1/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)01121-1/fulltext)

<sup>187</sup> <https://www.statnews.com/2021/05/05/india-vaccine-heist-shoddy-regulatory-oversight-imperil-global-vaccine-access/>

<sup>188</sup> Insacog reúne 10 laboratórios nacionais e foi criado pelo governo no final de dezembro, especificamente para detectar variantes genômicas do coronavírus.

ventiladores, medicamentos, vacinas, equipamentos de proteção individual de alta qualidade e testes de diagnóstico rápido SARS-CoV-2.<sup>189</sup>



FOTO REUTERS

Os números indianos oficiais já passaram de 24.6 milhões de casos registrados (16/05) - um salto de mais de 5 milhões de casos em 15 dias. E o país já contabiliza 270.284 mortes. O pior é que já se sabe que esses números não traduzem a realidade; especialistas acreditam que a contagem pode ser de 3 a 4 vezes maior. A onda devastadora de Covid-19 sobrecarregou hospitais com pacientes e crematórios com corpos, e muitas mortes por coronavírus não estão sendo devidamente registradas como tal. Sem testagem suficiente, a pandemia se espalhou pela zona rural, onde famílias vivem em condições de pobreza, sem acesso a serviços médicos e crematórios, mantendo seus doentes em casa e enterrando ou cremando domesticamente seus mortos. Ou enterrando-os nas areias às margens dos rios.

A situação seria bizarra se não fosse dramática. A imprensa indiana registrou o aparecimento de dezenas de corpos (possivelmente, mais de 100), às margens do Rio Ganges<sup>190</sup>. Tudo indica que morreram de Covid-19 (ainda não há confirmação) e foram enterrados nas areias do rio, uma vez que as famílias não teriam dinheiro para pagar pela madeira das piras, para cremação – que dobrou de preço. O rio sagrado atravessa dois estados extremamente pobres no norte da Índia. Autoridades foram alertadas para tomarem providências, pois falta um mês para as monções que inundarão o Rio Ganges.<sup>191</sup>

E como nada é tão ruim que não possa piorar, o governo indiano alertou para o aumento significativo de casos de micormicose – fungo negro – em pacientes em recuperação da covid-19. Já foram registrados mais de 500 casos no extremo oeste da Índia, mas também há registros em Nova Delhi. A rara infecção fúngica tem acometido pacientes pós-covid e está ligada à diminuição da imunidade por conta do aumento dos níveis de açúcar no sangue e casos de

<sup>189</sup> [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)01121-1/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)01121-1/fulltext)

<sup>190</sup> <https://gulfnews.com/world/asia/india/india-panic-after-bodies-found-buried-in-sand-in-uttar-pradesh-1.79173272>

<sup>191</sup> Despachar corpos no rio Ganges não faz parte das tradições religiosas indianas.

<https://gulfnews.com/world/asia/india/india-panic-after-bodies-found-buried-in-sand-in-uttar-pradesh-1.79173272>



diabetes pós-covid. Ao ser inalado por uma pessoa saudável, os esporos do fungo negro são facilmente combatidos.

A doença agressiva e mutilante atinge os seios da face (olhos, boca e nariz), chegando ao cérebro e pulmões; pode ser transmitida pelo contato direto com pessoas contaminadas ou pelo manuseio de objetos que elas usaram – lençóis, por exemplo – exigindo isolamento de pacientes infectados. Com taxa de fatalidade de 50% (quando tratada!) ela é tratável com medicamentos antifúngicos, como a Anfotericina B. O governo indiano anunciou que está comprando 5.000 doses desse remédio. O fungo é comumente encontrado no solo, em plantas e vegetais em decomposição e esterco.

Coincidência ou não, líderes religiosos hindus têm divulgado e organizado cerimônias, pagas, para “cura” da Covid-19, distribuindo urina de vaca, para ser bebida, e esterco de vaca, para ser passado no corpo<sup>192</sup>. A vaca é o animal sagrado para os hindus e as fezes são usadas para purificar e, agora, para melhorar a imunidade. Médicos e especialistas alertam para o perigo: além de aumentar a proliferação de outras doenças – inclusive micormicose – as aglomerações nos estábulos e nas cerimônias organizadas podem disseminar mais ainda o coronavírus.

### **O ZAKAT RAMADÃ – A caridade do mês sagrado islâmico ajudando a matar a fome<sup>193</sup>**

A doação de caridade faz parte do mês do jejum sagrado do Ramadã. É um dever religioso dos muçulmanos doar dinheiro para organizações de caridade. O Zakat (doações obrigatórias) é um dos cinco pilares do Islã Ramadã e se soma a outros instrumentos tradicionais como *sadaqa* (doações de caridade) e *waqf* (doações e fundos), bem como instrumentos de microfinanciamento como *qard hassan* (empréstimos benevolentes) para financiamento social islâmico, baseado nos valores da fé e da inclusividade, em linha com os objetivos dos ODS de promover a confiança social, a cooperação e a solidariedade na luta contra a pobreza e a fome.

Em grande parte dos países de maioria muçulmana, essa caridade é voluntária. Em alguns países é coletado pelo Estado. O propósito do Zakat é apoiar os verdadeiramente necessitados. Quando o Estado é bem-organizado, o Zakat é aplicado sistematicamente, aumentando a capacidade institucional nos setores social e de bem-estar. No entanto, se o Estado não tem capacidade institucional para desempenhar essa função, os deveres de caridade são realizados de forma voluntária. Ou ainda, se a situação econômica do país fica aquém da necessidade de arrecadação, entram em cena as organizações e as instituições de caridade internacionalmente ativas.

Nos tempos atuais, os esquemas Zakat estão ajudando a aliviar o sofrimento dos mais pobres nos países mais fracos à medida que a crise COVID-19 aprofunda as dificuldades econômicas. A pandemia aumentou as desigualdades entre ricos e pobres dentro dos países e entre os países. Em nenhum lugar isso é mais evidente do que nos segmentos mais pobres da população e nos países mais pobres e mais cheios de conflitos, que carecem de capacidades institucionais, seja na saúde, finanças ou em qualquer outro setor.

O relatório da [Agência de Refugiados das Nações Unidas](#) (ACNUR) destacou o efeito adverso da COVID-19 na segurança alimentar nos países afetados pela crise. É nesses países que estão quase 80 milhões de refugiados e de deslocados internamente pelos conflitos.

---

<sup>192</sup> <https://gulfnews.com/photos/news/coronavirus-unusual-treatments-going-viral-1.1580635101027?slide=6>

<sup>193</sup> [How Islamic charitable giving during Ramadan provides a vital social safety net \(arabnews.com\)](#)

Organizações multilaterais como a ACNUR, UNICEF, PNUD e IFRC (Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho) começaram recentemente a explorar a generosidade da doação de caridade islâmica de forma organizada. De fato, essas organizações desempenham um papel vital em muitos países onde o Estado deixou de funcionar devido aos conflitos. Nesses países, a doação de caridade é uma das poucas formas de distribuir alimentos, cuidados de saúde, abrigo e renda aos desamparados.

A ACNUR tem sido capaz de instrumentalizar o Zakat para ajudar a financiar sua atuação em zonas de conflito. O número de [beneficiários do Zakat](#) passou de 34.440 no período 2016-2018 para 1,03 milhão em 2020, o que representa um múltiplo de quase 30 vezes em apenas quatro anos. A ACNUR recebe 97% de seus fundos da região MENA (Médio Oriente e Norte da África, em inglês) e 3% de outros lugares.

### **Banco Islâmico de Desenvolvimento e ONU**

Em seu relatório "[COVID-19 e Finanças Islâmicas](#)" o Banco Islâmico de Desenvolvimento (IsDB) recomendou que *Zakat*, *waqf* e outros métodos de finanças sociais islâmicas sejam coordenados com os esforços dos governos para fornecer uma rede de segurança social. Refugiados e deslocados estão no topo dessa agenda. Eles compõem cerca de 1% da população mundial. É preciso entender as necessidades e olhar para o sofrimento e como as populações são afetadas.

No último dia do Ramadã (12 de maio), as Nações Unidas e o Banco Islâmico de Desenvolvimento lançaram uma iniciativa – [Diálogo Internacional](#) - para somar aos esforços financeiros para melhorar a recuperação enquanto o mundo continua lutando com a pandemia COVID-19. Vivemos um momento em que a saúde global e a crise econômica empurraram milhões de pessoas para a pobreza extrema, o financiamento social islâmico tem o potencial de fornecer o apoio urgentemente necessário para o alívio da pobreza, recuperação econômica, resposta à pandemia e desenvolvimento sustentável.

### **ORIENTE MÉDIO - A frágil paz desafiada a despeito da pandemia**

#### **Israel x Palestinos**

O conflito não resolvido entre judeus e árabes explode em nova onda de violência. É a quarta guerra entre Israel e Hamas<sup>194</sup>. É o pior confronto desde 2014 e já feriu e matou dezenas de pessoas, principalmente palestinos, em Gaza, incluindo crianças em ambos os lados. Isto porque os ataques não visam só instalações militares.

E soma-se a esse drama, um agravante: sem vacina – poucas doses recebidas pelo programa COVAX -, o frágil sistema de saúde da Faixa de Gaza enfrenta um aumento de casos de COVID-19, com escassez de medicamentos e capacidade de tratamento intensivo, levando o Ministério da Saúde palestino a declarar quase todo o território uma “zona vermelha”. E agora precisa lidar com feridas de explosões e estilhaços, cortes e amputações.

Essa explosão de violência favorece e não deixa de ser interessante para o Primeiro-Ministro israelense Netanyahu (Bibi), que não foi reeleito em março (a quarta eleição geral em dois anos), apesar de ter feito uma ótima administração da pandemia em seu país, com destaque para a excelente campanha de vacinação. A manutenção de Bibi no comando de Israel – está há

---

<sup>194</sup> O Hamas, de orientação sunita é constituído de uma entidade filantrópica (*dawa*), um braço político e um braço armado. Especialmente ativo em Gaza, é o mais importante movimento islamista da Palestina.

14 anos – depende de alianças entre os partidos para garantir cadeiras suficientes no parlamento. Ele estava perdendo o jogo.

A coalizão anti-Netanyahu negociada pelo centrista Yair Lapid - político, jornalista, e escritor israelense - estava avançando e já contava com a participação dos partidos muçulmanos, da ultradireita laica, partidos de oposição e de centro, da frente de partidos árabes e a direita religiosa do antigo desafeto de Netanyahu, o nacionalista religioso (ortodoxo) Naftali Bennett.

A troca de foguetes e mísseis entre Israel e Gaza e a convulsão social nas cidades mistas, provocaram uma reviravolta no cenário político e colocou Bibi de volta ao jogo. No novo cenário, com grande contribuição do movimento islamista palestino Hamas, incitando palestinos contra Israel, os jogadores mudam de lado e aliados podem mudar de aliados.<sup>195</sup> A violência sobe e temor de outra longa guerra entre palestinos e judeus paira no ar.

Jerusalém tem estado no centro da escalada das tensões israelenses-palestinas há anos. Há poucas semanas, Israel voltou a ameaçar de despejo dezenas de famílias palestinas residentes no entorno da Cidade Velha, Jerusalém Oriental, para construção de novos assentamentos judeus. O país vê Jerusalém como sua capital unificada. No entanto, apesar da anexação da Cisjordânia e da parte oriental de Jerusalém não ser reconhecida internacionalmente, a ocupação é comemorada todo ano, com desfile de bandeiras israelenses pelas ruas da Cidade Velha, cuja data, este ano, coincidiu com o festival do fim do Ramadã, mês sagrado dos muçulmanos, dedicado às orações e ao jejum. Prato cheio.

A nova ação de despejo gerou manifestações da parte dos palestinos. Mas a animosidade cresceu na coincidência das datas, quando dezenas de palestinos se dirigiram à esplanada da Mesquita Al Aqsa, na Cidade Velha, para as orações do fim do Ramadã, ao mesmo tempo que israelenses nacionalistas, portando suas bandeiras, tomaram a esplanada. A investida da polícia de choque israelense contra cidadãos muçulmanos, na área da mesquita, provocou a imediata resposta do grupo militante Hamas, que governa Gaza, também palestina, que disparou foguetes em direção à Tel Aviv. Conflito instalado.

ONU reúne Conselho de Segurança, mas sem unanimidade. Critica hostilidades e pede fim de conflito. Emirados Árabes, Bahrein, Marrocos e Sudão – países árabes que normalizaram as relações com Israel – pediram calma. Jordânia condenou a reação do Hamas. EUA, aliado de Israel, pede calma ao Premier e, ao mesmo tempo, libera milhões de dólares em assistência aos palestinos com o objetivo de promover a paz com Israel, mesmo com a violência entre os dois lados. Irã encoraja ataques palestinos, claro. Rússia pediu reunião urgente do Quarteto de pacificadores para o Oriente Médio, formado por Rússia, EUA, ONU e União Europeia. Turquia pede para Israel parar de atacar os palestinos – o presidente Erdogan pediu apoio do Papa Francisco para conter o que ele chamou de atrocidade.

O Papa Francisco, que tem promovido a paz entre as diversas religiões, pede o fim do conflito, dizendo que a morte de tantas pessoas inocentes nos últimos dias, incluindo crianças, é inaceitável.

É na Cidade Velha que estão os locais mais sagrados das três grandes religiões monoteístas: a Cúpula da Rocha e a Mesquita do Domo Dourado, para muçulmanos; o Monte do Templo e o Muro das Lamentações, para os hebreus; e o Santo Sepulcro, dos cristãos. A vizinha Jordânia é a guardiã do local, que fica aberto para turistas em determinados horários,

---

<sup>195</sup> <https://www.timesofisrael.com/raam-freezes-coalition-talks-with-change-bloc-amid-violence/>

mas só os muçumanos podem orar lá. Essas regras foram estabelecidas em 1967 por Israel, Jordânia e autoridades religiosas muçumanas.

### **Afeganistão x Talibã**

A pandemia da Covid não sensibiliza o Talibã, nem mesmo o cessar-fogo do feriado do Ramadã. O início da retirada das tropas americanas do Afeganistão tem sido marcado por vários ataques e explosões de bombas, principalmente em Cabul, capital do Afeganistão. No início de maio, mais de 50 estudantes adolescentes morreram em uma série de explosões nas imediações de uma escola de meninas<sup>196</sup>, na capital. Esta semana, explosão de Mesquita e de ônibus, também em Cabul. Ninguém reivindicou a autoria do atentado.

O país tenta se reerguer, depois de 20 anos de guerra, e se colocar como país estratégico, uma ponte entre o Sul, a Ásia Central e o Golfo Árabe. Com o apoio da digitalização dos Emirados Árabes Unidos, o Afeganistão quer melhorar e modernizar sua infraestrutura logística, aumentando a conectividade regional, facilitando o comércio e, assim, alcançar o crescimento econômico. Ao mesmo tempo, espera entrar para o futuro digital da 4ª Revolução Industrial. O Afeganistão é de interesse da Iniciativa da Rota da Seda, por sua localização estratégica para a China.

### **CENÁRIO DA COVID-19 E VACINAÇÃO**

Já são 162.603.253 casos e 3.371.312 óbitos (16/5), no mundo. Índia agora responde por mais de um em cada três casos de coronavírus relatados em todo o mundo. O país se tornou um risco duplo para o mundo<sup>197</sup>: interrupção no fornecimento de vacinas para a iniciativa COVAX e disseminação de uma cepa mais transmissível e mais infectante, que já se espalha por países vizinhos, na Ásia. Dentre os países que fazem fronteira com a Índia, o Nepal vive seu momento mais crítico com novos casos pela sétima semana consecutiva (um aumento de 132%) e já começa a faltar oxigênio. O governo nepalês importou cilindros de oxigênio da Coreia do Sul e dos Emirados Árabes. Camboja, Coreia do Sul, Tailândia, Vietnã, Japão, Laos, países que controlavam bem a infecção, agora vêm os números subirem.

Em artigo do The Lancet, [Crise COVID-19 da Índia](#), especialistas lançam um apelo para uma ação internacional urgente e um alerta: a Índia é um dos maiores produtores mundiais de vacinas; o Serum Institute of India é um grande contribuinte para a COVAX, e a crise atual da Índia forçou o país a priorizar a vacinação de cidadãos indianos em vez de fornecer as vacinas da COVAX. Essa mudança provavelmente atrasará as vacinas em outros países de baixa e média renda. O artigo recomenda à comunidade internacional que libere seus estoques excedentes de vacina para a Índia e outros países que estão enfrentando surtos de COVID-19.

A Índia forneceu vacinas e medicamentos para COVID-19 a vários outros países. Agora é hora de a comunidade global apoiar o país enquanto ela enfrenta sua pior crise de saúde pública. Os parceiros globais devem apoiar a expansão do acesso às vacinas na Índia. Mas não é só o risco da falta de vacina. A cadeia de abastecimento global de medicamentos genéricos, antirretrovirais e medicamentos para tuberculose provavelmente será interrompida pela crise na Índia.<sup>198</sup>

---

<sup>196</sup> O Talibã é um movimento fundamentalista islâmico nacionalista e contra o acesso das mulheres à educação.

<sup>197</sup> [Vaccine 'heist' by India imperils global access to Covid-19 vaccines - STAT \(statnews.com\)](#)

<sup>198</sup> [Vaccine 'heist' by India imperils global access to Covid-19 vaccines - STAT \(statnews.com\)](#)

## Gaza e Palestina

Em função da atual situação de guerra, não há como não incluir um parágrafo sobre Gaza e Palestina neste tópico de cenário da Covid-19.

“Todos os aspectos da vida foram afetados em Gaza, sociais e econômicos”, disse Ghada Al-Jadba, chefe do programa de saúde de Gaza para a Agência de Assistência e Trabalho da ONU (UNRWA) para refugiados palestinos, ao *The Lancet*<sup>199</sup>. A situação humanitária de Gaza era precária antes da COVID-19, com desemprego em mais de 50% e 70% entre os jovens. O relatório de situação da OMS<sup>200</sup>, em 22 de abril, apontou que o risco continuava muito alto na Faixa de Gaza e na Palestina, com hospitais lotados. O ministério da saúde palestino relata que a capacidade de teste é baixa, especialmente para variantes altamente infecciosas como B.1.1.7, que tem impulsionado o aumento dos casos de Gaza.

Especialistas da ONU apelaram a Israel para garantir igualdade de acesso às vacinas para os palestinos na Cisjordânia - Israel enviou mínimas doses. Gaza recebeu mais de 100.000 doses de vacinas da Rússia, Emirados Árabes Unidos e do programa internacional COVAX. E ainda existe a hesitação em tomar a vacina por parte da população.<sup>201</sup>

Quase um ano e meio depois, o mundo ainda patina para controlar a pandemia e não está preparado para a próxima. A tomada de decisões de saúde pública depende de vigilância precisa e em tempo real. E a pandemia COVID-19 expôs fragilidades na vigilância de doenças em quase todos os países.<sup>202</sup>

Enquanto as comunidades e economias lutam para se recuperar das consequências dessas deficiências de vigilância, agora é a hora de os países e agências multilaterais examinarem com atenção o que falhou e agir com ousadia para implementar as melhorias necessárias na vigilância de doenças.

## Vacinação

O CovaX Facility já distribuiu 67 milhões de doses para 124 participantes e está alocando vacinas adicionais à medida que os países avançam a vacinação. Nas duas regiões, já receberam vacinas do programa: Camboja, Fiji, Laos, Mongólia, Papua Nova Guiné, Filipinas, Samoa, Ilhas Salomão, Tonga, Tuvalu, Vietnã, Indonésia, Nepal, Timor-leste, Afeganistão, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Paquistão, Síria, Palestina e Gaza, Yémen.<sup>203</sup>

---

<sup>199</sup> [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)01055-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)01055-2/fulltext)

<sup>200</sup> [https://who18.createsend.com/campaigns/reports/viewCampaign.aspx?d=j&c=99FA4938D049E3A8&ID=D50726229BF6EF4A2540EF23F30FEDED&temp=False&tx=0&source=Report&fbclid=IwAR2kM6UCXP\\_a1oYSclcvaJxOcg0iLW80UX0WPuk429XzWM5DepTPKnII59yg](https://who18.createsend.com/campaigns/reports/viewCampaign.aspx?d=j&c=99FA4938D049E3A8&ID=D50726229BF6EF4A2540EF23F30FEDED&temp=False&tx=0&source=Report&fbclid=IwAR2kM6UCXP_a1oYSclcvaJxOcg0iLW80UX0WPuk429XzWM5DepTPKnII59yg)

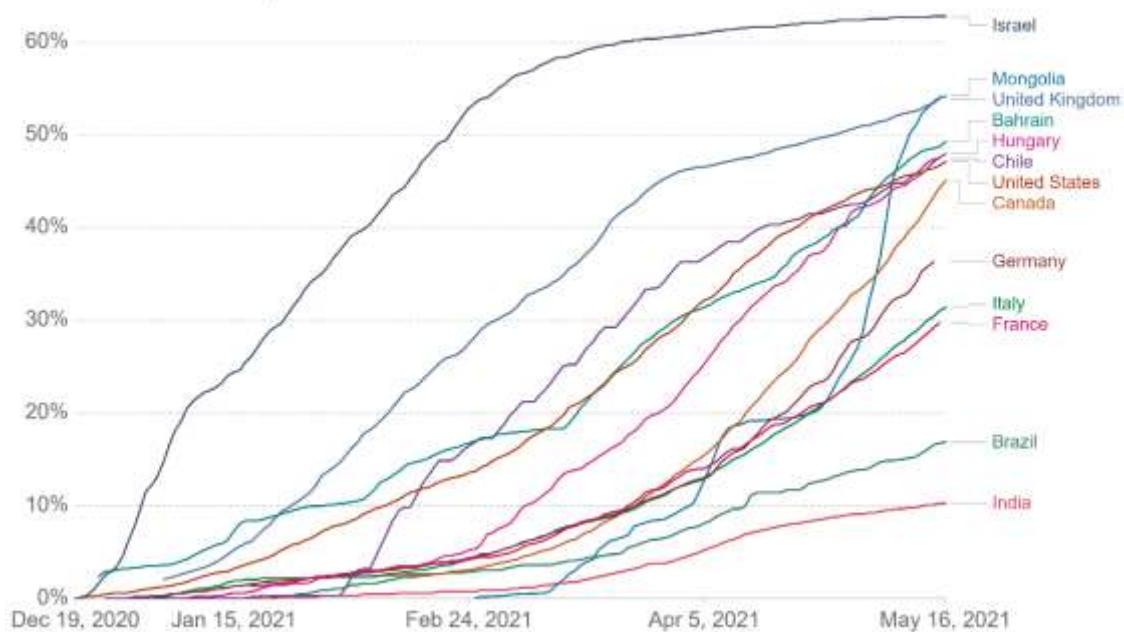
<sup>201</sup> Direitos Humanos da ONU Oficial do Alto Comissariado - Israel / OPT  
<https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=26655&LangID=E>

<sup>202</sup> [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)01096-5/fulltext#](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)01096-5/fulltext#)

<sup>203</sup> [COVAX vaccine roll-out | Gavi, the Vaccine Alliance](#)

## Share of people who received at least one dose of COVID-19 vaccine

Share of the total population that received at least one vaccine dose. This may not equal the share that are fully vaccinated if the vaccine requires two doses.



Source: Official data collated by Our World in Data

CC BY

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/coronavirus-covid-19-vaccinations), dados de 16 de maio – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

## DISCUTINDO OS CAMINHOS PARA O FUTURO NA ÁSIA E A SITUAÇÃO NOS TERRITÓRIOS PALESTINOS

Informe 9 de 2021 – 20 de maio a 1º de junho

“Esta pandemia foi conduzida por um vírus altamente transmissível. Mas tem sido turbinado pela divisão, pela desigualdade e pela negligência histórica dos investimentos em preparação. Então, à medida que nos recuperamos e reconstruímos, devemos fazer mais do que parar o vírus; devemos enfrentar as vulnerabilidades que permitem que surtos se tornem epidemias e epidemias se tornem pandemias.” Palavras do diretor da Organização Mundial da Saúde, Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, em seu [discurso de abertura](#) da [74ª Assembleia Mundial da Saúde \(WHA\)](#), que aconteceu entre 24/05 e 1º/06.

A Assembleia Mundial da Saúde – a mais importante reunião sobre Saúde Global – foi uma das várias reuniões que aconteceram neste fim de mês de maio, com a participação ativa dos países das duas regiões: no dia 21/05, assistimos a [Cúpula Global para saúde do G20](#), coorganizada pela Comissão Europeia, que terminou com a assinatura da [Declaração de Roma](#); na Ásia, nos dias 20 e 21/05, aconteceu a [26ª Conferência Internacional sobre Futuro da Ásia](#). E a [ASEAN](#), que andava com poucas atividades nas primeiras semanas de maio – concentrada nas questões graves em Myanmar<sup>204</sup> -, teve agenda cheia nessas últimas duas semanas: participou do Fórum RCEP Media & Think Tank, organizado pela China; participou como convidada da Cúpula para Saúde do G20; realizou várias reuniões com União Europeia, China e Japão; discutiu combate aos detritos marinhos; formas de melhorar a produtividade da infraestrutura e promover o desenvolvimento regional; e ainda, discutiu o surgimento de novas variantes COVID-19 e as possibilidades e desafios da implantação de vacinas, além da necessidade do aumento da capacidade de fabricação, entre outros assuntos.

### [Assembleia Mundial da Saúde \(AMS\)](#)

Encontrar formas para controlar rapidamente a pandemia COVID-19 e prevenir a próxima, com respostas mais rápidas e eficazes a crises como a que vivemos, foram os grandes objetivos da Assembleia Geral da Saúde. A 74ª Assembleia Mundial da Saúde elegeu como sua presidente a Ministra da Saúde do Butão, Lyonpo Dechen Wangmo. Em uma ampla discussão nas sessões matinais da Assembleia, a maioria das declarações dos países também enfatizou os danos da pandemia às suas sociedades e economias.

### **Situação da saúde nos territórios palestinos da Cisjordânia e Faixa de Gaza na AMS**

A disputa entre Israel e Palestina e suas consequências para a saúde nos territórios palestinos foi tema que tomou o dia todo na agenda da AMS, e envolveu os 194 membros em um longo debate, tendo países defendendo ambos os lados. A discussão visou aprovar uma resolução que pede, principalmente, a provisão de mais apoio da OMS ao setor de saúde palestino, acesso palestino equitativo às vacinas COVID-19 e proteção de respostas humanitárias

---

<sup>204</sup> A situação no país Sul Asiático, membro da ASEAN, está cada vez mais caótica, com prisões e mortes de manifestantes, caos econômico e a fome chegando com alimentos com preços exorbitantes. <https://www.eastasiaforum.org/2021/05/22/the-fight-for-democracy-in-myanmar-should-not-mean-a-return-to-the-status-quo/>. O país, que é um dos Estados Membros da OMS, apresentou ao Comitê de Credenciais da Assembleia Mundial da Saúde, dois conjuntos de credenciais de delegações diferentes, cada uma afirmando representar o Governo de Myanmar. Ambas apresentaram conjuntos de documentos comprobatórios: um conjunto em nome do Ministro da Saúde do Conselho de Administração do Estado (governo do golpe de 1º de fevereiro de 2021); outro conjunto em nome do Ministro da Saúde do Governo de Unidade Nacional (governo eleito em 2020). O Comitê recomendou através do documento [A74/56 26 May 2021](#) que não houvesse representação de Myanmar na 74ª Assembleia Mundial da Saúde.

e de saúde, nos territórios ocupados, que enfrentaram desafios ainda maiores durante os recentes confrontos entre Israel e a Faixa de Gaza, controlada pelo Hamas. A [Resolução \(A74/B/CONF./3\)](#) foi proposta por Argélia, Andorra, Bahrain, Cuba, Egito, Indonésia, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Malásia, Maurítânia, Marrocos, Paquistão, Palestina, Qatar, San Marino, Arábia Saudita Sudão, África do Sul, Síria, Tunísia, Turquia, Emiratos Árabes, Venezuela e Yemen.

A [Resolução](#) foi ancorada por um relatório extenso ([Relatório A74/22](#)), elaborado especialmente para essa Assembleia, sobre as condições de saúde, deficiências e barreiras ao acesso dos serviços de saúde, em Gaza, controlada pelo Hamas, e na Cisjordânia/Palestina, ocupada por Israel, incluindo Jerusalém oriental, com base em monitoramento de campo. O [Relatório A74/22](#), que foi apresentado por Ahmed Al Mandhari, diretor regional da OMS para o Mediterrâneo Oriental, abrange uma ampla gama de questões de longa data enfrentadas pelos palestinos, tais como: a falta de acesso a hospitais especializados na Jerusalém controlada por Israel; limitações israelenses sobre a circulação dos serviços de emergência palestinos; falta de acesso palestino às vacinas COVID, e uma qualidade geral de serviços de saúde. A situação é agravada pela violência crônica, moradia precária, serviços inadequados de água e saneamento, que levam aos palestinos a uma menor expectativa média de vida.

O [documento](#) visa a apoiar o setor de saúde palestino, usando uma abordagem de fortalecimento do sistema de saúde, inclusive por meio de programas de capacitação, melhorando as infraestruturas básicas, humanas e recursos técnicos e a provisão de instalações de saúde, e de garantia da acessibilidade, acessibilidade e qualidade dos serviços de saúde necessários para abordar e lidar com problemas decorrentes da ocupação prolongada e do desenvolvimento de planos estratégicos para investimentos em tratamento específico e capacidades diagnósticas localmente.

A Resolução foi aprovada, apesar da oposição de Israel e EUA. Foram 83 votos a favor e 14 contra (Áustria, Austrália, Brasil, Camarões, Canadá, Colômbia, República Tcheca, Alemanha, Honduras, Hungria, Reino Unido) com a abstenção de 39 países. Apesar de ter votado contra a resolução, EUA – que tem Israel como um aliado estratégico na região – [anunciou ajuda](#) para a reconstrução de Gaza e que vai envidar esforços para tirar 2 milhões de residentes palestinos de extrema pobreza e garantir estabilidade e redução das tensões.

Enquanto o futuro da saúde nos territórios palestinos era discutido pelas nações em Genebra, o Ministro de Estado americano, Antony Blinken, fez uma peregrinação pelo Oriente Médio, conversando com os envolvidos no frágil pacto de cessar-fogo, principalmente com Egito, que tem boas relações com o Hamas (Faixa de Gaza), e com Jordânia, que tem papel vital no trabalho com a Autoridade Nacional Palestina (Cisjordânia), rival do Hamas, além de manter conversas com Israel – o primeiro-ministro Netanyahu segue irreduzível<sup>205</sup>. Blinken também anunciou a reabertura do consulado americano em Jerusalém – um pequeno passo – frágil - para o início de uma longa caminhada para reconstrução e o futuro estabelecimento de dois Estados:

---

<sup>205</sup> O conflito fortaleceu Bibi, como é mais conhecido; aliás, o *premier* também é conhecido como rei de Israel, que governa há 12 anos e é acusado de corrupção, suborno e fralde. Político astuto, explorou a crise, acirrada por ele, diga-se. Mas a que preço? Para entender o primeiro tempo desse jogo político e o recente conflito, consulte o [Cadernos Informe CRIS 8, de 2021](#), página 91. O segundo tempo do jogo pode se configurar uma virada e Bibi pode ser derrotado pela primeira vez em anos, pela coalizão de siglas de direita, centro e esquerda. No entanto, isso não mudará nada para os palestinos da Cisjordânia. Os mais conservadores permanecem focados na anexação dos territórios palestinos. E o estabelecimento de um Estado Palestino continua distante. Mas um passo de cada vez. [Israel-Palestine conflict strengthens Netanyahu, but the price is high, Middle East News & Top Stories - The Straits Times](#) <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/direita-centro-e-esquerda-entram-em-acordo-para-tirar-netanyahu-do-poder-em-israel.shtml?twitterimpression=true>



Palestina e Israel. Missão quase impossível. Israel é acusado de cometer crimes contra a humanidade, desrespeitando as leis internacionais. A Autoridade Palestina coopera com as investigações do Tribunal Penal Internacional sobre crimes de guerra em territórios ocupados por Israel.

Uma história que teve início nos anos 1967, por ocasião da guerra árabe-israelense, quando Israel promoveu o estabelecimento de assentamentos para ocupar o território palestino conquistado na guerra. [O expansionismo israelense é ilegal](#). E resultou em décadas de hostilidades, exclusão, segregação, violência, xenofobia – e resulta ainda.<sup>206</sup>

As tensões entre palestinos e israelenses têm se traduzido de inúmeras formas durante o último século. Hoje, a política de vacinação contra Covid-19 é mais um marcador de segregação. Israel se recusa a vacinar a população palestina, embora o tratado do campo de direitos humanitários, a Quarta Convenção de Genebra, de 1949, nos artigos 55 e 56, obrigue que as forças ocupantes garantam itens de saúde e medidas profiláticas, de prevenção e controle de doenças contagiosas. E foi isso que provocou um dia de debate na Assembleia Mundial da Saúde. A situação pandêmica dos palestinos é caótica. E, como descrito no [relatório](#) apresentado, precariedade vai além das patologias, alcança os aspectos sociais da saúde também causam doenças – saúde mental: não inserção na sociedade, as condições econômicas e sociais precárias, falta de medidas de proteção, habitação em risco, insegurança alimentar, falta de oportunidades de educação e trabalho.<sup>207</sup>

#### **CÚPULA GLOBAL PARA SAÚDE DO G20 – ASEAN como convidada**

Líderes do G20 e outros Estados, organizações internacionais e regionais estiveram reunidos no dia 21 de maio, para compartilhar experiências sobre a pandemia COVID-19, que continua a ser crise global de saúde e socioeconômica, e para assinar a [Declaração de Roma](#), que expressa 16 princípios, e pode ser guia para mudanças estruturais de médio e longo prazo através da cooperação internacional e ações conjuntas para prevenir futuras crises globais de saúde.

A pandemia mostrou a fragilidade do atual fluxo da cadeia de suprimentos, concentrada em poucos países, principalmente, China. Indonésia, membro do G20 e da ASEAN, desde o ano passado, tem avançado em políticas públicas e parcerias para atrair empresas e se tornar um hub na cadeia produtiva de suprimentos, seja de eletrônicos, seja de insumos médicos farmacêuticos.

A ótica da *One Health* (Saúde Única) e a necessidade de investir na força de trabalho da saúde e cuidados – grande fragilidade revelada pela pandemia – foram inseridas. **Paulo Buss e Santiago Alcazar apresentam uma análise crítica sobre a declaração em artigo publicado no <https://diplomatieque.org.br/quinzena-crucial-para-a-saude-global/>.**

---

<sup>206</sup> Para se garantir como Estado étnico, Israel não pode perder a maioria étnica na região, acarretando políticas de controle populacional militarizado, políticas públicas de migração de judeus para Israel e, neste momento, a forma como vem combatendo a pandemia causada pelo novo coronavírus. De acordo com os tratados formulados pela Quarta Convenção de Genebra, o deslocamento de populações para territórios sob ocupação beligerante é proibido, portanto a comunidade internacional considera ilegal a política de assentamentos. Essa ocupação abriu pretexto para que israelenses reivindicuem a anexação oficial de terras da Cisjordânia ao Estado de Israel.

<sup>207</sup> [Covid-19 e o regime de apartheid na Palestina – Monitor do Oriente](#)

O [Painel Científico de Alto Nível](#) que elaborou o [relatório](#), reunindo as evidências científicas para a produção do documento final, contou com cientistas de Singapura, China, Índia, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes, entre outros.

### **ASEAN no G20 como convidada e parceira estratégica da UE para o Indo-Pacífico**

Como coorganizadora do [The Global Health Summit](#), a Comissão Europeia convidou a ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático<sup>208</sup> - sob nova presidência de Brunei), considerada parceira estratégica para a região Indo-Pacífico. A pandemia de Covid-19 mostrou a importância de linhas de abastecimento estáveis entre o Indo-Pacífico e o resto do mundo e ficou claro que seu papel em uma recuperação pós-Covid sustentável da economia global será vital para todos. A ASEAN está no centro do Indo-Pacífico e não é nenhuma surpresa que esteja no radar da União Europeia. Assim como está no radar dos Estados Unidos, China, Japão, Austrália, Índia.

Especialistas da ASEAN e da UE discutiram a atual emergência global de saúde, o surgimento de novas variantes COVID-19, trocando melhores práticas e abordaram a necessidade do aumento da capacidade de fabricação e as possibilidades e desafios da implantação de vacinas, no [2º Diálogo Especializado UE-ASEAN sobre vacinas COVID-19](#). Como duas organizações regionais líderes, ambos os lados compartilham um interesse comum em buscar uma abordagem multilateral para um acesso mais justo e equitativo às vacinas COVID-19, seguras e eficazes. A abordagem reforça a necessidade de fortalecer a cooperação e os esforços das partes interessadas por meio do compartilhamento de conhecimento, capacitação e outras ações de desenvolvimento. Dado o seu peso político e econômico e sua participação no Grupo dos 20, a Indonésia terá um lugar de destaque na divulgação, a ser levada adiante no âmbito do acordo de cooperação bilateral.

Durante o Diálogo, a ASEAN apresentou seu recente aprovado [Plano Estratégico e de Ação Regional sobre segurança de vacinas e autossuficiência para todos, da ASEAN para 2021-2025](#), que foi discutido e adotado por ambas organizações, como forma de acelerar a cooperação em iniciativas para vacinas seguras, eficazes e acessíveis, fornecendo um forte apoio às instalações da Covax.

Esse cenário de avanços positivos, no entanto, contrasta com a complexa situação de segurança no Indo-Pacífico, onde as tensões estão aumentando, alimentadas por uma mistura preocupante que consiste em rivalidades geopolíticas, disputas territoriais e marítimas e ameaças não tradicionais à segurança. Tal como acontece com a prosperidade da região, a UE e o mundo têm interesse na estabilidade do Indo-Pacífico. Estados Unidos idem. A parceria bilateral prevê intensificação da cooperação marítima. A UE tem um grande interesse nas rotas livres e abertas de abastecimento marítimo no Indo-Pacífico e “garante o pleno cumprimento do direito internacional, incluindo a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS)”, compromisso que compartilha com muitos parceiros asiáticos - pré-condição para a estabilidade e prosperidade sustentáveis no Indo-Pacífico e além. Uma cutucada nas ações da China no Mar Meridional da China – a região, riquíssima em pescados e fontes de combustíveis, tem sido disputada pelos países que se avizinham<sup>209</sup>, não apenas pela China.

### **Final de maio com trabalho intenso para o Secretariado da ASEAN**

---

<sup>208</sup> Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia, Vietnam

<sup>209</sup> <https://www.reuters.com/world/asia-pacific/philippines-china-hold-friendly-candid-talks-south-china-sea-2021-05-22/>

1 - **Fórum RCEP** – A Parceria Econômica Abrangente Regional (RCEP, em inglês) é o maior acordo comercial do mundo, que envolve os 10 países da ASEAN, mais China, Japão, Coreia, Austrália e Nova Zelândia. Envolve multilateralismo e o livre comércio, e é significativa para a globalização econômica e a integração econômica regional, incluindo transmissão de informações transfronteiras, armazenamento de informações, proteção ao consumidor online, proteção de informações pessoais e segurança cibernética, o que criará um ambiente institucional estável e ameno para o crescimento da economia digital. O Fórum (300 participantes presenciais) foi o primeiro desde a assinatura do acordo em novembro passado, mas somente quatro países ratificaram até agora: China, Japão, Singapura e Tailândia. As regras ainda não estão muito claras e para alguns, a diversidade de economias é uma força, mas, também, um possível obstáculo.

2 - **36º Fórum ASEAN-Japão** - A tradicional reunião anual destacou a estreita cooperação entre a ASEAN e o Japão em resposta à pandemia COVID-19 e valorizou o apoio do Japão à ASEAN, como a contribuição do país para a criação do Centro ASEAN de Emergências em Saúde Pública e Centro de Doenças Emergentes e para o Fundo de Resposta da ASEAN COVID-19.

3 - **China-ASEAN** - A reunião destacou os esforços colaborativos da parceria para abordar a pandemia COVID-19 e o apoio da China aos Estados-Membros da ASEAN na mitigação de seus impactos, incluindo contribuição para o Fundo de Resposta da ASEAN COVID-19. Concordaram em melhorar a conectividade regional e acelerar a ratificação do Acordo de Parceria Econômica Integral Regional (RCEP). aprimoramento da cooperação em outras áreas, como; economia digital, mitigação de impactos das mudanças climáticas, conectividade, rede de cidades inteligentes, promoção de energia limpa, erradicação da pobreza e gerenciamento de desastres.

4 - **Fórum de Socialização para Melhoria da Produtividade da Infraestrutura** - O fórum virtual de dois dias reuniu virtualmente mais de 160 participantes, incluindo representantes de organismos setoriais e parceiros de diálogo da ASEAN, parceiros de desenvolvimento e representantes de bancos multilaterais de desenvolvimento. A ASEAN está situada em um ambiente vibrante onde precisa enfrentar o desafio de melhorar a produtividade global para sustentar o progresso econômico regional. Diante dos recursos limitados e considerando as enormes necessidades de infraestrutura na região, os países da ASEAN precisarão aumentar não só os gastos com infraestrutura, mas também na produtividade da própria infraestrutura – compartilhar está no radar, inclusive pensando no futuro verde da região. O Fórum lançou uma cartilha orientadora <https://connectivity.asean.org/wp-content/uploads/2020/10/Publication-Framework-for-Improving-ASEAN-Infrastructure-Productivity.pdf>

5 - **Plano de Ação Regional da ASEAN para o Combate aos Detritos Marinhos nos Estados-Membros da ASEAN (2021 - 2025)** – O plano fornece uma estratégia conjunta escalável e focada em soluções para abordar detritos plásticos marinhos em toda a região. Apesar dos desafios, **o Plano de Ação Regional** será implementado nos próximos cinco anos, destacando muitas oportunidades para os Estados-Membros catalisarem, colaborarem e aplicarem soluções de longo prazo relativas ao uso de plásticos e à gestão do plástico. O Plano inclui 14 ações regionais em pilares de apoio e planejamento de Políticas; Pesquisa, Inovação e Capacitação; Conscientização Pública, Educação e Divulgação; e Engajamento do Setor Privado. PDF do Plano - [FINAL\\_210524-ASEAN-Regional-Action-Plan\\_Ready-to-Publish\\_v2.pdf](#)

## **26ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO FUTURO DA ÁSIA – NIKKEI**

A tradicional conferência anual, organizada e hospedada pelo conglomerado da comunicação Nikkei, do Japão, este ano, por dois dias, discutiu o Futuro da Ásia - como a Ásia pode entrar em uma nova era durante este tempo de incertezas - e contou com a participação de chefes de Estados e ministros de países da Ásia Sudeste e Pacífico: Malásia, Singapura,

Vietnam, Camboja, Tailândia, Sri Lanka, China, Índia, Japão, Laos, Paquistão, Nova Zelândia, Nepal e Filipinas, além de organizações como a **ASEAN** e o Banco de Desenvolvimento Asiático (ADB, em inglês).

O surto do coronavírus está mudando a Ásia. E o Fórum lançou questões e discutiu respostas: os líderes asiáticos serão capazes de pavimentar o caminho para a era pós-covid, preservando os princípios de "paz e estabilidade" e "diversidade"? Eles serão capazes de cooperar em questões internacionais, incluindo a superação de futuras pandemias? Portanto, temas como crescimento sustentável, tecnologia – 4ª Revolução Industrial e intercâmbio cultural foram os guarda-chuvas para discutir cadeias de suprimentos e autonomia estratégica; acesso equitativo às vacinas; preparação e cooperação para superar futuras pandemias; paz e estabilidade frente à nova administração Biden-China<sup>210</sup>.

Para os líderes participantes, a crise da Covid-19 ressaltou o valor da confiança, da transparência e da importância de cadeias de suprimentos confiáveis, ao mesmo tempo que aumenta a aversão ao risco e estimula a autonomia estratégica para lidar com a dependência excessiva. Prevendo um "longo século de emergências recorrentes em saúde", o Primeiro-Ministro malaio Muhyiddin Yassin, falou da necessidade de uma transformação total da propriedade intelectual farmacêutica (IP) em meio ao acúmulo de vacinas Covid-19 por nações mais ricas e conclamou a Ásia para liderar o caminho para produção genérica e mais barata de medicamentos para doenças críticas. O [acesso equitativo às vacinas](#) e o compartilhamento internacional e a cooperação são vitais para apoiar a recuperação global pós-pandemia. O Ministro das Relações Exteriores da Índia, S Jaishankar, disse que seu país está trabalhando para fortalecer e diminuir o risco da economia global por meio de parcerias como a [Supply Chain Resilience Initiative](#) com o Japão e a Austrália e que a crise global da Covid-19 destacou a importância da autonomia estratégica para a tomada de decisões pelas nações e a necessidade de cadeias de abastecimento confiáveis que não sejam afetadas por eventos como pandemias.

O Japão lembrou da necessidade de suporte ao desenvolvimento de equipamentos para armazenamento (freezers) e transporte (veículos refrigerados), bem como para a indústria que estrutura a fabricação de vacinas: álcool, embalagens para congelados, frascos, rolhas, etc.

Destaque para as sessões: **A) Reconectando a região por meio do intercâmbio cultural:** A Ásia, que se desenvolveu em harmonia e tolerância com as diferentes religiões e culturas, enfrenta uma crise de fragmentação devido à pandemia COVID-19. Os intercâmbios através das fronteiras, culturas e religiões são essenciais para a compreensão mútua e o desenvolvimento da cultura na região como um todo. A sessão fez retrospectiva das origens e antecedentes históricos da cultura asiática e personalidades importantes da cultura e das artes, bem como a especialistas, falaram sobre a importância do intercâmbio cultural na esteira da pandemia e as maneiras de superar as divisões. **B) Ásia e a nova administração dos EUA:** As tensões EUA-China parecem ter entrado em uma nova dimensão desde o início do governo Biden nos EUA. À medida que a disputa se espalha para diferenças fundamentais sobre os sistemas políticos e ideologias nacionais, especialistas dos EUA, China, Singapura e Japão discutiram o impacto sobre a estabilidade e o crescimento da Ásia e como a região deve responder ao cabo de guerra entre as duas superpotências. **C) Novas fronteiras para inovação na era COVID-19:** Reflexão sobre como a pandemia COVID-19 prejudicou severamente o crescimento da economia global ao fragmentar o movimento de pessoas e bens. Ao mesmo tempo, proporcionou oportunidades para grandes mudanças nos estilos de trabalho, como o aumento do teletrabalho, e desencadeou um rápido avanço na digitalização, incluindo a disseminação de sistemas de

---

<sup>210</sup> Desde a era Trump, é vital para ASEAN manter a neutralidade e unidade, fundamental pelo papel que exerce como bloco regional. Assim com Singapura, que por diversas vezes alertou que nenhuma nação quer ser obrigada a escolher entre EUA e China.

conferência online. Foram debatidos os desafios e as novas oportunidades de negócios criadas pela pandemia.

Os líderes também abordaram a situação do Mar Meridional da China e a situação de Myanmar. Abordaram ainda, o crescimento do populismo e do autoritarismo e o temor de algumas pessoas de que a democracia esteja retrocedendo.

### **O autoritarismo repressor do Primeiro-Ministro indiano sem controle**

A Índia, que tem vivido seu inferno astral nos últimos meses, com o descontrole da pandemia, agravada pela variante virulenta do duplo mutante; com o aumento alarmante de casos do mortal e mutilante Fungo Negro; e com as tempestades climáticas, [sofre com outro agravante](#): a repressão autoritária imposta pelo Primeiro-Ministro Modi. O Premier persegue aqueles que usam as mídias sociais para conseguir atendimento, leitos em hospitais e, principalmente os que criticam ou questionam a gestão do governo sobre a pandemia. Governos autoritários e de ultradireita não lidam bem com críticas.

As falhas da má gestão, expostas pela crise, tem provocado indignação na população (leia mais sobre no [Informe CRIS 8/2021, página 88](#)). E, ao ir atrás daqueles que buscam ajuda ou criticam o abandono pelo governo durante a catástrofe da COVID, o regime está movimentando um aparato autoritário e repressivo, que não é de agora que tem ganhado força, para atingir ativistas populares, defensores dos direitos humanos, acadêmicos e jornalistas, aplicando a Lei de Segurança Nacional, tratando-os como terroristas<sup>211</sup>. Modi, que está em seu segundo mandato, enfrenta ainda disputa interna de poder. E isso só intensifica a calamidade e piora o sofrimento, segundo a publicação na revista [Scientific American](#)

Modi continua minimizando a catástrofe e segue focado na gestão do projeto megalômano de demolir e reconstruir edifícios públicos no “novo” centro cívico de Délhi, que custa milhões aos cofres público. Enquanto isso, voluntários, médicos, ativistas, organizações da sociedade civil seguem lutando para salvar vidas, rastreando leitos hospitalares, medicamentos e cilindros de oxigênio. Em situação de calamidade está o interior rural, abandonado e devastado, onde mal existe infraestrutura de saúde e está longe do acesso às mídias sociais para conseguir auxílio. Lembrando que a COVID-19 chegou à Zona Rural como consequência das medidas desastrosas do governo central (Modi), que impôs lockdown, subitamente, sem aviso e preparação prévia, o que levou aos trabalhadores migrantes dos grandes centros a fugirem de qualquer jeito para suas aldeias rurais. Sem testes e sem vacinas, levaram o vírus para o interior do país.

---

<sup>211</sup> Presos sob leis antiterrorismo nos últimos sete anos: Mahesh Raut, organizador comunitário no centro da Índia - mais de 300 aldeias pediram sua libertação; Akhil Gogoi, ativista camponês no estado nordeste de Assam, que no início de maio ganhou uma eleição legislativa estadual de dentro da prisão; Stan Swamy, sociólogo jesuíta idoso e paciente de Parkinson, que na época de sua prisão em outubro de 2020, era um dos principais peticionários em um litígio de interesse público para a libertação de julgamentos de Dalit e Adivasi (pessoas encarceradas sem julgamento, muitas vezes por anos) no estado de Jharkhand; Khalid Saifi, ativista baseado em Delhi do United Against Hate, grupo que faz campanha contra crimes de ódio; Anand Teltumbde, um dos principais acadêmicos e pensadores; e Sudha Bharadwaj e Surendra Gadling, advogados veteranos de direitos humanos que estão presos desde meados de 2018 sem fiança ou julgamento. <http://emeets.lnwr.in/index.php/me-mes-for-civil-liberties/uapa/664-modi-is-worsening-the-suffering-from-india-s-pandemic>. Veja mais em: <http://emeets.lnwr.in/index.php/me-mes-for-civil-liberties/uapa/616-release-the-bhima-koregaon-16-and-compensate-them> e em <http://emeets.lnwr.in/index.php/me-mes-for-civil-liberties/uapa>

## CENÁRIO DA COVID-19 – sem controle e sem preparação para a próxima pandemia

Os cenários no Sudeste Asiático são sombriamente semelhantes ao que temos visto na Índia e no Nepal. As novas ondas estão sendo alimentadas pelas variantes mais virulentas, pela vacinação lenta e por controles mais frouxos – a economia não aguenta. Há uma sensação de fadiga pandêmica no número crescente de pessoas desrespeitando as regras que deveriam mantê-las seguras. A explosão está sobrecarregando países mais pobres, com sistemas de saúde deficitários. Muitos destes países hospedam refugiados que vivem em situação precária de saúde e saneamento.

Quase um ano e meio depois, o mundo ainda não controlou a pandemia e não está preparado para a próxima. A tomada de decisões de saúde pública depende de vigilância precisa e em tempo real. E a pandemia COVID-19 expôs fragilidades na vigilância de doenças em quase todos os países.<sup>212</sup> A oportunidade de países e agências multilaterais examinarem com atenção o que falhou, e agir com ousadia para implementar as melhorias necessárias na vigilância de doenças, para construção de resiliências, cooperação e solidariedade, foi adiada para novembro.<sup>213</sup>

Proposta pelo presidente dos líderes da União Europeia, Charles Michel, em uma cúpula do G20, em novembro passado, a elaboração do Tratado Pandêmico foi apoiada pela OMS<sup>214</sup> e por 25 países (Omã, Filipinas, Turquia, entre eles) e entidades. Ambicioso, o principal objetivo desse tratado internacional para preparação e resposta a pandemias seria promover uma abordagem abrangente e multissetorial para fortalecer as capacidades nacionais, regionais e globais e a resiliência a futuras pandemias. Isso inclui um grande aprimoramento da cooperação internacional para melhorar, por exemplo, sistemas de alerta, compartilhamento de dados e de informações, pesquisa, produção e distribuição local, regional e global de contramedidas médicas e de saúde pública, como vacinas, medicamentos, diagnósticos e equipamentos de proteção individual. Também inclui o reconhecimento de uma abordagem “One Health”, conectando a saúde humana, animal e do planeta.

A União Europeia defende um tratado nos moldes da Convenção-Quadro sobre Controle do Tabaco, mas tem enfrentado oposição dos EUA, da Rússia e do Brasil. China evitou uma posição clara sobre o tratado, apesar de apoiar o conceito de construção de um sistema único de vigilância. Estados Unidos, apesar de ser favorável a um instrumento internacional, está preocupado com as responsabilidades financeiras ligadas a qualquer arcabouço legal, o que pode ser difícil obter apoio interno.

Assim, essa discussão potencialmente polarizadora sobre um "tratado pandêmico" foi adiada para novembro, de acordo com [projeto de decisão](#) da Assembleia Mundial da Saúde, proposta por Albânia, **Australia**, **Azerbaijan**, Canada, Chile, Costa Rica, Dominican Republic, Egypt, **Fiji**, Georgia, Iceland, **Indonésia**, Kenya, Montenegro, Norway, Paraguay, **Filipinas**, **Qatar**, **Coeréia do Sul**, Moldova, Rwanda, Senegal, South Africa, Sudan, **Thailand**, Tunisia, **Turkey**, Ukraine, **Emirados Árabes**, Reino Unido, Estados Unidos, Uruguay and e União Europeia.

A decisão estabelece "um processo intergovernamental" para elaborar e negociar este instrumento, "levando em conta o relatório do Grupo de Trabalho sobre o Fortalecimento da Preparação e Resposta às Emergências em Saúde da OMS". Alemanha fez uma [declaração](#) em

<sup>212</sup> [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)01096-5/fulltext#](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)01096-5/fulltext#)

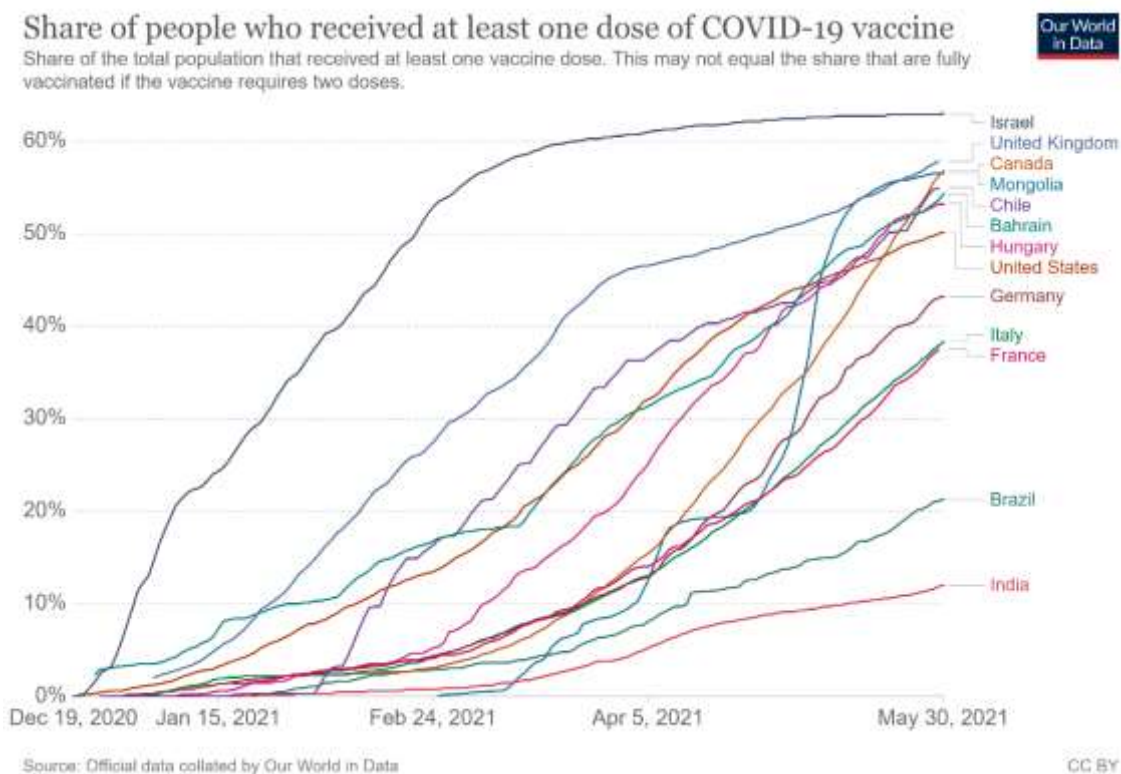
<sup>213</sup> <https://fcghalliance.org/2021/05/fcgh-alliance-members-to-wha74-a-framework-convention-on-global-health-would-create-a-safer-world-for-all/>

<sup>214</sup> <https://www.who.int/news/item/30-03-2021-global-leaders-unite-in-urgent-call-for-international-pandemic-treaty>

nome de 59 países que agora apoiam a sessão especial da WHA para novembro para discutir um possível tratado<sup>215</sup>

## Vacinação

O CovaX Facility já distribuiu 77 milhões de doses para 127 participantes e está alocando vacinas adicionais à medida que os países avançam a vacinação. Nas duas regiões, já receberam vacinas do programa: Camboja, Fiji, Laos, Malásia, Mongólia, Papua Nova Guiné, Filipinas, Samoa, Ilhas Salomão, Tonga, Tuvalu, Vietnã, Indonésia, Nepal, Timor-leste, Afeganistão, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Paquistão, Síria, Palestina e Gaza, Yémen.<sup>216</sup>



Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/covid-vaccinations), dados de 30 de junho – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

<sup>215</sup> [Pandemic Treaty Discussion Deferred With Appeals For High-Level Political Commitment To Fix WHO - Health Policy Watch \(healthpolicy-watch.news\)](#)

<sup>216</sup> [COVAX vaccine roll-out | Gavi, the Vaccine Alliance](#)

## UM ANO E MEIO DEPOIS, NADA MUDOU NO QUARTEL DE ABRANTES E TUDO SEGUE COMO DANTES. OU PIOR, EM MUITOS CASOS

Informe 11 de 2021 – 02 a 30 de junho

OMS alerta para a gravidade da variante Delta, que se espalha rapidamente pelo globo, assombrando até mesmo os países com alto índice de vacinação. Médicos Sem Fronteiras, OMS e pesquisadores criticam a falta de solidariedade dos países ricos que monopolizaram as vacinas, dificultando a distribuição de doses de forma mais igualitária. De quebra, fazem uma análise crítica à iniciativa COVAX – ideia boa, execução mediana<sup>217</sup> - e sinalizam os pontos falhos para melhorias no futuro; porque outras pandemias virão.

Globalmente, um ano e meio depois, as fragilidades e desigualdades reveladas pela pandemia permanecem; os desafios para alcançar a agenda 2030 se acumulam, somam-se a esses, os desafios para enfrentar as mudanças climáticas. E a realidade mostra a importância de voltar a olhar para os determinantes sociais da saúde.

Regionalmente, na **Ásia Sudeste e Pacífico**, países voltam a impor restrições, diante da ameaça da cepa Delta e sua variante nepalesa, Delta Plus, e a retomada da economia fica um pouco mais longe. Myanmar afundando em caos à medida que as milícias armadas crescem em ambientes rurais e urbanos, desde o golpe militar no recente 1º de fevereiro; cresce a competição geopolítica no Indo-Pacífico e, por hora, as nações sul-asiáticas ainda conseguem se aproveitar da tensão cada vez mais acirrada entre China e Estados Unidos – mas, sempre bom lembrar que, entre o mar e o rochedo, os mariscos podem se quebrar. Sanções e acusações de violações de direitos humanos dos Estados Unidos contra China e Rússia, que ficam mais próximas.

No **Oriente Médio**, eleições presidenciais na Síria e no Irã sem surpresas; bombardeio americano (de novo) contra milícias, apoiadas pelo Irã, na Síria e no Iraque; drones (indetectáveis por radar), usados como armas, inflamam as relações entre Paquistão e Índia; Israel consegue tirar do poder o corrupto Benjamin Netanyahu, cujo temperamento explosivo desestabilizava as relações na região, mas elege um nacionalista conservador de direita, defensor da anexação da Cisjordânia; uma longa sequência de fracassos do presidente palestino, há 15 anos no poder, cujo ápice foi o recente conflito entre Israel X palestinos X Hamas, leva a população às ruas de Jerusalém. Arábia Saudita não consegue solução para o fim da guerra no Yemem, que já se estende por seis anos; no Afeganistão, cresce a violência de um talibã (do Paquistão, descrito como talibã ruim – em oposição ao Talibã afegão, descrito como bom), após início da retirada dos soldados americanos, no país há 20 anos.<sup>218</sup> Haja saúde mental.

Esse resumo confirma que nada mudou no quartel de Abrantes e tudo segue como dantes. Ou pior, em muitos casos. E direciona nosso olhar para a 47ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU (21 de junho e 9 de julho) e para o informe [A/HRC/47/23](#) apresentado pela Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), Michelle Bachelet, sobre “O Papel Central do Estado na resposta às Pandemias e outras emergências em saúde, e às suas consequências socioeconômicas, no avanço do desenvolvimento sustentável e na realização de todos os Direitos Humanos” (saiba mais sobre as atividades do Conselho de

<sup>217</sup> <http://www.pharmabaires.com/2075-el-mecanismo-covax-carece-de-solidaridad-pero-america-latina-tampoco-expuso-cooperacion-regional-afirman-south-centre-y-medicos-sin-fronteras.html>

<sup>218</sup> [Visão: Como EUA, aliados deixam Afeganistão, Talibã faz passos rápidos - The Economic Times \(indiatimes.com\)](#)



Direitos Humanos da ONU e dos Movimentos Sociais, no capítulo de Armando De Negri, neste Informe).

Sob essa ótica, os direitos humanos se somam aos direitos sociais, econômicos e culturais. E sob essa ótica, países reclamam da intromissão de países (G7) em seus assuntos internos. O debate leva a outra reflexão: é realmente necessário interferir? E quando interferir? E as consequências da intervenção? Avanços ou desequilíbrios? Temos exemplos recentes e antigos: atuação dos Estados Unidos no Oriente Médio, há décadas, e aumento do terrorismo, dentro e fora da região<sup>219</sup>. Recentemente, a decisão de não intromissão nos assuntos internos em Myanmar, país membro da ASEAN, cujo governo oficial foi derrubado pelo golpe militar, foi uma opção; se foi boa, só o futuro dirá, mas as várias etnias que antes rivalizavam, agora lutam juntas contra o mesmo inimigo: os militares corruptos e manipuladores.

### **Eleições na Síria e Irã – sem surpresas**

O presidente da Síria, Bashar al-Assad, foi reeleito para mais um mandato de sete anos com 95,1% dos votos, após eleições criticadas pela oposição e pelos países ocidentais. As votações foram realizadas somente nas áreas controladas pelo regime assadista – 2/3 do território sírio. A campanha foi baseada na reconstrução do país – um país assolado pela guerra desde 2011, sistema de saúde colapsado, 90% das pessoas vivendo na pobreza, famílias separadas. Segundo a ONU, são 388 mil mortos e milhares de deslocados internamente e refugiados em países vizinhos, como Turquia e Irã. Assad está no poder há 21 anos. Estados Unidos e União Europeia já anunciaram que não reconhecerão os resultados da eleição.

A eleição que colocou o ultraconservador Ebrahim Raisi na presidência do Irã, já no primeiro turno, bateu recorde de abstenção: 57%; e houve 3,7 milhões de votos nulos. A falta de entusiasmo mostra que os iranianos consideraram a eleição um jogo de cartas marcadas<sup>220</sup>. A eleição do protegido do Líder Supremo, Ayatolá Ali Khamenei (desde 1989), coloca os linhadura no controle do governo à medida que as negociações em Viena continuam a tentar salvar um acordo esfarrapado destinado a limitar o programa nuclear iraniano, em um momento em que Teerã está enriquecendo urânio a 60% - um dos níveis mais altos já praticados pela república islâmica. Personificação da repressão, Raisi se descreve como defensor dos direitos humanos e nega seu envolvimento na execução em massa de cerca de 5.000 pessoas, em 1988.

### **Novo Primeiro-Ministro de Israel**

Israel<sup>221</sup>, agora sob a administração do novo Premier Naftali Bennet, líder da direita nacionalista religiosa<sup>222</sup>, está focado na diplomacia para definir prioridades e confirma parceria com a nova presidência americana para “corrigir” erros do passado recente, sob regência do ex-presidente Donald Trump e do ex-primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, que esteve no poder

---

<sup>219</sup> <https://blogs.oglobo.globo.com/guga-chacra/post/biden-nao-cansa-de-bombardear-e-matar-civis-no-oriente-medio.html>

<sup>220</sup> A seleção de candidaturas é feita pelo Conselho de Guardiães da Constituição. Mais de 600 candidatos se inscreveram para concorrer, mas só sete foram aceitos. Personalidades políticas de peso foram afastadas da disputa.

<sup>221</sup> <https://apnews.com/article/joe-biden-europe-rome-israel-middle-east-ae850ef6fc154a5e38bf2111bf5c5a40>

<sup>222</sup> Bennet derrotou Netanyahu, após costurar coalizão de siglas partidárias de direita, centro e esquerda, incluindo partidos árabes. O movimento nacionalista religioso, também chamado de sionista religioso, defende a colonização dos Territórios Palestinos Ocupados e se opõe a qualquer forma de Estado palestino em terras reivindicadas em nome da Bíblia. O movimento também defende o conservadorismo religioso e o liberalismo econômico. Naftali Bennett é empresário bem-sucedido na área de alta tecnologia; ele fez fortuna vendendo sua startup de cibersegurança por US\$ 145 milhões em 2005.

por 12 anos. Ambos os países, Estados Unidos e Israel, vão buscar conquistas menores, como apoiar o cessar-fogo entre Hamas, em Gaza, e Israel, para preservar o delicado equilíbrio conquistado. Ambos concordam numa diplomacia mais “silenciosa”, com conversas diretas e pouca mídia. Reduzir as tensões - ou pelo menos não inflamá-las - é a estratégia-chave.

No topo da agenda dos dois países estão as conversações em Viena sobre a retomada do acordo do Irã, de 2015, com potências mundiais para limitar a capacidade de Teerã de desenvolver armas nucleares. Trump, com o apoio de Netanyahu, retirou os EUA do acordo em 2018 e impôs sanções à República Islâmica. Biden prometeu restaurar e expandir o acordo. Agora, o novo governo de Israel parece empenhado em permanecer engajado e tentar influenciar as negociações, em vez de afundá-las.

### **Palestina – sonho do Estado independente ficou distante**

A morte de um crítico declarado da Autoridade Palestina (AP) foi o estopim para as manifestações populares na Palestina contra o presidente da AP, Mohmoud Abbas, há 15 anos no poder. O recente conflito com Israel e Hamas, confirmou que a atuação de Abbas tem sido um fracasso: jogou fora oportunidades de negociação; a vida na Cisjordânia piorou tanto sob o aspecto econômico quanto no aspecto da saúde; os árabes se distanciaram e avançaram na normalização com Israel; a ocupação israelense aumentou e o Hamas controla Gaza. E para fechar a lista, Abbas cancelou as eleições que deveriam acontecer em final de maio, usando uma justificativa que não convenceu.<sup>223</sup>

### **ASEAN - AICHR convoca reunião com ONU sobre direitos humanos, meio ambiente, mudanças climáticas<sup>224</sup>**

A Comissão Intergovernamental de Direitos Humanos da ASEAN (AICHR), em parceria com as Nações Unidas, com destaque para o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e a Comissão Econômica e Social da ONU para a Ásia e o Pacífico (ESCAP) convocaram o Workshop AICHR sobre Direitos Humanos, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas, que aconteceu entre 8 a 10 de junho. Os 90 especialistas reunidos discutiram os impactos das mudanças climáticas sobre os direitos humanos na região e a futura colaboração com as agências da ONU, no contexto do 2º Plano de Ação ASEAN-ONU (2021-2025).

O papel do acesso à informação; participação pública e acesso à justiça em abordagens baseadas em direitos para a tomada de decisões ambientais e abordagens baseadas em direitos para avaliação de impacto ambiental (EIA); e os papéis institucionais do Estado e da ASEAN, foram os temas debatidos. O grupo de especialistas concordou em avançar na implementação de princípios e diretrizes que levem ao cumprimento dos direitos das crianças a um ambiente saudável.

### **Migrantes trabalhadores na região da ASEAN - recomendações**

A ASEAN divulgou o [Estudo Comparativo sobre Leis e Políticas na Gestão dos Trabalhadores Migrantes](#) na região e oferece uma análise abrangente sobre como os Estados-Membros têm lidado com a movimentação de trabalhadores migrantes em seus mercados de

---

<sup>223</sup> <https://blogs.oglobo.globo.com/guga-chacra/post/abbas-e-um-fracasso-para-os-palestinos.html>

<sup>224</sup> [AICHR convoca reunião com ONU sobre direitos humanos, meio ambiente, mudanças climáticas - ASEAN | UMA VISÃO UMA IDENTIDADE UMA COMUNIDADE](#)

trabalho, abrangendo todos os níveis de habilidade e ocupações e fornecendo recomendações para os formuladores e profissionais da ASEAN na melhoria das políticas e medidas relativas à mobilidade dos trabalhadores migrantes. A situação precária dos trabalhadores migrantes foi uma das fraquezas que a pandemia da COVID-19 trouxe à tona.

O Estudo foi um trabalho conjunto entre o Ministério do Trabalho, Inválidos e Assuntos Sociais do Vietnã e o Grupo de Trabalho de Alto Escalão das Práticas Trabalhistas Progressistas DA ASEAN com apoio do Secretariado da ASEAN<sup>225</sup>.

### **CENÁRIO DA COVID-19 – A variante Delta e suas variantes são um balde de água fria**

A variante Delta, que teve origem na Índia, vem se espalhando rapidamente ao redor do mundo - já foi detectada em 85 países - e está assombrando mesmo os países com alta taxa de vacinação. Em Israel, país que havia se livrado das máscaras e onde 57% da população já tomou inclusive a segunda dose, o acessório voltou a ser obrigatório em caráter emergencial por causa da Delta. No Reino Unido, com 48% dos moradores completamente imunizados, a reabertura quase total deve esperar mais algumas semanas por causa da nova cepa, responsável pela maioria dos novos casos de infecção. Os países da Ásia Sudeste e Pacífico voltam a impor restrições, com Austrália, ou estendem as restrições, como Filipinas e Indonésia<sup>226</sup>.

A Dra. Mariângela Simão, diretora-geral adjunta da OMS para o acesso a medicamentos, vacinas e fármacos, enfatizou que mesmo as pessoas vacinadas devem continuar a usar máscaras, evitar multidões e manter distância social dos outros, manter os espaços ventilados, além das clássicas medidas como higienizar as mãos.

### **Vacinação**

O CovaX Facility já distribuiu 89 milhões de doses para 133 países participantes e está alocando vacinas adicionais à medida que os países avançam a vacinação. Nas duas regiões, já receberam vacinas do programa: Camboja, Fiji, Laos, Malásia, Mongólia, Papua Nova Guiné, Filipinas, Samoa, Kiribati, Ilhas Salomão, Tonga, Tuvalu, Vietnã, Indonésia, Bangladesh, Nepal, Timor-leste, Afeganistão, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Paquistão, Síria, Palestina e Gaza, Yémen.  
227

---

<sup>225</sup> [https://asean.org/?static\\_post=comparative-study-laws-policies-management-migrant-workers-asean](https://asean.org/?static_post=comparative-study-laws-policies-management-migrant-workers-asean)

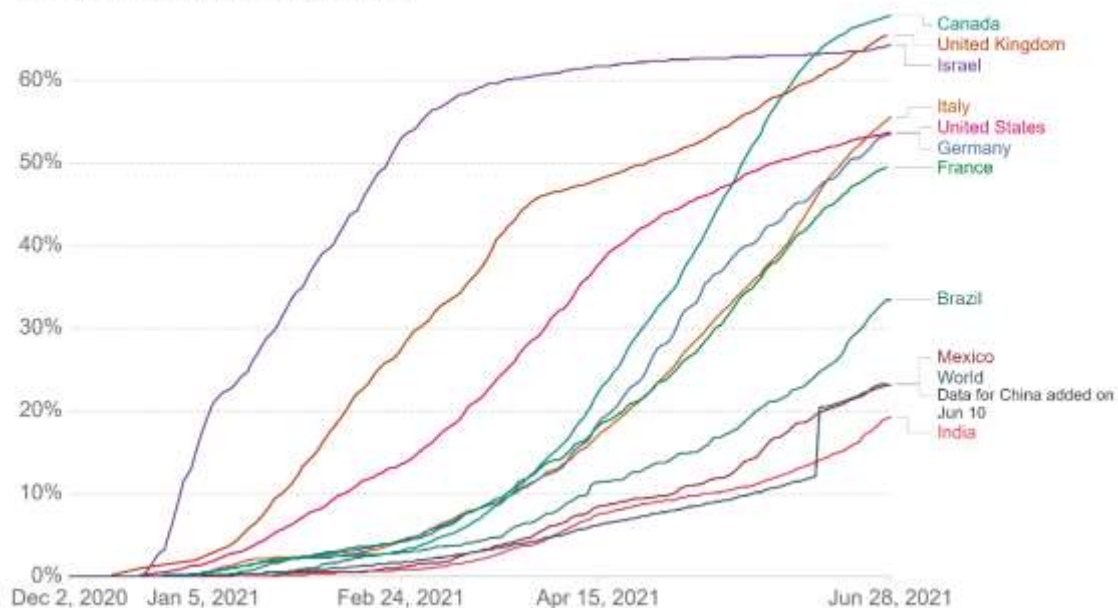
<sup>226</sup> <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2021/06/o-que-se-sabe-sobre-a-variante-delta-que-pode-ser-mais-grave-e-adiar-a-volta-a-normalidade-ckqh9os5g007u018mys6voqbh.html>

<sup>227</sup> [COVAX vaccine roll-out | Gavi, the Vaccine Alliance](#)

## Share of people who received at least one dose of COVID-19 vaccine



Share of the total population that received at least one vaccine dose. This may not equal the share that are fully vaccinated if the vaccine requires two doses. This data is only available for countries which report the breakdown of doses administered by first and second doses.



Source: Official data collated by Our World in Data

CC BY

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/covid-vaccinations), dados de 29 de junho – os dados são atualizados diariamente



Tóquio, as autoridades japonesas anunciaram novo “estado de emergência” e avisam que as olimpíadas acontecerão a portas fechadas.

A **Índia** continua sua luta contra o Sars-CoV-2 e suas quatro variantes importantes: o consórcio nacional de genômica SARS-CoV-2 (INSACOG<sup>232</sup>) detectou as variantes Alfa, Beta, Gama, Delta (e Delta Plus) em 35 estados e distritos do país - não há ainda presença da variante Lambda. Até agora (07/07). Além das vacinas produzida pelo maior produtor mundial, o Instituto Serum, cuja exportação foi suspensa para priorizar a urgência interna, o país está já recebeu doses de vacina Pfizer, através da iniciativa COVAX, e doses da Moderna, doadas pelo governo americano.

Mas o coronavírus não é a única preocupação das autoridades de saúde do país; além do aumento dos casos de fungo negro, que pode ser mutilante e mortal, foram registrados casos de Zika no Sudoeste do país: a primeira paciente é uma mulher grávida de oito meses. Outros caso de Zika também foram registrados no estado do Rajastão, noroeste da Índia, divisa com Paquistão – onde ¾ das terras é deserto. *Aedes aegypt* como vetor.

E como nada na Índia é simples, a pandemia segue revelando as mazelas do sistema de saúde: a falta de limpeza nos hospitais – inclusive privados. A falta de higiene está provocando uma onda de contaminação pelo fungo branco *Aspergillus*, que desenvolve infecções pulmonares necrosantes e mortais. O fungo é comumente encontrado em instalações com limpeza e ventilação inadequadas, onde há mofo e materiais contaminados. Conhecido como causador da Síndrome do Prédio Doente, o fungo branco atinge os sistemas imunológicos debilitados<sup>233</sup>. Acionado por uma ONG local, o Tribunal Superior indiano determinou que as clínicas e hospitais devem supervisionar a limpeza e higiene mais severamente.<sup>234</sup> Mal preparados, as clínicas e hospitais estão sofrendo com falta de médicos. Além de poucos – são 90 médicos para cada 100 mil habitantes - eles estão abandonando o trabalho por falta de segurança – virou moda espancar médicos – e sem proteção legal.

A pandemia no **Oriente Médio** segue castigando os países mais devastados pelos conflitos recentes e violências internas, que sofrem com restrições de circulação e falta de acesso a serviços de saúde ou com serviços precários (Territórios Palestinos, Afeganistão, Líbano, Síria, Iraque, Yemen), e com sanções impostas (Irã) de tal forma que em alguns países a COVID-19 é só mais um desafio em meio a uma lista de muitos: desemprego, inflação, insegurança alimentar, falta de energia elétrica, instalações precárias, falta de acesso à educação, mulheres e meninas mais vulneráveis, perdas de familiares, de pertences e de memórias, saúde mental, mutilações.

No **Afeganistão**, as autoridades do Programa Expandido de Imunização tiveram que ser criativas para driblar os ataques do Talibã, que em poucos dias ampliou seu domínio para várias regiões do país. O governo afegão tem usado caminhões comuns de transporte de gêneros como arroz, nos quais ocultam caixas refrigeradas para transportar as vacinas – com risco de perda se o prazo passar dos quatro dias, devido a bloqueios nas estradas. Essa tática tem sido usada desde que o Talibã apreendeu uma remessa de vacina. As autoridades afegãs tiveram que negociar com os líderes do grupo extremista para que a carga chegasse com segurança aos

---

<sup>232</sup> O INSACOG é um consórcio multinacional de Laboratórios de Sequenciamento de Genomas (RGLS). [https://economictimes.indiatimes.com/news/india/covid-19-variants-of-concern-found-in-174districts/articleshow/84205133.cms?utm\\_source=contentofinterest&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=cppst](https://economictimes.indiatimes.com/news/india/covid-19-variants-of-concern-found-in-174districts/articleshow/84205133.cms?utm_source=contentofinterest&utm_medium=text&utm_campaign=cppst)

<sup>233</sup> [Aspergillus fumigatus: características, morfologia, doenças - Maestrovirtuale.com](https://www.maestrovirtuale.com/aspergillus-fumigatus-caracteristicas-morfologia-doencas)

<sup>234</sup> <https://economictimes.indiatimes.com/news/india/bombay-hc-says-government-hospitals-in-maharashtra-must-have-committees-to-oversee-hygiene/articleshow/84205234.cms>

postos. Admirável o otimismo dos coordenadores do PEI, que vêm nessa negociação uma oportunidade de incluir outras vacinas necessárias, como Sarampo e Poliomielite.<sup>235</sup>

**Irã** enfrenta sua 5ª onda e a nova variante Delta<sup>236</sup> - é o país mais atingido do Oriente Médio<sup>237</sup> - e agora precisa lidar com milhares de refugiados vindos do Afeganistão, fugidos do avanço do Talibã – segundo autoridades, a variante Delta foi trazida por eles. Em discurso em uma TV estatal, com um tom pessoal, o atual presidente, Hassan Rouhani (em agosto passará o bastão para o presidente eleito, Ebrahim Raisi), reconheceu que deveriam ter sido mais atentos e cuidadosos e chamou atenção que só cerca de 69% das pessoas seguem observando os protocolos recomendados. Teerã e mais 91 cidades estão classificadas como Zona Vermelha. Viagens internas estão restritas, comércios não essenciais fechados e recomendação de trabalho home office.

O governo atribui a lenta vacinação às sanções americanas, mas para quem acompanhou a pandemia no Irã desde o início, dá para compreender o tom incomum do discurso de Rouhani: por ordem do aiatolá Khamenei, as restrições para controle da COVID-19 demoraram muito a serem colocadas em práticas – houve discurso que Alá protegeria -; e quando o governo começou a se mexer para adquirir vacinas, houve recomendações para evitar as vacinas americanas. O país encomendou à COVAX 16,8 milhões de doses, mas recebeu pouco mais de 4 milhões (AstraZeneca); licenciou para uso público duas vacinas produzidas localmente, incluindo uma em parceria com Cuba; também coopera com a Rússia na produção da Sputnik V.

O país vive um verão escaldante com agravamento da seca e baixa dos reservatórios de água, provocando blecautes que paralisam as indústrias, interrompe as telecomunicações, levando a protestos nas redes sociais e manifestações antigovernistas. O sistema de geração de energia é velho, sem manutenção (aí sim, culpa das sanções) e não acompanhou o crescimento das cidades e novas demandas. O governo iraniano precisou aumentar a importação de energia de seus vizinhos (Turquemenistão, Azerbaijão e Armênia), que também sofrem com a seca e baixa dos reservatórios.<sup>238</sup>

O Ministério das Relações e Expatriados da **Palestina** solicitou ao Conselho de Segurança da ONU que assumam as [responsabilidades legais](#) e tomem medidas para forçar Israel a cumprir o que estipula o acordo do direito internacional<sup>239</sup> e levantar as restrições impostas, principalmente na Faixa de Gaza, cujas restrições severas de movimento impedem que as pessoas se desloquem para obter tratamento médico (pacientes com câncer não têm mais acesso aos tratamentos, por exemplo), ou de receber suprimentos e medicamentos, agravando a saúde da população já tão incapacitada pela Covid-19 e pelos recentes conflitos. Quedas de energia só pioram o precário funcionamento de atividades de atendimento. Os relatórios da

---

<sup>235</sup> [Otimismo engenhoso: Combate ao COVID-19 no Afeganistão | Gavi, a Aliança de Vacinas](#)

<sup>236</sup> [Irã em risco de quinta onda Covid-19 como variante Delta se espalha: Hassan Rouhani - Times of India \(indiatimes.com\)](#)

<sup>237</sup> Com população de mais de 83 milhões, que se somam a milhares de refugiados sírios, afegãos e iraquianos, o Irã já soma 3.355.786 casos e 85.694 óbitos.

<sup>238</sup> [Irã aumenta importações de eletricidade dos vizinhos - Teerã Times \(tehrantimes.com\)](#)

<sup>239</sup> O direito internacional determina que, se um país ocupa um território, ele deve garantir segurança, alimentação, direito à saúde e à educação para a população do território ocupado. Não é o que Israel está fazendo nos territórios ocupados da Cisjordânia e Faixa de Gaza.

ONU e da OMS para o Mediterrâneo Oriental<sup>240</sup> já apontaram a gravidade da situação. Esse foi o quarto conflito

O Banco Mundial estimou o custo de reconstrução de Gaza em U\$ 485 milhões de dólares. Segundo o diretor do BM para Cisjordânia e Gaza, Kanthan Shankar, o desemprego já chega a 50%: 36% dos desempregados são jovens, especialmente em Gaza, e 91% são mulheres<sup>241</sup>. A nova estratégia do Banco Mundial para os territórios palestinos visa a proteger vidas e meios de subsistência e colocar a agenda de empregos na vanguarda de sua estratégia. A situação vem se agravando desde 2007, quando o grupo paramilitar Hamas tomou o poder das forças palestinas e provocou o bloqueio total de Israel.

### **Situação Territórios palestinos** ([Relatório da agência da UNCTAD/ONU](#))

A política de demolição das casas dos cidadãos e a política de limpeza étnica provocam reações internacionais generalizadas. Em um relatório emitido pela Missão Humanitária das Nações Unidas (OCHA), foi relatado que as autoridades de ocupação haviam demolido pelo menos 421 edifícios de propriedade palestina desde o início deste ano, incluindo 130 edifícios financiados por doadores. De acordo com o relatório, as demolições deslocaram 592 pessoas, incluindo cerca de 320 crianças, em toda a Cisjordânia. Por sua vez, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) considerou a demolição do exército israelense da vila de Homsa al-Fuqa, no norte da Cisjordânia, "uma força para a dignidade humana". O comitê pediu a Israel para garantir que a população palestina viva o mais normal possível nos territórios que ocupa, de acordo com suas leis, cultura e tradições."

A União Europeia ressaltou que a política de assentamento de Israel era ilegal sob o direito internacional, bem como medidas unilaterais como transporte forçado, despejo, demolição e confisco de casas, o que só levaria a um ambiente já tenso e mais violência e sofrimento humano, pedindo às autoridades israelenses que parassem imediatamente essas atividades e fornecessem licenças adequadas para a construção legal e o desenvolvimento das comunidades palestinas.

### **O Efeito Borboleta<sup>242</sup> da saída dos EUA do Afeganistão – entram em cena novos atores na geopolítica do Oriente Médio**

A saída das tropas americanas do Afeganistão, depois de 20 anos de ocupação, foi fruto de um acordo assinado em fevereiro de 2020, entre EUA, Talibã e governo afegão. O acordo previa a retirada das tropas americanas e da OTAN, de um lado, e, de outro, pelo Talibã, a promessa de cortar laços com Al Qaeda e outros grupos terroristas. Um governo conjunto afegão e talibã seria negociado numa rodada de conversas futura. O acordo foi assinado pelo ex-governo Trump e está sendo cumprido a todo vapor pelo governo Biden - sem muito cuidado, segundo críticos e especialistas no tema. À princípio, a retirada americana está acentuando a crise política e humanitária; o país vive uma onda de violência e já há milhares de refugiados que buscaram asilo no Irã e no Tadjiquistão. O Talibã já controla 80 distritos no país e se move

---

<sup>240</sup> [Relatório A74/22](#) apresentado na Assembleia Mundial da Saúde deste ano de 2021. Em 2015, a agência da ONU, UNCTAD, já apontava a [péssima situação imposta aos territórios](#), após três guerras com Israel (2009, 2012 e 2014). E só piorou após o recente conflito de 11 dias, pelos mesmos motivos.

<sup>241</sup> Isso contribuiu enormemente para o aumento da violência contra mulheres e meninas.

<sup>242</sup> O Efeito Borboleta é uma expressão utilizada na Teoria do Caos para fazer referência à sensibilidade em relação a pequenas perturbações nas condições iniciais. Foi descrito pela primeira vez pelo meteorologista estadunidense, Edward Lorenz, quando trabalhava em equações para modelar a evolução do clima. Segundo o fenômeno, o bater de asas de uma borboleta no Brasil pode desencadear uma sequência de fenômenos meteorológicos que provocarão um tornado no Texas.



para controlar capitais<sup>243</sup>. Por outro lado, a permanência americana no país não garante a paz nem a estabilidade. Não há uma solução simples.<sup>244</sup> E um governo exclusivamente talibã levaria o Afeganistão de volta à idade das trevas; o grupo defende seguir à risca a Sharia, a Lei Islâmica.

Preocupados com a instabilidade na região e crescimento do Talibã, que mantém relações com outros grupos terroristas, os governos de Estados se articulam bilateral e trilateralmente para garantir uma solução pacífica. Por seu lado, o Talibã começa a pensar como governo e entender a importância das relações econômicas e diplomáticas.

### **Irã intermedeia negociação de paz entre Talibã e governo afegã**

O Irã e Turquia vêm protagonizando diversas articulações e reuniões com aliados (e não alinhados) na região buscando um caminho de paz, segurança e cooperação econômica. E o acordo de paz que começa a ser estabelecido entre governo afegão e o Taliban é fruto de muitas idas e vindas e negociações. Antes da cúpula da paz, Turquia, Afeganistão e Irã estiveram reunidos no final de junho para trabalhar o apoio a negociações intra-afegãs, visando um acordo político justo e duradouro. Também acordaram em aumentar a cooperação nos campos de transporte, comércio, energia e infraestrutura. Outra articulação envolveu o Afeganistão e o Paquistão, negociado pelo Irã.<sup>245</sup>

E o Irã sediou o primeiro encontro entre o alto escalão dos dois rivais, que teve como mediador o Ministro das Relações Exteriores do Irã, Zarif (ele teve papel importante nas pré-negociações), que lembrou aos presentes que eles tomariam decisões difíceis, mas importantes para o futuro do país; também lembrou que o ambiente deve ser inclusivo para todos os grupos afegãos.<sup>246</sup> O Irã conseguiu um grande avanço no processo de paz e contra o terrorismo no país vizinho.



Essa foto é muito representativa, pois até recentemente, autoridades talibãs não admitiam sentar com o governo afegão para negociar. Fonte: [Teerã Times](#)

<sup>243</sup> [India News, India News Live e Breaking News Today | Hindustan Times](#)

<sup>244</sup> <https://english.ahram.org.eg/NewsContentP/4/416739/Opinion/Withdrawing-from-Bagram-.aspx>

<sup>245</sup> [Iran hosts intra-Afghan talks, says Afghans must take 'tough decisions' - Tehran Times](#)

<sup>246</sup> [Irã sedia negociações intra-afegãs, diz que afegãos devem tomar 'decisões difíceis' - Teerã Times \(tehrantimes.com\)](#)

Nesse cenário geopolítico que vai se configurando com novos atores, várias reuniões e conversas foram estabelecidas. A Cimeira de Bagdá reuniu Egito, Jordânia e Iraque e foi assim chamada para receber outros países árabes para estabelecer laços econômicos e coordenar posições políticas.<sup>247</sup> A abertura da cimeira ganhou festa com apresentações das múltiplas culturas iraquianas. O governo do Iraque espera projetos econômicos de grande escala, como a ligação das redes elétricas e oleodutos e uma nova cidade industrial – o governo enfrenta protestos contra os cortes de energia, enquanto o país vive calor de 50°. Mas o importante é que os três países compartilham pontos de vista: a causa palestina; a crise na Líbia, Síria e Yemen; a luta contra o terrorismo. E os três gozam de vantagens em círculos diferentes: a Jordânia tem excelentes relações com os EUA e pode esfriar as tensões entre América e Iraque e, conseqüentemente, diminuir a pressão do Irã sobre o Iraque; o Egito tem boas relações com países europeus; Iraque também pode expandir seu papel na mediação com Turquia; juntos, Jordânia e Egito<sup>248</sup> têm papéis importantes na intrincada e complexa estabilidade entre Israel e Palestina. Mas esse é um outro capítulo, com muitos atores e envolve uma busca mais ampla de paz.

Algumas peças, nesse sentido, começam a ser jogadas. Turquia mantém conversas com o presidente palestino e o novo presidente de Israel, Isaac Herzog. O país de Erdogan tem boas relações com a Europa, principalmente com Alemanha<sup>249</sup>, e se comprometeu a apoiar política e diplomaticamente a palestina nos fóruns internacionais, a contribuir para o combate à pandemia na Palestina (não na Faixa de Gaza), promover turismo e comércio. De seu lado, a Palestina pode hospedar empresas turcas<sup>250</sup>. O Rei da Jordânia conversa com o presidente israelense, ressaltando a importância de trabalhar por uma paz mais justa e abrangente, com base em uma solução de dois estados – a ocupação segue com violência – é urgente intensificar esforços para essa solução. Com o novo Primeiro Ministro israelense, concordam em abrir nova página nos laços Israel-Jordânia - Israel vai fornecer água para Jordânia<sup>251</sup>. Qatar, Turquia e China conversam para avançar nos caminhos da Rota da Seda – transporte, energia, infraestrutura.

Ainda é cedo para saber se esses novos arranjos trarão um pouco mais de paz, segurança e retomada econômica para as populações da região. São muitas rivalidades históricas e muitos grupos fundamentalistas. Certas forças regionais desejam perpetuar as tensões. Israel é uma potência, mas não é força de estabilidade regional. A disputa entre Arábia Saudita e Irã; a influência forte, até então, dos Estados Unidos e da Rússia na região, governos teocráticos, financiamentos de grupos de resistência e a rivalidade entre Israel e Irã, que é muito mais complexa do que podemos enxergar, podem fragilizar a evolução do novo cenário. Os novos atores estão empenhados, de fato. Profundos processos de reforma em andamento em várias potências árabes importantes estão enfatizando o desenvolvimento social e econômico e a cooperação regional. A retomada econômica é necessária. Combater os efeitos das mudanças climáticas na região é urgente. A recuperação das estruturas de saúde e de educação é fundamental. Refugiados poderiam ser repatriados e reencontrar familiares.

### **Fórum político de alto nível sobre desenvolvimento sustentável (HLPF)<sup>252</sup>**

Até o dia 15 de julho estará acontecendo (começou dia 6/7 o Fórum Político de Alto Nível, plataforma central das Nações Unidas para o acompanhamento e revisão da Agenda 2030

---

<sup>247</sup> <https://english.ahram.org.eg/NewsContentP/4/416742/Opinion/A-turning-point.aspx>

<sup>248</sup> <https://english.ahram.org.eg/NewsContentP/4/416246/Opinion/Three-in-one.aspx>

<sup>249</sup> [Jansa: &quot;A Turquia está se tornando um dos jogadores mais importantes do Mediterrâneo&quot;](https://trt.net.tr/Jansa-quot-A-Turquia-esta-se-tornando-um-dos-jogadores-mais-importantes-do-Mediterraneo-quot)  
([trt.net.tr](https://trt.net.tr))

<sup>250</sup> [Erdogan instrui coordenação total com a Palestina para apoiá-la política e diplomaticamente](https://alquds.com/Erdogan-instrui-coordenacao-total-com-a-Palestina-para-apoiar-la-politica-e-diplomaticamente)  
([alquds.com](https://alquds.com))

<sup>251</sup> [Rei da Jordânia recebe telefonema do presidente israelense](https://alquds.com/Rei-da-Jordania-recebe-telefonema-do-presidente-israelense) ([alquds.com](https://alquds.com))

<sup>252</sup> <https://sustainabledevelopment.un.org/hlpf/2021>

para o Desenvolvimento Sustentável e seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, com participação plena e efetiva de todos os Estados Membros das Nações Unidas e Estados membros das agências. O evento inclui a reunião ministerial de três dias do Fórum, convocada pelo Conselho Econômico e Social – ECOSOC, da ONU. Ao final, o HLPF adotará uma Declaração Ministerial como resultado de sua sessão.<sup>253</sup>

Com o tema ***"Recuperação sustentável e resiliente da pandemia COVID-19 que promove as dimensões econômica, social e ambiental do desenvolvimento sustentável: construindo um caminho inclusivo e eficaz para o cumprimento da Agenda 2030 no contexto da década de ação e entrega para o desenvolvimento sustentável"***, estão sendo discutidas políticas e opções de cooperação internacional que podem controlar a pandemia e seus impactos, e ainda garantir uma recuperação sustentável e resiliente da COVID-19 para retomar o caminho da Agenda 2030. A pandemia trouxe perdas e retrocessos profundos.<sup>254</sup>

Como parte de seus mecanismos de acompanhamento e revisão, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável incentiva os Estados membros a realizar revisões regulares e inclusivas do progresso nos níveis nacional e subnacional, 42 países apresentaram seus relatórios<sup>255</sup>. Entre eles, Afeganistão, Azerbaijão, Butão, China, Coreia do Sul, Dinamarca, Egito, Indonésia, Iraque, Japão, Laos, Malásia, Ilhas Marshall, Qatar, Tailândia.

Como o Afeganistão foi um dos destaques desse informe, pelo início de acordo de paz entre Talibã e governo afegão, segue [aqui o relatório](#) apresentado no Fórum. E [aqui, o relatório](#) apresentado pela Indonésia, que vive seu pior momento na pandemia.

### **A luta contra o terrorismo foi tema de duas grandes reuniões, no final de junho**

A ONU realizou a Segunda Conferência de Alto Nível dos Chefes das Agências Antiterroristas dos Estados-Membros. Em seu [discurso de abertura](#), o Secretário Geral, António Guterres, falou que a luta contra o terrorismo teve avanços importantes, no entanto, a ameaça persistiu e se diversificou. Acontecendo a cada dois anos, a Semana de Contraterrorismo contou com a participação de representantes de governos e entidades da sociedade civil, do setor privado, da academia e parceiros das Nações Unidas.

Grupos terroristas e extremistas e fundamentalistas como Al Qaeda e ISIS (Estado Islâmico) continuam influenciando outros e tentando lucrar com problemas, dificuldades e crises que foram ampliadas com a pandemia da Covid-19 pelo mundo. Continuam a explorar as queixas sociais e os estereótipos de gênero para inspirar atores solitários e cooptar outros grupos. E a perda de território no Oriente Médio (Síria e Iraque) levou-os para a África, onde a dura realidade ajuda a fomentar os movimentos jihadistas<sup>256</sup>: instabilidade política e econômica, falta de opção e de oportunidades, pobreza, rivalidades, inexistência de identidade e de pertencimento são fragilidades que facilitam a cooptação de indivíduos e/ou grupos. Por hora, as tentativas na Ásia não têm ganhado força; são individuais.

---

<sup>253</sup> <https://sustainabledevelopment.un.org/hlpf/2021#outcome>

<sup>254</sup> [https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/28587Easy\\_Read\\_Document\\_for\\_the\\_HLPF\\_2021.pdf](https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/28587Easy_Read_Document_for_the_HLPF_2021.pdf)

<sup>255</sup> <https://sustainabledevelopment.un.org/vnrs/#VNRDatabase>

<sup>256</sup> Jihad, em árabe, significa "esforço" ou "luta". No islã, pode significar a luta interna de um indivíduo contra instintos básicos, o esforço para construir uma boa sociedade muçulmana ou uma luta armada contra os infiéis. Os jihadistas acreditam que a luta violenta é necessária para erradicar os adversários do islão e impor a Lei Islâmica, a Sharia.

Exatamente com o mesmo tema, mas com propostas mais concretas, aconteceu em Roma a reunião da Coalizão Internacional na Luta Contra o ISIS<sup>257</sup> que reuniu autoridades de 83 países e de organizações internacionais, com objetivo de impedir a expansão do grupo extremista Estado Islâmico para a África<sup>258</sup>. A diversidade do atores participantes da reunião busca uma coalizão global através da inteligência, diplomacia, ação militar, pressão econômica, aplicação das leis com a finalidade de derrotar a organização terrorista considerada mais bruta. Ficou definido que a coalizão vai criar um Grupo de Trabalho para a África e a força tarefa vai trabalhar em várias frentes: cortes de financiamentos e fundos; exposição da verdadeira natureza do EI, ações militares, entre outras. Mas, se já se sabe as fragilidades que abrem caminho para os jihadistas, atacar as causas dessas fragilidades também seria bom caminho também. Mas produzir armas e vendê-las é bom para a economia americana.

### **8ª Conferência Ministerial sobre Mulheres – Organização de Cooperação Islâmica<sup>259</sup>**

A Conferência teve como tema “Preservando os ganhos da igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres à luz da pandemia do Coronavírus e além” e como objetivo maior o lançamento da Organização para o Desenvolvimento da Mulher (WDO) que ganhou sede permanente no Egito. A WDO é a primeira organização internacional, no âmbito da OIC, especializada na promoção e proteção dos direitos das mulheres em todos os estados membros da Organização de Cooperação Islâmica.

A Conferência está ocorrendo em um momento em que o mundo precisa imperativamente de uma maior participação das mulheres nas esferas política, econômica, social e cultural. Discute melhores práticas, as necessidades e os desafios específicos enfrentados pelas mulheres diante da realidade imposta pela pandemia. Os documentos bases para o debate. Foram: Políticas da OIC para o gênero e o estudo realizado pela comissão independente para Direitos Humanos sobre Gênero e Justiça de Gênero de uma perspectiva Islâmica

### **Vacinação**

Estados Unidos praticando a diplomacia da vacina. Doou 2,5 milhões de dose da vacina para o Paquistão, no mesmo momento que entrega a principal base americana no Afeganistão. O PM paquistanês, Imran Khan, falou no parlamento que não vai autorizar abertura de base americana no país. Afirmou que o Paquistão será parceiro dos EUA para a paz, não para a Guerra. Também doou mais de milhões de doses de vacina para Índia – seu parceiro mais importante contra a China – no mesmo momento que anuncia uma série de sanções a 34 empresas e entidades relacionadas direta ou indiretamente à China, Rússia e Irã, por “atividades contrárias à política externa e aos interesses de segurança nacional”. Tensão aumenta e Índia desloca 25 mil soldados para a fronteira com a China. Sua capacidade bélica sustenta o interesse dos EUA em manter a Índia como aliado estratégico contra a China.

O CovaX Facility já distribuiu 95 milhões de doses para 134 países participantes e está alocando vacinas adicionais à medida que os países avançam a vacinação. Nas duas regiões, já receberam vacinas do programa: Camboja, Fiji, Laos, Malásia, Mongólia, Papua Nova Guiné,

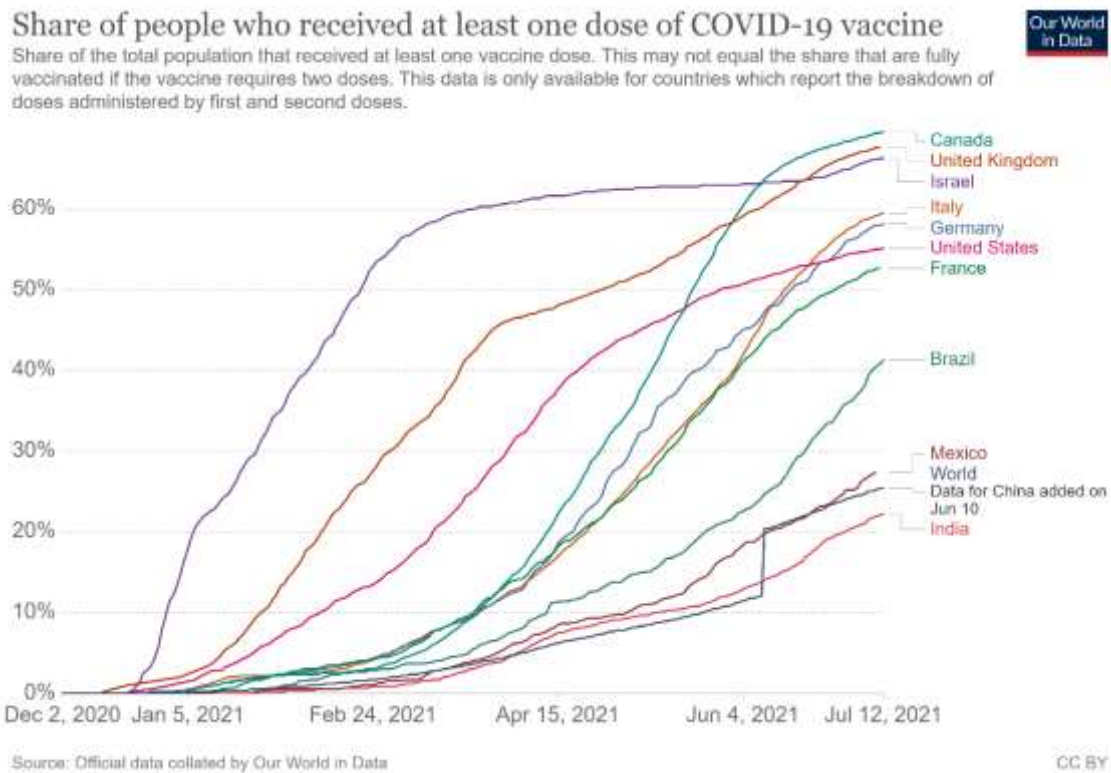
---

<sup>257</sup> [Sobre nós - A Coalizão Global para Derrotar o ISIS - Departamento de Estado dos Estados Unidos \(state.gov\)](https://www.state.gov)

<sup>258</sup> [Secretário Antony J. Blinken e ministro das Relações Exteriores italiano Luigi Di Maio em uma coletiva de imprensa conjunta - Departamento de Estado dos Estados Unidos \(state.gov\)](https://www.state.gov)

<sup>259</sup> <https://english.ahram.org.eg/NewsContent/1/64/416809/Egypt/Politics-/Sisi-inaugurates-OIC%E2%80%99s-th-ministerial-conference-o.aspx>  
<https://www.gulf-times.com/story/696054/OIC-s-Ministerial-Conference-on-women-kicks-off>

Filipinas, Samoa, Kiribati, Ilhas Salomão, Tonga, Tuvalu, Vietnã, Indonésia, Bangladesh, Nepal, Timor-leste, Afeganistão, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Paquistão, Síria, Palestina e Gaza, Yémen.<sup>260</sup>



Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/coronavirus-covid-19-vaccinations), dados de 13 de julho – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

<sup>260</sup> [COVAX vaccine roll-out | Gavi, the Vaccine Alliance](https://www.gavi.org/vaccines-work/roll-out/covax-vaccine-roll-out)

## QUANDO A INCERTEZA E A TURBULÊNCIA CHEGAM, NÓS NOS JUNTAMOS, TRABALHAMOS E CRESCEMOS JUNTOS

Informe 13 de 2021 – de 15 a 28 de julho

A frase título, que define a prioridade dos países da Ásia Pacífico para 2021<sup>261</sup>, também poderia definir prioridades no Oriente Médio – cansados de tantos conflitos, os países começam conversam entre si para buscar paz e segurança e, ao mesmo tempo, trabalhar questões urgentes como comércio, infraestrutura, crise energética e estresse hídrico. Tarefa hercúlea para uma região que vive em constante insegurança, que tem tradição de conflito e não de paz. Os países que falharam em formar um Estado-nação são porque cada aldeia e família tem um rei próprio e cada um tem reivindicações e nenhum deles renuncia a suas reivindicações. Eles não podem avançar em direção a uma sociedade democrática até criarem uma sociedade coesa.<sup>262</sup>

As nações seguem em suas lutas para combater a COVID-19 – Ásia Pacífico vive o pior momento da pandemia, com a disseminação da variante Delta. Em alguns países, faltam vacinas; em outros, governos usam várias estratégias para convencer a população a aderir à vacinação. Aqui e agora, lutam para recuperar a economia e minimizar os impactos sobre as populações; ao mesmo tempo, precisam agir rápido para minimizar os efeitos cada vez maiores das mudanças climáticas em curso: chuvas torrenciais, tufões e inundações, calor extremo ou frio intenso, seca e desertificação. E precisam com urgência planejar o futuro de médio e longo prazo, buscando soluções e inovações, parcerias e investimentos com foco na prevenção de novas epidemias, segurança alimentar, segurança energética, redução do carbono e economia verde.

Os países da Ásia e do leste Pacífico há muito tempo vinham trabalhando de forma multilateral e compartilhando melhores práticas para incorporar as experiências. A região já enfrentou outras epidemias, como SARS, e já viveu grandes desastres provocados pela natureza, como tsunamis, vulcões, terremotos e inundações e, tanto no âmbito da APEC<sup>263</sup> quanto da ASEAN<sup>264</sup>, as nações membros já identificaram as fragilidades e deficiências, como também sinergias e oportunidades. E sabem da sua importância geoestratégica na ordem mundial.

### APEC – Cooperação Econômica Ásia-Pacífico – Reunião Informal de Líderes

Os líderes dos países membros do fórum econômico APEC estiveram reunidos virtualmente, sob a presidência da Nova Zelândia, em 16 de julho, para discutir a crise econômica e de saúde da COVID-19 e sua resposta. A pandemia continua a ter impacto devastador sobre as pessoas e as economias da região. *“Nossos esforços para diagnosticar e tratar COVID-19 continuam a ser essenciais. Mas só superaremos essa emergência de saúde acelerando o acesso equitativo a vacinas COVID-19 seguras, eficazes, de qualidade garantida e acessíveis. Reconhecemos o papel da imunização extensiva contra COVID-19 como um bem público global. Para esse fim, vamos redobrar nossos esforços para expandir a fabricação e o*

<sup>261</sup> Essa é a prioridade 2021 da presidência da Nova Zelândia para a cooperação dos 21 membros da APEC - Cooperação Econômica da Ásia Pacífico – fórum econômico regional, com três focos: Políticas econômicas e comerciais que fortaleçam a recuperação; buscando inovação e uma recuperação habilitada digitalmente; com aumento da inclusão e sustentabilidade para recuperação - <https://www.apec.org/2021-New-Zealand-Priorities>

<sup>262</sup> Bahram AmirAhmadian, Professor convidado do corpo docente da University of Teerã of World Studie [Textura tradicional é o problema perene do Afeganistão - IRNA](#)

<sup>263</sup> Nova Zelândia, Austrália, Brunei, Chile, China, Hong Kong, Indonésia, Japão, Coreia do Sul, Malásia, Papua Nova Guiné, Filipinas, Rússia, Singapura, Vietnam, Canadá, Taiwan, Tailândia, México, EUA, Peru.

<sup>264</sup> Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia, Vietnam.

*fornecimento de vacinas, apoiar os esforços globais de compartilhamento de vacinas e incentivar a transferência voluntária de tecnologias de produção de vacinas em termos mutuamente acordados. Devemos garantir que nossos sistemas de saúde cubram todas as pessoas e tenham resiliência para lidar com choques atuais e futuros. Saudamos os esforços variados e contínuos, bem como a contribuição de recursos adicionais em toda a APEC para combater a pandemia. Estamos comprometidos em realizar nossa Visão Putrajaya<sup>265</sup> de uma comunidade da Ásia-Pacífico aberta, dinâmica, resiliente e pacífica até 2040, para a prosperidade de todo o nosso povo e das gerações futuras.”* – texto inicial da Declaração de Líderes - [https://www.apec.org/Meeting-Papers/Leaders-Declarations/2021/2021\\_ILR](https://www.apec.org/Meeting-Papers/Leaders-Declarations/2021/2021_ILR)

Quando a incerteza e a turbulência chegam, nós nos juntamos, trabalhamos e crescemos juntos é a prioridade 2021 para: 1) **Crescimento forte, equilibrado, seguro, sustentável e inclusivo** (garantir oportunidades e os recursos de que precisam para se adaptar às mudanças; recuperação econômica inclusiva - ninguém deve ser deixado para trás; promover conectividade contínua e cadeias de suprimentos resilientes; garantir que as políticas econômicas, de cooperação e do crescimento contribuam para enfrentar as mudanças climáticas e outros sérios desafios ambientais); 2) **Inovação e digitalização** (políticas econômicas sólidas para sustentar empregos, aumentar a produtividade econômica e promover a inovação; favorecer ambientes resilientes, sustentáveis e favoráveis à inovação; promover a transformação digital e contribuir para reduzir a exclusão digital, incluindo a alfabetização e habilidades digitais); 3) **Comércio e Investimento** (uma economia regional interconectada para enfrentar o impacto da pandemia COVID-19 e possibilitar uma forte recuperação econômica para todos os nossos povos; garantir que as cadeias de abastecimento da região apoiem a distribuição segura e eficiente de vacinas COVID-19 e produtos relacionados; avançar na integração econômica da região para facilitar a recuperação; continuar a demonstrar que as regras do comércio global podem apoiar a recuperação da crise econômica e de saúde); 4) **Oportunidade de recuperação verde** (promover uma recuperação verde, tanto individual quanto coletivamente; reduzindo probabilidade de choques econômicos futuros e acelerar a transição para uma economia de baixas emissões); 5) **Novo roteiro de segurança alimentar** (traçar um curso através da resposta COVID-19 imediata e desenvolver abordagens de políticas para garantir que os sistemas alimentares da região sejam produtivos, eficientes e inovadores, bem como sustentáveis e inclusivos).

## ÁGUA, O OURO AZUL

Há algumas décadas atrás, século XX, o petróleo se tornou o ouro negro e guerras econômicas e armadas foram vividas. No século XXI, a falta de água é apontada como um dos principais problemas ambientais, econômicos e geopolíticos da atualidade. A população mundial cresceu galopantemente e a produção de alimentos cresceu proporcionalmente e exige mais terras irrigadas. Rios e lençóis subterrâneos estão sendo sugados ao limite, ou além dele. O uso irracional dos recursos hídricos somados aos danos ao meio ambiente só aumenta a escassez do ouro azul, que vira disputa entre Estados, principalmente no Oriente Médio, onde 17 países disputam as águas dos três rios importantes da região: Tigre, Eufrates e Jordão.

---

<sup>265</sup> A "Visão da APEC Putrajaya 2040", aprovada pelos líderes em novembro de 2020, é novo plano de longo prazo do bloco para a cooperação futura prevê "uma comunidade aberta, dinâmica, resiliente e pacífica da Ásia-Pacífico até 2040, para a prosperidade de todo o nosso povo e gerações futuras". No documento, as economias da APEC se comprometem em promover um crescimento de qualidade que traga benefícios palpáveis e maior saúde e bem-estar a todos, incluindo as micro, pequenas e médias empresas, mulheres e outros com potencial econômico inexplorado, com o objetivo de garantir que a região Ásia-Pacífico seja resiliente aos choques, crises, pandemias e outras emergências.

Enquanto países da Ásia enfrentam as inundações decorrentes das monções, que ocorrem de junho a setembro e são cruciais para a agricultura, mas que a cada ano se tornam mais torrenciais, muitas vezes acompanhadas de tufões (sudeste da Rússia; Índia, China central, Paquistão, Filipinas), países do médio oriente convivem com uma das piores secas dos últimos 50 anos, levando à escassez de água e apagões por falta de energia e manifestações populares explodem, exigindo ações dos governos (Irã, Iraque, Síria, Territórios Palestinos).

O Irã vive a pior crise hídrica em todas as regiões, desde final de março, principalmente na província do Khuzestan, oeste do país, divisa com Iraque e mar da Pérsia, uma das províncias mais ricas em petróleo (80% do petróleo iraniano está na região), em agricultura e pecuária, muito turística e já foi um oásis. E abriga uma minoria árabe. A falta de água e de energia provocou uma série de manifestações contra a falta de auxílio à população; a violência de ambos os lados já provocou detenções e morte. A [situação levou à ONU](#) a alertar ao Irã para encontrar uma solução pacífica para o problema crônico da região. A chefe de direitos da ONU, Michelle Bachelet, disse ao Irã que a situação "catastrófica" vinha se acumulando há muitos anos e que "atirar e prender pessoas simplesmente aumentará a raiva e o desespero". O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irã, Saeed Khatibzadeh, [reagiu à declaração intervencionista](#) e avaliou como politizada. O ministro descreveu a declaração como lamentável; "as denúncias foram feitas sem levar em consideração os extensos [esforços do governo](#) para aliviar o sofrimento do povo desta província e resolver os problemas existentes".

A seca vem piorando a cada ano e o Irã, que costumava fornecer energia para países vizinhos, tem comprado energia – que também anda escassa em seus vizinhos. Essa situação foi uma das razões, mas não a principal<sup>266</sup>, que contribuiu em muito para que o país tenha assinado a **Convenção-acordo do Mar Cáspio**, em 12 de agosto de 2018, durante a 5ª Cúpula Cáspia, com as nações cáspias Rússia, Turcomenistão, Azerbaijão e Kazaquistão – após quase 30 anos de discussões sobre como dividir o corpo d'água e sobre o status do mar/lago. A convenção definiu o status legal especial do Cáspio e estabeleceu fronteiras e direitos de uso do corpo d'água, além de impulsionar a cooperação regional em ecologia, controle da pesca ilegal do esturjão, uso dos recursos de petróleo e gás natural e comércio e desenvolvimento.



Fonte: [Países do Mar Cáspio assinam acordo sobre paz, desenvolvimento | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](#)

<sup>266</sup> A principal razão para o Irã assinar um acordo que lhe dá uma menor parte do Cáspio, em função da sua fronteira ser menor, foi a garantia de que o Mar Cáspio só pertence aos Estados cáspios e, portanto, ficou proibida a presença militar de países não cáspios – EUA, que negociava estabelecer instalações militares na região, está proibido, o que é um alívio para o Irã.



A Convenção Cáspia veio a substituir o antigo acordo entre a extinta União Soviética e o Irã. Desde 1991, com o estabelecimento dos estados independentes (Kazaquistão, Azerbaijão, Turcomenistão e Rússia), o país persa vinha propondo um acordo multilateral em substituição a acordos bilaterais. A definição do status legal do mar e qual legislação internacional o rege<sup>267</sup>, era crucial para qualquer implementação de projeto de desenvolvimento ou preservação. O documento foi um avanço para manter a paz e a segurança; apesar de precisar de acordos suplementares. E vai facilitar a definição de ações para a preservação dessa massa d'água única e especial, que abriga ecossistemas únicos no mundo<sup>268</sup>, e é riquíssima em petróleo e gás natural.

O aquecimento global vai aumentar o nível do mar e muitas medidas de adaptação já estão em andamento pelo planeta. No entanto, um [artigo publicado](#) na Nature, em dezembro do ano passado (2020), alerta para outro impacto do aquecimento que não tem recebido a devida atenção: o aumento da temperatura intensificará a evaporação de lagos e águas superficiais, exacerbadas pela diminuição da precipitação. Lagos endoréicos<sup>269</sup> de água salobra como o Mar Cáspio são mais particularmente sensíveis.

O Mar Cáspio está correndo risco de ter o mesmo destino do seu vizinho, o Mar do Aral, no Kazaquistão e Uzbequistão, que já foi considerado o 4º maior lago do planeta e agora possui apenas 10% do seu tamanho, dividido em dois pequenos lagos, em decorrência do mal uso em projetos de irrigação, desvio de afluentes, poluição e pesticidas agrícolas, que levaram à perda da biodiversidade. [A redução do Aral](#) alterou o clima na região, que se tornou mais seco, com invernos mais frios e verões mais quentes – cidades foram abandonadas e houve aumento de problemas de saúde como câncer e doenças pulmonares. A economia local evaporou junto com a água.



Fonte: mochilas-emergencia.com

Os países do Oriente Médio estão vivendo um dos piores verões, que agrava mais ainda a seca e a desertificação em progresso nos últimos anos. Água é um bem precioso e o Mar Cáspio tem enorme importância econômica e ambiental para a região da Ásia Central. Como os meios de subsistência e a segurança alimentar de mais de 15 milhões de pessoas dependem do Cáspio, a perda desses ecossistemas terá consequências socioeconômicas drásticas e poderá desencadear conflitos locais e regionais — em uma região etnicamente diversificada que já está repleta de tensões. Por essa razão, o Irã convocou para 27 e 28 outubro uma Conferência Científica sobre Mudanças Climáticas na Região do Cáspio.

---

<sup>267</sup> Ora descrito como mar ora descrito como lago, chegar a um acordo sobre o status era fundamental para identificar a legislação que rege o Cáspio: como mar, os recursos existentes no fundo de cada litoral, pertencem aos respectivos países; enquanto lago, os recursos devem ser compartilhados. A convenção assinada, estabeleceu o Mar Cáspio como status especial, que estabeleceu águas territoriais e áreas de uso compartilhado.

<sup>268</sup> A foca cáspia é uma das espécies cáspias em extinção e endêmicas que serão severamente afetadas pela desequilíbrio do nível do mar, da temperatura e da salinização da água.

<sup>269</sup> São lagos que não têm saída para o mar, lagos que estão abaixo do nível do mar; eles dependem dos rios que os alimentam e da precipitação, o que interfere na concentração de sais. Quando a evaporação é maior que a alimentação, os lagos salgados desaparecem e formam-se bacias salinas.

## **Conferência Científica sobre Mudanças climáticas na Região do Mar Cáspio<sup>270</sup>**

A conferência está sendo organizada pelo Comitê Coordenador de Monitoramento de Hidrometeorologia e Poluição do Mar Cáspio ([CASPCOM](#)) e da Secretaria Interina da Convenção-Quadro para a Proteção do Ambiente Marinho do Mar Cáspio ([Convenção de Teerã](#)). Será hospedada pelo Irã e contará com representantes dos estados litorâneos. [Agenda](#). A Conferência se concentrará em 4 áreas: clima da região e suas mudanças no século XXI; a redução do nível do Mar Cáspio: análise, modelagem e projeção de longo prazo; os efeitos das mudanças climáticas no ecossistema e na biodiversidade do Mar Cáspio; e as consequências econômicas das mudanças climáticas e medidas de adaptação.

O Comitê Organizador é composto por representantes do Secretariado da Convenção de Teerã, CASPCOM e um pesquisador de cada país do Cáspio nomeado pelos Ministérios responsáveis pela proteção ambiental. São objetivos da conferência: 1) Coletar e discutir descobertas recentes relacionadas às mudanças climáticas e suas consequências para a região do Mar Cáspio; 2) Identificar pesquisas-chave e lacunas de conhecimento relacionadas às mudanças climáticas; 3) Inspirar pesquisas globais e regionais que levarão a publicações revisadas por pares e relatórios científicos; 4) Estimular a consciência global entre as partes interessadas sobre as mudanças climáticas na região do Mar Cáspio; 5) Promover e apoiar uma melhor identificação dos efeitos previsíveis das mudanças climáticas, atuais e futuros, nas economias costeiras, nas populações e nos recursos naturais do Mar Cáspio e sua bacia.

Os resultados da Conferência são esperados para apoiar os governos cáspios, as partes interessadas globais, bem como outros atores cáspios para tomar decisões informadas sobre as mudanças climáticas na região do Mar Cáspio, através da adaptação e da construção da resiliência às mudanças climáticas para a implementação do Acordo de Paris sobre mudanças climáticas e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O evento também apoiará a Década das Nações Unidas da Ciência dos Oceanos para o Desenvolvimento Sustentável.

### **Desafios enfrentados pelo Mar Cáspio**

O maior corpo de água sem acesso ao oceano é delimitado pelo Kazaquistão a nordeste, Rússia a noroeste, Azerbaijão a oeste, Irã ao sul e Turcomenistão a sudeste. O mar tem uma área de superfície de 371.000 quilômetros quadrados e um volume de 78.200 quilômetros cúbicos. Sua superfície fica a 27,5 metros abaixo do nível do mar. Isolado dos outros mares e oceanos, suas águas salgadas são alimentadas e dependem dos rios Ural, que divide a Ásia da Europa, e Volga, que traz toda poluição da Rússia e da produção industrial e agrícola do Vale do Volga. A queda do nível de água do Volga reduziu o nível da água do Cáspio; a região enfrenta escassez de chuva; a redução do volume de água propicia aumento de temperatura da água e, consequentemente aumenta sua evaporação. O mar está ficando mais salgado e secando.

O nível de água do Mar Cáspio atingiu seu nível mais baixo desde 1995, principalmente por causa de uma recente queda no nível da água do rio Volga, que contribui com 80% do influxo total. Em 2019, o nível médio de água ficou em -27,18 metros. De acordo com [o Centro Nacional de Estudos e Pesquisas do Mar Cáspio, afiliado ao Instituto de Pesquisa da Água](#), a temperatura da água do mar é um dos principais critérios na troca de calor e um indicador na avaliação do potencial de evaporação do nível da água, que é um dos principais componentes do equilíbrio hídrico cáspio. Mas a perda de apenas um terço pode transformá-lo em um mar morto do ponto de vista biológico.

---

<sup>270</sup> <https://tehranconvention.org/en/news/scientific-conference-climate-change-caspian-sea-region>

## EQUILÍBRIO FRÁGIL NO AFGANISTÃO – NEGOCIAÇÕES DE PAZ AINDA EM ANDAMENTO

Manter a segurança do Afeganistão contribui muito para a segurança do Irã e da região e, ao mesmo tempo, apoiar o povo afegão como nação é uma das políticas externas estratégicas do país. No Afeganistão, assim como no Iraque, estão a maioria dos muçumanos xiitas fora do Irã – pequena parte está no Yémen, na Turquia, na Síria e no Líbano. O resto do mundo muçumano é sunita.<sup>271</sup> O Irã e o Afeganistão são vizinhos com 900 quilômetros de fronteira comum, e há décadas muitos afegãos vêm migrando para o país persa.

Com a retirada das tropas americanas e da OTAN do Afeganistão, o grupo fundamentalista islâmico Talibã, que já governou o país entre 1996 e 2001<sup>272</sup>, aumentou o conflito com as forças governamentais e estabeleceu controle sobre grandes territórios nas regiões rurais e nas principais cidades. As regiões fronteiriças perto do Irã e Tadjiquistão também estão sob controle dos militantes. E muitos afegãos já fugiram para os países vizinhos.

A estabilidade no país vizinho, portanto, é muito importante e as negociações de paz entre Talibã e governo afegão, lideradas pelo Irã, contam com o apoio na articulação de vários países árabes e agora ganha coro de várias representações diplomáticas no Afeganistão, que pediram aos talibãs que interrompam a ofensiva contra as forças governamentais, que contradiz "o apoio que expressaram a uma solução negociada" do conflito. O comunicado está assinado pela delegação da União Europeia e pelo escritório do alto representante civil da Otan no Afeganistão, assim como pelas embaixadas da Alemanha, Austrália, Canadá, Coreia do Sul, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Itália, Japão, Holanda, Reino Unido, República Tcheca e Suécia.

Já aconteceram duas reuniões para negociações de paz e está prevista uma terceira, mas deverá ser uma longa negociação. No entanto, enquanto as negociações acontecem em Doha, a ofensiva talibã segue violenta, entrando em contradição direta com o apoio que expressaram para uma solução negociada e ao processo de paz. O líder do movimento fundamentalista islâmico, Hibatullah Akhundzada, reiterou que está "decididamente a favor de uma solução política, apesar do avanço e das vitórias militares" dos últimos dois meses. O [porta-voz do escritório político do Talibã em Doha](#), disse que o grupo está buscando uma "solução pacífica" e quer ter um "governo islâmico inclusivo no Afeganistão". O grupo deseja "boas e sólidas relações diplomáticas, econômicas e políticas com todos os países, incluindo os Estados Unidos" após a retirada das tropas estrangeiras, acrescentou.

Para que a comunidade internacional "normalize" relações com o Talibã, eles precisam renunciar à violência e ao atentado. Em seu comunicado, as representações diplomáticas denunciam também as mortes, a destruição de infraestruturas, as ameaças e o desprezo ao Estado de direito, aos direitos das mulheres e à liberdade de expressão e de imprensa nas zonas ocupadas pelos insurgentes. Observadores e analistas acreditam que será uma longa negociação de paz. Os Talibãs sabem que precisam encontrar uma saída política e estabelecer

---

<sup>271</sup> A divisão do mundo islâmico em Sunitas e Xiitas ocorreu há muitos séculos e está ligada à decisão de quem seria o verdadeiro herdeiro de Maomé, que não deixou herdeiros.

<sup>272</sup> Quando assumiram o poder, os Talibãs impuseram a sua versão muito rigorosa da lei Islâmica. Todas as mulheres foram proibidas de trabalhar, o que provocou imediatamente o caos, pois um quarto dos serviços civis da capital, todo o ensino e grande parte dos serviços de saúde dependiam das mulheres. As escolas femininas foram fechadas, afetando cerca de 70 mil estudantes. As mulheres foram obrigadas a tapar-se da cabeça aos pés. Viúvas de guerra foram impedidas de ganhar o seu sustento e das famílias. Houve perseguição sistemática de membros masculinos das muitas etnias, entre elas hazara, tadjique e uzbeque. Em 12 de Agosto de 1998, os Talibãs queimaram toda a coleção de 55 000 livros de uma das mais belas bibliotecas públicas do Afeganistão, incluindo manuscritos datados de há dez séculos, entre eles, um exemplar de Alcorão com cerca de dez séculos

boas relações com a comunidade internacional e com os países vizinhos se quiserem buscar a reconstrução e o desenvolvimento econômico do país. Mas eles precisam também se entender entre si – agem como se houvesse dois talibãs.

### **O Efeito Borboleta em novos caminhos para restaurar relações no OM e com outros países**

Com um novo presidente assumindo o comando em Teerã, as relações entre o Irã e alguns estados árabes vizinhos parecem caminhar na direção de uma restauração. O presidente iraniano eleito, Ebrahim Raisi, que tomará posse em 5 de agosto, deixou claro que vai melhorar as relações com seus vizinhos, incluindo a Arábia Saudita, cujas relações estavam rompidas desde 2016<sup>273</sup>, o que levou seus aliados a seguirem o exemplo ou reduzirem seus laços diplomáticos. “Estamos prontos para reabrir as embaixadas”<sup>274</sup>. Desde abril, oficiais de segurança de ambos os lados vinham se encontrando, em Bagdá, Iraque, e em Omã, para rodadas de negociações sobre a guerra no Yémen e outros pontos espinhosos de contenção, como Líbano e Iraque.

A equipe de Raisi mostrou seu apoio à melhoria dos laços com os sauditas, convidando-os para a cerimônia de posse do presidente eleito. O próprio Aiatolá Raisi fez questão de sinalizar sua abertura para melhorar as relações com os países da região: engajamento, diálogo, consulta e brainstorming com os vizinhos sobre as questões importantes da região são uma prioridade do décimo terceiro governo.

Esse movimento vem acontecendo em paralelo às negociações em Viena para a retomada do Acordo Nuclear. A preocupação da Arábia Saudita sobre essa questão continua, mas o Irã sinalizou que está pronto para lidar com as preocupações sauditas acrescentando que o Irã expressa esperança de um início de convergência entre os países muçulmanos, para uma paz regional e próspera.

Aliás esse movimento diplomático de boa vontade vem sendo percebido em pequenos atos: Índia, aliada dos EUA, confirmou que enviará representante à cerimônia de posse de Raisi. Japão, outro aliado americano, acaba de doar quase 3 milhões de doses de vacinas AstraZeneca ao país persa. Outros países árabes estão seguindo o mesmo caminho. Tudo indica que a posse do novo presidente iraniano será um acontecimento.

### **CENÁRIO PANDÊMICO E VACINAÇÃO**

A Ásia Pacífico vive o pior cenário desde o início da pandemia. A variante Delta espelhou pela região e os casos de COVID-19 batem recordes. Os governos regionais estão correndo para lançar seus programas nacionais de vacinação e enfrentam escassez de vacinas. **Austrália** volta a fechar e governo enfrenta protestos contra o lockdown. Na **Tailândia**, os protestos têm outro motivo: os erros na gestão da pandemia fizeram o número de casos dispararem e agora há falta de vacinas – o governo não se mexeu para adquirir doses nem aderiu à iniciativa COVAX.<sup>275</sup> Os números da **Indonésia** apresentam quedas, mas não porque a pandemia está controlada, mas porque os profissionais da saúde estão exaustos e os testes diminuíram, reduzindo o rastreamento. Mas um agravamento está claro: o aumento de casos entre crianças.

---

<sup>273</sup> A Arábia fez campanha feroz contra um acordo nuclear de 2015, oficialmente conhecido como Plano de Ação Abrangente Conjunto (JCPOA), entre o Irã e as principais potências mundiais. A razão era que o acordo não abordava questões regionais de interesse para os sauditas.

<sup>274</sup> <https://www.tehrantimes.com/news/463398/Ayatollah-Raisi-breaks-the-ice-of-Iran-Saudi-relations>

<sup>275</sup> <https://www.channelnewsasia.com/news/asia/thailand-covid-19-vaccination-shortage-astrazeneca-sinovac-15268932>

O governo de **Bangladesh** pausou por oito dias o lockdown para a celebração do festival islâmico Eid al-Adha<sup>276</sup>. A suspensão foi criticada por especialistas em saúde que alertam que a abertura pode aumentar a infecção, agravada pela variante delta altamente contagiosa, e pode ajudar a espalhar a variante para a zona rural, uma vez que muitos estão viajando para celebrar o feriado em suas aldeias. Já existe uma escassez de leitos, UTIs, e os profissionais de saúde estão exaustos. Bangladesh é o país com a maior população muçumana e hospeda mais de um milhão de refugiados que vivem em acampamentos sem acesso a instalações sanitárias nem de saúde.

**Butão**<sup>277</sup> já vacinou grande parte de sua população com a 2ª dose, em tempo recorde. O país encravado nas montanhas do Himalaia, tem pouquíssimos médicos e enfermeiros, mas um rei comprometido, que articulou rapidamente doações de vacinas e adquiriu 200 mil doses da Pfizer. Além das vacinas recebidas pelo COVAX, Butão recebeu doações da Índia, Dinamarca, Croácia, Bulgária e China. A maioria AstraZeneca. O país registrou 2.489 casos e 2 óbitos.

O **Nepal** recebe vacinas Vero Cell da China. O governo alerta para a 3ª onda e recomenda preparação dos hospitais com cilindros de oxigênio e UTIs pediátricas. A China também forneceu mais de 10.000 doses de vacina a um grupo rebelde de **Myanmar**, que opera perto de sua fronteira sul, para deter o fluxo de casos do país devastado pelo golpe. Myanmar está em tumulto desde que os militares tomaram o poder em fevereiro, com uma onda de vírus ressurgente atingindo muitos hospitais sem equipe médica.

**Irã** recebe novos carregamentos de vacinas AstraZeneca produzidas no **Japão**. Aliás, a COVID-19 não deu trégua para as Olimpíadas de Tóquio: enquanto os jogos acontecem, os médicos vivem uma realidade diferente, lutando para salvar pacientes ou reabilitá-los das sequelas da doença. E a popularidade do Primeiro Ministro Suga cai à medida que os casos aumentam.

O CovaX Facility já distribuiu 138 milhões de doses para 136 países participantes e está alocando vacinas adicionais à medida que os países avançam a vacinação. Nas duas regiões, já receberam vacinas do programa: Camboja, Fiji, Laos, Malásia, Mongólia, Papua Nova Guiné, Filipinas, Samoa, Kiribati, Ilhas Salomão, Tonga, Tuvalu, Vietnã, Indonésia, Bangladesh, Nepal, Timor-leste, Afeganistão, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Paquistão, Síria, Palestina e Gaza, Yémen.<sup>278</sup>

Até agora, 27,3% da população mundial recebeu pelo menos uma dose de uma vacina COVID-19, e 13,8% está totalmente vacinado; 3,89 bilhões de doses foram administradas globalmente, e 31,84 milhões são agora administrados todos os dias. Apenas 1,1% das pessoas em países de baixa renda receberam pelo menos uma dose.

---

<sup>276</sup> Considerado a Festa do Sacrifício, comemorado por todos os muçulmanos para marcar a disposição de Abraão de sacrificar o seu filho como um ato de obediência a Deus. A tradição de Eid al-Adha envolve o abate de um animal e o compartilhamento da carne em três partes iguais – para a família, para parentes e amigos e para as pessoas pobres. O objetivo é garantir que todos os muçulmanos comam carne <https://www.channelnewsasia.com/news/asia/covid-19-bangladesh-lifts-lockdown-eid-al-adha-festival-15248090>

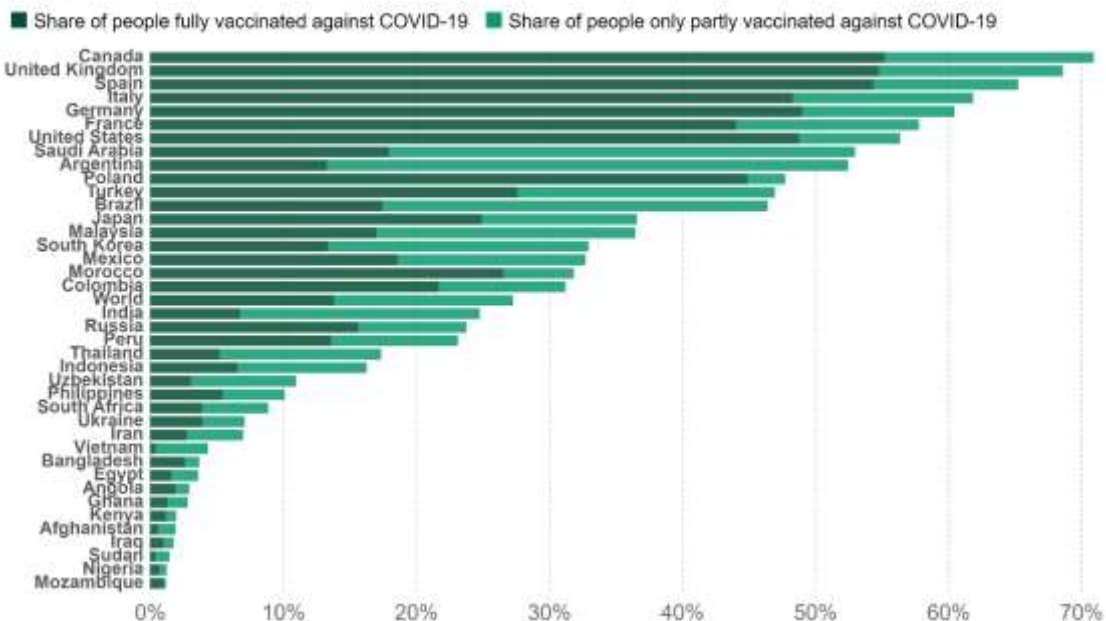
<sup>277</sup> <https://www.channelnewsasia.com/news/asia/covid-19-bhutan-vaccinates-most-population-after-donations-15303892>

<sup>278</sup> [COVAX vaccine roll-out | Gavi, the Vaccine Alliance](#)

## Share of people vaccinated against COVID-19, Jul 25, 2021



This data is only available for countries which report the breakdown of doses administered by first and second doses.



Source: Official data collated by Our World in Data

CC BY

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/coronavirus-covid-19-vaccinations), dados de 27 de julho – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

## EM MEIO À LUTA CONTRA VARIANTE DELTA, A HUMANIDADE É COBRADA POR ANOS DE DESTRUIÇÃO, DESCASO E NEGLIGÊNCIA CONTRA O PLANETA

Informe 14 de 2021 – de 29 de julho a 11 de agosto

Os eventos climáticos que o planeta está vivendo dariam um excelente filme-catástrofe de fim-de-mundo. Os recordes de calor; rios e lagos secando; tempestades de areia e poeira<sup>279</sup>, incêndios florestais; chuvas torrenciais, acompanhadas de tempestades e tufões cada vez mais fortes; inundações e deslizamentos; derretimento mais rápido dos gelos polares<sup>280</sup> e do permafrost; e as mudanças nas temperaturas dos oceanos indicam que o clima da Terra entrou em uma fase sem precedentes ao longo de alguns milhares de anos. Só que não é roteiro de filme apocalíptico. O planeta está aquecendo mais rápido que se imaginava e dá sinais de que as mudanças podem ser mais intensas do que as previstas pelos cenários mais ruins".<sup>281</sup> Eventos climáticos extremos estão se tornando mais comuns. O [6º relatório da avaliação \(AR6\)](#) do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU, divulgado nesta segunda semana de agosto, é claro: a mudança climática generalizada, rápida, que vem se intensificando, é sem precedentes nos últimos 6.500 anos. E está claro que as ações do homem são a principal causa da aceleração.

A seca e o calor extremo - pior em décadas, com temperaturas que chegam a 50° em vários lugares -, provocam enormes incêndios na Turquia, Grécia e na Sibéria, onde o calor recorde derrete o permafrost, liberando grandes quantidades de gás metano, que contribuem ainda mais para o aquecimento global. Nos países do Golfo e da Ásia Central, a seca se reflete em falta de energia e perda de lavouras e de animais de corte e de leite (Irã, Iraque). Na Ásia Sudeste, as chuvas torrenciais são as piores dos últimos 40 anos: enchentes, tempestades, deslizamentos causam catástrofes na China, Índia, Japão, Bangladesh

Em meio ao caos climático, com muitas perdas de vidas e de infraestruturas, os países da Ásia Pacífico e da Ásia Central lutam contra a maior onda de novos casos de COVID-19, por conta da variante Delta, mais contagiosa, que se espalha com mais velocidade e ameaça áreas com baixa vacinação. No Oriente Médio, os países que foram rápidos em fechar suas fronteiras e aeroportos e com maior número de vacinados estão se saindo melhor na batalha contra a variante virulenta. Outros como Iraque, Afeganistão, Síria, Yémen, Territórios Palestinos e Líbano, no OM, Myanmar, Malásia, na AP, travam outras lutas, além da batalha contra a pandemia: seca e falta de energia, crise econômica, escassez de alimentos, conflitos armados.

A relutância dos países ricos em distribuir seu excesso de vacinas contra o coronavírus para as nações mais pobres gerou alertas de organizações financeiras (OMC, FMI) e de saúde globais sobre os perigos que estão por vir se a vacinação não atingir o maior número de pessoas ao redor do mundo; as disparidades globais nas taxas de vacinas da Covid terão um impacto internacional na recuperação econômica da pandemia. Para o chefe da OMC, Ngozi Okonjo-Iweala, "a falha em garantir o acesso global às vacinas representa uma séria ameaça à economia

---

<sup>279</sup> Tempestades de areia e poeira são perigos meteorológicos comuns em regiões áridas e semiáridas. Geralmente são causados por tempestades - ou fortes gradientes de pressão associados a ciclones - que aumentam a velocidade do vento em uma área ampla. Os fatores mais importantes das tempestades de poeira são a degradação do solo, desertificação, mudança climática, solo insustentável e uso de água, ventos fortes, aumento da seca e sua severidade ao longo do tempo. Estudos demonstraram que 40% das fontes críticas de poeira são pântanos secos. Além de provocar doenças respiratórias, pode facilitar transmitir doenças infecciosas, como meningite, febre do Nilo e fungos.

<https://www.tehrantimes.com/news/463794/Borderless-collaboration-for-a-borderless-disaster>

<sup>280</sup> <http://polarportal.dk/en/greenland/surface-conditions/>

<sup>281</sup> <https://g1.globo.com/natureza/aquecimento-global/noticia/2021/07/28/mudancas-climaticas-os-preocupantes-sinais-que-unem-frio-recorde-no-brasil-a-enchentes-e-calor-pelo-mundo.ghtml>

global e à saúde pública”. Outra opção seria a transferência de tecnologia, para que os países pudessem produzir suas próprias vacinas<sup>282</sup>

E, apesar da Organização Mundial da Saúde pedir “moratória” de vacina<sup>283</sup>, pelo menos até o final de setembro, para que os países pobres possam vacinar parte da sua população, vários países seguem os planos de aplicar (ou já iniciaram a aplicação) doses de reforço. Malásia<sup>284</sup>, Camboja, Israel, Singapura, Indonésia, Rússia, Emirados Árabes, Tailândia, Bahrein, se unem o Reino Unido, França, Alemanha, Suécia, Chile.

Na contramão, China anuncia que pretende fornecer duas doses de vacina para todo o mundo ainda em 2021<sup>285</sup>. Em sua mensagem, escrita para o Fórum Internacional de Cooperação de Vacinas COVID-19, Xi Jinping também disse que a China doaria US\$ 100 milhões para iniciativa COVAX. O encontro teve como objetivo ampliar o acesso a vacinas, sobretudo nos países em desenvolvimento, por meio da distribuição equitativa e da cooperação tecnológica. Além da China, os parceiros da Sinovac na Indonésia, Brasil, Turquia, Malásia e Egito também participarão na produção dessas doses. O evento reuniu ministros de diversas nações em desenvolvimento – Brasil presente - e representantes de organismos internacionais, entre eles, o Secretário-Geral da ONU, Antonio Guterres, e o Diretor-Geral da OMS, Tedros.

### **Mudanças Climáticas - As consequências da inação: ainda há tempo?**

A temperatura da [Terra](#) já subiu cerca de 1,2°C desde o início da era industrial, e as temperaturas devem continuar aumentando a menos que os governos ao redor do mundo tomem medidas para reduzir as emissões. Intensificados nas últimas décadas, a queima de combustíveis fósseis (como o petróleo e o carvão) e o desmatamento ampliam a quantidade na atmosfera de gases causadores do chamado efeito estufa. Esses gases dificultam a dispersão do calor dos raios solares que atingem o planeta, o que tende a aumentar a temperatura no globo como um todo. Temperaturas mais altas, por sua vez, aceleram a evaporação da água, o que facilita a ocorrência de temporais.

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU divulgou o relatório do Grupo de Trabalho 1 ([WGI](#)), que compõe o Sexto Relatório de Avaliação do IPCC<sup>286</sup>. O documento [IPCC AR6 “Mudanças Climáticas 2021: a Base das Ciências Físicas”](#) incorpora evidências baseadas na ciência e faz a compilação e análise do estado atual das mudanças climáticas, o papel da influência humana e os possíveis futuros climáticos. O pesquisador climático, Jeferson Simões, coordenador do [Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Criosfera](#), da UFRGS, analisou as evidências trazidas pelo relatório e traz alertas mais

---

<sup>282</sup><https://www.tehrantimes.com/news/463613/Experts-sound-alarm-of-global-consequences-over-vaccine-inequality>

<sup>283</sup> <https://www.straitstimes.com/world/ignoring-who-call-major-nations-stick-to-vaccine-booster-plans>

<sup>284</sup> <https://www.straitstimes.com/asia/se-asia/malaysia-mulls-over-need-for-covid-19-booster-jabs-announcement-expected>

<sup>285</sup> [Xi diz que a China pretende fornecer 2 doses de vacina COVID-19 para o mundo em 2021 -CCTV | Reuters](#)

<sup>286</sup> O relatório analisa as mudanças ocasionadas pelas emissões de gases do efeito estufa e aerossóis na atmosfera, as alterações observadas nas áreas continentais e oceanos; o aumento no nível dos mares; derretimento de geleiras; alterações na biogeoquímica dos ecossistemas, ciclo de carbono, modelagem e projeções climáticas, perspectiva histórica e paleoclimáticas sobre as alterações climáticas, causas e atribuição. O Sexto Relatório de Avaliação do IPCC reúne os relatórios dos outros dois grupos de trabalho: [WGII](#) - Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade, [WGIII](#) - Mitigação das Mudanças Climáticas; e os três Relatórios Especiais: Aquecimento Global de 1,5°C, Mudança Climática e Terra, O Oceano e Criosfera em um Clima em Mudança.



contundentes sobre a rapidez com que o planeta está aquecendo e quão danoso podem ser os impactos: o degelo do permafrost é irreversível e a retração das geleiras de montanhas extrapolares e polares vai continuar por décadas e já é sem precedentes pelo menos nos últimos 2.000 anos.

No presente, os desastres climáticos impactam em perdas de vidas humanas e da biodiversidade, no curto, médio e longo prazo, a escassez do ouro azul e o aumento do nível do mar podem causar migração climática, insegurança alimentar e, conseqüentemente, conflitos.

“Mesmo enquanto o mundo trabalha para interromper o novo coronavírus e começar a se recuperar dele, também precisamos agir agora para evitar um desastre climático, criando e implantando inovações que nos permitirão eliminar nossas emissões de gases de efeito estufa.” Escreveu Bill Gates<sup>287</sup> em seu blog; há um ano atrás, e ele faz três recomendações: deixe a ciência e a inovação liderarem o caminho; certifique-se de que as soluções funcionem também para os países pobres; comece agora.

Estamos no ano da [COP26](#)<sup>288</sup> que acontecerá em Glasgow entre 1º e 12 de novembro de 2021, sob a presidência do Reino Unido. Vários eventos e reuniões vêm acontecendo como preparatórias para a conferência. A primeira delas foi organizada pelos EUA, em abril – lei mais sobre a Cúpula da Terra nos [Cadernos CRIS 7/2021](#), página 71.

Foi na COP21, em Paris, que foram definidas algumas metas para impedir uma mudança climática catastrófica – Acordo de Paris 2015. Na ocasião, todos os signatários concordaram em: reduzir a emissão de gases causadores do efeito estufa; ampliar a produção de energia renovável; destinar bilhões de dólares para ajudar países pobres a lidar com o impacto da mudança climática. Também foi acordado que de cinco em cinco anos haveria uma análise do progresso atingido. Portanto, a COP26 será a primeira revisão e será à luz dos recentes eventos climáticos extremos e após a volta dos EUA, de Joe Biden, ao Acordo de Paris.

### **O degelo do permafrost siberiano**

Cobrindo 18 milhões de quilômetros quadrados, as áreas de permafrost do Ártico estão aquecendo e degelando desde os anos 1980 e, no verão siberiano de 2020, houve um aumento significativo das áreas de degelo e muito metano foi liberado. Há grandes incertezas sobre o tamanho dos estoques de carbono e a magnitude das possíveis emissões de metano. Assim, de acordo com o último relatório do [PNUS](#), o aquecimento global antropogênico pode ser acelerado pela liberação do gás metano termogênico na atmosfera.

O permafrost congelado há milhares de anos é praticamente impermeável aos gases, funcionando como tampa que contém os gases metanos em seus reservatórios. Com o degelo, o carbono total liberado a cada ano pode rivalizar com as emissões atuais de todos os países da União Europeia até o final do século – e vai amplificar as mudanças climáticas futuras: os eventos climáticos extremos tendem a se tornar cada vez mais poderosos e mais frequentes.

### **Ásia Central - cooperação regional no setor da saúde como uma prioridade estratégica**

O estudo [Estratégia 2030](#), no âmbito da [CAREC](#) (Cooperação Econômica na Região da Ásia Central) – Programa Sub-regional em parceria com o [Banco Asiático de Desenvolvimento](#) (ADB), explora o potencial e as oportunidades para promover a cooperação regional no setor da saúde como uma prioridade operacional na Ásia Central. Ele analisa especificamente a carga das

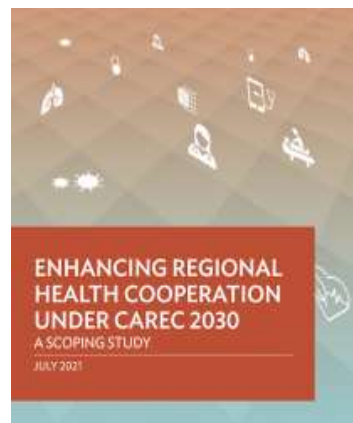
---

<sup>287</sup> <https://www.gatesnotes.com/Energy/Climate-and-COVID-19>

<sup>288</sup> 26ª conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas.

doenças transmissíveis e não transmissíveis e seus fatores de risco, juntamente com o progresso e os desafios no desenvolvimento dos sistemas de saúde na região do CAREC, que reúne 11 países<sup>289</sup>. Com base na avaliação, o estudo recomenda o fortalecimento da segurança sanitária regional; desenvolvimento de sistemas de saúde por meio da cooperação regional; e melhoria dos serviços de saúde para migrantes, populações móveis e comunidades fronteiriças.

<http://dx.doi.org/10.22617/TCS210237-2>



A cooperação entre os países mais uma vez provou ser uma necessidade para enfrentar as ameaças regionais à saúde e salvaguardar a saúde da população. Também pode ajudar a encontrar soluções para outros desafios, como lidar com doenças não transmissíveis (DNTs). Assim, a cooperação em saúde foi identificada como uma nova área prioritária, inclusive pode ajudar seus países membros a alcançar as metas da Agenda 2030. Bons vizinhos, bons parceiros, boas perspectivas.

O estudo analisa o progresso e os desafios do setor de saúde. revela a extensão da carga de DNTs e doenças transmissíveis na região e pontos fortes relacionados e fragilidades dos sistemas de saúde. Ele identifica as seguintes áreas estratégicas no avanço regional cooperação em saúde: (i) fortalecimento da segurança sanitária regional; (ii) desenvolver sistemas de saúde por meio de cooperação regional; e (iii) melhorar os serviços de saúde para migrantes, populações móveis e de fronteira comunidades. O estudo propõe a criação de um grupo de trabalho para a saúde composto por representantes da área dos países da CAREC. Dada a pandemia COVID-19, as atividades iniciais de cooperação regional podem se concentrar em fortalecimento da preparação regional e resiliência para doenças infecciosas emergentes e contínuas.

## ENREDOS DA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA NA ÁSIA PACÍFICO

### Myanmar – Diplomata de Brunei será o negociador da ASEAN para a crise

Desde 1º de fevereiro, quando os militares tomaram o poder, com a prisão dos principais membros do governo legalmente eleito, a situação no país asiático vai de mal a pior: as manifestações populares foram reprimidas com violência, deixando mais de 900 mortos e centenas de presos e uma profunda crise econômica<sup>290</sup>. E ainda enfrenta a Covid-19, que se agrava, com falta de profissionais da saúde.

Após meses de atraso, a ASEAN<sup>291</sup> escolheu o Ministro das Relações Exteriores de Brunei como enviado especial a Myanmar como facilitador entre todas as partes, para que cessem a violência e comecem um diálogo construtivo para uma solução pacífica. A designação aconteceu durante a [28ª Reunião do Fórum Regional da ASEAN](#) (ARF) realizada neste início de agosto. Ficou acordado que o bloco econômico também prestará assistência humanitária. O diplomata brunei tem um difícil trabalho pela frente. Construir a confiança de todas as partes interessadas será

<sup>289</sup> Afeganistão, Azerbaijão, China, Georgia, Kazaquistão, Mongólia, Paquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão

<sup>290</sup> <https://www.straitstimes.com/asia/se-asia/people-in-myanmar-wait-hours-to-withdraw-cash-but-most-atms-are-empty>

<sup>291</sup> Associação das Nações do Sudeste Asiático: Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia, Vietnam.

mais fácil do que equilibrar o diálogo com o governo militar de forma que a mediação não seja interpretada como aceitação do governo golpista como governo oficial

### **Rohingya – as pessoas que ninguém quer e as monções não estão ajudando**

O maior assentamento de refugiados do mundo está em Bangladesh, e corre o risco de ser lavado pelas chuvas incessantes das últimas semanas. A vida de mais de 1 milhão de Rohingya, que vivem em campos lotados na região de Bazar de Cox, em Bangladesh, ficou ainda mais precária. De acordo com a [Organização Internacional para as Migrações das Nações Unidas \(OIM\)](#), mais de 21.000 refugiados Rohingya foram afetados e quase 4.000 abrigos foram destruídos. Centros de distribuição de alimentos, unidades de saúde e pontos de água foram danificados durante três dias de chuva sem parar. Deslizamentos de terra e inundações estão dificultando a evacuação dos refugiados para áreas mais seguras e dificultando também a chegada de socorro. Bazar de Cox é uma região de poucos recursos e vulnerável a eventos climáticos extremos.<sup>292</sup> A COVID-19 já vinha causando preocupação e sobrecarregado o governo bangladês.

Sem nenhuma solução à vista para repatriação dos refugiados, Bangladesh tem tido cada vez mais dificuldade em obter recursos para a manutenção desses refugiados, cujo número continua aumentando. As monções só agravaram o problema. Uma recente proposta do Banco Mundial (BM) sobre a questão Rohingya fez com que aumentasse a tensão/preocupação do governo anfitrião. O BM, em seu documento [Quadro de Revisão da Política de Refugiados](#), encaminhado ao Ministro das Finanças de Bangladesh, sugeriu, entre outras coisas, que sejam criadas disposições para que as pessoas deslocadas à força (os Rohingya) comprem e aluguem terras em Bangladesh sem restrições de localização ou duração.

O documento de 33 páginas integra o programa de longo prazo do Banco Mundial para apoio aos 16 países anfitriões, em todo o mundo, em seus esforços para fortalecer políticas e instituições relevantes para gerenciar melhor a situação. A revisão para Bangladesh resume as políticas, práticas e implementação existentes. O Ministro das Relações Exteriores de Bangladesh, Dr. AK Abdul Momen, [deixou claro](#) que Bangladesh não estava de acordo com tais propostas e que as ideias do Banco Mundial que não correspondiam às do governo. “Os Rohingya não são refugiados aqui. São perseguidos e deslocados e se abrigam aqui temporariamente. A única solução é a repatriação, não a integração”.

Esse é o maior problema. Os Rohingya não são reconhecidos como cidadãos em seu próprio país.

Os [Rohingya](#) são um grupo étnico, de maioria mulçumana, que viviam há séculos em Myanmar, antiga Birmânia, como um dos 135 grupos étnicos oficiais. No entanto desde a implantação da lei de cidadania, de 1982, a cidadania birmanesa foi negada ao Rohingya<sup>293</sup> e

---

<sup>292</sup> O ACNUR equipou mais de 80.000 famílias de refugiados com kits de abrigo atualizados, que incluem varas de bambu, cordas, lonas para abrigos, sacos de areia e ferramentas. O governo de Bangladesh, apoiado pelo ACNUR e seus parceiros, acrescentou 32 quilômetros de estradas de tijolos e caminhos pedonais, 91 quilômetros de dutos de drenagem e construiu 45 quilômetros de degraus ao longo do assentamento. Sessenta e três quilômetros de muros de contenção e estruturas foram construídos. Noventa e quatro quilômetros de drenagem concluídos ou reparados e 2.324 metros de pontes montadas. O ACNUR também pré-posicionou estrategicamente 116 contêineres de armazenamento com ajuda de emergência e atualizou 20 prédios e instalações da comunidade nas comunidades anfitriãs de Bangladesh. <https://www.acnur.org/portugues/rohingya/>

<sup>293</sup> Entre outras coisas, a lei, ainda válida, dizia que os Rohingyas só podiam preencher o formulário para ter cartão de cidadão caso conseguissem falar uma língua oficialmente reconhecida e provassem que os

hoje são o maior grupo apátrida, segundo a ACNUR e OIM. Como não-cidadãos, sofreram, desde 2012, perseguições promovidas pelas forças de segurança de Myanmar, de maioria budista extremista, envolvendo atos de crueldade, violência, estupro e inúmeras mortes, forçando dezenas de milhares de Rohingya a fugir para Bangladesh, Malásia, Tailândia e Indonésia. A [limpeza étnica](#) e religiosa foi considerada crime contra a humanidade e genocídio.



Os Rohingya fugiram não apenas para Bangladesh, mas em grande número também para a Malásia. Há cerca de 40 mil na Índia, dos quais 20 mil vieram após o êxodo de 2017; algumas centenas foram para a Tailândia e Indonésia e alguns até desembarcaram no Nepal. Onde quer que os Rohingya estejam, suas condições são precárias, e não é apenas por causa de ameaças de segurança ou monções, deslizamentos de terra e inundações, mas porque os Rohingya são um povo que não tem esperança de pertencer a qualquer lugar do mundo; eles não têm

nacionalidade; eles não podem ter nacionalidade. São pessoas que ninguém quer.

### Geopolítica do microchip - cabo-de-guerra entre China X EUA

Os Estados Unidos estão cercado pelos quatro lados e jogando todas as suas fichas na disputa contra o rival oriental. A pressão tem sido intensa e envolve articulação com países aliados, conquistar novos aliados, ações de demonstração de força militar, acusações sobre direitos humanos e sanções. Essa pressão tem um único motivo: o futuro da tecnologia. Semicondutores e microchips<sup>294</sup> - quanto menores, maior o desempenho com menor consumo energético, velocidade e maior volume de dados, possibilitando mais dispositivos por km<sup>2</sup> -; computação quântica<sup>295</sup>; e o 5G - 5ª geração de tecnologia de rede de rádio, chamada de Internet das Coisas, vai acelerar a automação das indústrias, portos e armazéns, assistência médica remota, cirurgias robóticas, cidades inteligentes.

A China detém tecnologia 5G, mas importa os [microchips](#). As sanções americanas<sup>296</sup> cortaram o acesso da China a chips avançados - a rede para fabricação envolve vários países - e Pequim está longe de conseguir fabricá-los. A chinesa SMIC, instalada em Xangai, produz chips de 14nm. A sanção mais recente impede que a empresa holandesa ASML venda para a China a

---

seus antecessores viviam no país antes da independência. Mas a maioria nunca sequer teve acesso à papelada necessária para satisfazer os requisitos e foi considerada apátrida.

<https://observador.pt/2017/09/13/quem-sao-os-rohingya-e-por-que-fogem-de-myanmar/>

<sup>294</sup> Os mais avançados têm 7 nanômetros. Um nanômetro equivale a cerca de um bilionésimo de metro - Samsung, na Coreia do Sul, e TSMC, em Taiwan, já começam a produzir chips de 5 nm.

<sup>295</sup> Sistema computacional que não usa o cálculo tradicional binário do 1 e do 0. Usa uma partícula de nível subatômico denominada **qubit**. A supremacia quântica é o momento em que um computador quântico consegue resolver com grande agilidade uma tarefa que seria impossível de ser concluída por um computador clássico de alta potência; usadas para pesquisas científicas no ramo da biologia, meteorologia, astronomia e ciência molecular

<sup>296</sup> O Acordo de Wassenaar, entre EUA e 41 aliados, restringiu exportação de tecnologias de uso duplo para países comunistas.

“máquina” de litografia que usa a luz ultravioleta para imprimir as sequências nos chips - custa mais de 150 milhões de dólares. Seu transporte requer 40 contêineres, 20 caminhões e três Boeing 747. O governo Trump pressionou com sucesso o governo holandês a bloquear os embarques dessa máquina para a China em 2019, e o governo Biden não deu sinais de reverter essa posição.

### **Ações militares no Mar da Meridional da China e Indo-Pacífico**

Um exercício militar em larga escala – o maior em décadas –, envolvendo 36 navios, porta-aviões, submarinos, pousos anfíbios e manobras aéreas e terrestres, dos EUA, Japão, Reino Unido, Austrália, Indonésia, Filipinas, Índia. Analistas dizem que os exercícios em larga escala sinalizam apoio dos EUA aos aliados na região, bem como uma demonstração de força para a China, à medida que as tensões aumentam sobre questões como comércio, tecnologia, ataques cibernéticos, pandemia Covid-19 e direitos humanos. Para Zhou Chenming, um analista militar de Pequim, disse que os militares dos EUA realizaram muitos exercícios no Indo-Pacífico como parte da demonstração global de poder de Washington. "A presença militar dos EUA na Ásia-Pacífico recentemente não é suficiente, então eles precisam usar esses tipos de exercícios para provar a si mesmos."<sup>297</sup>

O Primeiro-Ministro de Singapura, Lee Hsien Loong, tem sido uma voz para evitar um confronto que poderia obrigar as nações menores a escolher um dos lados. Não é a primeira vez que o premier faz esse alerta. Singapura é uma das 10 nações da ASEAN. O governo americano segue tentando pressionar a ASEAN para se posicionar contra a China. Mas isso é muito mais difícil. A ASEAN tem objetivos mais práticos.

### **Asean e RCEP - o Século Asiático**

Recuperar a economia, com crescimento mais inclusivo e sustentável é a principal meta das 10 nações da ASEAN e dos cinco parceiros que aderiram à Parceria Econômica Global Abrangente (RCEP - Regional Comprehensive Economic Partnership), o mais novo e maior bloco econômico e comercial do mundo. O objetivo da iniciativa é fazer com que o fluxo de bens e capitais na região seja tão livre como em uma única economia. O bloco foi projetado para reduzir custos e tempo para empresas e comerciantes, permitindo que exportem seus produtos para qualquer nação signatária, sem atender a requisitos separados para cada país. A RCEP corresponde a mais de 30% do PIB mundial e quase 1/3 da população do planeta, além de reunir muitas das maiores e mais pujantes economias da região Ásia-Pacífico, que deixaram diferenças geopolíticas de lado para concretizar o acordo econômico idealizado pela China.

Significativamente, também, o RCEP representa o primeiro acordo de livre comércio entre China, Japão e Coreia do Sul, potências econômicas industrializadas da Ásia. O pacto não deve apenas ajudar as nações da ASEAN a se recuperar no ano que vem da devastação econômica da pandemia, mas também destaca simbolicamente a importância da região no que alguns analistas ainda acreditam que ficará conhecido como o “Século Asiático”.<sup>298</sup> E Estados Unidos não fazem parte.

---

<sup>297</sup> A China e vários de seus vizinhos estão envolvidos em uma disputa de décadas sobre quem controla o Mar do Sul da China. A China reivindica a maior parte do mar como seu território, mas Filipinas, Vietnã, Malásia, Brunei e Taiwan dizem que partes do mar pertencem a eles. As tensões aumentaram ao longo dos anos e resultaram em vários confrontos, bem como no envolvimento dos EUA. O *South China Morning Post* analisa as origens da disputa, pelo que esses países estão lutando e o que estão fazendo para afirmar suas reivindicações territoriais. [Enquanto os EUA lançam uma enorme broca indo-pacífica, qual é a mensagem para a China |? South China Morning Post \(scmp.com\)](https://www.scmp.com/news/asia/diplomacy/article/2020/07/27/enquanto-os-eua-lancam-uma-enorme-broca-indo-pacifica-qual-e-a-mensagem-para-a-china)

<sup>298</sup> <https://www.fazcomex.com.br/blog/rcep-formado-o-maior-bloco-comercial-do-mundo/>

Para informar melhor as comunidades empresariais sobre como utilizar o RCEP em seus negócios, a ASEAN planejou uma série de [webinars](#) sobre a parceria. O primeiro “Desbloqueando RCEP para Negócios: Comércio de Bens” aconteceu neste final de julho.

### **Conselho de Segurança da ONU sob presidência da Índia<sup>299</sup>**

Seguindo a tradição de rodízio, neste mês de agosto, a presidência do Conselho de Segurança da ONU está com a Índia. A segurança marítima, a manutenção da paz e o contraterrorismo estão no topo da agenda do Ministério das Relações Exteriores indiano.

Em seu primeiro discurso, o diplomata indiano, embaixador TS Tirumurti, disse que a comunidade internacional já reconheceu que a ameaça do terrorismo é grave e universal, e só pode ser derrotada por esforços coletivos de todos os Estados membros da ONU, sem exceção. É preciso lutar contra o flagelo do terrorismo em vez de dar nomes, como nacionalismo violento ou extremismo de direita<sup>300</sup>. Falou do aumento das fobias religiosas. Acrescentou que é hora de chamar aqueles que abrigam terroristas, que dão apoio material, ideológico e financeiro – alertou para o uso indevido dos mecanismos de internet – mídias sociais, moedas e pagamentos digitais – e uso de drones. Os terroristas estão mais sofisticados.

A violência do Talibã no Afeganistão foi tema de sessão de emergência<sup>301</sup>. Os países pressionam por um cessar-fogo imediato e abrangente. As 15 nações do conselho já declararam que não apoiam a restauração do Emirado Islâmico. E, consideram que não há solução militar para o conflito – haja vista que 20 anos de ocupação não resolveu. A China tem se tornado um ator importante para o diálogo intra-afegãs, pois mantém boas relações com os diferentes atores

A Índia tem muitas preocupações e a maioria envolve a China e suas relações: com o Irã, com o Talibã e com o governo afegão, com o Paquistão<sup>302</sup>, com Rússia. A estabilidade no Afeganistão interessa muito à Índia, pois lhe dá acesso à Ásia Central e à Eurásia. A conectividade à região faz parte do Corredor de transporte Norte-Sul, que liga Mumbai à Moscou. Assim como fortalecer os laços com o Irã é importante para a conectividade com o ocidente.

### **A intrincada Geopolítica do Oriente Médio**

A instabilidade regional não é provocada apenas pelo conflito entre governo afegão e Talibã, no Afeganistão; ou pela presença (ou retirada) americana na região<sup>303</sup>, ou pela rivalidade sunitas e xiitas ou disputas entre palestinos e israelenses ou Israel e Líbano.

São Israel e Irã que protagonizam uma guerra indireta com sérios desdobramentos para a instabilidade regional. E o novo presidente, iraniano Ibrahim Raisi, por seu histórico ligado ao movimento revolucionário, não vai facilitar. Já em seu primeiro discurso após eleito, se

---

<sup>299</sup> [A agenda de três pontos da Índia no Conselho de Segurança da ONU | o que esperar durante a Presidência de Agosto - India News \(indiatoday.in\)](#)

<sup>300</sup> Recentemente a imprensa nacional indiana e internacional acusou o Primeiro-Ministro Narendra Modi de agir com violência, repressão e prisão daqueles que criticaram seu governo e suas ações durante a pandemia.

<sup>301</sup> [Ministro das Relações Exteriores afegão fala ao EAM Jaishankar, mulls sessão de emergência do CSN sobre a situação do Afeganistão - India News \(indiatoday.in\)](#)

<sup>302</sup> <https://www.scmp.com/week-asia/politics/article/3142596/china-pakistan-alliance-afghanistan-worries-india-taliban>

<sup>303</sup> Estados Unidos já acertou com o presidente iraquiano a retirada das tropas do país.

comprometeu a formar um governo perseverante e revolucionário e a apoiar o eixo de resistência, elogiando seus movimentos e táticas frutíferas “contra o inimigo sionista”.<sup>304</sup>

São grupos de resistência: o Hezbollah, grupo islâmico xiita do Líbano, que nasceu da guerra civil libanesa entre cristãos e muçulmanos; é considerado um movimento de resistência legítimo por grande parte do mundo islâmico e árabe; os Houthis são um movimento político religioso xiita, que protagoniza um dos lados na guerra civil do Yemem; insurgentes contra o governo oficial; o Hamas, especialmente ativo em Gaza, se define como um movimento de resistência palestino, constituído de braço, filantrópico, político e militar, e, apesar de sunita, por não reconhecer o Estado de Israel, tem apoio do Irã. Entra na lista, e foi recebido com pompa e circunstância pelo novo presidente iraniano<sup>305</sup>, o Movimento da Jihad Islâmica Palestina, grupo militante palestino que prega a destruição do Estado judeu e a constituição de um Estado Islâmico.

Ao mesmo tempo, Raisi investe na diplomacia para ampliar as relações de seu país, buscando recuperação econômica. Indonésia, Índia, Iraque, Turquia são alguns dos países que conversam com o novo governo iraniano sobre tecnologia, nanotecnologia, infraestrutura. A China já tem um importante acordo de cooperação.

E agora o novo governo promete ampliar as relações políticas e econômicas com a América Latina. O secretário-geral da Aliança Bolivariana para os Povos da América (ALBA), Llorenti Soliz, esteve presente à posse de Raisi<sup>306</sup>. Fundada inicialmente por Cuba e Venezuela em 2004, a aliança está associada a governos socialistas e social-democratas que desejam consolidar a integração econômica regional. Os dez países membros são Antígua e Barbuda, Bolívia, Cuba, Dominica, Granada, Nicarágua, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas e Venezuela. O Suriname foi admitido na ALBA como um país convidado em uma cúpula de fevereiro de 2012.

## CENÁRIO PANDÊMICO E VACINAÇÃO

Os casos mundiais aumentam à medida que a variante Delta se espalha e é uma ameaça em áreas de baixa vacinação, dificultando os sistemas de saúde tão sobrecarregados e com profissionais exaustos. Os Estados Unidos (35.731.175), a Índia (31.895.385) e o Brasil (20.108.746) representam cerca de 43% de todos os casos globais. E cresce a lacuna nas taxas de vacinação entre as nações pobres e ricas. As disparidades globais nas taxas de vacinas da Covid terão um impacto internacional na recuperação econômica da pandemia.<sup>307</sup>

Estudos mostram que a variante até o momento é a versão mais rápida e eficiente do vírus Sars-CoV-2. Os cientistas estimam que seja cerca de 50 por cento mais contagioso do que a variante Alfa, encontrada pela primeira vez na Grã-Bretanha, que por sua vez era cerca de 50 por cento mais contagiosa do que a cepa original, detectada na cidade chinesa de Wuhan.

Pacientes mais jovens e não vacinados são os mais atingidos. Filipinas registra crianças em estado crítico. A taxa de infecção na Índia está em declínio, mas ainda é muito alta, mas o governo planeja reabrir escolas. Irã vacinou apenas 3% da população. Nas áreas onde os

<sup>304</sup> <https://www.tehrantimes.com/news/462311/Iran-s-new-government-will-play-prominent-role-in-the-region>

<sup>305</sup> <https://www.tehrantimes.com/news/463813/Resistance-Axis-and-Iran-A-new-chapter>

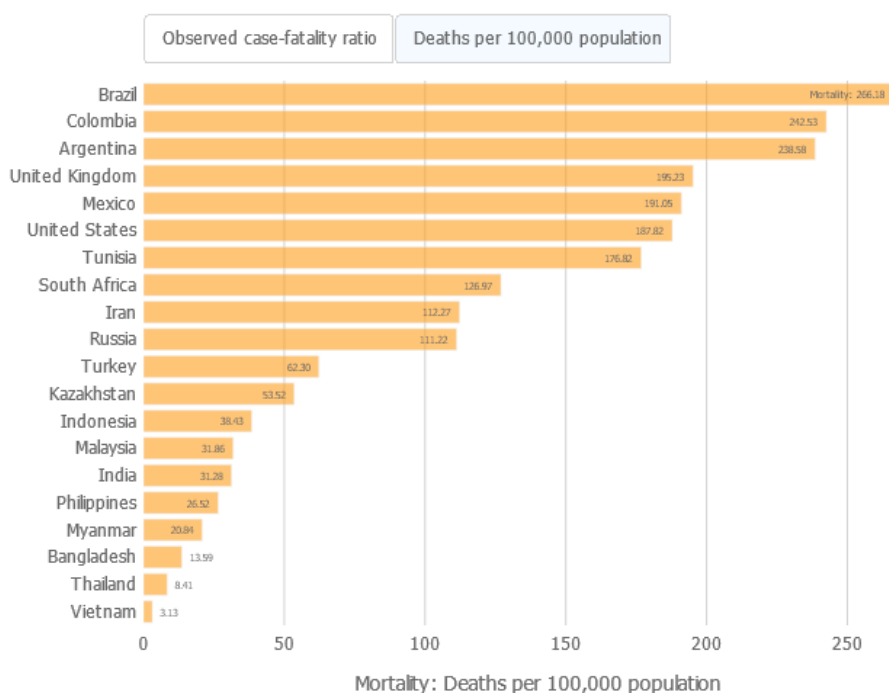
<sup>306</sup> [Raisi promete aumentar as relações com a América Latina - Teerã Times \(tehrantimes.com\)](https://www.tehrantimes.com/news/463613/Experts-sound-alarm-of-global-consequences-over-vaccine-inequality)

<sup>307</sup> <https://www.tehrantimes.com/news/463613/Experts-sound-alarm-of-global-consequences-over-vaccine-inequality>

conflitos não dão trégua, o aumento de casos é um desafio para os sistemas de saúde já doentes e com estruturas frágeis de governo – Síria, Líbano, Iraque, Yémen.

Na Tailândia, os necrotérios lotados estão alugando containers para colocar os mortos por Covid-19; e, por falta de espaço, mortos permanecem em casa. E crescem os protestos contra o governo e a má condução da pandemia - somente 4 milhões de uma população de 70 milhões foram vacinados.

China luta para conter o novo surto, de variante Delta, ligado ao caso do Aeroporto de Nanjing. Japão bateu recorde diário de 5 mil casos – ligados às Olimpíadas foram 409 casos até o encerramento. Os países árabes (Emirados Árabes, Kuwait, Bahrein, Irã) voltaram a fazer restrições de viagens – o aumento de casos está ligado a trabalhadores migrantes e à variante Delta.



<https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality> em 07/08/2021

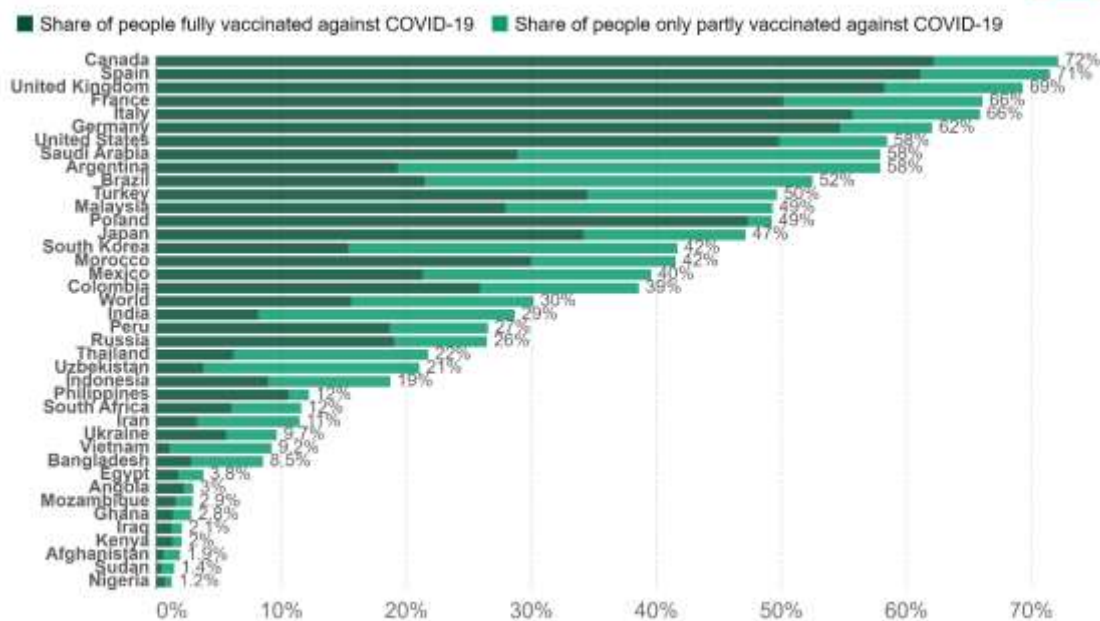
O CovaX Facility já distribuiu 190 milhões de doses para 138 países participantes e está alocando vacinas adicionais à medida que os países avançam a vacinação. Nas duas regiões, já receberam vacinas do programa: Camboja, Fiji, Laos, Malásia, Mongólia, Papua Nova Guiné, Filipinas, Samoa, Kiribati, Ilhas Salomão, Tonga, Tuvalu, Vietnã, Indonésia, Bangladesh, Nepal, Timor-leste, Afeganistão, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Paquistão, Síria, Palestina e Gaza, Yémen.<sup>308</sup>

Estados Unidos seguem doando vacinas – Tunísia, Jordânia, Marrocos, Indonésia, Filipinas, África do Sul, Egito, Colômbia, Brasil, Peru, Zâmbia.

<sup>308</sup> [COVAX vaccine roll-out | Gavi, the Vaccine Alliance](#)



## Share of people vaccinated against COVID-19, Aug 9, 2021



Source: Official data collated by Our World in Data. This data is only available for countries which report the breakdown of doses administered by first and second doses in absolute numbers.  
CC BY

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/coronavirus-vaccinations), dados de 9 de agosto – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

Obs. 2: As regiões somam juntas mais de 65 países, mas, para análise, o recorte foca os países com maior número de casos ou com melhores resultados de ações tomadas pelas autoridades nacionais.

## O QUE ESTÁ EM JOGO NÃO É O USO DA BURCA

Informe 15 de 2021 – 13 a 24 de agosto

Nos últimos dias, em função dos recentes acontecimentos no Afeganistão, a história do surgimento e domínio do Talibã tem sido amplamente divulgada em todas as mídias. Não cabe lembrar aqui. Muitos especialistas vêm publicando suas análises e críticas<sup>309</sup> Alguns arriscam apontar futuros caminhos, mas os eventos ainda são muito recentes e estamos lidando com um grupo fundamentalista, com uma interpretação muito própria da lei da Sharia, a Lei Islâmica. E que tem grupos opositores dentro do próprio país.

Quando o Talibã afirma que mudou e que vai respeitar os direitos das mulheres, **desde que dentro da lei da Sharia**, significa que nada vai mudar, que vai ser tudo como era na época quando o grupo governou o país, entre 1996 e 2001, quando mulheres podiam ser chicoteadas em plena rua. Por isso o desespero da população, inclusive masculina – os homens terão que usar barba. Quando o grupo frisa “seguindo a Sharia” é preciso entender o que significa e as consequências da interpretação radical “talibãeza” da Lei Islâmica e da jihad. O que está em jogo não é o uso da burca, mas a perda dos direitos e da liberdade de escolha. Está em jogo o “desaparecimento” da mulher.

A Sharia é uma espécie de código de conduta baseado no Alcorão, livro sagrado do islamismo, considerado palavra literal de Deus (Alá) revelada ao profeta Maomé (morreu em 632 A.D.) ao longo de um período de vinte e três anos e reflete o contexto da época. Assim como a Bíblia católica cristã e a Torá judaica refletem. A Sharia traz para vida jurídica, social e religiosa do indivíduo, que pratica o islão, condutas, direitos e deveres sinalizados no Alcorão. Sinalizados – portanto, ela depende de muita interpretação dos “homens sábios” - líderes supremos – mais conservadores ou não, mais radicais ou não.

Algumas nações islâmicas, não laicas, trazem para sua constituição as normas e interpretações da Sharia. O Talibã não é laico, pelo contrário. Sua interpretação da “jihad” o transformou num grupo extremista – o Talibã tem origem jihadista – os jihadistas interpretam o dever religioso de defender o islã de forma literal, ou seja, através da luta armada contra os infiéis e inimigos do Islã – a forma não extremista de interpretar a jihad, doutrinalmente falando,



“Mother, Daughter, Doll”, da série "The Hijab Series", 2010. Trabalho da fotógrafa yemita Boushra Almutawakel. Reflexão sobre a situação das mulheres em contexto em que se impôs o fanatismo religioso.

<sup>309</sup> [https://economictimes.indiatimes.com/news/defence/view-washington-messed-up-everything-in-afghanistan-over-to-russia-china-to-enter-the-quicksand/articleshow/85392638.cms?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Dailynewsletter&utm\\_content=Story1&ncode=7196789a3e4ae04486548d346066e0c9a30918667d831257fda15b40747f810d89948e88c7d5e6b95040cec56cef2fa6a34150c1ab9c8e183370299053f7f7aabe27abe7627b6b73d95a954319b96f5](https://economictimes.indiatimes.com/news/defence/view-washington-messed-up-everything-in-afghanistan-over-to-russia-china-to-enter-the-quicksand/articleshow/85392638.cms?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Dailynewsletter&utm_content=Story1&ncode=7196789a3e4ae04486548d346066e0c9a30918667d831257fda15b40747f810d89948e88c7d5e6b95040cec56cef2fa6a34150c1ab9c8e183370299053f7f7aabe27abe7627b6b73d95a954319b96f5)

é pelo coração, se purificando física e espiritualmente, difundindo palavras e comportamentos que defendam o que é bom e corrijam o errado.

Dito isto e, levando-se em conta que o grupo, em seu movimento de tomar o Afeganistão, cooptou adeptos e armas de outras milícias jihadistas – inclusive do Al Qaeda e do ISIS<sup>310</sup> -, acreditar que um “novo” Talibã chegou ao poder é tapar o sol com a peneira. A ajuda humanitária não será fácil; envolve conceitos de direitos humanos e, pela forma jihadista de interpretar a Sharia, na qual todos são inimigos do islã, inclusive os cidadãos islâmicos que não seguem a interpretação talibã da lei islâmica, permitir ajuda humanitária, ocidental principalmente, vai envolver muita negociação política e econômica.

O Talibã insiste que mudou e, nos últimos dias, prometeu não buscar vingança, defender os direitos das mulheres **no âmbito da lei islâmica**, garantir a liberdade da mídia e oferecer anistia para funcionários do governo no Afeganistão. Ao contrário de seu regime anterior, que vivia em isolamento global - com apenas o Paquistão, os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita reconhecendo seu governo - o Talibã, nos últimos meses, disse repetidamente que não está atrás de um “monopólio de poder” e formaria um governo aceitável para todos os grupos étnicos<sup>311</sup>. Mas suas ações fora da capital Cabul demonstram que a prática tem sido muito diferente do discurso. Por isso, muitos afegãos e a comunidade internacional continuam céticos. Os mais velhos se lembram das visões islâmicas ultraconservadoras que também incluíam apedrejamentos, amputações e execuções públicas.

Muitos querem acreditar na mudança; outros dizem que isso não existe. Essa diferença de visão se refletiu na falta de consenso na reunião de emergência do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas convocada para lidar com a crise no Afeganistão: uma demonstração do racha na comunidade internacional sobre como lidar com o Talibã. O encontro foi convocado para aprovar uma resolução que conceda um mandato para a ONU poder investigar e monitorar os crimes cometidos pelo grupo fundamentalista. Mas, sem um acordo, o projeto de resolução não especifica de que maneira esse processo ocorreria e nem se um mecanismo especial seria criado<sup>312</sup>. para investigar os crimes do Talibã e monitorar as promessas do grupo fundamentalista. O texto aprovado foi denunciado por ativistas de direitos humanos como uma "vergonha" e "insulto" às vítimas afegãs. China, Rússia e Estados Unidos têm visões diferentes<sup>313</sup> e trazem para a discussão questões antigas: "Sob a bandeira da democracia e dos direitos humanos, os EUA e outros países (Austrália, Reino Unido) realizam intervenções militares em outros estados soberanos e impõem o seu próprio modelo a países com uma história e cultura muito diferentes", disse o embaixador da China, Chen Xu, na reunião.

---

<sup>310</sup> ISIS ou DAESH ou **Estado Islâmico** antes denominado **Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL)** ou **Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIS)**, é uma organização jihadista islamita de orientação salafita (sunita ortodoxa) e wahabita criada após a invasão do Iraque em 2003. O grupo opera principalmente no Oriente Médio e tem crescido na África. É considerado grupo terrorista no ocidente e no oriente. O ISIS afirma autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos do mundo e aspira tomar o controle de muitas outras regiões de maioria islâmica, a começar pela região do Levante, que inclui Jordânia, Israel, Palestina, Líbano, Chipre e Hatay, uma área no sul da Turquia. O grupo, em seu formato original, era composto e apoiado por várias organizações terroristas sunitas insurgentes, incluindo suas organizações antecessoras, como a Al-Qaeda no Iraque,

<sup>311</sup> <https://www.arabnews.com/node/1913341/world>

<sup>312</sup> [https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/08/24/em-reuniao-sobre-afeganistao-china-acusa-eua-e-sinaliza-apoio-ao-](https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/08/24/em-reuniao-sobre-afeganistao-china-acusa-eua-e-sinaliza-apoio-ao-taliba.htm?utm_source=chrome&utm_medium=webalert&utm_campaign=coluna-jamil-chade)

[taliba.htm?utm\\_source=chrome&utm\\_medium=webalert&utm\\_campaign=coluna-jamil-chade](https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/08/24/em-reuniao-sobre-afeganistao-china-acusa-eua-e-sinaliza-apoio-ao-taliba.htm?utm_source=chrome&utm_medium=webalert&utm_campaign=coluna-jamil-chade)

<sup>313</sup> [https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/08/24/impasse-entre-china-russia-e-eua-barra-poder-da-onu-para-investigar-](https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/08/24/impasse-entre-china-russia-e-eua-barra-poder-da-onu-para-investigar-taliba.htm?utm_source=chrome&utm_medium=webalert&utm_campaign=coluna-jamil-chade)

[taliba.htm?utm\\_source=chrome&utm\\_medium=webalert&utm\\_campaign=coluna-jamil-chade](https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/08/24/impasse-entre-china-russia-e-eua-barra-poder-da-onu-para-investigar-taliba.htm?utm_source=chrome&utm_medium=webalert&utm_campaign=coluna-jamil-chade)

Dois dias antes, a Arábia Saudita, atual Presidente da 14ª Cúpula Islâmica e do Comitê Executivo da Organização de Cooperação Islâmica (OIC<sup>314</sup>), convocou [reunião extraordinária](#) para discutir a situação no Afeganistão. O grupo reiterou o compromisso dos Estados membros da OIC em ajudá-los a trazer paz, segurança, estabilidade e desenvolvimento ao Afeganistão. E destacou que a comunidade internacional e a OIC esperam que o governo no poder estabeleça um diálogo inclusivo com todos os segmentos da sociedade, traga a reconciliação nacional para o país, garanta a observância dos convênios e acordos internacionais e se comprometa com as normas internacionais da Carta da ONU e resoluções. Enfatizaram a necessidade de proteger e respeitar o direito à vida, segurança e dignidade do povo do Afeganistão em conformidade com os princípios islâmicos tolerantes e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (UDHR). Em função da deterioração da situação humanitária, por conta do aumento do fluxo de deslocados internos e refugiados devido à situação atual no país, dos impactos da pandemia de Covid-19 e da seca que o país enfrenta, o Secretário Geral da OIC exortou os Estados-Membros, as instituições financeiras islâmicas e os parceiros a agirem com urgência para prestar ajuda humanitária às áreas afetadas do país.

### **Efeito talibã – na contramão dos direitos das mulheres**

As cenas de milhares de afegãos tentando fugir do seu país, com medo, não do futuro desconhecido, mas, justamente, do já vivido, deixaram claro a importância da garantia dos direitos humanos e das mulheres. Várias nações árabes já vinham buscando uma atualização do pensamento numa tentativa de separar os aspectos da vida cotidiana da vida religiosa.

Em 1990, na elaboração da Declaração de Direitos Humanos Islâmicos ficou estabelecido que todos os direitos e liberdades estariam sujeitos à Sharia. Em 2020, após um processo de revisão de 10 anos, a Organização de Cooperação Islâmica apresentou uma nova declaração com avanços que refletem mudanças ideológicas: islã deixando de ser a salvação. Apesar de retirar do texto a Sharia – ela é indicada apenas como conjunto de valores, não como restrição de direitos - a declaração delega aos estados a primazia sobre as liberdades individuais. E é aí que, segundo o analista Turan Kavaoglu - *leitura recomendada*<sup>315</sup> -, o documento peca, pois, a maioria dos estados islâmicos tem seus sistemas legislativos baseados na Sharia. Está na constituição de muitos países. Apesar de avanços, omite muitos direitos e ainda reflete a predominância dos sistemas políticos autoritários. Mas demonstra uma tentativa de diálogo com outros organismos e organizações.

A pandemia da Covid-19 reforçou a urgência de reformas e foi uma oportunidade para tentar separar o governo da religião. A Arábia Saudita é uma das nações não laicas mais rigorosas e conservadoras, mas tem acelerado reformas. No início da pandemia, as medidas restritivas entraram em conflito com as lideranças religiosas e houve prisões de clérigos mais ortodoxos que discordavam das medidas sanitárias e da suspensão de ritos. Na ocasião, ficou clara a tentativa da gestão saudita de separar religião de governança. Neste sentido, o saldo da pandemia foi positivo, não só para Arábia Saudita<sup>316</sup>, mas no Oriente Médio, e pode ser verificado no relatório do Banco Mundial sobre [“Mulheres, Negócios e Legislação”](#), divulgado em fevereiro deste ano.

---

<sup>314</sup> Reúne 57 países, todos com expressiva população islâmica, do Oriente Médio, África, Ásia, América do Sul, e Europa. Os objetivos da OCI são promover a solidariedade e a cooperação entre os Estados-membros e velar pela preservação dos lugares sagrados do Islamismo.

<sup>315</sup> <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2020/09/The-Organization-of-Islamic-Cooperations-declaration-on-human-rights-promises-and-pitfalls.pdf>

<sup>316</sup> <https://www.arabnews.com/node/1913276>

O avanço também pode ser observado em vários movimentos que buscam a inserção da mulher na recuperação econômica dos países árabes. Em julho passado, a Organização de Cooperação Islâmica organizou a 8ª Conferência Ministerial sobre Mulheres<sup>317</sup>. A Conferência teve como tema “Preservando os ganhos da igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres à luz da pandemia do Coronavírus e além” e teve como objetivo maior o lançamento da Organização para o Desenvolvimento da Mulher (WDO) que ganhou sede permanente no Egito. A WDO é a primeira organização internacional, no âmbito da OIC, especializada na promoção e proteção dos direitos das mulheres em todos os estados membros da Organização de Cooperação Islâmica<sup>318</sup>. A Conferência ocorreu em um momento em que o mundo precisa imperativamente de uma maior participação das mulheres nas esferas política, econômica, social e cultural. Discute melhores práticas, as necessidades e os desafios específicos enfrentados pelas mulheres diante da realidade imposta pela pandemia. Os documentos bases para o debate foram as políticas da OIC para o gênero e o estudo realizado pela comissão independente para Direitos Humanos sobre Gênero e Justiça de Gênero de uma perspectiva Islâmica.

### Relatório do Banco Mundial sobre direito das mulheres

O relatório do Banco Mundial [\*WOMEN, BUSINESS AND THE LAW 2021\*](#) examina leis e regulamentos em oito áreas que afetam as oportunidades econômicas das mulheres em 190 países, cobrindo o período de setembro de 2019 a outubro de 2020. O estudo examina desde aspectos básicos, como a mobilidade no âmbito da comunidade, até questões mais complexas, como os desafios para trabalhar, cuidar dos filhos e se aposentar. Os dados fornecem referências objetivas e mensuráveis para medir o progresso global rumo à igualdade de gênero. O relatório também analisa as respostas do setor público à crise da Covid-19 e examina como a pandemia afetou as mulheres no trabalho e em casa, especialmente em relação ao cuidado com as crianças; ao acesso à justiça; e à saúde e segurança.

Embora as sociedades em geral estejam avançando lentamente rumo a uma maior igualdade de gênero, muitas mulheres ao redor do mundo continuam a enfrentar leis e regulamentos que restringem suas oportunidades econômicas. O relatório do Banco Mundial revela como a pandemia de Covid-19 impôs novos desafios para a saúde e a segurança física e econômica das mulheres (Capítulo 2, do relatório). As reformas que buscam remover os obstáculos à inclusão econômica das mulheres têm sido lentas e desiguais em muitas regiões do planeta, segundo o relatório. Em média, as mulheres gozam apenas de três quartos dos direitos jurídicos concedidos aos homens. Elas já se encontravam em desvantagem mesmo antes da Covid-19, e as iniciativas governamentais para mitigar alguns dos efeitos da pandemia, embora inovadoras, foram limitadas em muitos países.

Apesar do progresso geral, foram observados retrocessos preocupantes em alguns países, tais como restrições relativas a viagens de mulheres sem a permissão de um tutor do sexo masculino. A pandemia exacerbou desigualdades que prejudicam meninas e mulheres – muitas vezes impedidas de frequentar escolas e ter um emprego. Elas também enfrentam um aumento na violência doméstica e nos desafios relacionados à sua saúde e segurança. As mulheres devem ter o mesmo acesso a financiamentos e os mesmos direitos a heranças que os

---

<sup>317</sup> <https://english.ahram.org.eg/NewsContent/1/64/416809/Egypt/Politics-/Sisi-inaugurates-OIC%E2%80%99s-th-ministerial-conference-o.aspx>

<https://www.gulf-times.com/story/696054/OIC-s-Ministerial-Conference-on-women-kicks-off>

<sup>318</sup> Reúne 57 países, todos com expressiva população islâmica, do Oriente Médio, África, Ásia, América do Sul, e Europa. Os objetivos da OIC são promover a solidariedade e a cooperação entre os Estados-membros e velar pela preservação dos [lugares sagrados do Islamismo](#).

homens. Para David Malpass, presidente do Grupo Banco Mundial, as mulheres devem estar ao centro dos esforços para uma recuperação inclusiva e resiliente da pandemia de Covid-19.<sup>319</sup>

Dez países obtiveram a pontuação máxima (100): Bélgica, Dinamarca, França, Letônia e Suécia repetiram o resultado, enquanto Canadá, Islândia, Letônia, Luxemburgo e Portugal entraram agora na lista. Essa pontuação perfeita significa que homens e mulheres têm direitos iguais nas áreas examinadas pelo Banco Mundial. Entre os piores países estão Lêmen, Kuwait e Catar, que pontuaram abaixo de 30.

TABLE 1.2 WOMEN, BUSINESS AND THE LAW 2021 INDEX									
Economy	Score	Economy	Score	Economy	Score	Economy	Score	Economy	Score
Belgium	100.0	Romania	90.6	Singapore	82.5	Belarus	75.6	Nigeria	63.1
Canada	100.0	Ecuador	89.4	Turkey	82.5	China	75.6	Dominica	62.5
Denmark	100.0	Hong Kong SAR, China	89.4	United Arab Emirates ✓	82.5	Morocco	75.6	Mali	60.6
France	100.0	Bolivia	88.8	Colombia	81.9	Cambodia	75.0	Cameroon	60.0
Iceland	100.0	El Salvador	88.8	Japan	81.9	Ghana	75.0	Papua New Guinea	60.0
Ireland ✓	100.0	Malta	88.8	Vietnam ✓	81.9	Honduras	75.0	Niger	59.4
Latvia	100.0	Mexico	88.8	Bahamas, The	81.3	Trinidad and Tobago	75.0	Myanmar	58.8
Luxembourg	100.0	Uruguay	88.8	Tanzania	81.3	Gambia, The	74.4	Palau	58.8
Portugal ✓	100.0	Lao PDR	88.1	Zambia	81.3	India	74.4	Tonga	58.8
Sweden	100.0	Montenegro ✓	88.1	Grenada	80.6	Madagascar ✓	74.4	Vanuatu	58.1
Estonia	97.5	South Africa	88.1	Israel	80.6	Maldives	73.8	Algeria	57.5
Finland	97.5	Guyana	86.9	Kenya	80.6	Suriname ✓	73.8	Gabon	57.5
Germany	97.5	Zimbabwe	86.9	Nepal	80.6	Angola	73.1	Solomon Islands	56.9
Greece	97.5	Cabo Verde	86.3	Rwanda ✓	80.6	Burundi	73.1	Bahrain ✓	55.6
Italy	97.5	Dominican Republic	86.3	Chile ✓	80.0	Russian Federation	73.1	Pakistan ✓	55.6
Netherlands	97.5	Namibia	86.3	Samoa	80.0	Uganda	73.1	Brunei Darussalam	53.1
New Zealand ✓	97.5	Nicaragua	86.3	San Marino	80.0	Bhutan	71.9	Lebanon	52.5
Spain	97.5	São Tomé and Príncipe	86.3	Saudi Arabia ✓	80.0	St. Kitts and Nevis	71.3	Equatorial Guinea	51.9
United Kingdom	97.5	Georgia	85.6	Belize	79.4	Guatemala	70.6	Libya	50.0
Australia	96.9	Switzerland	85.6	Burkina Faso	79.4	Uzbekistan ✓	70.6	Malaysia	50.0
Austria ✓	96.9	Bosnia and Herzegovina	85.0	Panama	79.4	South Sudan	70.0	Bangladesh	49.4
Hungary	96.9	Brazil ✓	85.0	Ukraine	79.4	Eritrea	69.4	Congo, Rep.	49.4
Norway	96.9	Korea, Rep.	85.0	Azerbaijan	78.8	Kazakhstan	69.4	Mauritania	48.1
Slovenia ✓	96.9	North Macedonia	85.0	Congo, Dem. Rep.	78.8	Sierra Leone ✓	69.4	Jordan ✓	46.9
Peru	95.0	Slovak Republic ✘	85.0	Kiribati	78.8	Djibouti	68.1	Somalia	46.9
Paraguay	94.4	Venezuela, RB	85.0	Philippines	78.8	Jamaica	68.1	Eswatini	46.3
Croatia	93.8	Moldova	84.4	Tajikistan	78.8	Marshall Islands ✓	68.1	Egypt, Arab Rep.	45.0
Czech Republic	93.8	Togo	84.4	Lesotho	78.1	St. Vincent and the Grenadines	68.1	Iraq	45.0
Lithuania	93.8	Liberia	83.8	Thailand	78.1	Tunisia	67.5	Guinea-Bissau	42.5
Poland	93.8	Puerto Rico (US) ✓	83.8	Benin ✓	77.5	Senegal ✓	66.9	Afghanistan	38.1
Serbia	93.8	St. Lucia	83.8	Malawi	77.5	Antigua and Barbuda	66.3	Syrian Arab Republic	36.9
Kosovo	91.9	Costa Rica ✓	83.1	Barbados	76.9	Chad	66.3	Oman	35.6
Mauritius	91.9	Côte d'Ivoire	83.1	Central African Republic	76.9	Sri Lanka	65.6	Iran, Islamic Rep.	31.3
Albania	91.3	Timor-Leste	83.1	Ethiopia ✓	76.9	Comoros	65.0	Qatar	29.4
Cyprus	91.3	Armenia	82.5	Kyrgyz Republic	76.9	Indonesia	64.4	Sudan	29.4
Taiwan, China	91.3	Fiji ✓	82.5	Argentina	76.3	Botswana	63.8	Kuwait ✓	28.8
United States	91.3	Mongolia	82.5	Guinea	76.3	Haiti	63.8	Yemen, Rep.	26.9
Bulgaria	90.6	Mozambique	82.5	Seychelles	76.3	Micronesia, Fed. Sts.	63.8	West Bank and Gaza	26.3

Fonte: Banco de dados Women, Business and the Law. Tabela 1.2, página 10 do relatório (<https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/35094/9781464816529.pdf>)

<sup>319</sup> <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2021/02/23/laws-still-restrict-womens-economic-opportunities-despite-progress-study-finds>

**Observação:** as economias com uma marca de seleção verde (✓) tiveram uma melhora na pontuação devido a reformas em uma ou mais áreas. A economia com um X vermelho (✗) implementou pelo menos uma mudança reduzindo sua pontuação

Segundo o relatório, 27 economias implementaram reformas visando a igualdade de oportunidades em sete dos oito indicadores medidos, levando para 45 alterações de dados positivas. Dessas alterações, 17 resultaram de alterações legais promulgadas por economias na região do Oriente Médio e Norte da África. Embora tenha o menor pontuações, a região foi a que mais avançou como resultado de seus esforços de reforma, com 25% de economias da região implementando pelo menos uma reforma. Progresso no resto de o mundo foi mais lento durante 2020, com outras regiões registrando menos reformas do que em anos anteriores.

A maioria das reformas foram implementadas em leis que afetam os salários das mulheres<sup>320</sup>. O indicador Salário apontou as reduções na desigualdade salarial como resultado de reformas em oito economias. Bahrein, Montenegro, Arábia Saudita e Vietnã eliminaram as restrições ao emprego anteriormente considerados perigosos para as mulheres. Montenegro e a Arábia Saudita também eliminaram todas as restrições ao emprego feminino em setores industriais, como mineração, construção, manufatura e setor de água, definindo igualdade na escolha de oportunidades de emprego. Costa Rica e Arábia Saudita suspenderam a proibição do trabalho noturno feminino. As Ilhas Marshall, a Nova Zelândia e os Emirados Árabes Unidos reformaram suas leis para introduzir uma legislação que exige remuneração igual para homens e mulheres que realizam trabalhos iguais. A Lei de Emenda à Igualdade Salarial na Nova Zelândia aborda as desigualdades históricas nos salários das mulheres e fornece um mecanismo para salários iguais para empregos de igual valor, inclusive para diferentes empregos do mesmo valor.

## Afeganistão

Localizado na encruzilhada que liga o Oriente Médio, Ásia Central e o subcontinente indiano, o Afeganistão é um enclave montanhoso com planícies e faz parte do Grande Oriente Médio<sup>321</sup>. Faz fronteira com Irã, Turcomenistão, Uzbequistão, Tajiquistão e China e foi ponto essencial para a antiga rota da seda e para fluxo da migração humana pré-histórica. Os principais recursos naturais do país são: carvão mineral, cobre, minério de ferro, lítio, urânio, terra-rara, cromita, ouro, zinco, talco, barita, enxofre, chumbo, mármore, pedras preciosas e semipreciosas, gás natural, petróleo, entre outros recursos.

Muito já se mostrou sobre o país e as intervenções que desembocaram na situação atual. No link <https://www.arabnews.com/45thanniversary>, o Jornal Arab News, faz um apanhado dos acontecimentos históricos na região do Oriente Médio nos últimos 45 anos. Muito interessante para entender os contextos.

---

<sup>320</sup> A partir da página 29 - ANNEX: SUMMARIES OF REFORMS – estão as reformas promovidas, país a país. [Women, Business and the Law 2021 \(worldbank.org\)](https://www.worldbank.org/)

<sup>321</sup> O **Grande Oriente Médio** é um **termo político** utilizado pelo governo de [George W. Bush](#) para designar uma área que se estende do [Marrocos](#) e da [Mauritânia](#) até o Paquistão e Afeganistão, incluindo a Argélia, Turquia, Líbia, Egito, e a [Península Árabe](#). Os países da [Ásia Central](#), do [Cáucaso](#), do [Norte da África](#) e mesmo o [Chifre da África](#) (a [Somália](#)) são, por vezes, também incluídos. Alguns podem usar o termo para designar as áreas com maiorias muçulmanas significativas, mas esse uso não é universal. O termo não faz sentido em termos acadêmicos.

## TALIBÃ E EUA: GANHADOR E PERDEDOR DA GUERRA ACENAM COM PROMESSAS PARA (RE)CONQUISTAR ALIADOS E ALIANÇAS

Informe 16 de 2021 – 26 de agosto a 7 de setembro

A situação precária da população no Afeganistão antecede à violência recente do Talibã e à Covid-19, embora tenha sido agravada por ambos. O país já dependia de ajuda humanitária, financeira e de recursos humanos muito antes da pandemia, que agravou a pobreza: cerca de 18 milhões de pessoas já vivem em condições de desnutrição (quase metade da população). O [relatório da FAO/ONU](#) (Food and Agriculture Organization) para o Conselho de Segurança da ONU, lá em 2019<sup>322</sup>, apresentava a gravidade da insegurança alimentar aguda em oito países e regiões<sup>323</sup> que têm maior número de pessoas que precisam de ajuda alimentar, nutricional e de subsistência de emergência, como resultado de conflito prolongado, combinado com outros fatores. O [relatório recente \(2020-2021\)](#) demonstra claramente o impacto da violência armada nas vidas e nos meios de subsistência de milhões de homens, mulheres, meninos e meninas envolvidos em conflitos<sup>324</sup> Afeganistão entre eles.

A pandemia trouxe perdas e retrocessos profundos.<sup>325</sup> Durante o Fórum Político de Alto Nível sobre Desenvolvimento Sustentável (HLPF)<sup>326</sup>, que aconteceu no início de julho, para o acompanhamento e revisão da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, 42 países apresentaram seus relatórios<sup>327</sup> de revisões regulares e inclusivas do progresso nos níveis nacional e subnacional. Entre eles, Afeganistão. O [relatório](#) aponta pequena melhora no padrão da saúde nas duas últimas décadas – durante a ocupação americana -, mas aponta que a corrupção no governo, desvio de dinheiro e prática de comércio ilícito foram grandes alçozes do progresso ou causadores de retrocessos.

Mas não foram só eles. A pandemia e os impactos das mudanças climáticas também não só interromperam o progresso, mesmo que lento, como reverteram o avanço de muitos ODSs, afetando os mais pobres e vulneráveis (1 em cada 2 afegãos são pobres). Cerca de 39,9% da população sofre insegurança alimentar em áreas urbanas e rurais, mas principalmente, em regiões onde vivem mais mulheres, crianças, idosos, famílias chefiadas por mulheres, pessoas com deficiência. Isso é bem significativo quando levamos em conta que quase metade (48,5%) da população do Afeganistão tem menos de 15 anos<sup>328</sup>.

O relatório mostra que o deslocamento forçado por conflitos e por eventos climáticos e o repatriamento, por conta da COVID-19, de quase um milhão de afegãos que estavam em países vizinhos como trabalhadores migrantes contribuíram para o aumento da fome e da pobreza. O Afeganistão é um dos países mais afetados pelos impactos das mudanças climáticas; o aumento das temperaturas médias, reduzem as precipitações em algumas regiões, e em

---

<sup>322</sup> [Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação: Novo relatório para o Conselho de Segurança da ONU destaca a fome em zonas de conflito | FAO no Brasil | Food and Agriculture Organization of the United Nations](#)

<sup>323</sup> Afeganistão, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Bacia do Lago Chade, Somália, Sudão do Sul, República Árabe Síria e Iêmen.

<sup>324</sup> [O ESTADO DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRIÇÃO NO MUNDO 2021 \(fao.org\)](#) - Outros fatores são variabilidade climática e extremos, desacelerações econômicas e persistentes desigualdades, em termos de renda, capacidade produtiva, ativos, tecnologia, educação e saúde.

<sup>325</sup> [https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/28587Easy\\_Read\\_Document\\_for\\_the\\_HLPF\\_2021.pdf](https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/28587Easy_Read_Document_for_the_HLPF_2021.pdf)

<sup>326</sup> <https://sustainabledevelopment.un.org/hlpf/2021>

<sup>327</sup> <https://sustainabledevelopment.un.org/vnrs/#VNRDatabase>

<sup>328</sup> [The perfect storm of crises behind Afghanistan's humanitarian disaster \(arabnews.com\)](#)



outras , provocam inundações. O relatório alerta que falta de dados sobre os ODSs prejudica o bom embasamento para políticas públicas e se refletem em poucas respostas.

O Talibã sabe como entregar uma ordem brutal, suprimir o crime e fornecer resolução rápida de disputas, mas não tem a capacidade de construir hospitais, fornecer atendimento médico e construir sistemas modernos de água, eletricidade e infraestrutura. Precisa de tecnocratas e estrangeiros para desempenhar essas funções ou os serviços irão definharem<sup>329</sup> - com a atual seca severa e a aproximação de inverno rigoroso, precisará de mais alimentos, abrigos e insumos para saúde. Também não têm experiência para lidar com questões mais complexas como política macroeconômica. Eles sabem disso.

Também sabem que precisarão de dinheiro para governar. Dinheiro de origem legal. Porque, apesar de o grupo ocupar o 5º lugar entre as mais ricas organizações terroristas, segundo a Forbes, a origem desse patrimônio financeiro vem de atividades ilícitas, como tráfico de drogas, taxação da produção de ópio (10% sobre todas as fases, desde a plantação da papoula ao refino e distribuição do ópio), extorsão, sequestro, doações de caridades e exploração ilegal de minérios – o Afeganistão tem reservas inexploradas de ouro, petróleo, gás natural, urânio, bauxita, carvão, minério de ferro, cromo, chumbo, zinco, pedras preciosas, talco, enxofre, travertino, gesso, mármore e, principalmente, de terras raras (lantânio e o neodímio), cobre, lítio, cobalto; esses quatro últimos são fundamentais no desenvolvimento de produtos de alta tecnologia verde.<sup>330</sup> Eles sabem disso também.

Há um complicador. Grande parte do dinheiro do governo afegão está depositado em instituições financeiras fora do país - de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) as reservas brutas do Banco Central Afegão eram de US\$ 9,4 bilhões, no final de abril. Estados Unidos haviam bloqueado as reservas depositadas em seu território, mas já anunciaram a liberação de fundos para organizações como o Programa Mundial de Alimentos (PMA) da ONU, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM) entre outros grupos independentes que trabalham através de representantes e funcionários locais sediados no país. A notícia foi recebida com alívio. Em paralelo, as nações árabes já começaram a enviar voos com ajuda (Emirados Árabes, Qatar, Bahrein). Os grupos internacionais vinham alertando para o colapso econômico e catástrofe humanitária. Temos vários exemplos que sanções financeiras só tornam mais difícil - ou impossível - para que as ONGs internacionais e o sistema humanitário da ONU continuem fornecendo ajuda humanitária aos países, aumentando o sofrimento da população: Myanmar, Síria, Irã, Coreia do Norte, Venezuela, entre outros.

O mapa estratégico da região terá uma aparência diferente. A entrada de novos atores em cena já era esperada. Em seu [pronunciamento](#), em 14 de abril, o presidente americano, Joe Biden, disse que iria estimular outros países da região a fazer mais para apoiar o Afeganistão, especialmente o Paquistão, bem como a Rússia, a China, a Índia e a Turquia. De fato, todos eles têm interesse significativo em um futuro estável para o Afeganistão. O que não era esperado era o interesse do Irã em promover conversas diplomáticas com o Talibã, pois não são amigos, e buscar cooperação, não a concorrência com a Turquia.

O país persa tentou facilitar as conversas entre governo afegão e Talibã para um acordo, mas, enquanto os líderes conversavam em Doha (Qatar), as milícias iam tomando rapidamente as províncias afegãs. Apesar de ainda não reconhecer o Talibã como governo oficial do

---

<sup>329</sup> <https://www.chathamhouse.org/publications/the-world-today/2021-08/afghanistan-money-can-be-milk-taliban-moderation>

<sup>330</sup> <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/23/riqueza-mineral-do-afeganistao-pode-dar-ao-taliba-trilhoes-de-dolares-da-luta-contr-o-aquecimento-global.ghtml>

Afeganistão, o Irã segue conversando com todos os grupos e já deixou claro que quer ver a formação de um governo inclusivo em Cabul, que não exclua ninguém, que assegure e proteja os direitos de todos os grupos etnorreligiosos do Afeganistão e acabe com a guerra destrutiva. Esse é um pensamento comum a todos os países que estão empenhados em conversar com o Talibã: estabilidade e estabelecimento de um governo inclusivo.

Outro pensamento comum é que as negociações e os financiamentos devem se concentrar em demandas específicas para políticas concretas. Duas pautas já estão na mesa de negociação para liberação de financiamento: ações antiterroristas e respeito aos direitos humanos e das mulheres. Sem isso, não começa o jogo.

Por isso o grupo fundamentalista está acenando com promessas de que será mais comedido. Alguns países como Rússia, Emirados Árabes, Arábia Saudita, China e, até mesmo Irã, já sinalizaram que podem investir no Afeganistão, mas tudo vai depender de o grupo conseguir manter o discurso de ser mais inclusivo e menos violento, de respeitar os direitos das mulheres e de manter a promessa de que vai cortar laços com outros grupos terroristas e de suprimir o crime e a violência.<sup>331</sup> Um dos mais difíceis é o ISIS-K - ou o Estado Islâmico Khorasan - um afiliado regional mortal e letal do ISIS ou DAESH<sup>332</sup>. Claro que não é tão simples. Para chegar ao poder, o Talibã uniu diversas facções, com visões díspares de governança – alguns são mais radicais<sup>333</sup>. Um difícil equilíbrio. E eles também sabem disso. E uma guerra civil pode estar começando a pipocar – a Frente de Resistência Nacional do Afeganistão, que reúne forças leais ao líder local, Ahmad Massoud, está tentando resistir ao domínio do Talibã; outros grupos reagem aqui ou acolá; há relatos de violência contra mulheres em províncias centrais e do Norte, relatos de violência que contradizem o recado de anistia e inclusão.

### **Estados Unidos perderam muito mais que uma guerra – aliados olham com desconfiança**

As consequências da retirada apressada e sem planejamento do Estados Unidos do Afeganistão foram imediatas: fuga de milhares de afegãos – a maioria para países vizinhos -, suspensão das ajudas humanitárias, precarização dos serviços de saúde – muitos atendimentos eram feitos por mulheres, que agora temem sair de casa - e, principalmente, o risco de aumento de terrorismo ou mesmo guerra entre milícias. Outras ainda estão se desenhando, mas, com certeza a credibilidade da América ficou abalada.

Como uma potência global, o que os EUA fazem em uma região pode facilmente impactar outra - e frequentemente impacta. A maneira caótica da retirada é um convite à provocação em outros lugares. Nada atrai mais novos seguidores como o sucesso; a história já nos deu muitos exemplos. Grupos como o Talibã e a Al-Qaeda terão gente se juntando eles em massa. Outros grupos insurgentes atuarão mais agressivamente em busca vitória.

As ações do governo Biden no Afeganistão já começam a impactar as relações da América com seus aliados e parceiros em todo o mundo. Muitos parceiros de longa data agora questionam a resolução e o compromisso dos Estados Unidos. Aliados estão olhando com desconfiança. “Quem está coberto pelos americanos, está nu” disse o falecido líder egípcio, Hosni Mubarak, depois de perder o poder, dizendo que Washington o abandonou durante o levante egípcio<sup>334</sup>. O que está sendo questionado não é a saída do Afeganistão, mas a forma

---

<sup>331</sup> [Afeganistão: Dinheiro pode ser o leite da moderação talibã | Chatham House - Think Tank de Assuntos Internacionais](#)

<sup>332</sup> [O que sabemos sobre o ISIS-K : NPR](#)

<sup>333</sup> [O regime talibã sobreviverá? \(brookings.edu\)](#)

<sup>334</sup> <https://www.arabnews.com/node/1918416/world>

incoerente como ela se deu e o caos que causou. A credibilidade e confiabilidade está sob reflexão.

No Oriente Médio, o Hezbollah, do Líbano, comemora uma América humilhada, fracassada e derrotada, enquanto o Hamas parabenizava o Talibã por sua vitória e o fim da ocupação. O primeiro-ministro do Paquistão, Imran Khan, elogiou a quebra das "correntes da escravidão". O Irã, apesar de não ser amigo do grupo fundamentalista sunita, está exultante porque os EUA parecem humilhados e pode ter perdido o poder na região – e isso pode afetar a negociação sobre o retorno do Irã ao acordo nuclear.

Na Ásia, aliados estão preocupados com os desdobramentos na Península da Coreia e para a disputa envolvendo Pequim, no Mar Meridional da China. O governo americano percebeu isso e enviou seu melhor "homem", a vice-presidente, Kamala Harris, para reforçar o compromisso da América com a região. Os países do Indo-Pacífico vinham evitando ter que escolher entre EUA e China. Se os EUA estão enfraquecidos como superpotência, o que isso significa para a segurança deles ao enfrentarem uma China mais agressiva e assertiva? De fato, a China está mais contundente em suas falas. A Rússia comemora o fato de os Estados Unidos terem enfrentado a mesma derrota de um quarto de século atrás. E é bom saber que os militares americanos não estarão mais perto de suas fronteiras.<sup>335</sup>

#### **Discurso de Kamala Harris em Singapura – acalmando aliados (será?) e cutucando a China**

A viagem da vice-presidente americana ao Sudeste Pacífico teve como principal objetivo tranquilizar os aliados e dizer que podem contar com a América. No discurso em Singapura, Kamala expôs as metas de política externa do governo para a Ásia e ofereceu os Estados Unidos para sediarem o encontro de 2023 da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec) como forma de reconhecer o grande e dinâmico mercado do Sudeste Asiático e sua importância para a América. "Nossa economia compartilha tanto com o Sudeste Asiático, desde as cadeias de suprimentos até um fluxo constante de comércio bidirecional", disse ela, observando que, coletivamente, as nações do Sudeste Asiático representam o quarto maior mercado de exportação dos EUA, e o comércio com a região suporta mais de 600.000 empregos americanos.<sup>336</sup> Ainda ressaltou a interconexão dos países e a importância de prevenir e acabar com a escassez da cadeia de suprimentos. Ela e o Primeiro-Ministro de Singapura, Lee Hsien Loong, anunciaram um diálogo da cadeia de suprimentos que reuniria líderes governamentais e empresariais.

Falando sobre uma região Indo-Pacífico livre e aberta, Kamala reiterou o compromisso de segurança dos EUA com a região e sua visão de liberdade de navegação e acrescentou que a China continua a coagir e intimidar e fazer reivindicações no Mar Meridional da China. "Os EUA estão com nossos aliados e parceiros diante dessas ameaças", disse ela. Em seu discurso, também ressaltou o interesse dos EUA em fortalecer a segurança global em saúde e liderar com valores, como o respeito aos direitos humanos no país e no exterior, fazendo referência a Myanmar, mas, para um bom entendedor, foi outro cutucão na China – sobre a etnia Uigures.

#### **Refugiados afegãos**

O longo conflito no Afeganistão já gerou mais de 4 milhões de refugiados em países vizinhos, metade em situação ilegal. A tomada do país pelo grupo fundamentalista radical

---

<sup>335</sup> <https://www.arabnews.com/node/1918416/world>

<sup>336</sup> [EUA se ofertam para sediar reunião da Apec em 2023: Kamala Harris, Politics News & Top Stories - The Straits Times](#)

somou milhares de pessoas a esse número, não só por medo da violência, mas por conta do colapso econômico que se instalou.



### [The perfect storm of crises behind Afghanistan's humanitarian disaster \(arabnews.com\)](https://arabnews.com)

Vários países anunciaram que poderão receber refugiados afegãos, mas a maioria em condições especiais – o país anfitrião hospedará temporariamente até que possam embarcar para os EUA ou outras nações. Sim, a exigência é que os Estados Unidos abriguem grande parte dos afegãos que estão fugindo por medo de retaliação ou vingança por parte dos talibãs.

Emirados Árabes receberam até agora cerca de 8.500 afegãos, mas será temporariamente. Albânia recebeu os primeiros refugiados e poderá hospedar até 4 mil, que poderão permanecer por um ano até se mudarem para os EUA. Jordânia também será ponto de trânsito; o limite será de 2.500 cidadãos que permanecerão em área controlada.<sup>337</sup> A Turquia, que já tem uma das maiores populações refugiadas do mundo (maioria síria) também está recebendo afegãos, que percorrem mais de 3 mil quilômetros, cruzando o Irã.

Coreia do Sul não costuma ser aberta a refugiados, mas abriu exceção para receber os afegãos, e suas famílias, que trabalharam e apoiaram os diplomatas e as atividades coreanas no Afeganistão. E foi além: está mudando a legislação para dar residência e facilitar que encontrem emprego. Especialistas em segurança acreditam que a aceitação de Seul dos evacuados afegãos terá a intenção política de mostrar que a Coreia do Sul está em sintonia com os EUA, seu mais leal aliado que o apoiou durante a Guerra da Coreia.<sup>338</sup>

## CENÁRIO PANDÊMICO E VACINAÇÃO

Estamos perto de completar dois anos de pandemia. Mas longe de nos livrar dela. A OMS torna a alertar para a necessidade de tentarmos conter a disseminação para evitar que novas variantes surjam.

<sup>337</sup> Dez por cento da população da Jordânia é de refugiados de 52 nações (655.000 são sírios).

<sup>338</sup> <https://www.arabnews.com/node/1918141/world>

Faz parte da evolução de um vírus sofrer mutações o tempo todo. Algumas vezes, as mutações resultam em um benefício adicional para o vírus, como uma maior transmissibilidade. Mas muitas das mutações não trazem nenhum benefício para o vírus. Então, ele segue mutando. Duas novas variantes do SARS Cov-2 foram detectadas, mas por hora só a variante Mu, originária da Colômbia, é considerada de preocupação. A outra, C.1.2, encontrada na África do Sul, ainda está sendo monitorada para ver como irá se comportar; mas já se sabe que possui as mutações N440K e Y449H, que foram associadas à fuga imune de certos anticorpos<sup>339</sup>.

A Ásia Pacífico vive fase crítica por conta da disseminação da variante Delta, altamente contagiosa. O número de casos de coronavírus e mortes está crescendo acentuadamente. Segundo a OMS, nas primeiras três semanas de agosto, a região foi responsável por 10 por cento dos casos globais de Covid-19 e mais de 8 por cento das mortes globais. A contagem mostra que Austrália, Brunei, Filipinas, Japão, Laos, Malásia, Myanmar, Tailândia e até mesmo Nova Zelândia vivem um aumento galopante dos casos. Alerta ligado: variante Mu acaba de chegar a Hong Kong. No Oriente Médio, Israel e Irã são os mais críticos.

### **Popularidade da Ivermectina se espalhando pela Ásia**

Incentivado por políticos, figuras de mídia e alguns especialistas médicos, o uso do vermífugo tem se espalhado pela Austrália, Indonésia, Índia, Malásia e Filipinas. Pessoas usam plataformas on-line para encontrar lojas no mercado negro e médicos que prescrevam a Ivermectina. Já há relatos de intoxicação por conta de overdose.

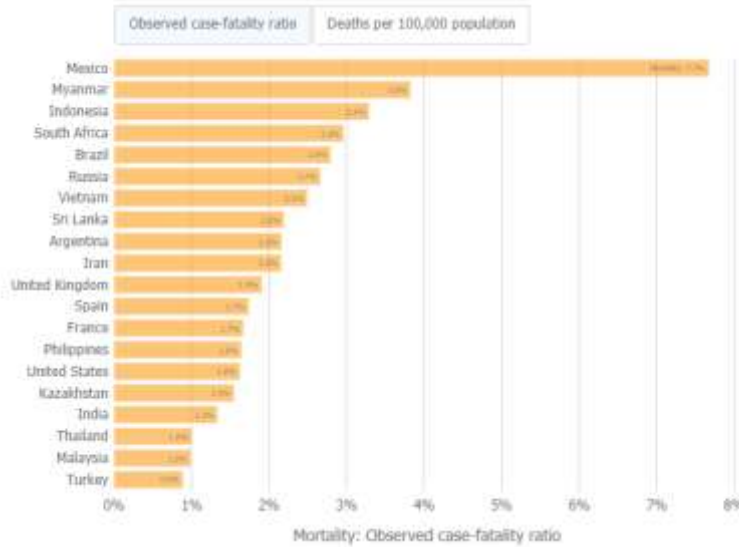
### **Ministros da Saúde do G20 trazem o olhar One Health para as ações no futuro**

Os ministros da saúde do G20 estiveram reunidos por dois dias em Roma<sup>340</sup>. A equidade na distribuição de vacinas e como futuras pandemias poderão ser evitadas ou como estar mais preparados foram temas de discussão. Ao final do encontro o grupo divulgou a [Declaração dos Ministros da Saúde do G20](#). As principais ações no futuro devem se concentrar nas seguintes quatro áreas prioritárias: recuperação saudável e sustentável; construção de resiliência em saúde; resposta coordenada e colaborativa; e vacinas acessíveis, terapêuticas e diagnósticos, trazendo para o contexto o olhar One Health: relacionados à resistência antimicrobiana (AMR), sistemas alimentares e ambientais incluindo mudanças climáticas, degradação do ecossistema, aumento da invasão dos sistemas naturais e perda de biodiversidade.

---

<sup>339</sup> <https://economictimes.indiatimes.com/news/international/world-news/new-covid-variant-could-be-more-infectious-finds-study/articleshow/85762110.cms>

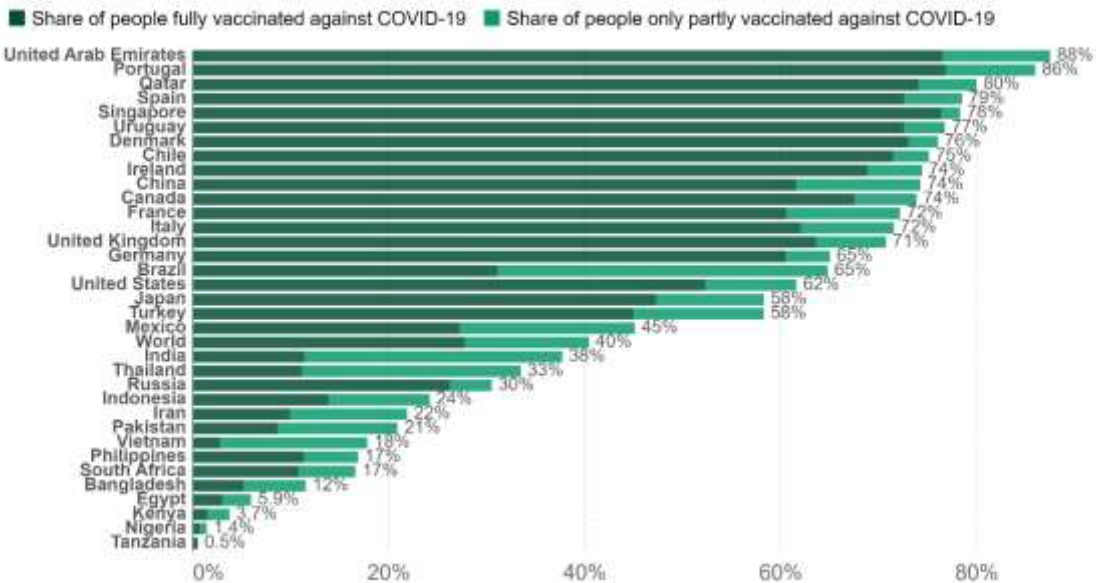
<sup>340</sup> <https://www.scmp.com/news/world/europe/article/3147666/coronavirus-g20-health-ministers-agree-vaccine-distribution-needs>



<https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality> em 06/09/2021

### Share of people vaccinated against COVID-19, Sep 5, 2021

Alternative definitions of a full vaccination, e.g. having been infected with SARS-CoV-2 and having 1 dose of a 2-dose protocol, are ignored to maximize comparability between countries.



Source: Official data collected by Our World in Data. This data is only available for countries which report the breakdown of doses administered by first and second doses in absolute numbers.  
CC BY

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://coronavirus.jhu.edu/data/vaccinations), dados de 5 de setembro – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

## DAS DISCUSSÕES PARA AÇÃO: O TEMPO É AGORA PARA VERDEJAR UM CAMINHO SUSTENTÁVEL E INCLUSIVO

Informe 17 de 2021 – 8 de setembro a 19 de outubro

Os eventos climáticos atingem os países igualmente; mas a capacidade de respostas aos desastres e de atenção às vítimas evidenciam a desigualdade entre eles e dentro deles. As comunidades mais vulneráveis são as mais impactadas. O fortalecimento dos sistemas de saúde e resposta é essencial para mitigar os impactos das mudanças climáticas na saúde física e mental. Apesar da ação local ser fundamental, com propostas resilientes, a solução passa pela ação global, solidária e urgente, adoção de planos de ação com metas ambiciosas, transparentes e monitoráveis para a descarbonização da economia global e de financiamento para novas tecnologias verdes.

Na **Ásia Pacífico**, a convergência da COVID-19 com desastres naturais, agravados pela crise climática, representam um triplo fator de risco para os sistemas de saúde e para a recuperação econômica. Cada vez mais graves, os ciclones e tempestades tropicais e extratropicais provocam inundações e deslizamentos, que por sua vez, destroem os sistemas sanitários, disseminam doenças, aumentam a pobreza e a fome. Um efeito cascata que sobrecarrega governos que, há quase dois anos, enfrentam a pandemia e a crise social e econômica decorrente. O **Oriente Médio** não é propenso a desastres naturais, mas lida com outros desastres: os conflitos e suas consequências que, da mesma forma, desaceleram a economia e sobrecarregam os governos. A região também sofre com o agravamento da crise climática. Calor extremo e seca, crise hídrica, crise energética, incêndios, tempestades de areia e escassez de alimentos se somam à Covid-19, colapsando os serviços já deficitários ou inexistentes. Em ambas as regiões, seja pelos conflitos, seja pelos impactos climáticos, populações são obrigadas a se deslocar, agravando a precariedade da condição de vida e sobrecarregando os sistemas dos países anfitriões, que também enfrentam suas próprias crises.

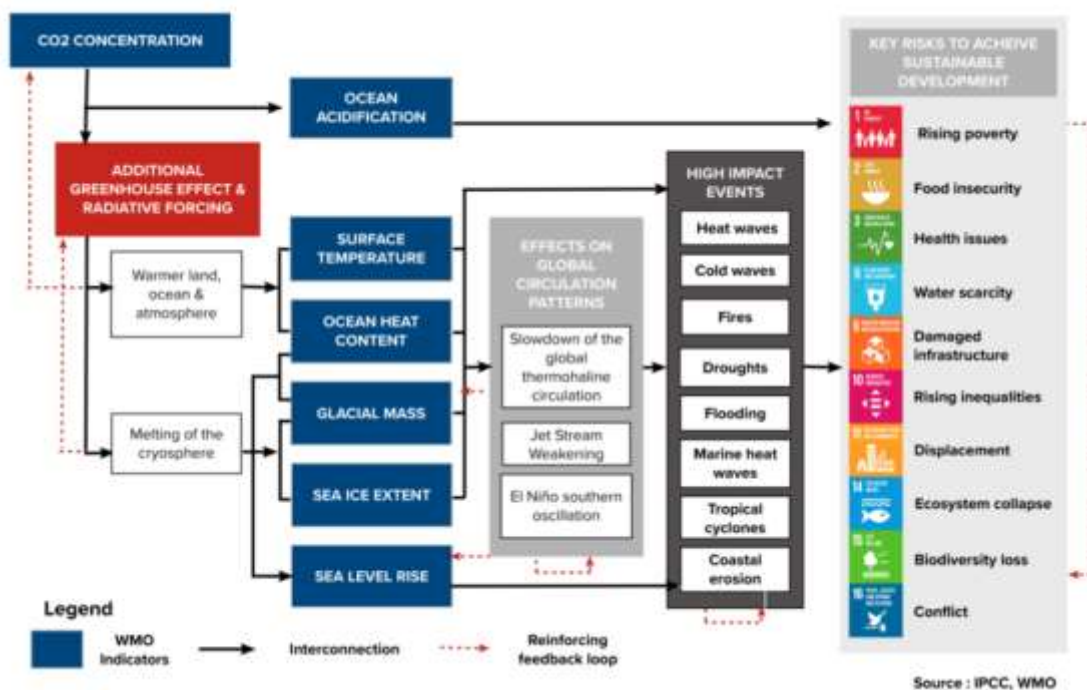
Covid-19, conflitos, desastres naturais e eventos climáticos extremos são um somatório crítico que é, ao mesmo tempo, um desafio e uma oportunidade para mitigação, adaptação e investimento em um futuro mais verde e resiliente. Ambas as regiões enxergam essa oportunidade, mas os países da Ásia Pacífico estão alguns passos à frente das nações do Médio Oriente- que não conseguem reduzir os conflitos. Os países asiáticos estão no centro da ação política, de finanças, de conhecimento e de tecnologia verde para soluções sustentáveis.

### Das discussões para ação – o que falta?

Estamos às vésperas da [COP 26](#) (Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas) que visa atualizar e avançar as metas do [Acordo de Paris](#), que acontecerá em Glasgow, Grã-Bretanha, entre 31 de outubro a 12 de novembro. Nos últimos meses, várias reuniões têm acontecido e vários relatórios importantes foram produzidos com alertas sobre o aumento da temperatura da terra acima de 1,5° C e sobre a gravidade da não ação imediata – o caminho atual nos leva para 2,7 graus de aquecimento. O Sexto [Relatório](#) de Avaliação (AR6) do IPCC (Painel Intergovernamental de sobre Mudanças Climáticas, da ONU) reúne as evidências da ciência climática e mostra que o planeta está aquecendo mais rápido e sem precedentes nos últimos 6.500 anos. E está claro que as ações do homem são a principal causa da aceleração. O efeito cascata do uso de combustíveis fósseis vai além do aquecimento da terra, dos desastres climáticos e do aumento do nível do mar. O aumento das concentrações de CO2 na atmosfera acidificam os oceanos, impactando na perda da biodiversidade marinha e de manguezais.

O [Relatório](#) do WMO (Organização Meteorológica Mundial) sobre o Estado do Clima Global apresenta um levantamento sobre riscos e impactos das mudanças climáticas, que

impactam a saúde, os meios de subsistência, as economias, infraestrutura e representam riscos para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Por exemplo, o aumento das temperaturas está levando à perda de espécies e ecossistemas, o que pode reduzir a produção agrícola e pesqueira, contribuindo para a insegurança alimentar e afetando os meios de subsistência (ODS 1, 2, 14 e 15). Eventos climáticos extremos podem aumentar os riscos à saúde, danificar a infraestrutura e levar à escassez de água (ODS 1, 3, 6, 9 e 11). Essas ameaças, juntamente com outras, podem agravar conflitos e causar instabilidade (ODS 16). A distribuição desigual desses riscos entre populações e regiões pode reforçar ou piorar as desigualdades existentes (ODS 10).



Efeito cascata sobre ODS. Fonte: [O Estado do Clima Global 2020 | Organização Meteorológica Mundial \(wmo.int\)](https://www.wmo.int/publications/global-climate-report)

O tema das mudanças climáticas esteve presente na Assembleia Geral das Nações Unidas (UNGA), em setembro. O Secretário Geral, Antonio Guterres, apresentou a [Agenda Comum](#)<sup>341</sup> e falou dos desafios que exigem solidariedade, multilateralismo, defender a ciência e o direito à vida, atentar para as habilidades e olhar para os invisíveis – migrantes, refugiados e apátridas - e fazer mais pela redução do carbono para que haja um planeta para as próximas gerações. Uma grande conquista veio do Conselho de Direitos Humanos da ONU que reconheceu o acesso a um "[ambiente seguro, limpo, saudável e sustentável](#)" como um direito universal. A [Resolução](#) apoiará os esforços para enfrentar as crises ambientais de forma mais coordenada, eficaz e não discriminatória.

O Banco Mundial divulgou seu relatório *Groundswell* Parte II: Atuando na Migração Climática Interna (2021) no qual projeta que, até 2050, sem ação climática precoce, até 216 milhões de pessoas poderiam se deslocar dentro de seus próprios países ou para países vizinhos devido aos impactos das mudanças climáticas. Pontos críticos de migração climática interna podem surgir já em 2030 e continuar a se espalhar e se intensificar até 2050. Em alguns países, os impactos climáticos e a degradação ambiental se sobrepõem aos impactos dos conflitos, agravando ainda mais a insegurança alimentar e econômica e sobrecarregando as capacidades

<sup>341</sup> Leia mais sobre a Agenda Comum no capítulo do Santiago Alcazar deste informe



dos Estados. Os relatórios cobrem as regiões do [Oriente Médio e Norte da África](#); [Leste Europeu e Ásia Central](#); e [Ásia Sudeste e Pacífico](#)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou um amplo [relatório sobre Saúde e Clima](#) no qual mais de 150 organizações e 400 especialistas e profissionais de saúde propõem um conjunto de 10 recomendações, acompanhadas de recursos e [estudos de casos](#) para ajudar a inspirar e orientar governos, formuladores de políticas e profissionais que participarão da COP26. Segundo a OMS, alcançar as metas do Acordo de Paris salvaria milhões de vidas todos os anos devido a melhorias na qualidade do ar, dieta e atividade física, entre outros benefícios. O relatório fornece pouco em termos de dados novos sobre um assunto muito discutido. Mas apresenta estudos de caso de iniciativas, políticas e lições aprendidas. Um deles relata que a *exposição ao calor já está matando pessoas em países como o [Kuwait, Oriente Médio](#). Os trabalhadores migrantes são um grupo especialmente vulnerável na região; são mais propensos a assumir empregos precários, com condições de trabalho e de vida inseguras e muitas vezes estão fora da proteção por políticas públicas.*

A [Declaração de Kunming](#) foi assinada pelos 100 países que participaram da Conferência de Biodiversidade da ONU ([COP15](#)) que aconteceu na China. Nela, os Estados reconhecem a importância da conservação da biodiversidade na proteção da saúde humana e do planeta e se comprometem a desenvolver, adotar e implementar ações para recuperação. A segunda etapa da COP15 acontecerá em 2022 e vai avançar no texto para o “Quadro de Biodiversidade Global Pós-2020”, com alvos para ação urgente: proteção de pelo menos 30 por cento das áreas terrestres e marítimas, eliminando os resíduos de plástico nos oceanos e adoção de práticas sustentáveis para a agricultura, aquicultura e silvicultura; redução de subsídios para indústrias que prejudicam o meio ambiente. E inclui a criação do Fundo de Biodiversidade de Kunming para apoiar nações em desenvolvimento. A China prometeu 232 milhões de dólares para o novo fundo.

O [transporte sustentável](#) também foi tema de conferência da ONU, em Pequim, China, uma vez que transporte está entre os motores da recuperação global da pandemia e é peça fundamental no caminho para energia sustentável e verde. Descarbonizar o transporte contribuirá para redução das emissões do carbono. Xi Jinping anunciou a criação do Centro Internacional de Inovação e Conhecimento em Transporte Sustentável para pesquisar transporte global sustentável com baixo impacto sobre o meio ambiente. A China abriga quase metade dos veículos elétricos do mundo e tem a maior rede ferroviária de alta velocidade do mundo, com cerca de 37.900 km. E também é um importante hub da cadeia produtiva e de suprimentos A [Declaração de Pequim](#) destaca a importância de abordagens integradas, interdisciplinares e intersetoriais, apoiadas pela cooperação – conectividade, segurança, acessibilidade, sistemas inteligente de conexão e tecnologias verdes. O [relatório UNDESA](#) – Departamento de Assuntos Econômicos Sociais da ONU - preparado para a conferência, apresentou os dois lados – negativo e positivo – dos sistemas de transportes: é o segundo maior<sup>342</sup> emissor de CO<sub>2</sub> e tem vital importância não só para a economia (lições aprendidas com a pandemia) mas para a redução da pobreza, facilitando acesso à educação e à saúde, rede de agricultura de subsistência.

Além dos transportes, as infraestruturas em energia, água, resíduos sólidos, comunicações digitais e construção, como portos e aeroportos, contribuem para o aquecimento – somam 79% de todas as emissões de gases de efeito estufa. O relatório [Infraestrutura para](#)

---

<sup>342</sup> O primeiro é a produção de energia em usinas de carvão.

[Ação Climática](#), produzido pelo PNUMA, UNOPS<sup>343</sup> e Universidade de Oxford, mostra que mudanças radicais são necessárias para apoiar um futuro de baixa emissão e resiliente. A recuperação pós-covid é uma oportunidade para investimentos em infraestruturas verdes, principalmente nos países em desenvolvimento como as nações da Ásia Pacífico, Ásia Central, Oriente Médio e África. O documento traz exemplos bem-sucedidos de mitigação e resiliência: No Sri Lanka (Ásia) um projeto para controle mais eficaz de enchentes que, ao mesmo tempo, cuida da preservação de lagoas naturais para receber e armazenar essas águas. No Yémen (Oriente Médio), um projeto de gestão de sólidos evita a queima do lixo e aproveita o gás metano produzido como biogás para geração de energia.

Outros relatórios:

- **BANCO MUNDIAL:** [Mudanças Climáticas em Bangladesh: Impacto sobre doenças infecciosas e saúde mental](#)
- **PNUD:** [Transformando sistemas alimentares – do zero](#)
- **IFAD:** [IFAD e Nepal montam programa de investimento pós-covid para construir resiliência das comunidades rurais](#)
- **PNUMA:** [Carros envelhecidos estão atrapalhando a batalha contra as mudanças climáticas](#)
- **Podcast DO PNUMA:** [Resiliência: O Podcast de Adaptação Global](#)
- **UNOPS:** [Alimentando uma melhor educação no Paquistão](#)

### A importância da China no combate às mudanças climáticas – vilão e salvador<sup>344</sup>

O maior emissor de CO<sub>2</sub> é também líder na fabricação de tecnologias para painéis solares e baterias – agora com o dobro da capacidade de armazenamento<sup>345</sup>. A China ainda depende das usinas elétricas movidas a carvão – o vilão do aquecimento. Considerando o tamanho da sua população e a velocidade do crescimento econômico, alcançar a neutralidade em carbono até 2060 exige um esforço hercúleo. O país já é o maior produtor de energia eólica e solar – são verdadeiras



Fazenda de energia solar no deserto de Kubuqi, na região autônoma da Mongólia Interior na China. Foto: Xinhua. Fonte: <https://www.scmp.com/news/china/science/article/3152240/chinas-clean-energy-push-targets-sandy-rocky-reaches-solar-and>

<sup>343</sup> UNOPS fornece serviços de infraestrutura, compras e gerenciamento de projetos, com foco na sustentabilidade, articulando ONU e do setor privado para projetos de paz e segurança, humanitários e de desenvolvimento – com igualdade, inclusão, sustentabilidade e resiliência.

<sup>344</sup> [Mudanças climáticas: Por que a política da China para o clima afeta você também - BBC News Brasil](#)

<sup>345</sup> O barateamento desse tipo de energia depende da capacidade de armazenamento, que dentro de dois anos será tão barata quanto o carvão é hoje.

fazendas nos desertos próximos à Mongólia – que se somam às usinas nucleares. A previsão é que até 2030 25% da energia venha de energia renovável.<sup>346</sup>

O país colocou em teste uma nova usina com reator de sal fundido de fluoreto combinado com tório – quatro vezes mais abundante que o urânio e mais seguro. E não precisa de água para resfriamento, podendo ser instalada em áreas remotas ou onde é necessária. O processo já era conhecido, mas não existia tecnologia para manejá-lo<sup>347</sup>. Outro avanço é a usina que transformará lixo nuclear em vidro para armazenamento seguro<sup>348</sup>.

Produzir hidrogênio verde usando a energia solar e eólica é outro projeto avançado do governo chinês, na região da Mongólia. A previsão é alcançar a produção de 66.900 toneladas de hidrogênio verde em 2023 - corresponderia a produção de 21 milhões de galões de gasolina por ano. A indústria de hidrogênio ainda tem gargalos técnicos: armazenamento e uso, que precisam ser resolvidos nos próximos anos.

A China está ficando mais verde também por conta do reflorestamento em ritmo acelerado, que é outra iniciativa para ajudar na absorção do CO<sub>2</sub>. E, de quebra, ajuda a reduzir a erosão do solo.

Enquanto a China lidera a adoção da energia eólica e solar, outros países se esforçam para acompanhar o ritmo. A Austrália tem vários grandes projetos planejados, enquanto a Coreia do Sul e Omã também estão emergindo como jogadores fortes.<sup>349</sup> Os países produtores de petróleo e gás, como Arábia Saudita e Emirados Árabes, já estão investindo em novas soluções para os desafios climáticos e em tecnologias de mitigação e adaptação. Destaque para a Arábia Saudita que tem um plano verde ambicioso, no âmbito da iniciativa Visão 2030: [combustível limpo](#) proveniente da energia eólica, geotérmica e uso do hidrogênio e seu arco-íris<sup>350</sup>, armazenamento de energia, captura de carbono, dessalinização limpa, mobilidade avançada, cidades eficientes, designe urbano sustentável, tecnologia de monitoramento de emissões, replantio de árvores, recuperação dos ambientes marinhos costeiros. No quesito eficiência, as cidades de [Dubai](#) e Abu Dhabi estão liderando o caminho em mobilidade, serviços públicos, segurança, saúde e desenvolvimento econômico<sup>351</sup>. Uma cidade eficiente pode reduzir o deslocamento diário em 15 a 30 minutos, reduzir o custo de vida em até 3%, cortar as emissões de gases de efeito estufa em até 15% e criar 3% mais empregos anualmente, de acordo com um relatório divulgado no ano passado pela [McKinsey Instituto Global](#).

Segundo a edição de 2021 do [Índice Global de Inovação \(GII\)](#) as economias mais inovadoras das regiões Ásia Pacífico, Ásia Central e Oriente Médio, inclusive no contexto da

---

<sup>346</sup> <https://www.scmp.com/news/china/science/article/3152240/chinas-clean-energy-push-targets-sandy-rocky-reaches-solar-and>

<sup>347</sup> [BBC News Mundo](#)

<sup>348</sup> A vitrificação envolve o aquecimento de líquido radioativo misturado com elementos formadores de vidro.

<sup>349</sup> [A experiência da China fornece inspiração para a proteção da biodiversidade: China Daily, East Asia News & Top Stories - The Straits Times](#)

<sup>350</sup> O Hidrogênio pode adquirir várias cores dependendo da sua fonte de origem. O hidrogênio verde, que é produzido por eletrolisadores movidos por fontes renováveis como energia solar ou eólica. O hidrogênio azul é feito do gás natural e pode ser usado na indústria; o dióxido de carbono emitido no processo pode ser capturado e ser usado na produção de fertilizantes agrícolas. O preto é produto da gaseificação de carvão mineral e o cinza é produto da reforma do gás natural. O rosa é produzido por eletrolisadores alimentados por energia nuclear. O hidrogênio turquesa vem da separação do metano do gás natural usando o próprio como fonte de energia. <https://climainfo.org.br/2021/02/22/o-arco-iris-do-hidrogenio/>

<sup>351</sup> <https://www.arabianbusiness.com/politics-economics/460283-new-master-plan-will-help-dubai-grow-into-global-city-for-the-future>

COVID-19 e para cidades inteligentes, foram: Coreia do Sul, Singapura, China, Índia, Irã, Kazaquistão, Israel, Emirados Árabes e Turquia.

### **O futuro verde, saudável e resiliente da Ásia Pacífico**

É uma região em expansão econômica e de crescimento em infraestruturas, portanto, está bem-posicionada para capturar oportunidades para o crescimento verde. Um futuro sustentável e saudável sempre esteve na agenda de recuperação da pandemia na região. A [ASEAN](#) e o Banco de Desenvolvimento Asiático ([ADN](#)) têm capitaneado as discussões e articulado financiamentos: [conservação da natureza para prevenir futuras pandemias](#); [Plano Regional para o Combate aos Detritos Marinhos \(2021 – 2025\)](#); [infraestrutura](#); [compartilhamento de infraestrutura](#); [tecnologias novas e inovadoras de baixo carbono](#)

O ADB trabalha para identificar soluções para lidar com as mudanças climáticas, ações para baixa emissão de carbono, implementar essas soluções e discutir estratégias para garantir prosperidade e segurança sob as mudanças climáticas inevitáveis. O relatório [Uma Região em Risco: As Dimensões Humanas das Mudanças Climáticas na Ásia e no Pacífico](#) discute as projeções mais recentes relativas às mudanças climáticas e aos impactos das mudanças climáticas na Ásia e no Pacífico, e as consequências dessas mudanças nos sistemas humanos, particularmente para os países em desenvolvimento. Também destaca lacunas no conhecimento existente e identifica caminhos para a pesquisa continuada.

O [Programa de Recuperação Verde](#) da ASEAN e ADB fornecerá assistência técnica e empréstimos concessionais a cerca de 20 projetos de infraestrutura verde em todo o Sudeste Asiático. Ao longo de um período de 30 anos, os projetos devem reduzir as emissões de dióxido de carbono em 119 milhões de toneladas e criar 340.000 empregos verdes em setores-chave como transporte sustentável, energia renovável e sistemas de eficiência energética, bem como agricultura de baixo carbono e recursos naturais.

Por tudo isso, o anúncio da China em suspender financiamento de usinas movidas a carvão não provocou surpresa; os países da região já vinham preferenciando energia renovável – mas os investimentos são ainda insuficientes. A transição será desafiadora. Bangladesh preside o Grupo [Vulnerable Twenty \(V20\)](#), criado em 2015, que reúne os 48 países mais vulneráveis ao clima. O V20 funciona por meio do diálogo e da ação, cujo principal objetivo é financiamento para enfrentar a mudança climática global. Muitos dos países membros são economias devastadas por conflitos como Yémen, Líbano e Territórios Palestinos, ou Sudão e Etiópia, ou Haiti

Também desde 2019, os países da região vinham debatendo protocolos para lidar com os desastres naturais e emergência de doenças respiratórias, como a SARS (2002/2003), com apoio das regionais da OMS – do Pacífico Ocidental e do Sudeste Asiático. Mas não estavam preparados para lidar com crises múltiplas e uma longa pandemia. Relatório publicado pela Comissão Econômica e Social para a Ásia e o Pacífico (ESCAP/ONU) o sobre riscos naturais e biológicos na região [Resilience in a Riskier World: Asia-Pacific Disaster Report 2021 \(unescap.org\)](#) aborda a complexidade desses riscos convergentes e em cascata, o impacto sobre as populações e as perdas econômicas decorrentes desses riscos que podem dobrar no pior cenário. O Relatório defende planos de ação nacionais mais propositivos e sistêmicos. Destaca também áreas onde a cooperação sub-regional pode ser fortalecida e servir como blocos de construção de uma estratégia regional para desastres, clima e saúde.

A capacidade de gestão de desastres e sistemas de saúde pública para responder a este ambiente de risco expandido determinará ser o caminho de recuperação para COVID-19 e após.

## Oriente Médio

Em plena pandemia, não houve trégua nos conflitos, pelo contrário, aumentaram. As guerras recentes devastaram ainda mais países com vários serviços já colapsados pelos longos conflitos e já eram dependentes de ajuda humanitária e financiamento internacional. Gaza ([Relatório A74/22](#) EMRO/OMS, 2021), [Líbano](#)<sup>352</sup>, [Afeganistão](#) (OMS, 2021) e Yemen sofrem com escassez de insumos e medicamentos, falta de energia e de combustível, infraestruturas destruídas, desemprego, moradias precárias, serviços inadequados de água e saneamento, pobreza, escassez de alimentos, desnutrição, volta de doenças como Sarampo e Poliomielite, falta de profissionais de saúde, famílias deslocadas ou divididas. O [relatório recente](#) (FAO/ONU, 2021) confirma o impacto da violência armada nas vidas e nos meios de subsistência de pessoas envolvidas em conflitos. E ainda precisam lidar com os efeitos das mudanças climáticas: estresse hídrico, secas persistentes, temperaturas impróprias para vida. Efeitos que podem levar a mais conflitos e ao aumento do deslocamento forçado. O impacto dos conflitos e da crise ambiental sobre a vida das pessoas integram o [relatório](#) do Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

Os avanços no combate às mudanças climáticas na região passam primeiro pela necessidade de estabilidade e de redução da violência e terrorismo. A questão é que os eventos climáticos não esperam, pelo contrário, estão cada vez piores. E água e eletricidade podem se tornar motivo de disputas e conflitos. Por conta da necessidade urgente de recuperar a economia, melhorar as estruturas sociais – maior fragilidade da pandemia - e, simultaneamente, trabalhar os agravos dos eventos climáticos, os países começam a conversar entre si para buscar estabilidade regional<sup>353</sup>, melhorar a governança, avançar nas relações comerciais, garantir acesso a água e a energia e investir em infraestruturas, principalmente, verdes.

Nesse cenário geopolítico que vai se configurando com novos atores, várias reuniões e conversas foram estabelecidas. Turquia, Jordânia, Iraque, Irã, conversam e , inclusive, estão abertos para o Afeganistão, dependendo do caminho que o Talibã tomará. Na esteira do super acordo entre China e Irã, assinado no final do ano passado, Jordânia, Qatar, Turquia e China conversam para avançar nos caminhos da Nova Rota da Seda envolvendo transporte, energia, infraestrutura – estruturas importantes para o carbono zero. A normalização de relações entre Emirados Árabes e Israel, em 2020, ainda divide vizinhos, mas avança. O acordo envolve cooperação em P&D, inteligência e comércio.

Ainda é cedo para saber se esses novos arranjos trarão um pouco mais de paz, segurança e retomada econômica para as populações da região. Tarefa hercúlea para uma região que vive em constante insegurança, que tem tradição de conflito e não de paz. Aos grupos fundamentalistas/terroristas interessa perpetuar as tensões. As rivalidades entre Arábia Saudita e Irã e entre Israel e Irã podem fragilizar a evolução do novo cenário.

## Afeganistão

A estabilidade no Afeganistão passa pela capacidade do grupo Talibã em encontrar o equilíbrio entre agir como um governo diplomático, inclusivo e político e manter a imagem de grupo combatente da resistência mujahedeen<sup>354</sup> – identidade chave do grupo. Membros da

---

<sup>352</sup> Desde 2009, o colapso financeiro, má gestão econômica e a corrupção governamental levaram o país a uma crise profunda e grande pobreza.

<sup>353</sup> A retirada dos EUA do Afeganistão e Iraque distensionaram as relações.

<sup>354</sup> Aquele que se empenha na jihad, que em árabe, significa "esforço" ou "luta". No islã, pode significar a luta interna de um indivíduo contra instintos básicos, o esforço para construir uma boa sociedade muçulmana ou uma luta armada contra os infiéis. Os jihadistas acreditam que a luta violenta é necessária para erradicar os adversários do islão e impor a Lei Islâmica, a Sharia.

linha-dura do Talibã poderiam se juntar ao ISIS (já há casos) à medida que a liderança talibã assume compromissos internacionais e se afastam de sua identidade. A promessa de atuar contra o terrorismo e de respeitar os direitos humanos, especialmente os das mulheres é fundamental para o grupo conseguir apoio internacional e anulação das sanções que bloquearam os investimentos afegãos no exterior.

O colapso da economia afegã pode provocar um fluxo maior de migrantes para países vizinhos, como Irã e Paquistão e países da União Europeia, mas ainda assim, a preocupação em não reconhecer o talibã como governo sem que eles cumpram as promessas - segurança para população civil, direito de circulação e respeito aos direitos humanos e das mulheres - é motivo de cautela. De toda forma, algum envolvimento com o governo talibã será necessário para fazer chegar a ajuda humanitária ao país. Estados Unidos e União Europeia estiveram reunidos com a liderança do Talibã em Doha, Qatar. O bloco europeu enviará uma nova rodada de ajuda financeira de 1 bilhão de euros às organizações humanitárias que atuam no território afegão, mas será direto para os grupos humanitários, sem passar pelas mãos do governo talibã. No entanto, o grupo apela para acessar o dinheiro do governo afegão para pagar as contas e salários dos funcionários do governo.

Já houve reflexos dos bloqueios. A suspensão do financiamento do projeto Sehatmandi<sup>355</sup> – espinha dorsal do sistema de saúde do Afeganistão – provocou o fechamento de 2.000 unidades de saúde e deixou milhões de afegãos vulneráveis, sem acesso a cuidados essenciais de saúde. ou tratar de pacientes com Covid-19. O [relato](#) vem da OMS Mediterrâneo Oriental.

O diretor da OMS, Tedros Ghebreyesus, visitou o país buscando o engajamento dos líderes do Talibã para apoiar o povo do Afeganistão. O apelo foi bem recebido pela liderança do grupo e já no início de novembro começa a vacinação de 3 milhões de crianças contra poliomielite, com apoio da UNICEF. Segundo a OMS, com apenas um caso de poliovírus selvagem relatado este ano no Afeganistão<sup>356</sup>, o país tem uma oportunidade extraordinária de erradicar a doença. Para mitigar o risco de aumento das doenças em geral e das mortes, todas as partes também concordaram com a necessidade de iniciar imediatamente as campanhas de vacinação contra o sarampo e COVID-19. A liderança do Taleban expressou seu compromisso com a inclusão de mulheres trabalhadoras de linha de frente e para fornecer segurança e garantir a segurança de todos os trabalhadores de saúde em todo o país.

A situação do sistema de saúde continua crítica. Ongs e imprensa internacional diariamente trazem relatos de falta de energia, falta de combustível, falta de alimento e falta de dinheiro para comprar alimento. A Organização Internacional para as Migrações (IOM) afirma que está se preparando rapidamente para preencher lacunas urgentes para ajudar a garantir que o sistema de saúde afegão não entre em colapso a médio prazo. A Sociedade Iraniana do Crescente Vermelho já enviou uma remessa de ajuda com alimentos e medicamentos

Irã monitora de perto as políticas e o comportamento do Talibã no Afeganistão e nomeou o experiente embaixador Kazemi Qomi, como representante especial no país. Para o país persa, estabelecer um governo com envolvimento de todos os grupos, combater o terrorismo, cuidar da segurança de todos os grupos étnicos e prevenir crimes como a morte de

---

<sup>355</sup> Projeto financiado por vários doadores e fornece acesso a serviços de saúde primária e secundária, nutrição e planejamento familiar em todas as 34 províncias do Afeganistão. O projeto é implantado por ongs que gerenciam 2.309 unidades de saúde.

<sup>356</sup> O Afeganistão é uma das duas nações do mundo onde a pólio continua endêmica e por isso é importante continuar o trabalho para se erradicar a doença

pessoas inocentes em escolas xiitas e mesquitas pelo grupo terrorista ISIS-K<sup>357</sup> deve ser principalmente a tarefa do atual governo.<sup>358</sup>

Reforçando o papel de facilitador, juntamente com o Qatar, Irã sediará uma reunião de Ministros de Relações Exteriores de países vizinhos, neste final de outubro; para todos, o futuro do Afeganistão está na cooperação regional com seus vizinhos.

### **Líbano – já foi chamado de Pérola do Oriente**

Já foi um país que atraía muitos turistas; hoje, está mergulhado num colapso econômico, crise política e protestos com violência. O Líbano já convivia com danos de infraestrutura desde a guerra entre Israel e Hezbollah, em 2006. Mas, nos últimos anos, a má gestão, corrupção, crise política, lutas internas e dependência de financiamento externo deixaram o país enterrado em dívida, que chega a 170% do PIB – uma das mais altas do mundo. A catástrofe econômica, com empobrecimento da população e desvalorização da moeda e hiperinflação, já gerou falta de eletricidade, combustível e remédios. A miséria e o crime dispararam, o desemprego chega a um terço da população. A atual crise complexa impactou fortemente o sistema de saúde no Líbano, diminuindo a disponibilidade e a acessibilidade<sup>359</sup>. O preço dos medicamentos disparou e quase todos estão em falta. Com mais de 55% das pessoas no país vivendo sob a linha da pobreza, isso aumenta consideravelmente os riscos de desnutrição, de complicações médicas de doenças crônicas para aqueles pacientes que não podem pagar ou acessar o tratamento. Para piorar, a situação fiscal e financeira do Governo resultou em contas não pagas para os setores privado e público de saúde, ameaçando a sustentabilidade dos serviços de saúde e aumentando as dificuldades financeiras de saúde em populações vulneráveis.<sup>360</sup> A situação se agravou em agosto de 2020, após as explosões no porto de Beirute com centenas de mortos e feridos. E a investigação sobre as explosões é a causa das lutas recentes – manifestações contra e a favor da investigação provocaram uma escalada de violência.

O Líbano é o país com a maior diversidade religiosa no Oriente Médio e hospeda mais de um milhão de refugiados sírios. A população do Líbano é composta por diversos grupos étnicos e religiosos: muçulmanos (xiitas e sunitas), cristãos (maronitas, ortodoxos gregos, melquitas greco-católicos, católicos romanos, protestantes) e outros cristãos e outras seitas. Para acomodar essa diversidade religiosa, a partir de um acerto feito após a guerra civil 1975-1990, o primeiro-ministro é sempre um muçulmano sunita, o presidente é um cristão maronita e o presidente do Parlamento é xiita. Além disso, o Parlamento tem vagas reservadas para que cristãos e muçulmanos tenham o mesmo número de cadeiras. Mas não está funcionando mais.

### **Myanmar – Fora da Cúpula da ASEAN**

Com 135 grupos étnicos, o país, majoritariamente budista<sup>361</sup>, está à beira de uma guerra civil. O [relatório](#), do Escritório de Direitos Humanos da ONU (2021), detalhou violações generalizadas por parte dos militares contra o povo. Desde fevereiro de 2021, quando os militares tomaram o poder, com a prisão dos membros do governo legalmente eleito, a situação

---

<sup>357</sup> Os recentes ataques terroristas ligados ao ISIS-K em mesquitas xiitas, com quase duas centenas de mortes, é uma preocupação para o Talibã e para os países vizinhos. Os ataques sinalizam um objetivo de causar divisão religiosa, insuflando xiitas X sunitas.

<sup>358</sup> [A política de Teerã em relação ao Afeganistão depende do comportamento do Talibã: Oficial - Teerã Times \(tehrantimes.com\)](#)

<sup>359</sup> [| EMRO da OMS Declaração do Diretor Regional da OMS na coletiva de imprensa da OMS sobre o Afeganistão e o Líbano | Notícias | Centro de mídia \(who.int\)](#)

<sup>360</sup> [| EMRO da OMS | do Líbano Países \(who.int\)](#)

<sup>361</sup> Nação do sudeste asiático, faz fronteira com Índia, Bangladesh, China, Laos e Tailândia.

tem se agravado: as manifestações populares foram reprimidas com violência e já são centenas de mortos e presos e uma profunda crise econômica. A depreciação da moeda já provocou onda de pobreza e fome.

Myanmar, com uma longa história de ditadura militar e alegações internacionais de abusos sistemáticos dos direitos humanos, tem sido a questão mais complicada da ASEAN desde que o grupo foi formado em 1967, testando os limites de sua unidade e sua política de não interferência. As Nações Unidas, os Estados Unidos e a China, entre outros, apoiaram os esforços da Asean para encontrar uma solução diplomática, mas a pressão sobre o grupo aumentou nos últimos meses, com alguns críticos pedindo medidas mais duras para responder à obstinação militar. Divididos entre manter uma tradição de não interferência e a necessidade de manter a credibilidade sancionando o líder do golpe, em uma reunião tensa, as nações do Sudeste Asiático decidiram que a cúpula regional, que acontece agora no final de outubro, não terá a participação do chefe da junta militar, Min Aung Hlaing. Myanmar participará da cúpula com um representante não político.

## MAR MERIDIONAL DA CHINA

O Mar Meridional da China, no sudeste da Ásia, é rico em petróleo, gás natural e estratégico como rota de navegação e para a indústria pesqueira, imprescindíveis para a China - e também para Filipinas, Vietnã, Malásia, Brunei, Indonésia, Singapura, Camboja e Taiwan. Todos reivindicam áreas que se sobrepõem; os reclamantes se movem para ocupar ou neutralizar uns aos outros há mais de 70 anos. No entanto, as disputas se intensificaram em 2020, quando o governo Trump, aumentou movimentos para cooptar aliados para combater uma China mais assertiva e promover segurança na região Indo-Pacífico, em especial, no Mar Meridional da China. Desde então, os EUA aumentaram a presença militar na área “para garantir a liberdade de navegação na região” e em “defesa” dos países asiáticos contra a China. Em resposta, a China transformou atóis desabitados e formações rochosas meio submersas em bases militares avançadas. Biden mantém os objetivos de seu antecessor quando o assunto é China e o Indo-Pacífico, [reconvocou](#) o Quad – Quadrilátero formado por Japão, Austrália, Índia e EUA -, agora com características mais atrativas: recuperação econômica, combate à Covid-19, cadeias de suprimentos, produção e distribuição de vacinas para a região, tecnologias para mudanças climáticas, ciberespaço. O discurso valoriza as relações multilaterais, mas em paralelo, Biden fecha acordos bilaterais com cada um dos parceiros. E elevou a tensão a outro patamar ao firmar acordo com Austrália para construção de submarinos de propulsão nuclear, com tecnologia americana. O acordo *Aukus* (sigla em inglês para Austrália, Reino Unido e EUA) é claramente uma forma de aumentar a pressão sobre a China na Ásia-Pacífico.

Por trás da pressão militar, articulação com aliados, acusações sobre direitos humanos e sanções econômicas<sup>362</sup> está o futuro da tecnologia: os semicondutores e microchips – os mais avançados, com 7 nanômetros<sup>363</sup> são produzidos na Coreia do Sul e em Taiwan<sup>364</sup> –; computação quântica<sup>365</sup> e o 5G – 5ª geração de tecnologia de rede de rádio (internet das coisas), capaz de acelerar automação das indústrias, cidades inteligentes, assistência médica remota, cirurgias

---

<sup>362</sup> O Acordo de Wassenaar, de 1996, entre EUA e 41 aliados, restringiu exportação de tecnologias de uso duplo para países comunistas.

<sup>363</sup> Quanto menores, maior o desempenho, maior a velocidade, maior volume de dados e menos consumo energético.

<sup>364</sup> Mas o movimento americano em “defesa” de Taiwan não é preocupação com a ilha, mas sim para impedir que a China tenha acesso à tecnologia de produção de nanochips que Taiwan detém.

<sup>365</sup> Sistema computacional que não usa o cálculo binário; usa uma partícula de nível subatômico denominada qubit. Um computador quântico resolve com grande agilidade tarefas que seriam impossíveis mesmo para um supercomputador; é usado para pesquisas científicas em biologia, meteorologia, astronomia e ciência molecular.



robóticas. Portanto, o futuro da tecnologia para adaptação energética, modelagem para vigilância de novas pandemias ou medicina de precisão está em jogo. E para as nações do Indo-Pacífico e do Oriente Médio, escolher o lado errado dessa bipolaridade pode ser crítico, uma vez que há risco dessa disputa tecnológica virar armamentista.



Ilustração: Stephen Case

<https://www.scmp.com/comment/opinion/article/3151360/caught-between-china-and-us-asean-must-be-louder-and-brasher-about>

Essas políticas de segurança conduzidas pelos EUA, potencialmente colocando em risco a paz, particularmente no Mar da China Meridional, deve levar a ASEAN – parceira da China e dos EUA – a pedir a ambos os lados que se contenham.

## O FUTURO DA ÁSIA MARÍTIMA, DO ÁRTICO, ORIENTE MÉDIO, DO SAHEL SENDO TRAÇADO EM GLASGOW

Informe 18 de 2021 – 20 de outubro a 02 de novembro

26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26) em andamento, até 12 de novembro. As decisões que sairão da conferência terão efeito direto no [Ártico](#)<sup>366,367</sup>, na Ásia Marítima, no Oriente Médio e no cinturão de Sahel (África). Só que não é nessas regiões que estão os maiores emissores de CO2. As maiores economias do mundo - G20 - são responsáveis por mais de três quartos das emissões globais e detém 80% do Produto Interno Bruto global.

No entanto, segundo o [relatório](#) do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), são os países mais vulneráveis, muitas vezes lar das pessoas mais pobres do mundo, que contribuem para apenas 7% das emissões globais de gás efeito estufa (GEE), que estão liderando coletivamente o caminho para aumentar a ambição, intensificando e tomando medidas climáticas pioneiras, deixando os países mais ricos atrás. O [documento](#), preparado para a COP26, mostra que 93% dos países menos desenvolvidos e os pequenos estados insulares apresentaram planos climáticos nacionais aprimorados (NDCs<sup>368</sup>) em relação aos planos de dois anos atrás, mesmo enfrentando a pandemia COVID-19. Em alguns países, combater as mudanças climáticas é um passo importante para alcançar a paz e a estabilidade, como na Somália. Em outros, sem redução dos conflitos existentes não há como investir em mitigação, como no Iraque, classificado como o quinto país mais vulnerável no mundo, segundo o relatório [GEO-6 do PNUMA](#)). O Iraque apresentou seu [primeiro plano NDC](#), página 23<sup>369</sup>, e entre as promessas está reduzir a queima de gás associado ao petróleo, melhorar as políticas ambientais e empoderar as mulheres. O Líbano, que vive uma profunda crise econômica, política e vários confrontos internos, apresentou atualização do [seu plano](#), integrando o plano verde com Agenda 2030 e mais inclusão de gênero. [Indonésia](#)<sup>370</sup> é contraditória; as ações políticas de seu presidente não apoiam as declarações internacionais do governo para as mudanças climáticas. Houve retrocessos; algumas leis de preservação foram revertidas.

Segundo a análise, os [novos NCDs](#) são de maior qualidade, mais inclusivos e orientados. No entanto, as finanças continuam sendo um obstáculo fundamental, o que impacta sua viabilidade de implementação. O relatório alerta, ainda, que várias ações elencadas não estão vinculadas à recuperação do pós-covid, uma perda de oportunidade para o avanço verde. Não é o caso da maioria das nações da Ásia Pacífico, que focam um pós-covid verde e inclusivo<sup>371</sup>,

---

<sup>366</sup> Responsável por cobrir um quarto da superfície terrestre do Hemisfério Norte, o permafrost, solo que permanece congelado há centenas de anos, vem sofrendo danos irreversíveis. Evitar o degelo do permafrost – que atua como um tampão - é crucial para evitar o escape de toneladas do gás metano (carbono orgânico) contido no subsolo, e, num ciclo vicioso, contribui para o aumento do aquecimento.

<sup>367</sup> [Plano Estratégico para o Ártico](#)

<sup>368</sup> Os NDCs são planos climáticos nacionais que destacam as ações climáticas, incluindo metas, políticas e medidas relacionadas ao clima que os governos visam implementar em resposta às mudanças climáticas e como uma contribuição para a ação climática global. Vários países atualizaram seus NDCs para a COP26.

<sup>369</sup> O NCD foi enviado para a ONU antes da eleição para novo presidente no país.

<sup>370</sup> O país é um dos maiores poluidores de plásticos nos oceanos

<sup>371</sup> Em julho deste ano, aconteceu a Semana Climática da Ásia Pacífico, com o tema: - integrando a ação climática na recuperação pandêmica global. [Relatório](#)

nem do Oriente Médio, que também vincularam a recuperação do pós pandemia a uma recuperação verde<sup>372</sup>.

Para estarmos em um caminho que limita o aquecimento a 1,5°C - nível indicado pelos cientistas para evitar os piores impactos das mudanças climáticas - [precisaremos de uma redução de 45% nas emissões](#). A COP26 destacou [quatro prioridades](#) para ajudar a alcançar essa meta: garantir a rede global zero até meados do século e manter 1,5°C ao alcance; adaptar-se para proteger comunidades e habitats naturais; mobilizar finanças; e trabalhar juntos para entregar. Houve avanços em relação a metas de 2015, mas ainda está aquém do necessário. As tecnologias verdes melhoraram, mas o avanço industrial e o crescimento populacional aumentaram a geração de CO<sub>2</sub> ([StateOfClimateAction2021\\_FullReport.pdf \(climateactiontracker.org\)](#)).

Os países vulneráveis instam os principais países desenvolvidos e industrializados a cumprir as promessas de mitigação, apoio financeiro e técnico, transferência de tecnologia e implementação transparente para os países em desenvolvimento para ajudá-los.

### **CHINA – Plano NCD atualizado, mas ainda insuficiente**

A China vive um conflito no seu projeto de pico de carbono em 2030 e zero carbono em 2060. Apesar dos grandes avanços tecnológicos para geração de energia elétrica em usinas eólicas, solares e nucleares, construção de novas hidrelétricas, e da expansão do uso do gás natural, o país ainda depende do carvão para atender a demanda de energia para as indústrias, principalmente do aço, cimento e produtos químicos, e para o aquecimento da população, com o inverno rigoroso chegando. Para não entrar em blecaute, o governo vai reativar usinas de carvão que havia fechado.

Entregue às vésperas da COP26, o [novo plano](#) reconhece essa contradição, os desafios consequentes e propõe soluções para reduzi-la. Entre outras, envolve ações para reduzir o desperdício energético, reflorestar, promover energias renováveis e reformar sua rede elétrica, criar uma mentalidade de civilização ecológica e trabalhar a cooperação e o multilateralismo – com foco na Cooperação Sul-Sul e no âmbito da Rota da Seda, com foco na iniciativa verde: intercâmbio de políticas, de informação e conhecimento e transferência de tecnologia verde.

O relatório [Climate Action Tracker](#) aponta que as metas anunciadas pela China contribuem para reduzir a média do mundo para 2,4°C – com o desempenho atual mundial, o aquecimento atingirá mais de 2,7°C. Inaceitável!

### **Evitando desperdício de alimentos**

Evitar desperdício em todos os níveis virou palavra de ordem na China. Seguindo essa linha, a China lançou um [plano de ação](#) (está em Mandarim, mas o Google traduz) para conservação de alimentos, para evitar desperdício de alimentos e aumentar a segurança alimentar. As várias ações propostas se alinham para evitação do desperdício energético (secagem de alimentos) nos vários níveis: desde ações individuais, com criação da cultura anti-desperdício desde as escolas, até a cadeia da indústria de grãos, passando pela agricultura, transporte e conservação. O plano visa criar base sólida para acelerar a construção de um

---

<sup>372</sup> Entre 28 de fevereiro a 3 de março do próximo ano acontecerá a primeira semana climática do Oriente Médio e do Norte da África. O evento visa dar início à cooperação sobre o clima na região. Será hospedado pelo Governo dos Emirados Árabes Unidos (EAU) com apoio da ONU.

sistema nacional de segurança alimentar de alto nível, de maior qualidade, mais eficiente e sustentável até 2025. E, de quebra, reduzir a dependência de importações de alimentos.

**Coreia do Norte** – vive dificuldades econômicas e uma conseqüente grave crise alimentar, depois do fechamento das fronteiras com a China, como medida para conter a pandemia. O líder, Kim Jong-Um, convocou a população para “comer menos” (sic) até 2025.

## **G-20 pré COP26**

Depois de dois dias de encontro, em Roma, os líderes do G-20 encerraram o evento com a [Declaração de Roma](#), que resume um ano de reuniões e eventos. A declaração final não foi a esperada por muitos, mas contém avanços: concordaram em encerrar o financiamento do carvão. A reunião seria uma espécie de esquentada para a COP 26. O G-20 representa economias que emitem 80% dos gases do efeito estufa. Entre eles, somente 12 se comprometeram em antecipar a meta de neutralizar as emissões do carbono para 2050, sem especificar uma data. Os grandes poluidores, China, Rússia, Índia e Arábia Saudita, por exemplo, mantiveram a meta para 2060.

Em relação à saúde, a Declaração de Roma corroborou a [Declaração de Saúde de Roma](#), reconhecendo que as vacinas são a principal ferramenta de combate à pandemia. Esforços devem ser convidados para garantir que países menos desenvolvidos tenham acesso aos imunizantes. Os líderes também se comprometeram a apoiar o desenvolvimento e a produção de mais vacinas e investir em preparação, prevenção contra novas pandemias.

## **MAR CÁSPIO – Conferência científica sobre mudanças climáticas na região**

A [conferência científica](#) organizada pelo Irã, pelo Comitê Coordenador de Monitoramento de Hidrometeorologia e Poluição do Mar Cáspio ([CASPCOM](#)) e pela Secretaria Interina da Convenção-Quadro para a Proteção do Ambiente Marinho do Mar Cáspio aconteceu neste final de outubro e focou em 4 áreas temáticas relevantes para o contexto do Cáspio: 1) Clima da região do Mar Cáspio e suas mudanças no século 21; 2) A mudança do nível do Mar Cáspio: análise, modelagem e projeção de longo prazo; 3) Os efeitos das mudanças climáticas sobre o ecossistema e a biodiversidade de o Mar Cáspio; 4) Adaptação às mudanças climáticas na região do Mar Cáspio.

Foram recebidos 82 trabalhos de 15 países. Um painel de revisores [selecionou 40 trabalhos](#) que foram apresentados durante o evento e serão publicados nos anais da conferência. Os resultados vão apoiar os governos cáspios<sup>373</sup>, as partes interessadas globais, bem como outros atores cáspios para tomar decisões baseadas na ciência sobre as mudanças climáticas na região do Mar Cáspio, através da adaptação e da construção da resiliência para evitar todos os danos irreparáveis ao ambiente marinho e suas zonas costeiras como conseqüência das flutuações do nível do mar, seca e padrões imprevisíveis de precipitação.

O nível de água do Mar Cáspio atingiu seu nível mais baixo desde 1995, principalmente por causa de uma recente queda no nível da água do rio Volga, que contribui com 80% do influxo total. Em 2019, o nível médio de água ficou em -27,18 metros. De acordo com [o Centro Nacional de Estudos e Pesquisas do Mar Cáspio, afiliado ao Instituto de Pesquisa da Água](#), a temperatura da água do mar é um dos principais critérios na troca de calor e um indicador na avaliação do potencial de evaporação do nível da água, que é um dos principais componentes do equilíbrio

---

<sup>373</sup> Azerbaijão, Irã, Kazaquistão, Rússia e Turcomenistão

hídrico cáspio. Mas a perda de apenas um terço pode transformá-lo em um mar morto do ponto de vista biológico.

### **AFEGANISTÃO - Conferência de Chanceleres dos seis países vizinhos + Rússia**

A Conferência de Teerã contou com a participação dos ministros das Relações Exteriores do Irã, Paquistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão, presencialmente, China e Rússia, virtualmente. Os países vizinhos do Afeganistão conseguiram construir um consenso sobre como lidar com as autoridades não reconhecidas do país, o Talibã, que não participou da cúpula. E pode-se dizer que mais ou menos atendeu às demandas de todas as partes envolvidas. O Enviado Especial da ONU para o Afeganistão também participou do encontro.

A [declaração](#) ministerial conjunta emitida aborda uma série de questões relevantes para os países e destaca um pensamento importante: trabalhar uma solução afegã para o Afeganistão – lições aprendidas da ocupação americana que, depois de 20 anos, não trouxe progresso para o país. Os países vizinhos reconheceram que esse encontro estabeleceu um fórum para discussões coletivas e para cooperação futura para ajudar o país a desenvolver um roteiro de longo prazo e avançar a agenda de envolvimento político, integração econômica e conectividade regional. Reconheceram também que o Afeganistão é um exemplo de que os países da região devem unir forças para responder coletivamente e se esforçar para criar um ambiente próspero, seguro e estável, baseado em estrutura local, inclusive para cooperação regional.

Pontos de consenso na declaração: o Talibã é uma realidade no Afeganistão; uma estrutura política abrangente, com a participação de todos os grupos étnicos e políticos é a única solução para as questões do Afeganistão; apelo à comunidade internacional para fornecer assistência humanitária em caráter urgente; implementar políticas internas e externas moderadas e prudentes, incluindo a proteção dos direitos e interesses legítimos das mulheres e crianças; fazer uma ruptura clara com todas as forças terroristas e tomar medidas para combatê-las resolutamente; buscar uma política externa pacífica e viver em harmonia com outros países, especialmente seus vizinhos; construir um país moderno que esteja em conformidade com os desejos do povo e a tendência dos tempos; o ambiente de recuperação econômica e desenvolvimento depende do país estar livre da violência e de respeitar os direitos internacionais. A cúpula deixou claro que o atual corpo de governo do Afeganistão deve agir como corpo de governo responsável e fornecer condições políticas, econômicas e de segurança. Recado dado.

Ficou acordado que próxima rodada da reunião acontecerá em 2022, na China. Essa plataforma de diálogo pode se transformar em uma oportunidade para o Talibã unir esforços regionais e fortalecer a cooperação com os países da região para o bem do povo afegão. O Afeganistão enfrenta desafios quádruplos, ou seja, a crise humanitária, o caos econômico, as ameaças terroristas e as dificuldades de governança. Superar esses desafios requer mais apoio da comunidade internacional.

A conferência aproximou mais ainda os seis países que já começam a estabelecer relações bilaterais e regionais em campos políticos, econômicos, culturais. Irã e China avançam nas cooperações com os países da Ásia Central e vizinhos do Afeganistão; envolvendo trânsito de mercadorias, energia, infraestrutura e outros interesse. Para o Irã, as semelhanças são mais fortes que as diferenças.

### **ISRAEL segue seu plano ilegal de anexação da Cisjordânia**

O anúncio de Israel sobre a construção de mais de mil novas residências nas colônias judaicas da Cisjordânia foi considerada totalmente contrária aos esforços de reduzir as tensões

e garantir a calma, e afeta as perspectivas de uma solução de dois Estados, israelense e palestino. Até seu maior aliado os EUA se posicionaram fortemente contra. As colônias instaladas nos territórios palestinos ocupados por Israel são de fato consideradas ilegais pelas Nações Unidas e vistas como um freio à paz por grande parte da comunidade internacional.

Mas essa não foi a única ação do governo israelense que despertou reações internacionais. O Governo de Israel designou seis entidades da sociedade civil palestinas como “organizações terroristas”. Para a alta comissária da ONU para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, a medida precisa ser revogada imediatamente. Para ela a decisão é um ataque aos direitos humanos e às liberdades de associação<sup>374</sup>. As ONGs trabalham em parceria com a ONU há alguns anos. Defender os direitos humanos e das mulheres e fornecer assistência jurídica a palestinos presos não é ato de terrorismo.

### **Myanmar – a violência e o caos gerando mais refugiados**

O caso mais recente de violência por parte dos militares aconteceu na região oeste do país, próxima à fronteira com Índia. Tropas militares em confronto com o movimento Forças de Defesa do Povo, bombardeou a cidade de Thantlang; cerca de 70 casas e uma igreja foram incendiadas. Há relatos de violações e abusos – considerando o histórico do grupo militar, os relatos devem ser verdadeiros. Dezenas de habitantes fugiram para a Índia.

### **CENÁRIO PANDÊMICO E VACINAÇÃO**

A COVID-19 segue castigando como que para lembrar aos líderes na COP26 dos efeitos cascata das mudanças climáticas: perda crítica da biodiversidade, do equilíbrio dos sistemas ecológicos e surgimento de doenças zoonóticas.

A variante Delta altamente transmissível e ações anti-vax são os vilões das novas ondas de COVID-19 ao redor do mundo e na Ásia Pacífico e Oriente Médio não é diferente. Alguns países tornam a impor restrições e passam a exigir o passaporte de vacinas para circulação em locais fechados. Coreia do Sul, Rússia, Singapura, entre eles.

China, em alerta máximo, faz rastreamento e impõe barreiras de controle para tentar conter surtos ligados a turistas domésticos que saíram de Xangai – hub internacional com voos para várias cidades chinesas. O surto chega a poucos meses antes dos Jogos Olímpicos de Inverno. O país conseguiu aplicar em um único dia 2.246 milhões de doses. O governo divulgou que já vacinou 76% da população e começa a aplicar doses de reforço em adultos.

Na Rússia, apenas 1/3 da população se vacinou, resultado da falta de confiança da população na vacina e nas autoridades. A exigência do passaporte de vacina está levando a população a se vacinar. O país chegou a registrar em um único dia 36.600 casos novos.

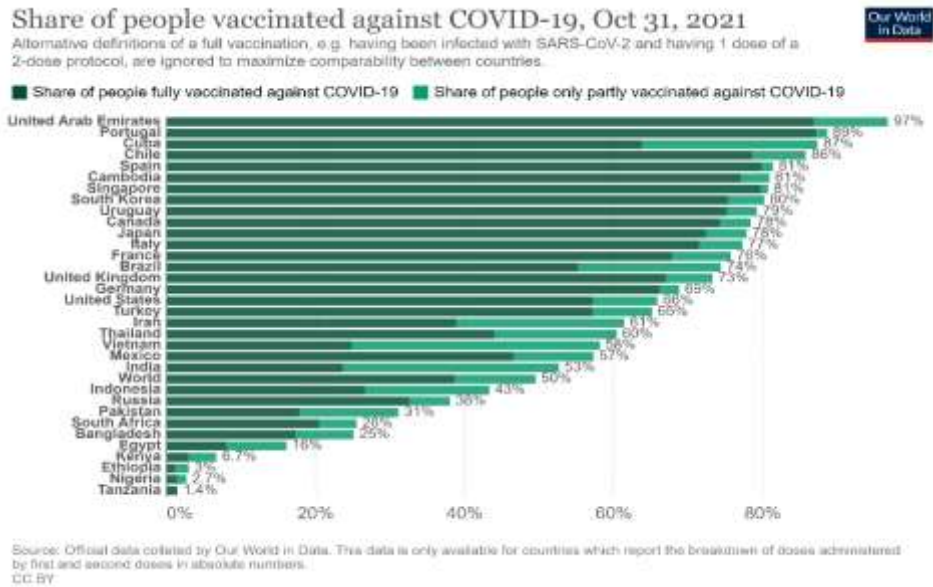
Coreia do Sul vai reduzir restrições e exigir passaporte de vacina. O país começa a trabalhar a nova realidade de conviver com o vírus circulando por um bom tempo. O país já atingiu 70% de completos vacinados.

No Irã, a presidência convocou todas as autoridades e órgãos ligados à saúde para tomar as medidas adequadas para conter uma possível nova onda de Covid-19. Convocou também todas as plataformas de comunicação, especialmente rádio e TV para ajudar na conscientização

---

<sup>374</sup> <https://news.un.org/pt/story/2021/10/1768012>

pública, explicar as ações com clareza, focar nos estudos científicos que confirmam a importância e o impacto da vacinação pública e da dose de reforço.



49,5% da população mundial recebeu pelo menos uma dose de uma vacina COVID-19. 7,07 bilhões de doses foram administradas globalmente, e são administrados todos os dias. Apenas 3,6% das pessoas em países de baixa renda receberam pelo menos uma dose.

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/covid-vaccinations), dados de 5 de setembro – os dados são atualizados diariamente

<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

## NOVA CEPA, NOVO APARTHEID E A VELHA HUMANIDADE – OU A FALTA DELA - EM UM MUNDO FRAGMENTADO

Informe 20 de 2021 – 03 a 30 de novembro

Os países da AP e OM precisam lidar com as novas ondas de Covid-19 – e agora a nova cepa Ômicron – (fechamento de fronteiras, novo lockdown, apartheid? escape da vacina?); com seus problemas internos (econômicos, tecnológicos, movimentos anti-vax, protestos, eventos climáticos); com as questões regionais (perseguições étnicas, conflitos armados e milhares de refugiados) e globais, como o efeito borboleta da bipolaridade sino-americana (falta de consenso em fóruns plurilaterais, premência em não escolher um lado, medo de uma guerra armada). E tudo ao mesmo tempo. Haja bom senso! Mas também ciência, diplomacia e inteligência geopolítica. E “costurando” todos esses temas, a Saúde em todas as políticas pode ser a esperança.

### Esperança: a Saúde pode liderar as transformações para as mudanças climáticas

No mesmo sábado que Índia impactou negativamente a decisão final da COP26 – trocando “eliminação” por “redução gradual” do carbono -, Nova Delhi registrou índice de poluição do ar dez vezes acima do [limite diário recomendado](#) pela Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>375</sup>.

Em 2020, o [relatório da ONG suíça IQAir](#) mostrou que 22 das 50 cidades mais poluídas do mundo estão na Índia. Nova Délhi recebeu o título de capital mais poluída do planeta. Cerca de 99% da população mundial vive em locais onde os níveis de qualidade do ar excedem os limites da OMS. As cidades do sul e do leste da Ásia emergem como as mais poluídas do mundo. Bangladesh, China, Índia e Paquistão abrigam as 49 cidades mais poluídas do mundo. No Oriente Médio, Omã e Qatar lideram o ranking.

Durante a pandemia COVID-19, com o bloqueio imposto para conter o vírus, pôde-se observar reduções significativas na poluição do ar em várias cidades globais em comparação com anos anteriores - as contribuições contínuas para a poluição do ar em todo o mundo resultam da queima de combustíveis fósseis e da industrialização. O retorno às atividades mostra o retorno das concentrações de poluição. Infelizmente, 2020 também testemunhou vários eventos extremos de poluição do ar na forma de incêndios florestais e tempestades de poeira ligados ao aumento das temperaturas globais como parte das mudanças climáticas, bem como práticas agrícolas. Os [poluentes](#) de grandes preocupações para a saúde pública incluem material particulado, monóxido de carbono, ozônio, dióxido de nitrogênio e dióxido de enxofre. Segundo a OMS em todo o mundo, quase 80% das mortes causadas pela poluição do ar poderiam ser evitadas se os níveis atuais de poluição fossem reduzidos.

A saúde pode liderar a transformação para as mudanças climáticas. Desde poluição do ar; surgimento de novas doenças zoonóticas (e pandemias) por conta da degradação do meio ambiente e perda da diversidade; eventos extremos e desertificação interferindo na produção de alimentos e água; até doenças mentais por estresse, pelos eventos climáticos, escassez de alimento e água e consequentes conflitos. [O relatório](#) (resumo nas páginas viii-ix) da OMS sobre Saúde e Mudança Climática mostra que apenas 25% dos países foram capazes de colocar em prática estratégias para proteger saúde da população dos efeitos da mudança climática; 77%

---

<sup>375</sup> Nova Délhi está classificada entre as cidades mais poluídas do planeta, tanto por suas emissões de gases tóxicos procedentes da indústria, quanto pelas emissões de seu tráfego de veículos, além das queimadas agrícolas que saturam o ar a cada inverno.



das nações têm planos nacionais neste sentido, mas não dispõem de verbas; em outras o impacto da Covid-19 contribuiu para que algumas estratégias não fossem implementadas. A pesquisa aponta ainda que minorias étnicas, comunidades mais pobres, migrantes e deslocados internos, idosos e muitas mulheres e crianças são os grupos que mais precisam de proteção.

Para a diretora de Meio Ambiente, Mudança Climática e Saúde da OMS, Maria Neira<sup>376</sup>, a pesquisa mostra que muitos países estão despreparados e sem apoio para lidar com os impactos da mudança climática na saúde. Por outro lado, a pesquisa indica que em 43% dos países (39 de 90), o ministério da saúde contribuiu para o desenvolvimento do NDC do país. Ilhas Marshal levou medalha de ouro neste quesito.

A pesquisa e o resultado final da COP26 refletem a dura realidade: 1) os maiores poluidores estão preocupados com o problema imediato de gerar energia e 2) o financiamento para tecnologias verdes e para a transição energética está muito aquém do necessário. Especialistas dizem que o enfraquecimento da ambição reflete falta de opções de nações em desenvolvimento, como Índia e Indonésia, por exemplo.

### **EUA e China - Divergem em tudo, mas concordam em colaborar em mudanças climáticas**

Com tanta tensão no ar, o anúncio de uma [declaração conjunta](#) entre EUA e CHINA, os dois maiores emissores de Gás Efeito Estufa (GEE), foi uma surpresa muito bem recebida pela comunidade global; alguns analistas ainda olham com desconfiança se essa colaboração realmente vai avançar ou se as tensões vão azedar as intenções. Os ambientalistas dizem que não é o suficiente para alcançarmos 1,5º de aquecimento até 2100 – num cenário otimista, com todos cumprindo as promessas em seus NCDs, chegaremos a 1,8º. Portanto, o futuro da Ásia Marítima, do Ártico, do Oriente Médio e do Sahel ainda está em risco (ver mais sobre no [Cadernos CRIS – Fiocruz – Informe 18 - outubro/novembro 2021](#), pag. 60). Mas foi um bom avanço.

Para reduzir as emissões de CO<sub>2</sub>, os dois países se comprometem a trabalhar em conjunto e com outras partes. Individualmente, os Estados Unidos estabeleceram uma meta de alcançar eletricidade 100% livre de poluição por carbono até 2035. A China reduzirá gradualmente o consumo de carvão e fará os melhores esforços para acelerar este trabalho. Shiran Victoria Shen, especialista em política ambiental da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, [destacou](#) com otimismo que a China tende a prometer menos, mas fazer mais do que o acordado em seus compromissos internacionais.

A colaboração inclui compromissos de cooperar na redução das emissões de gás metano; proteger florestas; melhorar as trocas de tecnologia e informação; e aumentando o uso de energias renováveis. cooperar na formação de marcos regulatórios para reduzir as emissões nos próximos anos. Duas linhas da declaração se destacam: os dois países se comprometeram a apoiar a eliminação do desmatamento ilegal global, por meio da aplicação efetiva de suas respectivas leis de proibição de importações ilegais

A declaração conjunta também anunciou a criação de um grupo de trabalho encarregado de melhorar a ação climática na década de 2020-2030. O grupo se reunirá regularmente para discutir "ações concretas", como intercâmbios técnicos, reuniões de

---

<sup>376</sup> Maria Neira participou dos Seminários Avançados CRIS sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde sobre Clima, biodiversidade e saúde: As COPs de Glasgow e Kunming – O mundo não pode mais esperar. Assista pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=IL73Dtc6hj8>

especialistas governamentais e não governamentais, e escrutínio de como as disposições da declaração conjunta estarão sendo instituídas.

### **Futuro do trabalho**

Ainda existe trabalho forçado em todo o mundo. A verdadeira situação dos trabalhadores migrantes foi uma das fragilidades que a Covid-19 trouxe à tona, tanto na Ásia Pacífico quanto no Oriente Médio. A pandemia mostrou que esses migrantes estão sujeitos aos caprichos de seus empregadores e vivem em condições difíceis. Para a OIT (Organização Internacional do Trabalho), a recuperação pós-covid inclusiva, sustentável e resiliente deve envolver investimentos em proteção social, trabalho decente e transição justa. Os migrantes devem ser considerados como parte crítica dos sistemas alimentares.

A [109ª Conferência Internacional do Trabalho](#) está em andamento de forma virtual (encerra dia 11 de dezembro). O tema central é a [Chamada global à ação para uma recuperação centrada no homem](#) e discutirá as questões das desigualdades e do mundo do trabalho, bem como habilidades e aprendizado. Entre os [documentos adotados](#) para a conferência, destaco três: 1) [Resolução relativa a um chamado global à ação para uma recuperação centrada no ser humano da crise COVID-19 que é inclusiva, sustentável e resiliente](#); 2) [Resolução para o retorno à democracia e o respeito pelos direitos fundamentais em Myanmar](#); 3) [Resolução relativa à segunda discussão recorrente sobre proteção social \(previdência social\)](#)

Na Ásia Pacífico, dois países se destacam em proteção social e boas condições de trabalho: Singapura e Nova Zelândia. Já Bangladesh, Paquistão, Índia e Indonésia se destacam negativamente – excesso de horas trabalhadas semanalmente, baixo salário e quase ausência de proteção social. Coincidentemente são destes países o grande número de trabalhadores que migram para países vizinhos ou para o OM na esperança de melhores condições de trabalho. No Oriente Médio e Ásia Central, o destaque positivo vai para Arábia Saudita, Bahrein e Kazaquistão. O destaque negativo vai para o Qatar e Emirados Árabes, onde os trabalhadores migrantes são escravos modernos.

### **No Qatar – denúncia da Anistia Internacional às vésperas da Copa 2022**

Durante os últimos anos, o Qatar vem sendo criticado pelas condições precárias dos trabalhadores migrantes que atuam nas obras dos novos estádios da Copa de 2022. São 1,2 milhão de trabalhadores imigrantes para uma população de 1,9 milhão de pessoas. A maioria vem da Ásia: Índia, Bangladesh, Nepal, Paquistão, Filipinas, Indonésia e Sri Lanka e estariam sofrendo abusos de direitos humanos. A Anistia Internacional vem acompanhando e acaba de divulgar um [relatório](#) sobre o progresso que, na verdade se mostrou um retrocesso. A despeito de novas leis (desde 2017) terem sido aprovadas no Qatar, oferecendo aos trabalhadores migrantes melhores proteções legais, a promessa e a realidade são muito diferentes, como apontou o relatório: velhas práticas abusivas ressurgiram, como a *kafala*<sup>377</sup>.

A OIT também publicou [relatório](#) sobre mortes e lesões relacionadas ao trabalho no Qatar. O relatório identifica lacunas na coleta de dados sobre mortes e lesões relacionadas ao trabalho e exige melhorias e mostrou que 50 trabalhadores perderam a vida em 2020 e pouco

---

<sup>377</sup> A *kafala* é um sistema utilizado para monitorar os trabalhadores migrantes que trabalham, principalmente, nos sectores da construção e doméstico nos estados membros do Conselho de Cooperação do Golfo e em alguns países vizinhos: Bahrain, Kuwait, Líbano, Qatar, Omã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. O empregador é responsável pelo seu visto e estatuto legal. Esta prática tem sido criticada por organizações de direitos humanos, uma vez que muitos empregadores confiscam os passaportes e abusam dos seus trabalhadores, com poucas hipóteses de repercussões legais. Há inclusive casos de pessoas que trabalharam sem receber salário.

mais de 500 ficaram gravemente feridos, com 37.600 sofrendo ferimentos leves a moderados. A maioria foi sofrida por trabalhadores migrantes de Bangladesh, Índia e Nepal, principalmente na indústria da construção. Quedas de altura e acidentes foram as principais causas de ferimentos graves, seguidas de queda de objetos em canteiros de obras. Sob o olhar da Segurança do Trabalho, esses acidentes também indicam desconcentração, desatenção e até mesmo, falta de alimentação. E quando terminarem as obras da Copa, o que será deles?

### **Arábia Saudita ratificou o Protocolo da OIT sobre Trabalho Forçado**

O país saudita tem empreendido esforços para proteger os trabalhadores migrantes vítimas de trabalho forçado, incluindo a implementação de medidas regulatórias corretivas, como recuperação de passaportes, transferência de prestadores de serviços, cancelamento de relatórios maliciosos de fuga e término de relações contratuais, entre outros. A Arábia Saudita ratificou o [Protocolo da OIT sobre o Trabalho Forçado](#), tornando-se o 52º país em todo o mundo e o primeiro entre os membros do Conselho de Cooperação do Golfo a ratificar este instrumento. E com isso, o país se compromete a tomar medidas eficazes para prevenir o trabalho forçado, sancionar seus agressores, proteger suas vítimas e garantir seu acesso à justiça e aos recursos.

### **Envelhecimento da população e o futuro do trabalho – um problema para a Ásia Pacífico**

A população da Ásia Pacífico está envelhecendo em aumento constante. O ritmo do envelhecimento deve acelerar significativamente entre 2020 e 2030 em países como Laos, Malásia e Vietnã. Japão, Coreia do Sul e China já vivem essa realidade preocupante: a força de trabalho está envelhecendo e, com o envelhecimento, cresce a pressão sobre os sistemas nacionais de pensões<sup>378</sup>. Para não falar dos sistemas de saúde, que precisam lidar com o aumento das doenças crônicas típicas da idade.

As consequências de uma sociedade em rápido envelhecimento diferem entre países de alta renda, com capacidade suficiente para pensão universal e/ou saúde, e países de renda média, com menos recursos. A faixa de pessoas acima da idade de aposentadoria estatutária que recebem uma pensão de velhice entre as dez nações da ASEAN +6<sup>379</sup> vai de mais de 90% no Japão e Nova Zelândia para menos de 20% no Camboja, Indonésia e Malásia. Apesar de alguns avanços, os sistemas de pensões na região ainda não são capazes de atender uma população idosa em ascensão. E as políticas públicas para esse enfrentamento ainda devem levar em conta a necessidade de recuperação econômica da região e as mudanças no mercado de trabalho, consequentes das novas tecnologias digitais. Japão, por exemplo, tenta atrair trabalhadores migrantes para suprir a carência de mão de obra. China estimula as famílias a terem mais de um filho para mudar a pirâmide etária.

O [relatório](#) da OIT fornece uma visão geral de como os países da região Ásia-Pacífico estão reagindo a essas mudanças. Três aspectos foram analisados: mudanças tecnológicas, mudanças demográficas e mudanças climáticas. As deficiências são notadas em países que lutam para fortalecer as instituições necessárias para entregar segurança econômica, igualdade de oportunidades e justiça social no próximo ano. Em muitos países como Vietnã, Índia, Camboja, Laos e Myanmar a força de trabalho está centrada na agricultura e serviços e correm o risco de ficar para trás num futuro I4.0 – 4RI tecnologia digital. No entanto, a análise também encontrou boas práticas. O relatório destaca exemplos de ações políticas inovadoras nos países

---

<sup>378</sup> [Insights do mercado de trabalho Ásia-Pacífico: Envelhecendo: Confrontando a Ásia e a força de trabalho envelhecendo do Pacífico \(ilo.org\)](#)

<sup>379</sup> ASEAN (Brunei, Camboja, Laos, Mianmar, Filipinas, Tailândia, Malásia, Vietnã, Indonésia, Cingapura) + 6 (Austrália, Nova Zelândia, China, Coreia do Sul, Índia e Japão).

que se esforçam para promover um trabalho decente para pessoas de todas as idades, ao mesmo tempo em que aproveitam as oportunidades de progresso tecnológico e promovem a sustentabilidade ambiental. Os países aderiram à visão de I4.0 e estão tentando construir o ecossistema para encorajar sua adaptação à produção rica em tecnologia e de maior valor agregado (especialmente para manufatura, mas também para agricultura e serviços). O setor verde é esperança para geração de mais empregos.

## Direitos fundamentais sob ataque

**Toda pessoa tem direito a um ambiente seguro, limpo, saudável e sustentável**<sup>380</sup>. Incansável, o Secretário Geral da ONU, António Guterres, segue tentando sensibilizar governos e líderes: “A exclusão e as desigualdades de todos os tipos - econômicas, sociais e culturais - têm um custo devastador para a segurança. Sem inclusão, o quebra-cabeça da paz permanece incompleto”<sup>381</sup> e com muitas lacunas. Em todas as sociedades, a diversidade de cultura, religião e etnia deve ser vista como um benefício poderoso, ao invés de uma ameaça. A maioria das reuniões do Conselho de Segurança da ONU são demandadas por situações de conflitos e, quase sempre, por questões de identidade, sejam étnicas, raciais, religiosas ou socioeconômicas. E nesse cenário, mulheres e crianças são as mais atingidas.

A despeito da pandemia COVID-19 e das emergências climáticas, os conflitos seguem acontecendo – se ampliaram, na verdade. E segundo a análise Climate Action Tracker (CAT) feita pela agência da ONU dos planos de ambição climática (NCDs) apresentados pelos países mais vulneráveis, que vivem uma realidade de conflitos, ficou claro que os países não conseguem investir em descarbonização e desenvolvimento verde, quando o cenário é de colapso das infraestruturas e dos sistemas básicos: saúde, alimentar, energético, entre outros. ([Marques, 2021a, p. 95](#) e [2021b, p. 60](#))

Segundo o Conselho de Segurança das Nações Unidas, hoje, enfrentamos o maior número de conflitos violentos desde 1945. São mais duradouros e mais complexos – dificultando os arranjos de paz. E como alertou Guterres, uma perigosa sensação de impunidade está se instalando - vista nas recentes tomadas de poder pela força, incluindo golpes militares:

1 - Ações de Israel nos Territórios Palestinos: anexação ilegal de terras da Cisjordânia e apartheid da Covid-19 (Marques, [2021b, p. 60](#)) [Marques, 2021c: 81](#); WHO, [2021a, 2021c](#)).

2 – Golpe militar em Myanmar – limpeza étnica e violação de direitos humanos (ONU [\(2021a\)](#); Marques, [2020b](#): 119). Só em Bangladesh estão quase um milhão de apátridas Rohingya.

3 – No Yemen, os combates entre a coalizão saudita (Arábia Saudita) e os Houthis (apoiados pelo Irã), em áreas densamente povoadas, até o final de 2021, segundo recente relatório do PNUD, terão ceifado [377.000 vidas](#). Cerca de 60% das mortes terão sido causadas por impactos indiretos, como falta de água potável segura, fome e doenças. A ACNUR [reporta](#) a dificuldade de acesso à ajuda humanitária.

4 - [Síria: Conflito, COVID e custos crescentes](#), empurrando as pessoas para além de seus limites. O diretor executivo do Programa Mundial de Alimentos (PMA), David Beasley, concluiu

<sup>380</sup> [a/hrc/48/l.23/rev.1 - E - a/hrc/48/l.23/rev.1 -Desktop \(undocs.org\)](#) às vésperas da COP26, o Conselho de Direitos Humanos da ONU aprovou que é um direito de todos ser humano o acesso a um ambiente saudável, limpo e seguro.

<sup>381</sup> [Observações ao Conselho de Segurança sobre a Manutenção da Paz Internacional e segurança | Secretário-Geral das Nações Unidas](#)

uma visita de três dias à Síria, [alertando](#) que mais pessoas lá estão nas garras da fome do que em qualquer momento durante o conflito de décadas de seu país.

Os direitos humanos e o estado de direito estão sob ataque. Enquanto isso, EUA tem dois pesos e duas medidas para o tema quando se trata de aliados ou rivais. Acusa a China de intolerância e violência contra os Uigures, minoria étnica muçumana no sudoeste chinês, mas não faz absolutamente nada contra a violência e o apartheid de Israel contra os Palestinos.

### **A controversa solução de Bangladesh para os Rohingya, o povo que ninguém quer**

Em 2017, os Rohingya, minoria islâmica, sofreram perseguição militar - milhares foram mortos, mulheres e crianças violadas e casas e aldeias queimadas. Foram considerados não cidadãos de Myanmar e perderam todos os direitos civis (Marques, [2020b](#): 119). A campanha de foi descrita pela ONU como limpeza étnica.

Os Rohingya fugiram para Malásia, Indonésia, Arábia Saudita e Paquistão. Mas é em Bangladesh que está o maior campo de refugiados Rohingya, com 1 milhão de pessoas, e continua a aumentar. A Covid-19 acrescentou novos desafios a uma situação que já era complexa. Apesar das dificuldades, com ajuda das agências da ONU e da OMS, Bangladesh tem fornecido serviços básicos, inclusive para vacinar essa população contra Covid-19. O Banco Mundial preparou um documento-quadro ([World Bank, 2021a](#)) para política de refugiados – são mais de 80 milhões no mundo – com propostas para criar dispositivos para que os deslocados comprem ou aluguem terras e possam cuidar da sua subsistência. Proposta rejeitada por Bangladesh, que ainda espera que eles sejam repatriados.

Enquanto espera o repatriamento, o governo bengalês encontrou uma solução que já gerou dilemas entre organizações humanitárias e na própria ONU: realocar refugiados Rohingya para Bhasan Char, uma ilha remota e desabitada na Baía de Bengala, a 59 quilômetros do continente. Independente da anuência da ONU, o governo seguiu com o plano e já gastou [mais de US\\$ 300 milhões](#) para preparar a ilha para acolher 100.000 refugiados. O governo argumentou que os campos no Bazar de Cox estavam superlotados e mais difíceis de gerenciar devido aos desafios socioeconômicos e de segurança. Especialistas dizem que Bhasan Char é vulnerável a ciclones e inundações e que os refugiados estão sendo coagidos a se mudar.

Sem alternativa e para tentar monitorar e cobrar ações do governo bengalês, a ACNUR assinou um memorando de entendimento com o governo para iniciar suas operações de ajuda na ilha, onde milhares de refugiados Rohingya já foram realocados recentemente. Tanto ONU quanto o governo de Bangladesh mantiveram o memorando fora da opinião pública. As organizações de direitos humanos pedem que o documento seja tornado público para que os refugiados possam fazer escolhas informadas.

O jornal Devex<sup>382</sup> obteve uma cópia do memorando de um trabalhador humanitário. Embora garanta acesso "sem obstáculos" a Bhashan Char para a ONU e outras agências humanitárias, afirma que o movimento de refugiados de e para a ilha será baseado apenas em suas necessidades. O governo e a ONU ainda não finalizaram os detalhes desse movimento. Os refugiados estarão livres para atravessar a ilha para realizar suas atividades diárias e serviços de acesso. De acordo com o MoU, o governo de Bangladesh comprometeu-se em fornecer

---

<sup>382</sup> Devex é uma organização de notícias independente com mais de 100 funcionários em tempo integral. Nossos escritórios são em Barcelona, Londres, Manila, e Washington, D.C. [O que significa o MoU da ONU com o governo de Bangladesh para os refugiados rohingya |s? Devex](#)  
<https://www.arabnews.com/%20node%20/%201975206%20/%20world>

educação formal em birmanês, seguindo o currículo de Myanmar, para uma possível volta ao país de origem.

## **Bipolaridade China E EUA**

### **Mar Meridional da China e Taiwan – um pequeno acidente pode levar a um conflito com desdobramentos para além da Ásia Pacífico**

O aumento galopante de tensões entre os EUA e a China, envolvendo o Mar Meridional da China e, principalmente, Taiwan, provocou um movimento diplomático, tanto dos dois países quanto dos aliados e parceiros. A Ásia Pacífico não pode retornar às tensões e divisão da era da Guerra Fria ou mesmo cair numa guerra “quente”<sup>383</sup>.

O aumento da presença militar americana e de seus aliados: Reino Unido, Austrália, Alemanha, França, Japão no Mar Meridional da China<sup>384</sup> – navios de guerra, porta-aviões, submarinos nucleares – disparou o alerta dos líderes do sudeste asiático para o risco de um confronto acidental, em função de frequentes exercícios militares. A Ex-Presidente das Filipinas, Gloria Arroyo<sup>385</sup>, se juntou a diplomatas chineses para alertar sobre as graves ameaças à estabilidade e, conseqüentemente, para o equilíbrio no mercado de ações, moedas e commodities – a região é uma importante rota marítima para comércio, principalmente para a China (exportação das mercadorias e importação de itens, como aço, soja, etc). Por tanto, a China precisa proteger as rotas através do Mar Meridional e ela fará isso diplomaticamente, ou através das infraestruturas da *Belt and Road* ou com sua Marinha. Estados Unidos se impõe usando seu poderio militar ou aplicando sanções.

E, entre o mar e o rochedo, os países vizinhos tentam se equilibrar. Arroyo acrescentou que as disputas no mar regional eram administradas anteriormente pela expansão dos laços econômicos e diplomáticos entre as nações envolvidas, e com equilíbrio de poder. “Agora, a abordagem de equilíbrio de poder está mudando com a presença crescente de forças americanas e aliadas no Mar Meridional, que se tornará ainda mais formidável com os Aukus, aos quais a China pode sentir a necessidade de responder”, ela disse, referindo-se ao acordo entre os EUA e a Grã-Bretanha para ajudar a Austrália a adquirir uma frota de submarinos nucleares.

A ASEAN, que tem parceria tanto com EUA quanto com China (e alguns dos membros disputam com a China partes do mar regional) já recomendou calma. Nenhum país quer precisar escolher um lado; não é bom para a economia, nem para a segurança da região.

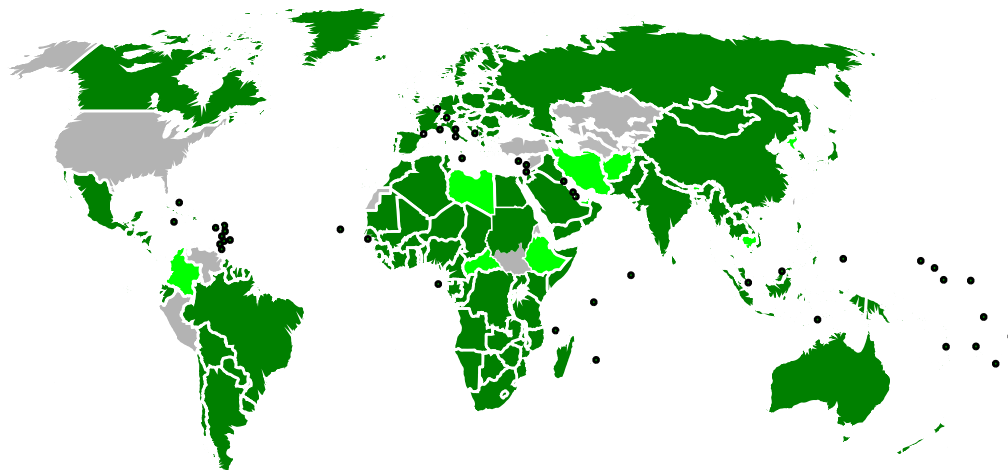
---

<sup>383</sup> Um estudo realizado pelo Australian [Strategic Policy Institute \(ASPI\)](#), think tank de relações internacionais do país, prediz possíveis conflitos diretos ou indiretos entre EUA e China nos próximos dez anos e reflete as ameaças que pesam sobre o planeta, principalmente na Ásia. [Estudo aponta que EUA e China têm 46% de chances de travar uma guerra armada nos próximos dez anos - A Semana na Imprensa \(rfi.fr\)](#)

<sup>384</sup> É rico em recursos naturais e minerais e estratégico como rota de navegação para o comércio e para a indústria pesqueira, imprescindíveis para a China - e também para Filipinas, Vietnã, Malásia, Brunei, Indonésia, Singapura, Camboja, Taiwan e Japão. Todos reivindicam áreas que se sobrepõem; os reclamantes se movem para ocupar ou neutralizar uns aos outros há mais de 70 anos. ([Marques, 2020](#), p. 79; p.97.

<sup>385</sup> [https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3155365/more-warships-are-raising-risk-misfire-south-china-sea?utm\\_medium=email&utm\\_source=cm&utm\\_campaign=enlz-china&utm\\_content=20211109&tpcc=enlz-china&UID=76717b2c-da31-4295-91ab-a46f871a89e1&next\\_article\\_id=3155333&article\\_id\\_list=3155399,3155365,3155333,3155289,3155339,3155400,3155327,3155321&tc=9&CMCampaignID=40464d181dd7fbd1beffe28a3bb1701](https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3155365/more-warships-are-raising-risk-misfire-south-china-sea?utm_medium=email&utm_source=cm&utm_campaign=enlz-china&utm_content=20211109&tpcc=enlz-china&UID=76717b2c-da31-4295-91ab-a46f871a89e1&next_article_id=3155333&article_id_list=3155399,3155365,3155333,3155289,3155339,3155400,3155327,3155321&tc=9&CMCampaignID=40464d181dd7fbd1beffe28a3bb1701)

Os EUA não são requerentes na região, mas defendem que sua presença é necessária para garantir apoio e segurança aos aliados. O país alega que a China não respeita a legislação internacional, no entanto os EUA não é signatário da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM), de 1982. A Convenção declara que os recursos minerais da área internacional dos oceanos são patrimônio comum da humanidade e regula os Direitos do Mar: atividades relativas ao aproveitamento desses recursos naturais, recursos vivos, os de solo e subsolo; define mar territorial, zona contígua, zona econômica exclusiva, plataforma continental. A China apela aos EUA para que considerem a adesão à convenção e tomem ações concretas para participar da defesa do estado de direito marítimo internacional, recado de Wu Jianghao, ministro assistente das Relações Exteriores da China.



Países signatários da Convenção sobre o Direito do Mar

Ratificaram       Assinaram, mas ainda não ratificaram

### Cúpula APEC - o embate China X EUA atrapalha o consenso

O *efeito borboleta* da bipolaridade China e EUA em um mundo fragmentado já se faz sentir na falta de consenso nos fóruns plurilaterais. Além disso, a credibilidade na América ficou abalada depois da maneira caótica da retirada do Afeganistão - os aliados estão olhando com desconfiança e são mais cautelosos em assumir posições. [Marques, 2021, p. 49](#)

A abordagem de consenso da APEC (Cooperação Econômica Ásia-Pacífico), com 21 países e os maiores PIBs, vem se deteriorando nos dois últimos anos. Os esforços da Nova Zelândia, que ocupa atual presidência do bloco econômico, para promover uma abordagem pan-APEC foram prejudicados por disputas intra-fórum, especialmente entre os EUA e a China, mas também Taiwan e a China, que solicitaram a adesão à Parceria Transpacífica Compreensiva e Progressiva<sup>386</sup>. A adesão à CPTPP tornou-se a última de uma série de tensões entre a China e Taiwan. No entanto, é a rivalidade bilateral EUA-China que mais poderia impedir a APEC de conseguir um consenso. Uma manifestação dessa tensão são as visões divergentes dos dois lados sobre a oferta dos EUA para sediar a APEC em 2023. A China está fria com a proposta

<sup>386</sup> A adesão à CPTPP é uma importante estratégia para a China, pois o governo Donald Trump assinou em 2017 a saída dos EUA do bloco, criado pelo governo OBAMA em 2015.

americana e ainda não concordou com ela, criando uma situação incomum para o bloco, que geralmente decide os locais com bastante antecedência.

José Luís Fiori<sup>387</sup>, em seu artigo “[Nos bastidores de Glasgow, um mundo tensionado e sem liderança](#)”, aponta o interesse do Reino Unido de organizar e sediar a COP26, com o objetivo “explícito de afirmar a liderança britânica, ou mesmo anglo-saxônica, desse grande processo de transformação ecológica, e com o objetivo não declarado de transferir para Glasgow a marca simbólica mundial dos *Acordos de Paris*”. E o mesmo interesse de protagonismo move os EUA para sediar a próxima cúpula de líderes da APEC 2023.

O desejo americano de sediar o evento de 2023 reflete a estratégia mais ampla da Casa Branca de desviar atenção e recursos para a região à medida que ela se afasta de outras preocupações geográficas de segurança, como o Afeganistão. Biden quer moldar a ordem regional para demonstrar o compromisso de seu país com uma Ásia-Pacífico livre e aberta. Mas esbarra na falta de credibilidade na América, e nas iniciativas *Belt and Road* e Parceria Econômica Abrangente Regional (RCEP), ambas chinesas.

### **Prioridades da APEC - ações para Covid-19 e futuro verde<sup>388</sup>**

Enquanto as atenções estavam voltadas para Glasgow e para os resultados da COP26, do outro lado do mundo, líderes do bloco econômico APEC participaram da cúpula virtual com o desafio de traduzir em atos a ambiciosa retórica sobre o clima, além de encaminhar a recuperação pós-COVID-19. Organizada pela Nova Zelândia, o evento contou com discursos do presidente americano, Joe Biden, e de seu colega chinês Xi Jinping., além de primeiros-ministros Scott Morrison (Austrália) e Justin Trudeau (Canadá).

Na abertura, a Primeira-Ministra neozelandesa, Jacinta Ardern, lembrou que a COVID-19 foi o maior choque econômico e político desde a Segunda Guerra Mundial para os quase 3 bilhões de habitantes da APEC, que geram cerca de 60% do PIB global. A cúpula visa promover uma recuperação inclusiva, sustentável e resiliente e, após extensas reuniões preliminares foi acordado um programa de reformas econômicas de cinco anos que dará início ao crescimento e criará empregos. Grande parte do crescimento da Ásia-Pacífico foi estimulado pela capacidade das pessoas de cruzarem as fronteiras para negócios, turismo, trabalho e educação. Com as restrições de circulação impostas para conter a pandemia COVID-19, as perdas de atividades econômicas foram substanciais. “Como ninguém está seguro até que todos estejam seguros, estamos determinados a garantir ampla imunização de nosso povo contra COVID-19 como um bem público global. **Continua sendo uma prioridade expandir a fabricação e o fornecimento de vacinas**” ([Declaração de Líderes de 2021](#)). Entre as prioridades: garantir que o Acordo TRIPS apoie os esforços para pesquisar, desenvolver, investir na fabricação e distribuição de mais vacinas COVID-19 e buscar uma resposta multilateral pragmática, eficaz e voltada para o futuro.

Olhando para as mudanças climáticas, o bloco confirma urgência em focar na recuperação verde e inclusiva ([Plano de ação para recuperação resiliente](#)). O [Roteiro de Segurança Alimentar Rumo a 2030](#), guiará o trabalho da APEC em direção ao objetivo de alimentos suficientes, seguros, nutritivos, acessíveis e baratos para todos. “Apoiamos os esforços para reduzir o desperdício e a perda de alimentos. Também continuaremos a tomar

---

<sup>387</sup> José Luís Fiori também participou dos Seminários Avançados CRIS sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde sobre Clima, biodiversidade e saúde: As COPs de Glasgow e Kunming – O mundo não pode mais esperar. <https://www.youtube.com/watch?v=IL73Dtc6hj8>

<sup>388</sup> <https://www.arabnews.com/node/1966356>



medidas concretas para implementar o Roteiro da APEC de Combate à Pesca Ilegal”, [destacou Ardern](#)

Mas até o momento, a única medida anunciada nesse sentido foi o congelamento de novos subsídios para os combustíveis fósseis, uma ideia que os líderes da APEC cogitam há uma década, mas não implementaram. A China destacou a necessidade de avançar para um desenvolvimento verde, sustentável e com baixas emissões de carbono. O presidente sul-coreano, Moon Jae-in, disse que a transição para energias limpas é uma grande transformação da civilização. "Se o mundo não está preparado para tomar ações decisivas a respeito da mudança climática, o mundo deve estar preparado para os resultados desastrosos das mudanças climáticas", falou Ardern

## CENÁRIO PANDÊMICO E VACINAÇÃO

### Nova cepa, novo apartheid e a velha humanidade – ou falta dela

Não foram poucos os alertas da OMS e da ONU para a possibilidade do surgimento de novas variantes de preocupação como consequência do aumento da disseminação do vírus, da falta de solidariedade e da desigualdade na distribuição de vacinas. Tedros (OMS) e Guterres (ONU) estavam sempre repetindo: “o mundo só estará seguro, quando todos estiverem seguros”. Muitas doses de vacinas perdidas em países ricos que compraram em excesso; muitos movimentos anti vacina com influência de celebridades. Governos anunciam controles de fronteira mais rigorosos – novo apartheid? -, enquanto cientistas tentam determinar se a mutação é resistente a vacinas. Leite derramado. E a sensação de que o ser humano levou 10 em desenvolver vacinas eficientes em tão curto tempo e levou zero em humanidade e solidariedade em distribuí-las.

A variante Ômicron chega enquanto os países ainda tentam conter as novas ondas da variante Delta e combater os anti-vax. Ministros da Saúde dos países do G7 se reuniram em caráter de urgência para discutir como frear a disseminação da Ômicron

No mesmo dia, OMS realiza Sessão Especial da Assembleia Mundial da Saúde para buscar um acordo ou outro acordo internacional sobre preparação e resposta da pandemia com vistas à criação de um processo internacional para elaborar e negociar tal convenção. Na abertura, Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor-Geral da OMS destacou pontos cruciais que valem à pena reproduzir aqui:

- **O COVID-19 expôs e exacerbou fraquezas fundamentais na arquitetura global para preparação e resposta pandêmicas;**
- A segurança global da saúde é muito importante para ser deixada ao acaso, ou boa vontade, ou mudança de correntes geopolíticas, ou os interesses investidos de empresas e acionistas;
- A melhor maneira de enfrentá-los é com um acordo legalmente vinculativo entre as nações; um acordo forjado a partir do reconhecimento de que não temos futuro, mas um futuro comum;
- Então, certamente – certamente – chegou a hora de os países concordarem com uma abordagem comum e vinculativa a uma ameaça comum que não podemos controlar totalmente nem prevenir – uma ameaça que vem da nossa relação com a própria natureza;
- **O surgimento da variante Ômicron altamente mutada sublinha o quão perigosa e precária é nossa situação. África do Sul e Botsuana devem ser agradecidas por detectar, sequenciar e relatar esta variante, não penalizada;**
- De fato, Ômicron demonstra exatamente porque o mundo precisa de um novo acordo sobre pandemias: nosso sistema atual desincentiva os países de alertar outros para ameaças que inevitavelmente desembarcarão em suas costas;
- Em menos de um ano,

quase 8 bilhões de vacinas foram aplicadas em todo o mundo – a maior campanha de vacinação da história. Mas há um ano, quando começamos a ver alguns países fazendo acordos bilaterais com os fabricantes, alertamos que os mais pobres e vulneráveis seriam pisoteados na debandada global de vacinas; • **Mais de 80% das vacinas mundiais foram para países do G20; Países de baixa renda, a maioria deles na África, receberam apenas 0,6% de todas as vacinas. Mas a equidade vacinal não é caridade; é no melhor interesse de cada país;** • Apelamos a todos os Estados-Membros que apoiem as metas de vacinar 40% da população de todos os países até o final deste ano, e 70% até meados do próximo ano. 103 países ainda não atingiram a meta de 40%, e mais da metade deles correm o risco de perder até o final do ano, simplesmente porque não podem acessar as vacinas de que precisam; • A posição da OMS continua sendo que os profissionais de saúde, idosos e outros grupos de risco devem ser vacinados primeiro em todos os países antes daqueles com baixo risco de doença grave, e antes que os reforços sejam dados a adultos saudáveis já vacinados

### [Pode faltar seringas em 2022](#)

O alerta vem da OMS que prevê escassez de agulhas para campanhas regulares de imunização no próximo ano; e a reutilização de seringas não é recomendada, mesmo depois de esterilizadas. O mundo tem a capacidade de fabricar cerca de 6 bilhões de seringas por ano, mas até 2022 poderá enfrentar um déficit de mais de 1 bilhão de unidades, não só para a vacina contra Covid-19 como para as campanhas regulares de vacinação. Esta é uma situação provável se a produção continuar no nível atual.

### **Israel começa a vacinar crianças de 5 a 11 anos contra a Covid-19**

País tenta evitar um novo aumento de casos de coronavírus ampliando o grupo de vacinados. A imunização não será obrigatória, mas pelo menos a metade dos pais já demonstrou interesse em vacinar os filhos. O imunizante utilizado é o da Pfizer BioNTech, mas com dose menor do que a recebida por jovens e adultos a partir dos 12 anos. Israel passa por um período mais positivo na contenção da doença desde o final de setembro, quando começaram as aplicações da terceira dose da vacina para todos os grupos etários, não apenas para idosos.

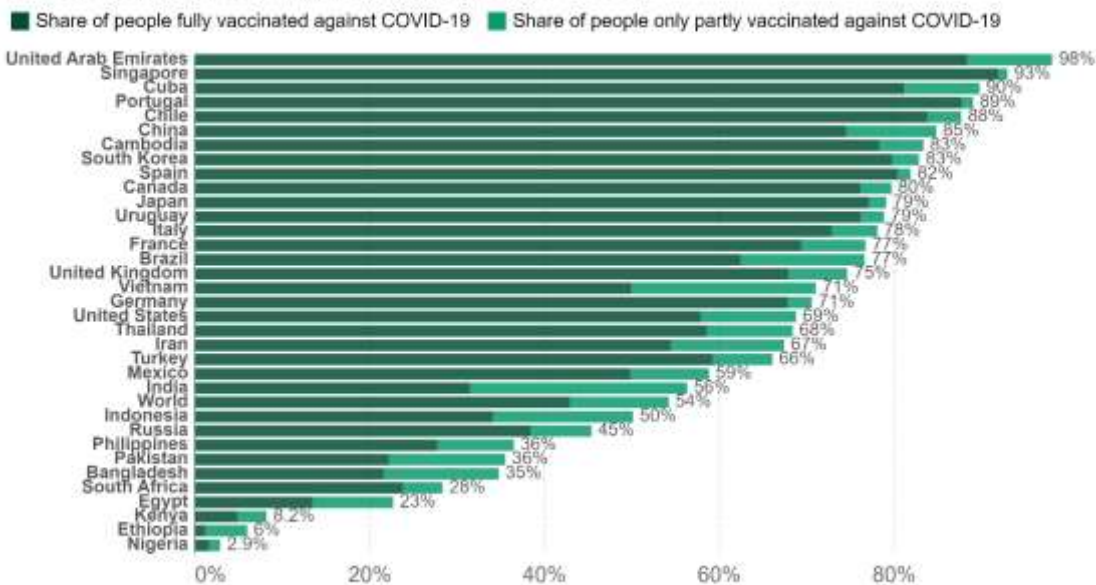
### **Crise humanitária na Coreia do Norte.**

A Coreia do Norte fechou suas fronteiras em janeiro de 2020 e seguem fechadas. Embora propague ter zero casos de Covid-19, o país agora enfrenta uma grande crise humanitária. Fechado para o mundo e sofrendo pesadas sanções econômicas por conta do seu pesado programa nuclear, o país enfrenta situação econômica e de segurança alimentar que pode precipitar mudanças.

## Share of people vaccinated against COVID-19, Nov 28, 2021



Alternative definitions of a full vaccination, e.g. having been infected with SARS-CoV-2 and having 1 dose of a 2-dose protocol, are ignored to maximize comparability between countries.



Source: Official data collated by Our World in Data. This data is only available for countries which report the breakdown of doses administered by first and second doses in absolute numbers.  
CC BY

Fonte: [Coronavirus \(COVID-19\) Vaccinations - Statistics and Research - Our World in Data](https://ourworldindata.org/covid-vaccinations), dados de 29 de novembro – os dados são atualizados diariamente